

JENNIFER PROBST

Autora best-seller do *New York Times*



À procura
de alguém

JENNIFER PROBST



À procura de alguém

Tradução

CAMILA POHELMANN

**B I
B I
B I
B I**

*Cada amigo representa um mundo em nós,
um mundo que provavelmente não tinha nascido até ele chegar,
e é esse encontro que permite o nascimento de um mundo novo.*

Anaïs Nin

Escrevo histórias sobre amor e romance, mas nos meus livros você sempre vai encontrar amizades verdadeiras. Sem o meu grupo mais unido, que conheço desde a época do colégio, eu não seria a mesma pessoa. Podemos não nos ver com frequência, mas quando nos encontramos o tempo desaparece e não existe distância.

Jodi Prada, Lisa Hamel Soldano, Marlaine Scotto, Colleen LaPierre, Kimberly Cornman, Nancy Chaudhry, obrigada por estarem sempre por perto.

Pelas madrugadas de pôquer, pelo apoio nas fases de caras errados e de caras legais, nas crises de família e dores de cotovelo e em alguns dos momentos mais hilariantes da minha vida — eu adoro vocês.

As mulheres são demais.

Prólogo

Era oficial.

Ela estava num encontro dos infernos.

Kate Seymour levantou a taça de vinho, forçou um sorriso radiante e tentou não ficar olhando para o fiapo de queijo pendurado no queixo do acompanhante. O.k., ele era um tanto inadequado socialmente. Mesmo assim, não era certo ficar reparando no pedaço de frango à parmegiana colado no rosto dele.

Ela passou o guardanapo no próprio queixo, numa tentativa silenciosa de inspirá-lo a fazer o mesmo. Era um gesto universal entre as mulheres, usado quando queriam avisar umas às outras de que havia papel higiênico colado no sapato ou uma etiqueta de preço pendurada para fora da saia — mas o cara parecia ter faltado a essa aula.

Ele continuou falando sobre a empresa de marketing, o que era até interessante, mas como ela poderia se concentrar, quando só o que via era um pedaço de mozzarella?

“Hum, Bradley? Você está com um n-n-n-negócio, hum, bem aí no seu...”

Ele passou a mão no queixo sem qualquer sombra de delicadeza, e o queijo caiu sobre o prato. “Obrigado. Então, estou muito contente por te conhecer pessoalmente. Gostei de conversar com você pelo telefone.”

De repente, Kate perdeu a fome. Empurrou o último pedaço de salmão pelo prato e concordou. “Eu também. Como empresária, sou fascinada por marketing, relações públicas e as melhores práticas para divulgar a marca. Que tipo de s-s-s-serviços você oferece na sua agência?”

Gagueira idiota. Sempre aparecia quando ela ficava nervosa ou queria causar uma boa impressão. Não que o acompanhante parecesse se importar com a pergunta. Na verdade, ele parecia bem mais interessado no garçom; abriu um sorriso quando ele chegou para limpar a bagunça da mesa e fez um silêncio respeitoso até que terminasse.

Bradley revirou o espaguete e sugou os fios compridos por entre os dentes, assoviando. Quando finalmente conseguiu engolir, levantou o olhar. Seu rosto tinha uma expressão estranha. “Bem, eu não trabalho exatamente nesse departamento. Mas vou começar em breve. E sei mais sobre o assunto do que a maioria dos funcionários de lá.”

Hum. Ele havia insinuado que dirigia um departamento inteiro. Esquisito. “O seu cargo é de relações públicas, certo? Em que área se encaixa isso?”

“Porteiro.”

Kate piscou. “Ah. Puxa, aposto que você tem a oportunidade de conhecer um monte de gente interessante.”

Os lábios dele estavam sujos de molho. Ela fixou o olhar um pouco mais à esquerda.

“É. Achei que poderia começar a trabalhar em um cargo mais júnior e ir galgando posições aos

poucos.”

Nem tudo estava perdido. Ela admirava os homens ambiciosos. Claro, ele tinha distorcido um pouco a verdade sobre seu trabalho, mas talvez estivesse com vergonha de contar a ela pelo telefone. Não que fosse julgá-lo; Kate não dava a mínima para o cara com quem estivesse saindo. Para ela, o importante era gostar do que faz. Até que a aparência dele não era ruim. Sem grandes surpresas, como ela preferia. Cabelo escuro e curto, olhos castanhos, rosto arredondado. Um pouco acima do peso, mas nada extraordinário neste mundo repleto de fast-food e recompensas imediatas. Kate detestava os bonitos e charmosos que usavam as mulheres só como objetos para alimentar o ego.

“Esperto. Você estudou na Universidade de Nova York, certo? Eu também me formei lá, em administração de empresas. Você cursou o quê?”

“Fiz um curso lá uma vez. Não cheguei a terminar, porque tive que tomar conta da minha mãe.”

Imediatamente, ela sentiu lampejos de solidariedade e esperança. O respeito pela família era sinal de um bom parceiro. “Que pena. Ela está doente?”

Migalhas de pão italiano caíam pelo canto da boca dele. Sim, as refeições com ele seriam dramáticas, mas um homem que cuida da mãe só pode ter um coração de ouro. “Ela tem artrite. Resolvi ir morar com ela e ajudar.”

Por que será que parecia ter mais coisa nessa história? “Ela tem dificuldade para se movimentar? Já ouvi dizer que os casos mais graves podem causar muita dor.”

Bradley fez uma pausa para beber água, que foi se juntar à refeição completa que ele já tinha espalhada pelo rosto. “Os dedos dela doem às vezes, então abro os potes de vidro para ela e coisas assim. Faço companhia, e ela cozinha e limpa a casa pra mim. Está dando certo por enquanto.”

Esse encontro estava mais fadado ao desastre do que o *Titanic*, mas Kate continuava tentando desviar do iceberg como alguém que luta pela própria sobrevivência. Ela precisava desesperadamente que Bradley fosse “o” cara. Cem é um número de sorte, não é? Cem encontros eram sinal de paciência. Ela havia esperado, investido seu tempo com sabedoria, sempre acreditando no processo. Bem-sucedida proprietária da agência de relacionamentos Kinnections, ela respirava esse negócio o tempo todo. Ela acreditava naquilo, caramba. E já estava começando a ficar meio estranho que a dona da empresa continuasse solteira, sem nenhum pretendente em vista.

Ela dobrou os dedos e lutou contra o impulso de tocar nele. Se houvesse a menor química, ela lidaria com aquele emprego e com a relação estranha que ele tinha com a mãe. O dom que tinha de sentir a energia entre duas pessoas destinadas a ficar juntas era também uma maldição. Quantas vezes já não sentira um pequeno choque ao tocar num casal de almas gêmeas? Quantos homens já não entregara a outras mulheres porque sabia que seu acompanhante da noite, na verdade, tinha de estar saindo com a garçonete ou com a vendedora da loja? Para o trabalho, o dom funcionava bem, mas na vida pessoal era um desastre. Esse poder corria nas veias de gerações de mulheres da família, mas nenhuma antes dela havia decidido usá-lo para os negócios. Ainda assim, ela preferia confiar na tecnologia e na experiência para formar os pares na Kinnections e se esforçava para não deixar que o dom interferisse no plano de negócios original. Para ela, era mais uma maneira de confirmar que haviam feito a escolha certa, depois

que o casal já estivesse mais sério. Mas não pretendia contar a Bradley ou a qualquer outro sobre sua arma secreta.

Estudou-o por cima da mesa e se recusou a perder a esperança. Bradley tinha que ser a escolha certa, mas ela ainda não estava preparada para pôr as mãos nele e confirmar.

A garçonete se aproximou e pôs discretamente a conta no centro da mesa. Bradley olhou para a conta e sacou do bolso uma calculadora. “O.k., como não está redondo, eu fico com a maior parte. Você paga quarenta e três, e eu, 44,63. Já com a gorjeta. Pode ser?”

Kate ficou parada, enquanto seu sonho de encontrar uma alma gêmea desaparecia tão rapidamente quanto a Bruxa Malvada do Leste, sem que ela sequer ganhasse um lindo par de sapatos vermelhos no processo. “Claro.”

“Ótimo. Cartão ou dinheiro?”

Pôs a mão dentro da bolsa Coach e tirou de lá o Visa. “Cartão. Crédito.”

“Obrigado.”

O garçom parou junto à mesa deles. “Já terminou, senhor? Senhorita?”

Bradley assentiu, com o olhar fixo no peito largo e musculoso do jovem, que recheava o elegante uniforme vermelho e preto. Kate sentiu um nó de pânico em sua barriga e percebeu o ar carregado ao seu redor. *Não. Não era possível.*

Mas ela precisava saber.

O garçom se esticou para pegar o prato, lançando um olhar enviesado e sedutor para o acompanhante dela. Kate respirou fundo e esbarrou na mão dele com o braço, ao mesmo tempo que os dedos da outra mão tocaram em Bradley.

Um choque leve atravessou a pele dela e fez o corpo todo vibrar. Bradley sorriu para o garçom, o rosto marcado pelo desejo mais puro.

Ah, droga.

É, não tinha mais jeito.

Ela segurou um suspiro e desistiu do número cem. “Bradley, eu já volto. Preciso ir ao toalete.”

“Claro.”

Pegou a bolsa e se enfiou pelo corredor. Depois de alguns minutos, o garçom passou, e ela tocou no braço dele. “Com licença?”

“Pois não, senhora.”

Deu uma olhada no crachá dele. “Gabe, me desculpa, mas será que você poderia dar um recado ao meu acompanhante? Não estou me sentindo bem e preciso ir embora. Mas tenho certeza de que ele vai gostar de ficar, se puder. Você não quer convidá-lo pra tomar um drinque no seu intervalo?”

O rosto de Gabe ficou vermelho. “Vocês não estão juntos?”

Kate sorriu. “Não, eu não faço o tipo dele. Tenho certeza de que ele vai se interessar, se você convidar.”

Seus olhos escuros brilharam, e ele admitiu. “Eu também me interessou.”

“Obrigada. Boa sorte. Vou sair discretamente pela porta lateral.”

Foi embora do restaurante, dividida entre o desespero da situação e a felicidade de ter aproximado um casal. Caramba, o gaydar dela estava péssimo.

A noite de março estava fria em Verily. Ela respirou fundo, sem querer voltar tão cedo para casa. As lojas ficavam abertas no sábado à noite, e eram só oito e meia. Suas botas de salto alto faziam barulho na calçada conforme ela caminhava, apreciando a pequena cidade artística à beira do rio Hudson, repleta de lojas e cafés descolados. Pequenas lâmpadas brancas decoravam as árvores que ladeavam a calçada, e dava para ouvir a música que tocava no Mugs, um bar bastante popular que também fazia as vezes de boate. A lua cheia já estava alta sobre o rio, iluminando a ponte Tappan Zee, que brilhava ao longe. Ela ziguezagueou entre pedestres com cães em coleiras e grupos risonhos de universitários e depositou um dólar no estojo do violão de um jovem que cantava sobre corações partidos.

A solidão bateu. Ela estava tão cansada. Quando seria a sua vez? Quando é que finalmente encontraria uma conexão para si mesma? A não ser que...

Talvez nunca encontrasse. Magoada pelas decepções constantes, imaginou que talvez fosse melhor desistir do sonho de encontrar a alma gêmea. Talvez, apenas talvez, não houvesse mesmo um homem ou uma mulher para cada pessoa. Talvez, apenas talvez, seu destino fosse ficar sozinha.

Segurou a vontade de chorar e de se entregar a um festival de autopiedade. Ela estava cheia. Se fosse a mais um encontro decepcionante, era capaz de não se recuperar. Que se dane o amor. Ela compraria um livro novo, voltaria para casa e para Robert e se enfiaria debaixo de um cobertor.

Kate parou em frente à loja de livros usados. Era hora de mudar. Nada de encontros. Nada de perseguir o amor. Ela se concentraria na empresa, nos amigos e em fazer coisas que a deixassem feliz.

De cabeça erguida e firme na nova resolução, entrou na loja. O sensor de presença tocou. Imediatamente, se viu cercada por perfumes familiares e maravilhosos. Couro. Papel. Naftalina. Perfeição.

Atravessou o tapete gasto e parou em frente ao balcão antigo. “Tem alguma coisa pra mim, Hector?”

O garoto atrás da mesa era magricelo, com o rosto cheio de espinhas e os cabelos arrepiados pintados de roxo. Hector balançou a cabeça e sorriu. “Estava esperando por você, Kate. Tem uma caixa fechada de livros usados nos fundos. Mas ainda não tive tempo de separar, então pode ser que você não ache nada.”

Ela se arrepiou com a possibilidade que o desconhecido oferecia. Será que algum dia enjoaria de abrir caixas de livros e vasculhar tesouros? “Sem problemas. Vou lá atrás olhar, se você não se incomodar.”

O menino fez um gesto na direção dos fundos da loja. “Pode ficar à vontade. Vai me poupar trabalho.”

“Obrigada.” Kate atravessou o corredor deserto e entrou no depósito. O cômodo lotado tinha uma infinidade de caixas, arquivos e papéis, completamente desorganizados. O novo carregamento, entretanto, estava sinalizado. Puxou a caixa e abriu-a com as próprias mãos, dispensando o estilete. Nunca havia mesmo sido capaz de manter as unhas feitas.

Kate se sentou com as pernas cruzadas no chão de concreto frio e foi tirando os livros, um a um. Romance, biografia. Alguns de dieta. Separou de um lado os que queria olhar e logo achou um ótimo,

sobre sinais e gestos, mas que parecia já um tantinho ultrapassado. Afinal, tendências dos anos 80 vivem voltando. Quem sabe não poderia ser útil? Juntou-o à pilha que crescia. Um livro interessante sobre como os homens se relacionam com os cães. Definitivamente era um que ela não podia deixar passar. E então...

Seus dedos tocaram uma capa coberta de tecido. Ela puxou o livro de dentro da caixa, e o roxo forte ofuscou seus olhos. *O livro dos feitiços*. Título simples. Edição pequena, formato quadrado. Não era um romance. Talvez fosse um guia. Forçou um pouco a lombada para abri-lo e passou os olhos pela primeira página.

Com a ponta dos dedos, sentiu uma vibração discreta. Sua barriga deu uma cambalhota, como se tivesse acabado de ver um cara interessante em vez de um simples livro. A vibração foi ficando mais forte conforme ela virava as páginas. Reparou em um antigo feitiço de amor e em um cântico de louvor à Mãe Terra. Fascinante. Nunca havia visto nada parecido; não trazia sequer o nome do autor. Como era possível?

Não havia dúvida, aquele iria para casa com ela. Talvez fosse uma boa distração para os clientes.

Kate pôs o livro na pilha.

Uma descarga de eletricidade percorreu seu corpo como se tivesse enfiado um fio molhado na tomada. Deu um grito e caiu para trás, olhando fixamente para a capa roxa. Que diabos era aquilo? Talvez o tecido tenha provocado algum tipo de estática. Mas, droga, doeu.

“Precisa de uma ajuda aí atrás?”

A voz de Hector ecoou pela loja. Balançando a cabeça, ela ficou em pé e colocou a caixa de volta no lugar. Com cuidado para não tocar no livro roxo, levantou sua pilha de tesouros do chão e foi andando de volta para a frente da loja.

“Já peguei o que queria. Hector, vou ficar com seis livros. Põe na minha conta, por favor!”

“Pode deixar. Boa noite pra você.”

Sentindo-se um pouco melhor depois das compras, Kate se dirigiu ao carro para mais uma típica noite de sábado, com livros e a companhia do seu cachorro.

Adeus, número cem. Aquele encontro merecia um lugar no livro dos recordes de piores desastres.

Ainda levaria um bom tempo até que encontrasse forças para começar a pensar no centésimo primeiro.

“Estou me mudando.”

Slade observou a irmã arrastar as enormes malas floridas pelo corredor e deixá-las junto à porta de entrada. Um pânico estranho rugiu dentro do seu corpo, mas ele ficou congelado no hall, vendo a cena se desenrolar. Ai, merda. Ela não estava pronta para ir a lugar nenhum sozinha, mas ele tinha que arrumar um jeito de convencê-la disso sem parecer o irmão louco e controlador. Manteve a voz suave e firme.

“Jane, não me parece uma boa ideia. Sei que você quer ter um canto seu, mas não acho que você esteja pronta. Além do mais, vou ficar muito sozinho aqui. Vai com calma, assim que puder te ajudo a encontrar um apartamento.”

Jane se virou num movimento brusco, com as mãos nos quadris e aquele olhar feminino furioso que ele conhecia bem. Basicamente, ele tinha escolhido as palavras erradas de novo. “Primeiro, me dá um crédito. Eu estou pronta. Agradeço que você tenha me deixado morar aqui, mas já devia ter me mudado há um ano. E se você se sente sozinho é porque se recusa a ficar com uma mulher por mais de uma noite.”

Slade hesitou. Injusto. Ele era sempre discreto em relação às mulheres e nunca precisara que a irmã se aproximasse de nenhuma delas — até porque os compromissos de longo prazo estavam sempre fadados ao fracasso. Só as estatísticas de casamentos desfeitos já davam arrepios.

Ela marchou pela ampla sala de estar e foi até a estante pegar alguns livros das prateleiras. Caramba, aquele era o novo livro de receitas do *The Chew*? Ele ainda não havia sequer visto as fotografias. “Seja razoável, Jane. Você não tem pra onde ir, e não quero que fique num estúdio vagabundo em Manhattan. Vai custar um milhão de dólares e não vai ser seguro. Ainda está chateada com o término do namoro? Podemos ir furar os pneus dele, ficar bêbados e assistir a comédias românticas. É isso que as mulheres fazem, não é?”

Jane jogou a cabeça para trás e riu. “Meu Deus, Slade, se não te amasse tanto, acho que eu te mataria. Já tenho pra onde ir. Aluguei um apartamento em Verily, na beira do rio. Larguei meu emprego e arrumei outro, na faculdade de lá.”

A sala começou a girar. Ele olhou para a irmã, normalmente tímida, lógica, firme, e se perguntou o que ela teria bebido para se transformar naquela outra mulher. “Largou o emprego? Você estava quase virando professora titular!”

“E eu odiava aquilo. Esnobe, pomposo e chato. Odeio Manhattan também. É lotada e me dá dor de cabeça na maior parte do tempo.” Jane respirou fundo e enfiou os livros na bolsa. Seu cabelo longo e negro florescia em um redemoinho de cachos, e os olhos castanhos o encaravam com tristeza por trás dos óculos grossos de armação preta. “Não aguento mais”, disse ela. “Preciso recomeçar, mas do meu jeito. Verily é pequena e charmosa, e a faculdade é especializada no uso da criatividade na literatura. Posso crescer lá. Talvez até encontre um homem que não queira sugar todas as minhas energias e depois me

largar.” Deu um riso seco que fez o coração de Slade se apertar de medo.

Ele não podia deixá-la ir. Se alguma coisa acontecesse, a culpa seria dele. De novo. Enquanto eles estivessem vivendo debaixo do mesmo teto, ele ao menos teria tempo de notar caso ela começasse a descer mais uma vez ao fundo do poço. Slade decidiu ligar o “modo advogado”. Ser um dos maiores especialistas em divórcio no estado tinha que servir para mais do que simplesmente ganhar dinheiro. “Eu compreendo que você queira ficar sozinha. Concordo que já é hora, mas largar o emprego e correr para uma cidade que você não conhece é perigoso. Vou com você para Verily no fim de semana. Te ajudo a olhar, e quem sabe não conhecemos umas pessoas por lá, pra você não ficar tão sozinha? Vamos resolver isso juntos.”

Ela aumentou a voz até atingir um volume perigoso. “Não quero resolver nada junto com você! Quero decidir minhas coisas por conta própria. Ah, pelo amor de Deus, olha para este lugar.” Abriu os braços, apontando para o apartamento dele, um loft caro no cobiçado bairro de Tribeca. O espaço enorme se dividia em dois andares, com uma elegante escada de vidro entre eles. Janelas cobriam as paredes do chão até o teto e davam vista para a cidade de Manhattan. Obras de arte caras, piso de madeira, mesas de vidro modernas, bancadas de granito e enormes poltronas de couro completavam a típica decoração de “apartamento do homem solteiro”.

“Qual é o problema? Tem bastante espaço aqui.”

“É a sua casa! Há três anos que não tenho nada meu. Já estou com vinte e oito. Já é hora de fazer as coisas do meu jeito, sem ninguém se preocupar se eu vou ter um surto caso algo dê errado.”

Ele vacilou. Jane era extremamente sensível e sempre enfrentara dificuldades para viver nesta sociedade tão cruel. Ele já tinha visto uma longa fila de homens fazê-la sofrer, amassando-a como uma flor sob seus sapatos, até que não sobrasse nada além de algumas pétalas soltas. Ele havia jurado que nunca mais deixaria ninguém magoá-la. Ele tinha que fazê-la ficar.

“Jane, sei que você é muito mais forte agora. Não pense que eu vivo na expectativa de que você entre em crise. Só acho que seria melhor esperar.”

“Eu discordo.” Jane abriu a porta do armário, pegou o casaco preto de lã e meteu os braços nas mangas. “Quando eu me instalar, você pode levar o resto das coisas e me fazer uma visita. Acho que você vai gostar de Verily. E não vou ficar sozinha por muito tempo. Decidi me inscrever numa agência de relacionamentos.”

Sim. Ela definitivamente estava mudada. “Você não pode estar falando sério. Tem noção de quantas agências dessas são fechadas por fraude? Não existe isso de par perfeito, você sabe muito bem. O que deu em você?”

Ela levantou o queixo. “Cansei de viver com medo, conhecendo só homens errados. A Kinnections é uma empresa respeitada. Gostei das garotas que trabalham lá, confio nelas. Então pode ficar sossegado, porque não vou me trancar no meu apartamento e entrar em depressão. Vou sair e conhecer gente. Dessa vez vai ser diferente.”

“Essa agência vai só tirar o seu dinheiro e dar falsas esperanças. E se não funcionar e você pirar? Não vou ficar quieto, vendo você ser destruída novamente por gente sem escrúpulos interessada no seu

dinheiro.”

Ela deu um grito, cheio de indignação. “Você por acaso está se ouvindo? Meu Deus, pare de me proteger. Eu sou uma pessoa diferente daquela de três anos atrás, e você está me sufocando! A mamãe e o papai não iam querer que eu vivesse escondida nessa sua caverna, só vendo a vida acontecer para as outras pessoas.”

“Mamãe e papai nunca a encontraram no chão do banheiro tendo uma overdose de remédios. Mamãe e o papai não a seguraram nos braços, rezando pra você não morrer!”

O silêncio caiu sobre os dois. Slade fechou os olhos por um instante, sentindo a dor despedaçá-lo. As palavras se embaralharam com uma culpa e uma súplica que reviraram seu estômago. A lembrança de quando a encontrara, naquela tentativa de suicídio, fez com que ele mudasse de tom. Ele só queria que ela estivesse segura. Será que ela não compreendia isso?

A voz dele falhou. “Sinto muito, Jane. Não queria ter trazido isso à tona.”

O sofrimento acentuava as linhas do rosto dela, e seu lábio inferior tremia. “Queria, sim. Sinto muito que você tenha passado por tudo aquilo. Mas eu não sou mais a mesma pessoa. Eu mereço ser feliz e vou atrás disso. Claro, talvez eu me machuque no caminho, mas agora sei lidar com isso, Slade. Estou mais forte.” Pendurou a bolsa no ombro e agarrou a alça da mala. “Não te culpo por não confiar em mim. Mas vou provar que posso me virar. Você não é mais responsável por mim.”

“Pelo amor de Deus, deixa eu te ajudar. Vamos jantar e conversar mais sobre isso.”

Ela abriu a porta com força. “Não. O porteiro está me esperando lá embaixo.”

“Mas eu preciso de um número, um endereço, alguma coisa.”

“Eu te ligo quando estiver instalada. Amo você.”

Ela foi embora. Dessa vez, ele não a impediu. Parte dele reconhecia que era importante que a irmã trilhasse seu próprio caminho. A outra metade prometeu destruir qualquer coisa que tentasse magoá-la. Ou qualquer um.

Depois de dizer um palavrão em voz baixa, foi até o computador e digitou algumas palavras.

Kinnections. Agência de relacionamentos. Verily.

Encarou a tela por um instante e tomou sua decisão.

Slade parou em frente à porta de vidro da Kinnections e observou as luzes brancas festivas e o letreiro. Desenhado em roxo e prata, prometia aos transeuntes um “final feliz” acompanhado de emoção, esperança e mistério.

A irritação travou seu maxilar, como se tivesse levado um golpe de karatê. Um bando de trapaceiros vendendo sonhos impossíveis. Para ele, isso era pior do que aqueles e-mails que prometiam um milhão de dólares mediante o pagamento de uma taxa simbólica. Pior do que roubo de identidade. Ele acreditava que a pior maldade não estava no roubo de dinheiro, bens ou serviços. Mas aquilo era roubo de coração — uma mentira deslavada para pessoas solitárias e tristes que prometia a cura através da imagem-fantasma do homem ou da mulher perfeitos.

Ele não admitiria que aquele lixo destruísse sua irmã.

Slade empurrou a porta e entrou.

A mulher no balcão da entrada pareceu surpresa em ver um cliente, como se o sininho alegre que a avisara da chegada dele não tivesse funcionado. Imediatamente supôs que estivesse diante da recepcionista e se recusou a perder tempo subindo os degraus da hierarquia. Ativou o seu “modo advogado”, que não admitia recusas. “Gostaria de falar com a gerente, por favor.”

Uma sobancelha se arqueou. Sim, ela era perfeita para dar a primeira impressão de uma agência de relacionamentos. Seu cabelo era incrível, tão loiro que parecia quase branco, comprido até abaixo dos ombros em mechas lisas que brilhavam como campos de trigo. Os grandes olhos azuis o analisaram com ar pensativo, como se decidissem se deveriam ou não ir chamar o chefe. O azul não era escuro como o oceano, e sim mais próximo da cor do céu, tão claro que envolvia o rosto dela com uma aura angelical. Ele se esforçou para sair do transe e se perguntou que diabos era aquilo, por que estava pensando em termos poéticos sobre uma mulher com a qual não pretendia ter nem meia conversa.

“Posso saber do que se trata?”

Suave e melodiosa, sua voz roçou os ouvidos dele como um sopro de fumaça. Ele teve vontade de ouvir mais e sentiu que aquele encontro começava a assustá-lo. Limpou a garganta e olhou para ela por cima da armação dourada dos óculos. “Não é do seu interesse”, cortou. “Por favor, chame o gerente.”

Ela cruzou os braços e estudou-o, com ar pensativo. “Se for sobre um cliente, não vamos poder dar informações. Nós temos acordos de confidencialidade.”

Ele riu com escárnio. “Maneira conveniente de tentar escapar de processos, hein?”

“O senhor está tendo um dia ruim?”

Ela estava achando aquilo divertido? Ele ajeitou a postura e inclinou o corpo por cima da mesa dela. No tribunal, sua presença era tida como mortal. E aquele fiapo de mulher tinha a audácia de debochar dele? “Agora estou. Tenho certeza de que vai melhorar assim que eu falar com o chefe.”

“Tudo bem. Pode falar.”

Ele suspirou impaciente. “Você pode chamá-lo, por favor?”

“Já estou aqui.”

Ele quase não conseguiu disfarçar o golpe, mas não quis dar a ela esse prazer. Havia duas coisas que Slade conhecia na vida: a lei e a maneira como as pessoas funcionam. Usando as duas, ele levava uma vida muito bem-sucedida, praticamente sem danos.

Fez cara de paisagem para esconder qualquer emoção. “Entendi. Por algum motivo, não estou surpreso.”

Os lábios cor-de-rosa pálido dela se cerraram. Ah, adeus, diversão. Olá, irritação. Bem melhor. “Por que será que eu acho que o senhor raramente se surpreende?”

A observação precisa o desarmou. “Porque de fato não me surpreendo. As pessoas são muito previsíveis em certas circunstâncias. No amor, por exemplo. A promessa de algo que já fez a Disney ganhar uma fortuna com filmes de criança funciona como um Santo Graal. As pessoas são capazes de lutar, roubar e pagar quantias que não têm pela oportunidade de acreditar em um milagre.”

Ele previa um chlique feminino, mas o que recebeu em resposta foi... nada. Um brilho de interesse iluminou os olhos dela. Esperou que ele terminasse, aproveitando para estudar a aparência dele e fazer seu próprio julgamento. Ah, sim, ela era das boas. Não haveria homem vivo que não se entregasse aos cuidados dela, nem mulher que não quisesse ser como ela. A combinação perfeita para vender amor.

“O senhor parece um pouco abatido para alguém que tem trinta anos.”

“Trinta e três.”

“Ah, entendo. Bom, em primeiro lugar, preciso esclarecer uma coisa. Na Kinnections, nós oferecemos uma ampla gama de serviços para ajudar as pessoas a encontrar companhia. O que isso significa para cada um é subjetivo. Alguns estão em busca de amizade, outros procuram sexo e outros querem sentir borboletas no estômago ao bater os olhos no parceiro. Não estou aqui para julgar. Nosso trabalho é tentar dar aos nossos clientes o que eles querem, de maneira segura e consensual.”

Ele juntou as mãos em frente ao peito e encostou um polegar no outro. Era uma das posições preferidas pelos jurados, porque dava uma aparência de relaxamento e controle. Ele acalmou a voz e falou em tom conspiratório. “É uma ambição e tanto. E se não der certo? Os seus clientes recebem um reembolso?”

A cadeira dela rangeu. “Não. Eles assinam um contrato, concordando com os nossos termos.”

“Conveniente. Tenho que dar crédito a vocês. Isso aqui é um belo negócio. O meu lado empresário respeita isso. Mas tem uma pergunta que eu estou morrendo de vontade de fazer.”

“Qual?”

“Como conseguem dormir à noite?” Até que enfim. Ela contraiu os músculos, e Slade encurralou a presa para o bote final. “Vocês vendem algo que não existe. Vocês assumem a responsabilidade pelos relacionamentos falidos e os corações partidos que surgem no processo? Existe uma cláusula para os divórcios que decorrem dos encontros que vocês promovem? Vocês têm prazer em tomar as economias suadas de uma mulher, enquanto ela segue investindo numa busca que nunca lhe dará o que quer?”

A loira levantou a metade do corpo da cadeira, com os punhos cerrados, transbordando raiva. Uma

vibração de vitória percorreu o corpo dele, por ter finalmente quebrado a dura carapaça da falsidade. Deixar a pessoa com raiva, pegar em seu ponto fraco e então extrair a verdade — truques da profissão. Slade aguardou o discurso dela com um prazer que raramente experimentava fora do tribunal.

Aqueles lábios deliciosos se abriram. Logo depois, se fecharam. Ela respirou fundo, cerrou os olhos e pareceu fazer algum tipo de meditação. Quando os abriu de volta, estava mais calma. A voz hipnótica dela soava como música para os ouvidos de Slade, prometendo maravilhas do céu e da terra. Nossa, que sons ela fazia durante o sexo? Gemidos? Sussurros roucos? Gritos?

Que tipo de pensamento era esse?

“O senhor é bom. Quase me fez perder a linha, mas como tenho trabalhado para controlar a raiva, quem ganhou esta rodada fui eu. Sinto muito por você.”

“Pelo quê?”

Um toque de doçura iluminou os olhos dela. “Pelo que aconteceu com o senhor. Obviamente foi magoado por alguém. Homem ou mulher?”

Slade levantou as mãos e saiu da posição estudada. “Você acha que eu sou gay?”

Ela estalou a língua. “Não há do que se envergonhar. Nós trabalhamos com todos os tipos de interesses sexuais aqui na Kinnections.”

Ele sufocou com a própria respiração. “Eu não sou gay! Pare de tentar me pegar com seus truques, porque eu sou um mestre nos jogos de manipulação. Mas não é de admirar que a minha irmã tenha caído no seu papo.”

Ela franziu o rosto. “Irmã?”

“Jane Montgomery. Ela fechou com a sua agência na semana passada. Tenho certeza de que se lembra dela.”

A loira gostosa levou um dos dedos ao lábio. Slade reparou que usava um esmalte clarinho em vez de um mais ousado — definitivamente uma contradição, levando em conta aquele visual de patricinha. “Claro. Estamos muito animadas para trabalhar com a Jane.”

“Mas ela não vai mais trabalhar com vocês. Vim aqui dizer pessoalmente para destruírem o arquivo dela e não entrarem mais em contato.”

Ela teve a audácia de ficar confusa. “Por que faríamos isso? Já passei um bom tempo analisando os desejos e as necessidades dela, e ela está entusiasmada para começar a ter encontros.”

Obviamente aquela mulher precisava de terapia. Ou de um choque de realidade. Slade falou devagar, como se estivesse diante de um de seus clientes menos brilhantes, flagrado em relações extraconjugais. “A Jane é sensível e muito emotiva. Vocês podem ter a impressão errada de que estão ajudando, mas vão acabar destruindo a autoconfiança dela, e eu não vou permitir isso. Ela teve momentos difíceis no passado. Se insistirem em tê-la como cliente, isso vai acabar com ela.”

A mulher cruzou as pernas como se tivesse todo o tempo do mundo e fosse simplesmente escolher o que pedir de almoço. Slade reparou no terninho preto elegante e nas botas de salto baixo, modernas. Tudo sem exageros, chique e confortável. As argolas prateadas brincavam com o cabelo dela, e o bracelete de prata reluzia. Imaginou que tipo de lingerie ela estaria usando, mas em seguida cortou esse pensamento

com a precisão de um bisturi de cirurgião. Cacete, ele precisava de sexo. Já fazia muito tempo.

“Você parece ser muito protetor, mas vou ter que recusar o pedido. Mais uma vez, as informações sobre nossos clientes são confidenciais, e eu realmente acho que podemos fazer alguma coisa pela Jane aqui. Respeito a sua preocupação e prometo começar as experiências de encontros dela com cuidado.”

Slade se esforçou para conter o impulso de dar a volta na mesa e dizer a ela o quão perigoso era mexer com a cabeça da irmã dele. Em vez disso, ligou o interruptor interno e voltou ao tom de negócios. Frio, calculista e seguro. Ele havia tentado ser simpático. Agora, ia conseguir o que queria na base do jogo duro.

“Acho que você não entendeu. Não estou pedindo. Estou comunicando. Você vai rasgar os papéis da Jane, avisar a ela que não poderá ajudá-la e nunca mais vai vê-la.”

A fúria brilhava em volta do corpo dela. “Quero ver você me obrigar.”

Novamente, a surpresa o atingiu como um direto no queixo. Como é? Ela queria ver? Ele estava preso em um filme de faroeste ou alguma coisa assim? Baixou a voz até deixá-la bem sedosa. “Eu posso, sabia? Te obrigar. Minha irmã já sofreu demais na vida, e eu não vou permitir que você a engane com uma ilusão. Se você não encerrar voluntariamente o contrato dela, vou te processar. Vou trazer à tona todos os seus segredos e não vou sossegar até deixar você bem enterrada embaixo da papelada toda. A Kinnections vai à falência antes do fim do ano.”

Ele ignorou a pontada de culpa por recorrer a ameaças, mas precisava proteger a irmã a todo custo. Slade assistiu a uma enxurrada de emoções passar pelo rosto dela. Raiva. Frustração. Medo. Resignação. Bom, ao menos assim ele poderia ir embora daquele lugar, se livrar daquela mulher que o perturbava e seguir a vida.

“Ah, droga, você é advogado.”

Ela cuspiu a palavra como se fosse suja, mas ele era imune a essa reação tão comum. “Correto.”

“Especialista em divórcios, para piorar. Não me admira que você seja pirado.”

Como ela soube? Ele se esticou e endireitou o paletó. “Então agora você vai aceitar minha proposta?”

Ela inclinou a cabeça para o lado e o estudou. Acostumado a estar na situação oposta, ele tentou não desviar o olhar e se concentrou nos olhos azuis dela. “Não.”

Slade piscou. “O quê?”

“Eu não negocio com terroristas, dr. Montgomery. Isso inclui os advogados encrunqueiros que se acham deuses. Não sou burra. Também tenho uma equipe de advogados que vai responder a cada papel seu com outro papel. Claro, isso pode gerar publicidade negativa, mas sou da opinião de que toda mídia é boa para os negócios. Há outro aspecto que você não está considerando: a vontade da Jane. Acho que ela não vai perdoá-lo por ultrapassar os limites do papel de irmão e querer ditar o que ela deve ou não fazer. Ela pode ser um pouco tímida, mas não é tonta. Como acha que vai reagir quando eu contar sobre esta nossa conversa?”

A mesa virou e o jogo se reajustou. Ela era muito mais ardilosa do que parecia e estava certa, merda. Jane já tinha pedido espaço e estava determinada a mostrar a ele que daria conta de cuidar de si mesma. Uma atitude como aquela poderia quebrar definitivamente os laços frágeis entre eles. Slade recalculou

perdas e ganhos e teve de pensar rápido. Tinha que haver outra maneira de ajudar a irmã sem afastá-la, e, ao mesmo tempo, manter o olho nessa Kinnections para garantir que eles não pisassem na bola. A ideia foi ganhando força, e, embora ainda buscasse opções, Slade se deu conta de que estava mesmo enrascado. Só sobrava um caminho, e era uma trilha árdua que ele preferia não ter que percorrer.

“Parece que chegamos a um impasse, senhorita...”

“Seymour.”

“Mas você tem que entender que não pretendo ir embora antes de ter certeza de que a Jane estará segura.”

A expressão dela se suavizou. “Não entrei neste ramo para ferir as pessoas, dr. Montgomery. Pelo contrário, estou aqui para ajudar. Com sorte, para guiar meus clientes pelo caminho do amor e da felicidade. Infelizmente, quando as pessoas se abrem para o amor, podemos acabar feridas. Mas não sem antes termos feito nosso melhor.”

Ele cerrou os lábios. “Boas intenções não tornam aceitável mexer com a cabeça das pessoas. Só tem uma maneira de eu testar sua teoria e seu modelo de negócios.”

“E qual é?”

“Você me aceitar como cliente.”

Ela deu um passo para trás. A satisfação percorreu o corpo dele. Finalmente. Ele estava de volta ao controle, do jeito que gostava. “Como assim? Isso é impossível.”

“Não, não é não. Se conseguirem me encontrar um amor, vocês vencem. Vou me transformar no maior garoto-propaganda. Veja só, posso até usar a agência para ajudar meus próprios clientes, e a Kinnections vai estourar.”

Ela levantou as mãos no ar em súplica e, em seguida, deixou-as cair sobre as coxas. “Nossos clientes precisam estar abertos e dispostos a encontrar a alma gêmea. É um processo longo. Sinto que você vai bater de frente conosco em todas as etapas do caminho. Não vai dar certo nunca.”

“Posso tentar.” Uma sensação de calma tomou conta dele. “Já saí com muita gente e nunca consegui achar a mulher certa. Então, se ela estiver por aí, gostaria de conhecê-la.”

“Por quê?”

Ele avaliou o desafio. “Quero ter filhos algum dia”, respondeu devagar. “Uma companheira. Uma amiga para envelhecer ao lado. Quem não quer? Acredito que não exista, mas me disponho a deixar você provar que eu estou errado. Se você achar que vai dar conta.”

Ela pôs uma mecha rebelde de cabelo para trás da orelha e, pela primeira vez desde que ele havia entrado ali, parecia completamente desnorreada. Antes tarde do que nunca. “Vai precisar fazer sessões de aconselhamento amoroso. Entrevistas e testes intensos. Terá que estar disposto a participar de eventos sociais. Você deve estar brincando, dr. Montgomery. E eu não tenho tempo a perder.”

“Nem eu.” Cravou os olhos nela e a forçou a encará-lo. “É pegar ou largar. Se não aceitar, vou saber que são charlatães e não vou me preocupar com a reação da Jane. Me recuso a deixar que ela sofra só para vocês encherem o bolso de dinheiro. Se me aceitarem, e eu descobrir o valor que você diz que este trabalho tem, será uma vitória para os dois lados. Eu vou ajudar a aumentar a lista de clientes e fazer

propaganda para todo mundo que eu conheço. O que você tem a perder?”

“Que tal minha sanidade e senso de humor?”, resmungou ela.

“Engraçado, achei que já tivesse perdido os dois faz tempo.”

Ela o olhou com desconfiança, como se imaginasse se ele teria algum senso de humor. Slade se perguntou por que estava gostando tanto daquela conversa. Estava cansado de se envolver sempre com os mesmos dois tipos de mulheres: furiosas e amargas ou pegajosas e carentes. Merda, o trabalho tinha de fato se tornado sua companhia em tempo integral. Que triste constatar isso; um homem como ele, no auge da vida. Claro, ele não achava que a Kinnections fosse funcionar, mas talvez o fizesse sair da zona de conforto e o ajudasse a consertar o relacionamento com Jane. Se ambos estivessem passando pelo processo, ele seria capaz de manter os olhos nela. Sim, definitivamente só havia vantagens.

“Você vai precisar preencher a papelada e pagar a taxa.”

Ele levantou uma sobrancelha. “Claro, srta. Seymour. Não poderia esperar nada diferente.”

“Kate.” O nome saiu dos lábios generosos dela com relutância. “Meu nome é Kate.”

Combinava com ela. Forte, cheio de classe e de presença. Simples por fora, complexo por dentro. Ele refreou o pensamento poético, em parte humilhado por ser tão ridículo, e limpou a garganta. “Slade. Estou ansioso para começarmos a trabalhar.”

Ela remexeu em uma pilha de papéis e enfiou algumas folhas dentro de um envelope. Fez anotações em um bloco. Depois, entregou o envelope a ele. “Preencha estas fichas e traga tudo de volta pra mim até sexta-feira. Vou precisar marcar uma hora para fazermos a entrevista, na semana que vem.”

“De quanto é o pagamento inicial?”

“Mil dólares. Todas as taxas estão claras no contrato.” O tom da voz dela saiu um tanto debochado. “Tenho certeza de que vai estudar tudo com cuidado e me informar se houver qualquer problema.”

Pegou o envelope e, por um instante, se perguntou por que ela não quis apertar a mão dele. Em seguida, afastou o pensamento. Tudo bem. Ele não via a hora de sair dali.

“Volto a entrar em contato. Até logo, Kate.”

O nome dela na língua dele tinha um sabor doce e picante. Apressou-se em ir embora sem olhar para trás, se perguntando se não tinha acabado de cometer um grande erro.

Kate relaxou as mãos tensas e soltou um suspiro. Os efeitos de toda aquela energia masculina ainda a rondavam. Será que havia errado em concordar com aquilo? O homem era encenqueiro e totalmente crítico em relação ao processo, além de ostentar aquele charme letal dos bons advogados. Ela não podia acreditar que Slade e Jane tivessem os mesmos genes, embora os instintos protetores de irmão conferissem a ele alguns pontos extras.

“Vai ser um belo desafio.” Uma voz rouca ronronou até os ouvidos dela. Kennedy Ashe, amiga íntima e sócia na Kinnections, veio caminhando em cima dos saltos dez sem titubear, com um terno de xadrez cor-de-rosa que era pura perfeição e elegância. Ela levou uma unha também pintada de rosa aos lábios curvos e comentou, com os olhos dançando de alegria: “Ai, acho que posso me divertir um pouco com

ele... Você fez bem, Kate. Dava para sentir a agressividade que emanava dele, e você não cedeu. A Arilyn ficaria orgulhosa. As técnicas de meditação estão funcionando para controlar o gênio, não estão?”.

Kate pegou uma garrafa e começou a enchê-la no filtro. “Muito engraçadinha. Por favor, não conte que ainda não assisti ao tal DVD, porque ela ficaria arrasada. Meus instintos gritavam para mandar o cara ir embora, mas não quis correr o risco de um processo.”

“Esperta. Acabamos de começar a ter lucros substanciais, não vamos estragar tudo. E, além disso, o homem é de babar. Nossas clientes vão implorar para conhecê-lo.”

Kate apertou o botão e observou a corrente gelada cair dentro da garrafa. “Eu sei. Estamos no caminho certo. Leva cerca de três anos para um negócio amadurecer e começar a dar dinheiro. Claro que a mídia positiva e os dez casamentos ajudaram. É uma porcentagem muito sólida nesse mercado.”

“Quem sabe finalmente o canal Bravo coloque no ar o nosso programa, em vez do *Millionaire Matchmaker*?”

Kate riu. “Não, obrigada. A última coisa que eu quero agora é o mundo todo prestando atenção na dona da agência que não consegue arrumar um namorado. Que droga, eu nunca passo do terceiro encontro. É a maldição.”

Kennedy revirou os olhos e examinou as cutículas. Seu cabelo escuro e farto brilhava com sutis mechas cor de caramelo. “Esse drama de novo? Sua família não é amaldiçoada. Sua mãe foi muito bem casada até seu pai morrer e depois nunca ficou sem uma companhia pra sair. Você é que é teimosa.”

“Eu já nem me abalo mais, já virei patética mesmo. Meu último encontro foi um pesadelo. Acabei arranjando o cara para o garçom, e agora eles devem estar felizes juntos.”

“Você fez isso de novo? Amiga, qual é o problema que você tem com restaurantes? Você jogou o Paul nos braços da garçonete na semana passada.”

Kate bebeu a água e colocou o cabelo para trás da orelha. “Não tive escolha. Quando ela me entregou o cardápio, senti a vibração e notei como eles se olhavam. Eram perfeitos um para o outro. Tive que ser generosa.”

“Um médico lindo que queria compromisso. Da próxima vez, seja egoísta. Marcar pra eles tomarem um drinque depois do jantar foi bizarro, Kate. E você nem cobrou nada dele!”

A melancolia pairou sobre elas. “Eu sei. Desculpa. De qualquer forma, eu tomei uma decisão. Chega de encontros. Fechei pra balanço.”

A amiga bateu com o pé no chão encerado. “Não seja ridícula, nós vamos à falência se a nossa garota-propaganda for a louca dos gatos. Ou do cachorro, no caso. De repente, você pode começar a usar luvas. Isso controlaria seus impulsos.”

“E ficar parecendo uma germofóbica com TOC? Não, obrigada. Madonna e Michael Jackson eram os únicos que davam conta de usar luvinha, e eu não tenho a menor intenção de voltar aos anos 80.”

Kennedy deu de ombros. “É, tá certo. Aquela moda era um verdadeiro crime contra a humanidade. Sem falar nos cabelos...”

Bem na hora, a campanha tocou de novo e o terceiro membro da equipe entrou pela porta. Arilyn Meadow era a personificação de um desastre de estilo, daqueles que Kennedy era louca para consertar.

Infelizmente para ela, a amiga estava bem feliz e satisfeita, vivendo só com peças de algodão orgânico, calças de ioga e pigmentos vegetais, o que excluía a maior parte das maquiagens. “Ei, meninas. Sobre o que vocês tão falando?”

Kennedy lançou um olhar intenso para ela. “Sobre o que não vestir.”

Arilyn riu. O som delicado combinava com a voz dela, perfeita para a carreira de terapeuta e para aconselhar os clientes. Ela era uma hippie presa na sociedade contemporânea, mas mesmo assim chamava a atenção, com o cabelo loiro acobreado na altura da cintura e os profundos olhos verdes.

Kate olhou para as amigas e depois examinou seu visual do dia a dia. Calças pretas, camiseta preta, blazer e botas. Era simples, profissional e confortável. Uma fashionista era o bastante no grupo, e Kennedy não perdia a oportunidade de arrematar peças de grife com bons preços.

Estranho, as três eram tão diferentes e, mesmo assim, quando se conheceram na faculdade, foi como se estivessem destinadas a ficarem juntas para sempre. Como uma família. Completamente disfuncional. No bom sentido.

Kate passara a maior parte da vida fugindo do dom — ou da maldição — da família, experimentando vários trabalhos que nunca davam certo. Alguma coisa sempre a deixava inquieta, como se ela não devesse estar ali, e não hesitava em seguir logo para outro projeto. Mas quando as amigas se juntaram, reunindo qualificações e experiências profissionais, a ideia de abrir uma agência de relacionamentos na cidade delas criou raízes e floresceu. Repleta de espinhos e ervas daninhas no caminho, claro. Mas Kate podia honestamente dizer que elas haviam formado uma base sólida e que a Kinnections estava crescendo depressa.

Kennedy usava seus talentos para coordenar os eventos. Ela organizava tudo, cuidava do visual dos clientes e também era responsável pelo marketing. Arilyn aproveitava a formação em psicologia para explorar o nicho de conselheira: encontrava-se com todos os clientes e os aconselhava em uma variedade de questões que estivessem bloqueando o caminho deles até o amor.

Era bom que Kate tivesse o dom, ou poderia acabar sendo o elo mais fraco da corrente no grupo. Claro, ela preferia formar um casal baseando-se em diversas técnicas em vez de confiar somente no choque. Além das sócias e da família, ninguém conhecia este segredo, e ela pretendia manter as coisas assim. No momento em que uma habilidade esotérica viesse a público, elas seriam perseguidas pela imprensa e desacreditadas em sua própria cidade.

Afastou os pensamentos e encostou o quadril na escrivaninha. “O que temos hoje na agenda?”

Kennedy parecia estar lendo os itens de uma lista mental. “Tenho testes de visual com duas clientes. Preciso me encontrar com o pessoal do bar Purple Haze para tratar do nosso próximo coquetel. Depois vou sair cedo porque tenho um encontro.”

Kate levantou uma sobrancelha. “Alguém interessante?”

“Vamos ver.”

“Você chegou a ele pela Kinnections?”

“Não. Tudo por conta própria, e tenho muito orgulho disso.”

Arilyn suspirou. “Os primeiros encontros são tão cheios de esperança e intenções...”

Kate bufou. “E estranhamento, drama e decepção.”

“Lembre-se do código. Nunca usar energia negativa para falar de relacionamentos. Pode recair sobre a nossa empresa.”

Kate gostaria de poder rir dos comentários da amiga, mas já havia aprendido que o senso de boas e más vibrações de Arilyn era mesmo uma das chaves do sucesso delas. Talvez todas fossem meio bruxas. “Desculpa. O que você tem hoje?”

Arilyn espreguiçou os braços longos e flexionou os dedos das mãos. “Aconselhamento com o Gary sobre fobias sociais. Depois preciso mexer em alguns programas de computador e atualizar nossa base de dados. Alguns clientes viram perfis interessantes e querem marcar telefonemas.”

Sempre a espantava que, atrás daquela imagem holística, Arilyn tivesse o cérebro de um deus geek quando se tratava de computadores. Era uma combinação letal que permitia à Kinnections competir com as agências grandes do ramo.

“Parece bom. Eu também não tenho muita coisa, então vou tentar pôr em dia a papelada infinita e sair daqui no horário.”

Voltaram para seus respectivos escritórios. Kate tentou se concentrar no trabalho, em vez de pensar em Slade Montgomery. Seus instintos diziam que era melhor correr o risco de um processo, porque o homem irradiava perigo. Mas ela jamais havia sido covarde, e não começaria agora.

Sem problemas.

Ela saberia lidar com ele.

Kate observou o novo cliente tirar o paletó e se sentar na poltrona elegante, cor de ameixa. Ele deu uma olhada ao redor da sala, prestando atenção nas linhas clean e na decoração zen. Arilyn, encarregada de decorar a Kinnections, tinha escolhido tons que estimulam o chacra do coração e encorajam a abertura e a conexão. Eram basicamente tons de roxo forte e violeta, com toques de prata e estanho, em tecidos e texturas luxuosos. A sala de aconselhamento tinha poltronas e sofás com almofadas cinza, vasos com bambus e uma pequena fonte relaxante, coberta de pedras. A mesa de trabalho era pequena e ficava no canto da sala quadrada. O objetivo da sessão era estabelecer uma ligação com o cliente, descobrir gostos e preferências e, finalmente, traçar um plano de encontros.

Ela não conseguia acreditar que Slade tivesse mesmo aparecido. A profunda desconfiança que corroía os ossos dela poderia tornar difícil o trabalho com ele. Era preciso um tanto de honestidade e outro tanto de vulnerabilidade para que Kate identificasse o que ele realmente queria e pudesse guiá-lo na direção certa. Em vez disso, duas emoções brigavam para dominá-la. Desconfiança.

E desejo.

Ela sentiu pena dos clientes dele. O homem era todo musculoso e altíssimo, mais de um metro e noventa, com certeza. Tinha o peito definido, o que dava para ver claramente através da camisa branca. Ele não caminhava, desfilava. Seus cachos acobreados eram um emaranhado de ondas desalinhadas que fazia os dedos dela coçarem de vontade de tocá-los. Os olhos verdes pareciam ser capazes de jogar qualquer mulher na parede, para fazer coisas bem safadas com ela. Os aros dourados dos óculos só acentuavam seu olhar. Provocante, quente, que penetrava sem pedir licença. Ele deveria ser letal nos tribunais, capaz de hipnotizar o júri e dominar o juiz. Conhecer mulheres não era o problema ali. Nem levá-las para a cama. Kate podia apostar que ele era do tipo que desaparecia assim que o sol começasse a despontar, sem dar chance para uma segunda rodada de manhã.

De alguma forma, ele a fazia se lembrar do papel de Matthew McConaughey em *Minhas adoráveis ex-namoradas*, uma comédia romântica de que ela gostava secretamente. O rosto longo de feições marcadas tinha como função inspirar as mulheres a tirar a roupa, e sua presença poderosa iluminava qualquer ambiente. Mas havia uma certa arrogância que o envolvia, como se ele estivesse acima do amor, das emoções e do descontrole. Acima dos pobres humanos com quem tinha que conviver.

Era isso que a deixava tão irritada.

Kate jurou que conseguiria quebrar aquela armadura, quando conseguisse encontrar um amor para ele. Daí ele estaria pronto.

“Esse seu olhar está me deixando apavorado.”

Ele cruzou as pernas, apoiando confortavelmente o tornozelo no joelho. Os mocassins italianos de couro e as meias de cashmere revelavam que ele tinha dinheiro e sabia como gastá-lo. O terno azul-

marinho de corte alinhado só podia ser um Calvin Klein. A gravata era conservadora, listrada, perfeita para um advogado. Mas os instintos de Kate diziam que ali dentro havia certa impetuosidade indomada, desesperada para aflorar. Ela rabiscou uma anotação no caderno para se lembrar mais tarde, quando estivesse procurando um par para ele. “Que olhar?”

Slade inclinou a cabeça e entortou o lábio. Ela lutou para impedir seu olhar de se fixar naquela boca sensual ou naquele lábio carnudo. “Como se você estivesse prestes a mergulhar de cabeça num projeto e se entregar.”

A expressão “se entregar” ecoou no ouvido dela e esquentou o vão entre as coxas. *Nossa, ela tinha ficado molhada?* Contraindo as pernas e pensando em países devastados pela guerra. Crianças famintas. Filhotinhos engaiolados em canis. Ufa, resolvido. Kate decidiu que só havia uma maneira de seguir em frente sem perder a cabeça. Mostrar a ele quem mandava. Ela franziu a testa e falou, no tom mais profissional que pôde: “Vamos começar pelas regras básicas, pode ser? Você tem que ser honesto comigo ao responder as perguntas. Meu papel aqui é te ajudar a encontrar a mulher que mais se ajuste às suas necessidades. Se me enrolar, vai estar desperdiçando o meu tempo e o seu. Não existe qualquer constrangimento ou julgamento. Já ouvi muitos pedidos e nunca me deixei perturbar, não importa o que os clientes digam”.

“Nunca?”

Ela bateu com a caneta banhada a ouro no caderno. “Nunca.”

“Interessante.”

Kate ignorou o comentário dele e continuou. “Precisamos estabelecer um certo nível de confiança e respeito. Se você achar que eu não estou atendendo aos seus desejos, temos que conversar abertamente sobre isso. Comunicação é a chave. Também posso pedir que faça coisas que vão te tirar da zona de conforto. Mais uma vez, vamos conversar sobre os seus limites, mas aviso que você pode ter que experimentar algo que em geral não faria. Às vezes as pessoas ficam presas a certos hábitos... Empurrá-las para além destas barreiras acaba sendo um enorme avanço. Este é um processo orgânico, que vai tentar satisfazer as necessidades da sua vida e do seu coração.”

Kate abriu a garrafa de água e deu um gole. Até então, tudo corria bem. Ele coçou a cabeça, pensativo, e pareceu estar avaliando cuidadosamente as palavras dela. “Você já foi para a cama com algum cliente?”

A água ficou presa em sua garganta e desceu pelo caminho errado. Ela se engasgou e se esforçou para recuperar o fôlego. Ele ficou sentado pacientemente, esperando que ela terminasse de tossir. Pegou um lenço da caixa sobre a mesa e entregou a ela. Kate secou os olhos lacrimejantes. “Que tipo de pergunta é essa?”

Ele levantou os ombros. “Bom, você está prestes a revirar minha vida toda. Acho que, se vamos confiar um no outro, eu tenho o direito de saber algumas coisas sobre você. Faz sentido. Você é um tipo de terapeuta, e os laços se formam naturalmente. Eu só quero saber.”

“Não vou para a cama com clientes. Nunca.”

“É uma política da empresa ou um código de ética pessoal?”

Kate foi ficando mais irritada. Ele era como um predador; cercava a vítima e planejava o melhor trajeto, a fim de impedir uma fuga. “Ambos. Quando aceito um cliente, passa a haver uma relação de confiança que não pode ser quebrada. Se tiver intenções pessoais envolvidas, não vou ser capaz de fazer o meu trabalho. E, claro, se o relacionamento não der certo, isso poderia prejudicar a Kinnections. Não é um risco que eu correria.”

“Pena.”

Ela se ajeitou na cadeira e o estudou. Ah, sim, ele sabia exatamente o que estava fazendo. Tirando-a do chão. Deixando-a desconfortável. Trazendo o sexo à tona, para que pudesse habilmente retomar as rédeas e guiar a conversa na direção que quisesse. Uma risada alegre quis brotar em seu peito, mas ela conseguiu segurá-la a tempo. Ele não fazia ideia de como ela era boa naquele trabalho. “Vejo que você não tem o mesmo cuidado com as suas clientes.”

“Como?”

Kate fingiu estar surpresa. “As suas clientes. Você é um advogado de divórcio, e tenho certeza de que está a par dos laços que surgem quando aconselha uma mulher furiosa, de coração partido. Você se restringe a dormir com elas ou já teve alguma relação de longo prazo?”

Ele deu um pulo na poltrona. “Nunca dormi com nenhuma cliente.”

“Ah. Política da empresa ou ética pessoal?”

Ele apertou os olhos ao ouvir a pergunta, feita em tom tão doce. “Bela cortada.”

“Obrigada. Agora, em vez de ficarmos trocando farpas até o fim da sessão, vamos ver quais são as suas exigências básicas.” Passou os olhos na pilha de papéis, embora já tivesse memorizado a maioria das respostas dele. “Inteligência é fundamental. Uma mulher que se saia bem numa conversa. Alguém com bons anos de estudo. Mestrado ou bacharelado?”

“Mestrado é melhor.”

Ela marcou um quadradinho do questionário. “Mulher de negócios? Ou você está aberto a profissões mais criativas?”

Ele estremeceu. “Nossa, nada de escritoras ou artistas. Bom, autoras de literatura seriam o.k. Ficção comercial, não. E, principalmente, nada de romances românticos.”

Outro quadradinho. “O histórico familiar também parece importante para você. Vamos falar um pouco mais sobre isso. Você procura uma mulher cujos pais ainda vivam juntos? Ou a intenção é evitar alcoolismo, drogas ou outras doenças nos genes da família?”

Ele se ajeitou na poltrona. A nuvem de arrogância se dissipou e ela notou os primeiros sinais de desconforto. “Estou prestes a virar sócio no escritório em que trabalho. Quero uma mulher que não tenha um passado a esconder, nem parentes que possam causar problemas. Vamos ter que ir a jantares de negócios, eventos formais, e a maioria dos sócios é muito conservadora.”

“Entendi.” Rabiscou mais uma vez no caderno. “Personalidade é outro aspecto bem importante. Você gosta de mulheres engraçadas? Tímidas? Assertivas? Alegres? Me fale um pouco sobre seus relacionamentos passados.”

“Prefiro uma mulher que seja discreta em público. Lealdade é a chave. Não gosto de mulheres

sedutoras, que adoram chamar a atenção. Quero que ela seja forte, mas que saiba seguir meus comandos quando eu precisar.”

“E quando é que você precisa?”

“Desculpe?”

Kate levantou os olhos da pilha de papéis. “Quando você precisa que ela siga os seus comandos? Com os sócios? Com a família? Em público? Ou na cama?”

O ar em volta deles ficou novamente carregado, mas ela ignorou isso. Falar das preferências sexuais era uma bomba-relógio, mas a experiência já havia ensinado algumas lições a ela. Quanto mais profissional e tranquila fosse, mais os clientes relaxavam com o assunto, e acabavam confessando os desejos mais escondidos.

“Você quer saber do que eu gosto no sexo?”

“Quero, sim. O sexo é um dos aspectos mais importantes num relacionamento. Se você gosta das tímidas e virginais, preciso saber. Se gosta de BDSM e quer amarrar as parceiras, é bom eu anotar, porque aí não vou te apresentar para alguém que possa sair gritando porta afora. Não faço julgamentos nem tenho opiniões. Só quero saber do que você gosta.”

Por que o coração dela estava batendo com tanta força? Sentiu a garganta fechar, e seus músculos se contraíram à espera da resposta dele. Uau, ela já havia se sentido fisicamente atraída por alguns clientes, mas nunca experimentara uma sensação tão primitiva, vinda tão lá do fundo. Tentou não olhar para ele, para evitar que ele notasse sua fraqueza feminina e quisesse se aproveitar dela.

Ele deu uma risada que ecoou pela sala. Os sons graves tocaram nela como se fossem dedos subindo por entre suas coxas, fazendo-a quase entrar em ebulição. Kate se concentrou em respirar devagar e voltou a pensar nos filhotinhos presos no canil. “Você quer falar sobre sexo? O.k. Vamos falar sobre sexo.” Ela fingiu estar ocupada escrevendo para não ter de levantar os olhos. “Eu gosto de sentir prazer. Gosto de sexo. Prefiro uma mulher que me diga o que quer, pra eu poder fazer exatamente do jeito que ela gosta, porque um dos sons mais gostosos do mundo é o de uma mulher gritando meu nome.” Baixou a voz e continuou, num sussurro suave e incrivelmente sexy. “Não curto BDSM, mas já usei vendas, lenços e brinquedos para ter uma experiência diferente. Não gosto de ser amarrado; prefiro amarrar. E não espero que nenhuma mulher fique de joelhos, a não ser que ela queira. Isso responde a sua pergunta?”

Kate assentiu, balançando freneticamente a cabeça. Sua capacidade de falar desapareceu e o fogo pareceu lambear suas veias. Ela pegou a água, tomou um gole grande e deu um jeito de se recompor.

“Sim, obrigada.”

“O prazer foi meu.”

Ela fingiu procurar alguma coisa nos seus arquivos, porque a voz ameaçava sair trêmula. Depois de alguns instantes, Kate voltou à carga. “Vamos falar dos relacionamentos passados. Você já foi casado?”

“Já.”

Ela fez uma pausa e arriscou olhar para ele por entre os cílios. A alegria de Slade havia desaparecido, como se uma parede tivesse surgido entre eles. Ah, ela também jogava sujo. “Divorciado?”

“Sim.”

“O que houve?”

“Nós terminamos.”

“Importa-se de me dizer por quê?”

Ela esperou. Era um divisor de águas, porque a informação sobre o passado dele ajudaria a planejar o futuro. “Só falo disso na presença do meu advogado.”

A mulher o magoara. Ex-mulher. A informação amoleceu o coração de Kate, deixando-a com vontade de se aproximar e tocar nele. Ela queria evitar qualquer contato físico, com medo de que a atração ficasse ainda mais difícil de ignorar, mas, depois do último comentário, precisou fechar as mãos com força para se segurar. Kate suavizou a voz. “Slade, eu não quero me intrometer e te chatear. Nosso passado é parte de quem somos e do que queremos. Seria importante saber o que aconteceu, para evitar apresentar alguém que possa te magoar de novo. Não que haja garantias, claro.”

Ele levou um dedo ao queixo e a estudou com olhos pensativos. “Que tal falarmos um de cada vez? Por que você não se casou ainda? A não ser que seja casada e goste de escutar os horrores da vida de solteiro só por diversão.”

Aquela dor conhecida quis subir à tona, mas ela a empurrou de volta com uma desenvoltura pouco familiar. “Não, eu não sou casada.”

“A Kinnections não funcionou com você?”

Ela levantou o queixo. “A verdade é que ninguém nunca gostou de mim o suficiente para me pedir em casamento.”

O silêncio pulsava e zumbia. Havia muito tempo já tinha aprendido o que era justo. Se pedia aos clientes que contassem a ela detalhes do passado, o mínimo que podia fazer era contar-lhes os dela também. Ele limpou a garganta e falou, sem qualquer emoção: “Ela me traiu. Mas foi culpa minha. Eu me envolvi demais com a faculdade de direito e a deixei de lado por muito tempo. Clássica fórmula para o clássico divórcio”.

Kate queria mais, mas sabia o quanto aquelas palavras tinham custado a ele. Meu Deus, como ele deve ter ficado balançado. Slade era obviamente um homem forte, mas, uma vez quebrada a confiança, ele deve ter levado anos para reconstruir a fé no amor. A profissão também não o ajudava a ser otimista nos relacionamentos. “Obrigada. Faz sentido que lealdade e confiança estejam entre seus requisitos básicos. Isso vai me ajudar.” Mudou para um assunto mais leve, em um terreno menos pedregoso. “Me diz qual celebridade faz seu tipo.”

“Hein?”

Ela sorriu. “Se você pudesse sair com alguma celebridade, quem escolheria?”

“Angelina Jolie.”

O nome escapou tão naturalmente dos lábios que ele mesmo se surpreendeu. Kate riu e anotou. “Boa escolha. Mas, posso confessar? Meio clichê. Você imagina quantas vezes ouvi homens e mulheres falarem o nome dela?”

“Agora fiquei envergonhado. Pode mudar para Zooey Deschanel.”

“Ah, melhor. Então você definitivamente gosta das morenas com curvas. É uma pena que a irmã da

minha amiga esteja casada e feliz. Ela sempre me lembrou a Zooey.”

“Tenho alguma chance com ela?”

“Não, a Alexa é loucamente apaixonada pelo marido. Mas pelo menos já tenho uma ideia do seu cálice sagrado.”

“Me arruma com a Zooey Deschanel que eu faço um anúncio de página inteira no *New York Times* para a Kinnections.”

Ela riu mais uma vez. “Vou tentar. Notei que você não listou muitos hobbies. O que você gosta de fazer nas horas livres?”

“Eu trabalho a maior parte do tempo. Corro todos os dias. Golfe. Coisas chatas.”

“Você seria capaz de gostar de uma mulher aventureira? Alguém que pule de paraquedas, goste de esportes, mergulho, esse tipo de coisa?”

Deu de ombros. “Claro. Desde que ela não espere que eu pule de um avião por causa dela. Gritar e chorar pode ser um golpe na minha masculinidade.”

“Devidamente anotado. Religião? Nacionalidade?”

“Não, sou aberto. Ah, sim, nada de virgens.”

A caneta dela parou no ar. “Sob nenhuma hipótese?”

“De jeito nenhum. Não suportaria a pressão de ficar sem sexo até o casamento, e uma mulher que nunca teve experiências pode se apegar falsamente a mim, só por eu ter sido o primeiro.”

O dedo de Kate tremia em volta da caneta. “Entendi. Agora, para me dar uma boa noção das suas crenças, qual é o seu ponto de vista em relação ao amor? Você se inscreveu na Kinnections em busca de uma parceira para a vida, uma mulher com quem possa ter um relacionamento de longo prazo. Vou perguntar novamente: você está completamente comprometido e disposto a encontrar isso?”

“Estou disposto. Só não acredito que exista.”

Fascinada, ela se inclinou para a frente. “Por quê?”

Ele descruzou as pernas, esticou os pés à frente e se recostou confortavelmente na poltrona. “Uma palavra. Oxitocina.”

Kate piscou. “O que é isso?”

“Ciência básica. Em certos momentos, o corpo libera um hormônio que aumenta a necessidade de aconchego e carinho. Com isso, o medo diminui e abre espaço para uma calma que nós interpretamos como amor. O principal momento em que a oxitocina é liberada é depois do sexo. É por isso que muitas vezes o desejo nos leva para a cama, uma conversa boa nos dá esperança e a oxitocina transforma esses sentimentos em amor.”

Ela arregalou os olhos. O rosto dele estava marcado de orgulho e certeza. Que merda, ele acreditava mesmo naquilo! Sem saber se ria ou se chorava, ela o estudou de alto a baixo, em toda a sua glória, e soube ali que Slade Montgomery seria o cliente mais difícil de todos. O desafio esquentou seu sangue. Encontrar um amor para ele seria sua maior realização. Um teste de suas habilidades. Se fizesse o trabalho direito, no final ele não lembraria nem mesmo como escrever a palavra oxitocina.

“É uma teoria interessante.”

“Com a qual você obviamente não concorda.”

“Isso não importa. Você acredita nela, então ela é a minha verdade. Obrigada por ser honesto comigo.”

Slade olhou para ela por cima de seus óculos dourados, claramente desconfiado.

“Você não vai tentar me convencer do contrário?”

Ela sorriu. “Não. Mas agora eu sei o que precisa acontecer para você se convencer de que não se trata de uma reação química hormonal. Você tem que se apaixonar antes do sexo.”

“O quê?”

“Exatamente. Vou marcar um evento para você conhecer algumas mulheres. Vai ser pequeno, de bom gosto e discreto. Você vai poder conversar com elas e escolher com qual delas quer sair. É um bom começo e não gasta muito tempo. Mas tem uma regra que você deve seguir, se quiser ter chance de a coisa dar certo. Nada de sexo.”

Ele franziu as sobrancelhas. “Espero que você esteja brincando.”

Kate bateu com a caneta no caderno num ritmo marcado e sustentou o olhar dele. “Não, Slade, não estou brincando. Nada de sexo. Você está preso nesse ciclo de desejo e hormônio. Até rompermos isso, você não vai conseguir se abrir para sentimentos verdadeiros. Você precisa aceitar isso.”

“Sexo é uma maneira de sabermos se somos compatíveis. Pelo amor de Deus, não estamos na Inglaterra vitoriana!”

Ela suspirou. “Não estou dizendo que nunca haverá sexo. Você só precisa reservar um período inicial sem intimidade física. Quer dizer, nada de sexo até que você esteja pronto para levar o relacionamento mais a sério. Para ser monogâmico. Confie em mim. Se você não estiver interessado o suficiente a ponto de levá-la para jantar por algumas semanas, não vai ser capaz de manter um relacionamento duradouro. O sexo às vezes faz a gente confundir impressões, como você acabou de me dizer. Quando ele sai da equação, as coisas ficam mais equilibradas.”

Ele passou uma das mãos no cabelo. “Não gosto disso.”

“Eu entendo. Mas estou pedindo que você confie em mim. Sou boa no meu trabalho e sei como conseguir o que você quer. Você vai ao menos tentar?”

“Tudo bem. Mas se eu achar que não está valendo a pena nem me ajudando, eu derrubo essa regra. De acordo?”

Kate sorriu. “Justo. Vou marcar a recepção para sexta-feira à noite, então. Às sete. Prefiro que seja aqui em Verily, se você concordar.”

“Claro, eu aproveito e vejo a minha irmã. Como ela está, aliás?”

“Não posso comentar sobre o processo dela com você. Assim como não vou contar a ela sobre o seu.”

Ele inclinou a cabeça. “Tudo bem. Eu vi que você pede aos clientes um ano inteiro para achar um relacionamento de longo prazo. Não acha que é muito tempo pagando seus honorários?”

O tom comedido dele contradizia o olhar que julgava. Kate respirou fundo para manter-se calma, recusando-se a perder a linha. Esse homem sabia como provocar e a irritava em muitos níveis. Ela retribuiu a provocação com o sorriso mais doce que pôde.

“Engraçado, eu acho exatamente o contrário. Uma agência que garante resultados em três meses por

19,99 me deixaria muito desconfiada. Esse deve ser um processo frutífero, rico e cheio de aventura. O que é um ano, comparado com uma vida inteira?”

Ele riu. “Nada mesmo. Apenas uma leva de novos clientes pra mim, depois que as coisas dão errado.”

Kate cruzou os braços. “Guarda o cinismo até depois da recepção, por favor. Você também vai passar por avaliações com a Arilyn e a Kennedy. Dependendo do que elas acharem, marcamos as aulas de que precisar.”

“Que aulas? Tipo um treinamento de sensibilidade? Ou ‘Como dar a uma mulher um orgasmo em menos de cinco minutos’?”

Uma onda de calor invadiu o corpo dela quando aquele delicioso lábio inferior se curvou em um meio sorriso. Nossa, o que aquela boca não seria capaz de fazer... Os dedos dos pés dela se enroscaram dentro das botas, mas ela se segurou. “Vamos discutir as recomendações delas depois que se encontrarem. Que tal domingo à tarde? É muito importante completar essas aulas antes da recepção.”

Ele soltou um suspiro irritado. “Eu tenho outra escolha? Mas as suas colegas vão perceber que eu tenho sensibilidade em abundância e que já domino a aula dois.” Fez uma pausa e a perfurou com o olhar. “Muitíssimo bem.”

“B-b-b-bom. Então você já vai sair adiantado. S-s-só se cuida pra estar aberto às sugestões e ao processo que vem por aí.”

Maldita gagueira. Esse homem brincava com os nervos dela, e ela odiava revelar a fraqueza que tinha. Kate pensou em música e nos movimentos da própria boca. Inspirou e expirou algumas vezes, com calma, e retomou o controle.

Ele ergueu uma das mãos, em sinal de derrota. “Ótimo. Vou me abrir para o amor e deixar tudo fluir. Isso não parece letra de música country? Odeio essas porcarias.”

“Então você não está escutando as músicas certas, querido”, disse, brincando com um sotaque arrastado. “A maioria delas é sobre homens traidores e mulheres fortes. Ou você também não assiste a *Nashville*?”

“Você me pegou.”

Uma risada boba ameaçou escapar. Droga, ele era engraçado. Ela adorava esse senso de humor sarcástico, divertido. Pena que Slade tinha tudo o que um homem pode ter de errado, e ela era o exato oposto do que ele procurava em uma mulher. Ao menos ela se pouparia de uma boa dor de cotovelo. Porque tinha certeza de que, quando uma mulher se apaixonava pelo dr. Montgomery, era para sempre, sentença perpétua. Pouco importava se era por causa da oxitocina. Kate ficou em pé e o acompanhou até a porta.

Ele estendeu a mão, mas ela passou rapidamente à sua frente e saiu pela porta. Ainda não. Ela não estava pronta para tocar nele e ser arrebatada pela energia sexy que ele emanava. Guardaria isso para quando fosse juntá-lo com a parceira certa.

Ele seguiu atrás dela e quase trombou com as duas mulheres que bloqueavam o caminho.

Arilyn e Kennedy abriram sorrisos largos e receptivos. Kate já tinha entendido tudo. Elas estavam de olho nele, analisando-o, e mal podiam esperar para tê-lo em seus divãs. Um brilho de aprovação

iluminou os olhares das duas amigas quando elas viram seu corpo musculoso e seus cabelos lindos de surfista. Kennedy deu um passo na direção de Slade.

“Olá. A gente queria se apresentar, já que vamos trabalhar juntos. Eu sou a Kennedy. Vou te ajudar com os eventos, as consultorias de estilo e tudo mais que você precisar para ter uma experiência melhor. Esta é a Arilyn. Ela aconselha nos relacionamentos e é nossa guru de internet. Bem-vindo à Kinnections.”

Slade levantou uma sobrancelha. É, o homem não era burro. Percebeu que elas estavam avaliando a carne fresca e pareceu se divertir com isso. “Que ótimo, um comitê de boas-vindas. Prazer, Slade Montgomery.”

“Parente da Jane?”

“Irmão dela. Irmão mais velho. Como ela está se saindo, aliás?”

Arilyn deu um sorriso simpático e ignorou completamente a tossida de alerta de Kate. “Muito bem. Já marcamos o primeiro encontro, e ela parece estar bastante confortável consigo mesma.”

“Um pouco rápido, não? Ela acabou de se inscrever. Não precisa de mais aconselhamento ou de tempo para encontrar o cara certo?”

“Achamos que ela está pronta.”

“Quando vai ser?”

Kate se meteu na frente dele e lançou um olhar de reprovação para Arilyn.

“Não é da sua conta. Não falamos sobre os nossos clientes com outros clientes, certo, meninas?”

Arilyn mordeu o lábio. “Ai, perdão. Mas achei que, por serem da mesma família...”

Slade abriu um sorriso cúmplice, cheio de lindos dentes brancos. O da frente era ligeiramente torto e isso o deixava mais másculo em vez de só bonito. “Culpa minha, sem problemas, Arilyn. Foi um prazer conhecer as duas.”

Ele foi embora do escritório. Kennedy se esticou para vê-lo desaparecer. Em seguida, se jogou na parede e desenhou no ar um coração. “Nossa, ele tem uma bunda linda.”

Kate estremeceu. “Juro que se algum cliente ouvir você falando assim, vamos ser processadas. Temos que ter muito cuidado com esse daí, porque ele está doido pra provar que enganamos as pessoas e roubamos o dinheiro dos inocentes usando o amor como isca.”

Kennedy assoviou. “Interessante. Bom, ele toma conta da família, é inteligente e gato. A tríade perfeita. Por que você não fica com ele?”

“Não saio com clientes, Ken. Você sabe disso. Além do mais, desisti dos homens.”

A amiga estalou a língua. “Quebrar uma ou outra regra não machuca ninguém, se os dois estiverem interessados. Foi você quem inventou essa lei ridícula, então pode perfeitamente mudar. Talvez faça bem a você misturar os seus tipos pão com ovo com uma pizza gourmet.”

Kate caiu na gargalhada. Arilyn franziu o rosto em reprovação. “Por mais que eu ame pizza, vou recusar a sua sugestão. Acabamos de fazer a lista dele, e eu sou o oposto de tudo o que ele deseja.” Fez o gesto de ir ticando os itens de um questionário. “Ele prefere morenas curvilíneas, conservadoras, de família estruturada, sem um passado vergonhoso, com mestrado e, preparem-se, nada de virgens.”

Arilyn arregalou os olhos. “Não brinca. Ele realmente disse ‘nada de virgens’?”

“Disse.”

Kennedy riu. “Por que vocês estão tão chocadas? De qualquer forma, além da nossa srta. Kate aqui, há pouquíssimas virgens em Nova York.”

Arilyn saiu em defesa da amiga. “Não tem nada de errado nisso. A Kate só não achou o cara certo ainda. Ela não é uma dessas moças ingênuas que sonham com uma casinha de cerca branca. Ela só quer encontrar uma conexão.”

Kennedy revirou os olhos. “Eu acho que vocês duas são loucas. A Kate precisa transar, e você precisa comer mais carne. Seus relacionamentos com professores de ioga estão mexendo com a sua cabeça.” O rosto de Arilyn ficou vermelho, e ela vestiu direitinho a carapuça de ofendida.

Kate resmungou. “É só um detalhe técnico! Já experimentei todas as preliminares. Só que, quando chegou a hora, alguma coisa não me pareceu certa e eu desisti. Algum problema?”

Kennedy bufou. “*Todos* os problemas. Preliminares são ótimas, mas você está perdendo o principal. É como se você, depois de ter comido uma entrada gostosa, tivesse se recusado a jantar o filé.”

“Você está com fome? Por que tantas metáforas de comida, gente?”, perguntou Kate.

“Dieta idiota. A cada minuto que passa, vou ficando mais mal-humorada.”

Arilyn foi solidária. “Tenho uma barrinha orgânica de granola com chocolate amargo. Você vai se sentir melhor. E deixe a Kate e a pobre da virgindade dela em paz. Ela é uma pioneira.”

Kate grunhiu e esfregou as mãos no rosto. “Que pesadelo. Bom, então todas concordamos que eu sou a escolha completamente errada para o dr. Advogado Gostoso?”

“Adoro advogados. Mas, sim, concordo. Já pensei em apresentá-lo à Hannah. Ou à Emma. Elas têm o tipo físico que ele gosta, são elegantes e divertidas.”

Kate assentiu. “Tive a mesma ideia. Vou marcar uma recepção na próxima sexta. Dá uma olhada, vê quem você pode chamar e me mostra depois, pra eu aprovar.”

“Fechado.”

“Ah, outra coisa. Slade topou fazer uma experiência Kinnections completa. Então é isso que devemos dar a ele.”

Arilyn sorriu. “Pode deixar, eu tenho umas coisas ótimas preparadas para o dr. Advogado Gostoso. Confie em mim... Se eu estou captando as sensações certas, acho que vai ser um sucesso.”

Kennedy se animou. “Ele não precisa de muita ajuda no departamento de estilo, mas vou fazer um upgrade. Pode deixar.”

Kate ficou radiante de satisfação. “Combinado. Agora preciso de uma taça de vinho, música, distração. Querem ir ao Mugs?”

“Claro. Alguém tem notícias da Genevieve?”

Kate balançou a cabeça. “Ela deveria ter vindo aqui de manhã tomar um café, mas não apareceu. Vou mandar uma mensagem dizendo pra ir encontrar com a gente. Ela se mata de trabalhar naquele hospital. Juro, residência médica não é o que eles mostram em *Grey's Anatomy*.”

Kennedy soltou um riso abafado. “É, mas ela já tratou de fisgar um dr. McDreamy. Ou esse era o outro gostoso que morreu? Que desperdício.”

Kate também riu, pegou a bolsa e foi embora com a sua turma.

Slade apertou o play no controle remoto, fechou o laptop e alcançou a long neck de cerveja. O sabor de trigo e cereja deixou um gosto agradável em sua boca que deveria satisfazê-lo. Deu uma olhada ao redor da casa, decorada nos mínimos detalhes para combinar com seu estilo de vida. Luxuosa, sem ostentar ou pesar. A TV de sessenta polegadas criava um clima legal na sua caverna. Os apoios para bebida e as poltronas aquecidas, comandadas por controle remoto, completavam o conforto. Um bar bem abastecido expunha fileiras de copos de cristal de vários formatos, um para cada drinque. Sua comédia favorita, *Como enlouquecer seu chefe*, ecoava pelo sistema de som. Ao seu lado, um saco de batatinhas.

Perfeito. Depois de anos de trabalho duro, drama e concessões, ele finalmente tinha alcançado tudo o que sonhara. O lugar vibrava com o mais profundo silêncio, como ele gostava. Mas lá dentro da cabeça, a voz irritante fez uma pergunta mal-humorada: *Então por que é que você está morrendo de tédio?*

Vai se ferrar. Me deixa em paz.

Ele aumentou o volume e deu mais um gole na cerveja. As mulheres odiavam *Como enlouquecer seu chefe*. Elas nunca sacavam o senso de humor. Elas odiavam batatas espalhadas pela sala de estar e roupas fora do cabide, além do heavy metal de gosto duvidoso que ele escutava. Ele não tinha nem que se preocupar com um bicho de estimação para alimentar ou levar para passear. Estava totalmente satisfeito e sozinho.

De novo.

Uma imagem de Kate passou pela cabeça dele. O que havia nela que despertava tanto interesse nele? Claro, era a típica loira americana que os homens adoram, principalmente por não ficar incrementando a própria beleza. Ela parecia estar confortável na própria pele, o que era ainda mais excitante. Sim, o corpo dele respondeu ao estímulo — numa situação daquelas, só não responderia se estivesse morto.

Além do mais, ela definitivamente não era do tipo que inspirava esses desejos carnis. Independente e aguerrida, fisicamente distante, com uma postura fria que dizia “não se aproxime, é só negócio”.

Envolver-se com a dona de uma agência de relacionamentos era pura estupidez.

Sem Chance.

A voz apareceu de novo e debochou de seus pensamentos, mas Slade achou melhor afogá-la em álcool e sal.

Mais uma típica noite de sexta-feira.

O celular tocou. Pegou-o, checkou o identificador de chamadas e apertou o botão. “Já estava mais do que na hora de você me ligar de volta. Está tudo bem?”

O suspiro profundo do outro lado tinha um quê de irritação que ele nunca havia ouvido antes. Os instintos superprotetores em relação à irmã eram mais fortes do que os que diziam para se afastar. “Só porque eu não te ligo todo dia não quer dizer que estou morta na sarjeta, mãe.”

Ele estremeceu e prendeu o telefone embaixo do queixo. “Ha-ha. Olha, me dá um tempo. Você se mudou da minha casa, largou o emprego e se inscreveu numa agência de relacionamentos, tudo em um mês. Ainda estou tentando acompanhar.”

“Eu sei. Mas as coisas estão indo bem. Adoro meu trabalho novo e estou animada com a experiência na Kinnections. As meninas de lá são tão legais e acessíveis...”

A imagem de Kate passou de novo pela cabeça dele. Dessa vez, mais para sexy e irritante. “Você não acha que elas são um bando de doidas que vão roubar seu dinheiro? Estatisticamente, essas agências não dão resultados verdadeiros, só te oferecem ilusões vazias. Eu procurei na internet. Os números não mentem. A maioria dos casamentos que elas arrumam acaba em divórcio dentro de três a cinco anos.”

Ai, ai. O tom da voz dela subiu ao nível das mulheres prestes a ter um ataque de nervos. “Chega de estatísticas! Só porque o seu casamento não deu certo e os seus clientes se divorciam, eu tenho que amargar a solidão?”

A dor apertou, mas ele lutou para ignorá-la. Sim, ele tinha falhado no casamento, tanto quanto a ex-mulher. Mas Jane não entendia. E como poderia? Era sempre ele quem tinha que protegê-la de um monte de caras péssimos, que tentavam se aproveitar dela. Afinal, este era o dia a dia de Slade: uma fila interminável de pessoas de coração partido, que mal conseguiam manter a sanidade. A doçura e o ego frágil de Jane eram alvos fáceis para homens canalhas — e vários deles já haviam aparecido. Ele teve até mesmo que subornar o último para que fosse embora de vez. Pelo menos agora o babaca não podia mais usar a desculpa de que era um artista morto de fome para tirar mais dinheiro da irmã.

“Não quero que você fique sozinha. Só não quero que se magoe.”

Ela suspirou e suavizou a voz. “Desculpe, Slade, pela coisa terrível que acabei de dizer. Mas não quero que você fique me controlando. Se for pra eu sofrer, que seja. Pelo menos vai ser do meu jeito. Não vou me machucar de novo.”

A lembrança daquela noite veio à tona, fazendo-o engasgar de emoção. Quase a perdera. Prometeu a si mesmo, naquele quarto de hospital, que nunca mais deixaria de estar ao lado dela. Jane precisava de alguém com quem pudesse contar e ele tinha passado os últimos anos assegurando-se de que ela estivesse bem protegida. “Eu sei. Tenho orgulho de você.”

“Obrigada.”

Ele respirou fundo. Hora de contar a verdade. “Aliás, fiquei tão intrigado com a ideia que acabei fazendo uma visita a elas. Decidi me inscrever também na tal experiência.”

O tom casual na voz contradizia o desconforto dele. Entregar-se às mãos de Kate e sua equipe? Encontrar-se com um bando de mulheres desconhecidas em busca de um tipo de relacionamento que obviamente não daria certo?

Sim. Ele faria isso por Jane. Para ficar de olho nela e na Kinnections.

O silêncio tomou conta da ligação. “Você está brincando? Por que você se inscreveu numa agência de relacionamentos? Justo você, que não quer compromisso!”

“Talvez eu queira. Talvez esteja procurando uma companheira para dividir a vida comigo. Se este negócio for tão bom quanto elas dizem, eu também vou achar alguém. Ei, podemos fazer programas de

casal.”

Uma risada engasgada ecoou do outro lado. “Você é completamente louco. Não consigo acreditar que tenha feito isso. As sessões são intensas. Você vai passar pela transformação de estilo?”

Claro que não.

“Vamos ver. Você já teve o primeiro encontro?”

“Daqui a pouco. A Kennedy vai me levar ao cabeleireiro no fim de semana para renovar o visual. Ela também me deu alguns perfis para eu dar uma olhada, assim ela pode ter uma ideia do meu gosto.”

O clima de tensão deu arrepios nele. As pessoas passavam mesmo por aquela merda toda só para sair com alguém? Por quê, meu Deus? “Olha, seria bom se você me mantivesse informado das novidades. Estou um pouco nervoso com o processo. Saber o que está acontecendo com você vai me ajudar.”

A desconfiança na voz de Jane era patente. “A Kate vai cuidar bem de você.”

Uma imagem de Kate de joelhos, abrindo o zíper da calça dele, invadiu-lhe a mente. O suor aflorou em sua pele. O que estava acontecendo? “Talvez.”

“Quando vai ser o *seu* primeiro encontro?”

“Elas vão fazer uma recepção na próxima sexta.” Virou a cerveja. “Por que você não vai também?”

“O quê? Ficou doido? Vai ser a primeira vez que você vai se encontrar com essas mulheres.”

“Qual é o problema? Assim você vai ver como a Kinnections funciona, e eu vou poder contar com a sua opinião. Além disso, a gente não se vê mais, e elas vão marcar o negócio em Verily. Totalmente fora da minha área. Nunca vi tantas lojas esquisitas de decoração na minha vida. Quantos vasos de cerâmica uma pessoa pode ter?”

Ela deu a risada que era a sua marca registrada desde a infância. “Nada fica fora da sua área, Slade. Esse é o seu problema.”

“Então você vai?”

“Desculpa, mas não dá. Estou atolada na pesquisa para o meu novo artigo e não vou pôr a cara fora de casa esta semana.”

“Almoço no fim de semana, então? Daí eu te atualizo sobre como foi.”

“Claro. Vou te levar ao Mugs, os hambúrgueres de lá são ótimos.”

“Beleza. Nos vemos no sábado, à uma hora.”

Despediram-se, e ele desligou o telefone.

A situação estava a favor dele agora. Jane não ficaria desconfiada, e Slade poderia tomar conta dela e, ao mesmo tempo, observar a empresa.

Apertou o controle da poltrona e reclinou-se mais alguns centímetros, tentando prestar atenção no filme, bem na parte em que Milton fala sobre a mudança de lugar de sua mesa, os esquilos e seu precioso grampeador vermelho. O que levaria uma mulher a abrir uma agência de relacionamentos? Será que ela era só uma empresária arrojada tentando ganhar dinheiro? Ou o motivo era outro, mais profundo? As perguntas dela tinham mexido em um emaranhado de emoções que ele não tinha a menor intenção de explorar.

Encontrar o amor não era o bastante, nunca seria o bastante. Havia o prazer, os bons momentos e o

respeito. Às vezes havia também amizade.

Mas amor, não. Ao menos não a longo prazo.

Pensou em Kate e na confissão que ela havia feito. As palavras se repetiam dentro da cabeça dele como um mantra.

Ninguém nunca gostou de mim o suficiente para me pedir em casamento.

A honestidade crua dela havia tocado fundo nele. Em um lugar que o inspirava a curar a própria dor e a provar que ela estava errada.

É, uma casamenteira e um advogado de divórcios. Um casal que tinha tudo pra dar certo.

Seus lábios se curvaram em um sorriso. Era bem provável que todo esse desejo repentino de seduzi-la fosse mesmo o universo querendo puni-lo. Merda. Afinal, ele sabia por que havia escolhido sua carreira. Para ajudar a controlar a mágoa e o caos do passatempo favorito dos americanos: ferrar quem a gente ama. Ele ajudava algumas pessoas e ganhava uma tonelada de dinheiro. Claro, não era muito respeitado, e quando dizia às pessoas o que fazia, elas torciam o nariz. Mas quem se importa? Ele jamais estragaria tudo indo atrás de uma ativista do amor.

Ele estava feliz.

A vida estava perfeita.

*

“Robert, cheguei!”

O som das patinhas no chão encheu-a de uma alegria silenciosa. Seu companheiro e melhor amigo apareceu no canto da sala e foi direto até ela.

Kate se ajoelhou e esperou. As patas de trás, imóveis, não o atrapalhavam nem um pouco: ele deslizou rapidamente e parou bem à sua frente. Ela tocou em sua cabecinha e alisou o pelo macio. A lambida gentil no rosto era o único sinal de profunda afeição que o honrado cão se permitia. Ela fez um carinho no dorso dele e conferiu a bexiga. Quase cheia. Se ela demorasse mais uma hora, o pobrezinho teria problemas. “Desculpe, meu amor, me atrasei. Fui comer com as meninas. Vamos lá.”

Kate pegou a cadeirinha de rodas ao lado da porta e prendeu-o nela com uma facilidade que a deixou orgulhosa em ver como já tinham evoluído. Juntos. Ignorou a coleira e guiou-o solto até o quadrado de grama feito especialmente para ele. O golpe de ar frio fez Kate ficar arrepiada, mas Robert torceu o nariz, respirou fundo como os cães fazem e correu.

Ela riu da alegria dele ao se ver livre, com as rodinhas girando com facilidade pela grama até chegar à árvore favorita, para dar voltas ao redor dela. Uma profunda sensação de paz a invadiu. A casa, embora fosse pequena, contava com um quintal de quase dois mil metros quadrados, e, ali, Kate havia conseguido criar um lar e uma família que ela amava, de um jeito só dela.

Robert fez as necessidades com perfeita educação, escondido no seu cantinho privado. Quando Kate o encontrou, ele havia sido atropelado por um carro e estava desacordado à beira da estrada, um emaranhado de patas sem vida, os olhos completamente vazios. Ela o levou correndo ao veterinário e foi imediatamente aconselhada a sacrificá-lo. Nenhum abrigo ficaria com ele. Nenhum dono o aceitaria. Era

um pit bull — a pior raça para adoção. A cirurgia era possível, mas cara. Melhor deixá-lo ir embora deste mundo, que não tinha compaixão nem por humanos imperfeitos, que dirá por cachorros.

Ela concordou e entrou na sala para se despedir. Queria que ele tivesse a companhia de um amigo enquanto atravessasse para o outro lado. Ele devia estar sentindo muita dor, mas quando Kate pôs a mão na sua cabeça, o cão se esticou para olhar para ela.

Olhos castanhos cheios de tristeza. Talvez em razão da vida que havia tido. Talvez por causa da vida que sempre sonhou ter, mas que não teve. Olhos humanos, sábios, resignados e cheios de delicadeza, por mais que seu dono tivesse decidido que ele era descartável e que não valia nada.

Eu sou melhor do que este destino. Tenho mais valor do que isso.

A voz que se expressava pelos olhos dele a arrebatou. Naquele momento, Kate soube que ele era o seu cachorro. Destinado a ela. Sentiu uma vibração na palma da mão, como se tivesse conhecido uma parte de si mesma. Virou para o veterinário e deu a instrução. “Cuide dele. Não me importa o quanto vai custar, nem como vai fazer.”

O olhar do veterinário, assustado no início, iluminou-se de determinação e compaixão. “Pode deixar comigo.”

Foi uma reviravolta na vida dos dois. Por mais que tivessem sofrido, mereciam ser amados. Quantas vezes Kate não tinha ido dormir aos prantos, se achando inferior, acreditando que ninguém a amaria porque ela não conseguia falar com a mesma fluidez que os outros? Os anos torturantes na escola, com vergonha de ler em voz alta e até de dizer “oi”, as provocações impiedosas na hora do recreio. Mas ela havia superado tudo aquilo e conquistado uma vida de sucesso. Exatamente como Robert. O resto do mundo podia ir para o inferno.

O tratamento levou semanas e gerou uma tonelada de contas — possivelmente com um belo desconto dado pelo veterinário. Uma ONG incrível doou a cadeirinha de rodas para que Robert, paraplégico, pudesse andar sem usar as patas traseiras. Kate aprendeu a esvaziar a bexiga dele quando necessário. Levou-o à fisioterapia, adquiriu novos conhecimentos sobre como fazer para que ele levasse uma vida confortável e contratou uma pessoa para passar algumas horas por dia em casa com ele, enquanto ela estava no trabalho.

Aos vinte e seis anos, ela já tinha alguns arrependimentos. Nunca havia viajado. Seria capaz de se enforcar de vergonha por coisas das quais nem tinha culpa.

Mas nunca se arrependeria de Robert. Ele era a única decisão que a deixava orgulhosa.

Depois que o cão terminou de correr, ela o soltou da cadeirinha e deu um beijo em sua cabeça. “Estou exausta. Fugi da turma e não estou nem aí. A Kennedy vai querer me matar...”

Os intensos olhos castanhos de Robert brilharam com compreensão. “Por que não vamos ao parque de cães no sábado, pra você conhecer o novo resgatado da Arilyn? Acho que vocês vão se dar bem. Assim como você, ele ainda tem um longo caminho pela frente, e acho que você pode servir de inspiração para que ele se recupere.”

Robert balançou a cabeça.

Ela caminhou na direção da pequena cozinha pintada de vermelho. “Legal. Manteiga de amendoim ou

tira de bacon?”

Ele latiu duas vezes. “Bacon, então.” Com educação, tirou o petisco dos dedos dela e se arrastou até o colchão ortopédico para se aconchegar e apreciar a gostosura.

Kate já estava pronta para ir até a gaveta de pijamas e se trocar, mas uma batida à porta a fez parar. Espiou pelo olho mágico e abriu rapidamente para receber a melhor amiga. “Você perdeu o Mugs?”

Genevieve MacKenzie se arrastou porta adentro, ainda de avental. “Turno extra. Esqueci de comer. Me ajuda.”

Kate balançou a cabeça e voltou para a cozinha. Robert saiu do colchão para cumprimentar a segunda pessoa de quem mais gostava. Empurrou o focinho contra a palma da mão de Gen, que afagou sua cabeça e deu-lhe um beijo. “Como é que está o meu garotão favorito? Teve um dia bom ou ruim?”

Kate abriu a geladeira e tirou uma variedade de frios. “Dia bom. A bexiga está esvaziando bem ultimamente. E nada de escaras.”

“Esse é o meu garoto”, cantarolou Gen, acariciando-o atrás das orelhas. “Desculpa aparecer bem na hora de dormir.”

“Não seja ridícula, a gente mora na mesma rua.” Kate empilhou presunto, queijo, alface, tomate e maionese dentro do pão e pôs o sanduíche em um prato. “Senta e come. O que você está fazendo com a sua vida ultimamente, amiga? Não vai poder salvar o mundo se cair desmaiada por aí...”

Gen se sentou no banco vermelho e começou a enfiar a comida na boca. Kate sorriu, serviu um copo d’água e algumas batatinhas para a amiga e se acomodou no banco ao lado.

“O David me apareceu com um artigo pra eu terminar. Teoricamente, somos colaboradores, mas descobri que isso significa que eu faço o trabalho e ele leva o crédito da publicação. Parte da tortura de ser residente.”

Uma sensação estranha a invadiu enquanto observava a amiga. As duas haviam se conhecido na NYU, assim como Arilyn e Ken, mas quando Gen se mudou para a mesma rua, se tornaram praticamente irmãs. Kate adorava a grande família italiana de Gen e sempre a acompanhava nas festas. Elas terminavam as frases uma da outra, gostavam das mesmas coisas e compartilhavam da louca ambição de dar certo na vida.

“Não parece justo. Você está se matando.”

Gen gemeu entre mordidas. Mechas de cabelo escuro fugiam do rabo de cavalo e se enrolavam em cachinhos ao redor do rosto em forma de coração. Seus olhos azul-marinho estavam genuinamente concentrados na refeição diante dela, mas Kate também já tinha visto o mesmo olhar durante uma emergência médica, acalmando uma criança assustada ou um pai nervoso, com o coração e a alma de uma verdadeira cirurgiã.

“Isso está uma delícia. Me faz um café?”

“Não. Beba a sua água. Senão você não dorme nunca.”

Gen fez uma careta, mas bebeu o copo inteiro e em seguida encarou as batatinhas. “Como foi no Mugs?”

“Ah. Sentimos a sua falta. Você nunca mais saiu com a gente. O que está acontecendo?”

Uma expressão estranha passou pelo rosto cansado de Gen, que examinava o prato à sua frente. “É só trabalho. O David fica me dizendo que preciso me concentrar mais na minha carreira. E ele trabalha em horários tão loucos, mal conseguimos nos ver. Só preciso dar uma segurada na minha vida social por um tempo.”

David, também conhecido como dr. McDreamy, era o chefe de Gen, lindo de morrer, charmoso e um dos melhores cirurgiões pediátricos. Ele passava metade do tempo no Westchester Medical e o resto em Albany. Kate sabia que a amiga gostava dele havia anos, como todas as outras residentes, mas, neste último ano, David finalmente a notou. Começaram um caso, mas mantiveram tudo em segredo. Por um tempo, Kate viu a amiga irradiar uma felicidade profunda.

Mas ela estava mudando: evitava encontros sociais que antes eram regulares, trabalhava sem parar e passava todo o tempo livre na casa de David. Kate tentou pôr as emoções em perspectiva, supondo que talvez estivesse com inveja das prioridades de Gen ou que simplesmente sentisse falta da amiga. Afastou os pensamentos e forçou um sorriso.

“Eu compreendo. Mas ter um tempo para descansar e se divertir é importante.”

“Sim, mãe.” Gen relaxou em cima do banco, parecendo satisfeita. “Meu Deus, isso estava bom. Eu te amo.”

Kate riu e recolheu o prato. “Pelo menos alguém me ama.”

“Outro encontro ruim?”

“É. Mas agora chega. Gen, olha pra isso.” Ela passou os olhos pela casa que adorava; a sala de estar ampla, com prateleiras repletas dos filmes, discos e livros favoritos. O lindo piso de madeira maciça polida, complementado por uma decoração alegre em amarelo e cinza. A janela enorme, que se abria para o pequeno gramado à beira do rio Hudson. “Eu amo a minha casa. Amo meu trabalho e o Robert. Estou feliz. Toda vez que volto de um encontro, fico deprimida, então vou dar um tempo. Talvez um ano. Vou me concentrar em fazer a Kinnections crescer e em me divertir.”

Gen segurou a mão dela e a apertou, compreensiva. “Encontros ruins são uma droga. Mas acredito que você vá encontrar uma pessoa especial. Tem certeza de que você não quer usar a sua própria empresa para arrumar alguém?”

Kate balançou a cabeça. “Não. Como dona, é uma situação muito complicada. Prefiro usar minha energia com os clientes, principalmente com os difíceis.” O rosto de Slade passou pela cabeça dela, causando um leve arrepio. Talvez esta fosse a saída: concentrar-se em provar a Slade que a Kinnections funciona e arrumar alguém para ele. Depois ela poderia voltar à sua própria vida amorosa fracassada.

Gen deslizou do banco e deu um beijo de despedida em Robert. “Qual é aquele péssimo clichê que sempre falam para as mulheres encalhadas? ‘Você vai encontrar o amor quando parar de procurar.’”

“Espero que não seja verdade. Essa teoria me levaria à falência.”

Gen riu e abraçou a amiga. “Obrigada. Eu precisava de um papo de menina e de comida. Te amo.”

“Eu também.”

Depois que Gen saiu, fechou a porta, virou o trinco e imediatamente começou a tirar a roupa. Pegou a calça de flanela favorita, desbotada e macia, e em segundos estava aninhada na velha poltrona. Caramba,

ela adoraria ter uma daquelas poltronas modernas com aquecimento e controle remoto. Talvez se presenteasse com uma no aniversário do próximo ano. Com os pés esticados em cima da mesinha de centro, começou a procurar algo para ver dentre os programas gravados na TV. Robert se acomodou na pilha de cobertores ao lado dela e logo caiu no sono.

Selecionou o gênero comédia no menu e encontrou de imediato o que queria. O filme favorito. Não importava quantas vezes assistisse a *Como enlouquecer seu chefe*, Kate sempre achava graça. Um clássico. Apertou o play e se recostou.

Sim. Tudo ia se encaixar.

Perfeitamente.

Slade entrou na pequena academia de Verily e se dirigiu à sala dos fundos. Não fazia ideia do que esperar, mas uma boa sessão de exercícios era uma ótima forma de começar um domingo.

Atravessou uma infinidade de halteres, aparelhos de musculação e esteiras, de olho na janela e na pista externa. Ele preferia correr, seu exercício favorito, mas Arilyn tinha outros planos.

Mesmo a contragosto, Slade era obrigado a admitir que ela não parecia uma vendedora de carros usados cheia de lábia. Ela exalava intenções puras, com uma voz melódica tão graciosa quanto seus cabelos ruivos, compridos até a cintura, e seus gestos suaves. Antes que pudesse se dar conta, se viu afundado na poltrona roxa, calmo e relaxado, contando a ela coisas que nunca havia confessado antes.

Humilhante. Ela o pegara de jeito e, em seguida, marcou uma manhã de atividade física para liberar toxinas e deixá-lo aberto para o amor.

Sei...

De qualquer forma, ele tinha assinado o contrato e estava determinado a descobrir todos os truques que elas usariam para tirar dinheiro de sua irmã. Empurrou uma das portas de vidro e entrou em um estúdio pequeno.

Caramba. Estava quente.

O suor imediatamente apareceu em sua testa, e a razão não era só a temperatura. Kate estava em pé ao lado de Arilyn, vestindo uma calça preta de ioga e uma camiseta. A lycra apertava a bunda dela bem do jeito que ele imaginava fazer com os próprios dedos e enfatizava o volume dos peitos. O cabelo estava preso no alto da cabeça, dando a ele uma visão panorâmica da pele branca e macia da nuca e das costas.

Slade desviou rapidamente o olhar, porque estava ficando duro. Que vergonha... Exatamente como um adolescente que fica excitado por causa da professora gostosa. Virou-se de costas e pensou na última cliente que vira em seu escritório, uma mulher aos prantos por causa do marido que a deixara sozinha com os três filhos para ir viver com a secretária. O maior clichê de todos. Por sorte conseguiu se recompor e atravessou o estúdio.

“Bom dia. O ar-condicionado está com algum problema?”

Kate sorriu. Arilyn limpou a garganta e fez um gesto na direção dos outros dois homens na sala. Um afro-americano enorme, musculoso, com a cabeça raspada, bíceps volumosos e coxas que pareciam troncos de árvore, expostas em uma bermuda curta. O outro era mais magro, ruivo e com pele clara. Estava coberto de suor do peito até os tornozelos. Só de olhar para ele, Slade transpirou ainda mais.

“Senhores, façam um círculo aqui comigo, por favor.”

Os homens obedeceram e se entreolharam, obviamente desconfortáveis. O cara grandão grunhiu e Slade viu que seu rosto era praticamente uma imitação do Mr. T.

“Deixa eu apresentar vocês, rapidamente. Slade, este é o Bife.”

Slade arregalou os olhos. “Bife?”

Bife se eriçou. “Algum problema com o meu nome?”

“Não. Só confirmando. Prazer.”

Bife assentiu.

“E este é o Trent.” Slade cumprimentou o mais jovem, que parecia estar morrendo de medo do que Arilyn faria com ele. Que tipo de aconselhamento era aquele?

Encarou Kate e constatou que os olhos azuis brilhantes dela estavam cheios de animação, o que só confirmava que aquilo seria péssimo.

Péssimo mesmo.

Concentrou-se na voz inebriante de Arilyn. “Cada um de nós tem questões que precisam ser trabalhadas para que possamos melhorar. Quanto mais felizes e satisfeitos estivermos, melhores serão nossos relacionamentos. O corpo guarda o estresse nos músculos e bloqueia muitas vias, especialmente a do chacra do coração. Hoje, vamos fazer uma sessão de hot ioga, para romper algumas das barreiras que criamos. A Kate vai me ajudar a guiar vocês em várias posturas. Concentrem-se em seus corpos e na respiração. Se sentirem necessidade de descansar, por favor, parem. Eu separei uma garrafa de água para cada um, e os tapetes já estão arrumados. Alguma pergunta?”

Trent soltou um som de horror. “Não gosto de tirar minha camisa na frente de ninguém”, falou.

Arilyn assentiu. “Eu compreendo, mas esse é um dos bloqueios que eu gostaria de trabalhar com você hoje. Não há nada de errado com o seu corpo. Você se acostumou a se esconder atrás das roupas para manter as mulheres afastadas. Chegou a hora de deixar as coisas fluírem.”

De. Jeito. Nenhum.

Aquilo não estava acontecendo com ele. Hot ioga? Questões? É, a Kinnections era uma loucura completa. E pensar que *aquilo* havia custado mil dólares.

Slade limpou a garganta. “Olha, sem querer ofender, mas eu duvido que fazer a gente suar em bicas vá curar questões profundas.”

“Concordo”, soluçou Trent.

Arilyn e Kate olharam para ele. Sérias. Slade se mantinha impassível. De jeito nenhum ele seria intimidado por um fiapo de mulher. Ou dois. Afinal, estava acostumado a destruir jurados durões que o consideravam a escória da humanidade.

“Eu compreendo sua preocupação”, respondeu Arilyn. “Só estou pedindo que abra a cabeça e nos dê uma chance.”

“Tudo bem. Vou fazer isso.”

Slade recuou, enquanto Bife deu um passo à frente. Saiu do círculo, caminhou até seu tapete roxo, abaixou-se até o chão perto da almofada amarela esquisita e aguardou novas instruções.

Trent mordeu o lábio e seguiu os dois.

Aquele seria um péssimo dia.

Mas ele não planejava desistir. Faria o alongamento idiota e contaria para a irmã que são todos malucos. Sentou-se no tapete; tirou a camisa, os tênis e as meias e ficou de frente para os outros.

Vamos lá.

Kate sorriu.

A aula começou bem fácil. Algumas saudações ao sol ou à lua ou ao que quer que fosse. Algumas flexões simples. Pontes. É, fazia realmente muito calor, mas sentiu que os músculos estavam relaxados e que a tensão no pescoço havia desaparecido. Hum, talvez ele devesse incluir coisas assim em sua rotina de exercícios. A música suave de flauta que saía dos alto-falantes o envolvia em uma atmosfera de calma.

Em seguida, tudo mudou.

Arilyn começou a alternar as posturas com maior frequência, e a música de flauta deu lugar a uma batida urbana, que automaticamente o obrigou a aumentar o ritmo. Flexões se transformavam em loucos abdominais, pranchas e pontes, em sequência. A cada repetição, ela exigia mais, até que os músculos dele pareciam prestes a se romper. Rios de suor escorriam pelas costas.

O mau humor bateu. O que ela estava fazendo? Por que parecia tão irritantemente graciosa e, ao mesmo tempo, mais forte do que os três juntos? Slade deu uma olhada nos companheiros. Bife estava de olhos fechados, ofegante, esforçando-se para acompanhar o ritmo; Trent gemia e grunhia em agonia, tentando descolar a camiseta da pele ensopada, com o cabelo ruivo escorrendo por cima da testa.

“Um pouco mais rápido, senhores. A Kate vai aumentar a temperatura ao máximo, para liberar todas as toxinas. A mente de vocês vai se rebelar, mas permitam que o corpo se entregue.”

Ele balbuciou um xingamento por entre os dentes e tentou ignorar os músculos que tremiam nos braços. Ele preferia morrer a desistir. Pode apostar, ele derreteria e viraria um monte de meleca antes de se deixar derrotar.

“Ahhhhhh!”

Um grito brutal ecoou pela sala e fez com que Slade abandonasse sua postura. Arfando, com os olhos cheios de fúria, Trent rasgou a camiseta. Slade se preparou para ver algo horrível, afinal, por qual motivo o cara teria problemas em tirar a roupa? Um terceiro mamilo, talvez? Cicatrizes? Mas quando deu uma olhada, Trent lhe pareceu...

Normal.

Um pouco magro, mas nada que o impedisse de ir à praia nem nada. O garoto parecia ter se livrado de algum fantasma, porque logo depois entrou de cabeça no exercício, se mexendo como um demônio e emitindo sons baixos que deixavam Slade desconfortável.

Bom, ao menos ainda havia dois homens de verdade na sala.

“Muito bem, Trent, deixe sair tudo. Vamos começar a manter nossas asanas por períodos mais longos, para nos aprofundarmos.”

Ai, meu Deus.

Bife fez uma careta para Arilyn, e Slade imaginou que todos aqueles músculos não fossem bons para exercícios rápidos e com muitas repetições, porque os pés dele ficaram presos ao chão, sem conseguir chegar ao tapete. Ele grunhiu e tentou se mover alguns centímetros adiante, irritado e zangado. Slade aguardou uma nova explosão, orgulhoso por não ter se deixado vencer.

Kate apareceu ao lado de Bife e cochichou alguma coisa em seu ouvido. Ela soltou a perna dele e pôs

um bloco roxo sob seu quadril. Bife rugiu, fechou os olhos e respirou.

Slade decidiu se divertir repassando mentalmente casos marcantes e decisões dos juízes no tribunal. Suas pernas estavam em chamas. Assim como sua pele. Jamais tinha se sentido tão desconfortável ou com tanto calor na vida. Quando olhou para o relógio, percebeu que só estava na sala havia quinze minutos.

Eles saíram daquela posição torturante, o que o fez recitar uma oração silenciosa de agradecimento, e Arilyn anunciou que iriam fazer posturas de equilíbrio. Moleza.

Ele já tinha visto a postura do guerreiro em algumas fotos e a achava bastante viril. Seguindo o exemplo dela, levantou o pé e inclinou-se para a frente com força, agilidade e confiança.

E depois caiu de bunda.

Bife e Trent não pareceram reparar. Mantiveram-se em suas posições como estátuas. Kate surgiu ao seu lado. “Precisa de ajuda?”

Slade fez uma careta. “Claro que não. O tapete é que está escorregadio por causa do calor.”

“Equilibrar-se é difícil. Concentre-se na respiração e relaxe.”

Ele olhou furioso para ela. Relaxar como, agora que conhecia a sensação de estar no centro de um vulcão jorrando lava? Elas deveriam ser presas por tortura. Mas ele não disse nada. Só engoliu em seco e refez a pose. De novo. E de novo.

“Vamos arquear o tronco para trás, senhores. Me acompanhem. Vão devagar, sem forçar, sem pressa. Isto aqui não é uma competição.”

Ela fez algo graciosamente erótico, curvando-se para trás até segurar nos tornozelos. O peito apontando para cima, os cabelos soltos e esticados. Slade achou que parecia fácil. Olhou ao redor e viu Trent e Bife no meio do caminho. Slade disfarçou um sorriso debochado e mandou ver, inclinando as costas o mais longe que podia, para segurar os tornozelos.

Que ele não encontrou.

Tombou para a direita, sem equilíbrio, e caiu. Bife riu silenciosamente por pura concorrência viril, mas fingiu estar concentrado, de olhos fechados. Trent estava com um sorriso orgulhoso estampado na cara; a pele nua do seu peito arqueado em simetria brilhava.

Desgraçados.

Ele tentou mais algumas vezes e continuou caindo. Normalmente, teria mentido ou fingido fraqueza para que Kate colocasse as mãos nele de uma maneira mais íntima. Mas como não estava brincando, ele era teimoso demais para poder apreciar o toque dela antes de dominar o tal hot ioga.

“Vamos acelerar mais um pouco e depois esfriar. Saudação ao sol, estilo *ashtanga*. Vai.”

A cada série, sua mente rugia com um monte de emoções misturadas, emaranhadas em completo caos. Raiva e frustração. Desconforto físico. Orgulho ferido. Sensação de perda. E, aos poucos, alguma coisa mais.

Silêncio.

Nos últimos cinco minutos, seu corpo jorrava suor, mas sua mente estava límpida e parecia quase... vazia. Que estranho. Seus músculos se esticavam e se mexiam com a música, em vez de escutarem qualquer pensamento racional ou exigência estridente, e se entregavam ao ritmo. Quando fez a postura do

morto, deitado de costas no chão, imaginou se seria capaz de andar novamente, mas também sentiu uma leveza percorrer o corpo. A respiração estava mais profunda. Pela primeira vez na vida, uma sensação que ele nunca havia experimentado invadiu seu corpo, sua alma e sua mente.

Paz.

Devagar, Arilyn os trouxe de volta, e eles se sentaram em um círculo. Bebeu água, exausto, e aguardou algum tipo de canto estranho, “*om*” provavelmente, para se mandar dali.

“É hora de compartilhar. Trent, quer começar?”

Slade engasgou com a água. Como isso o ajudaria a arrumar um relacionamento? Se lhe restasse um pingão de energia, diria a todos ali que eram loucos e iria embora.

Era o que faria, assim que as panturrilhas parassem de tremer. Trent assentiu. “Eu fiquei tão desconfortável e frenético que as minhas barreiras se romperam. De repente, não me importava mais se alguém visse o meu peito. Eu me libertei. Rasguei a camisa e me dei conta de que aquilo não tinha importância.”

Arilyn sorriu. “Que percepção maravilhosa. Era exatamente isso que eu queria que você sentisse nesta sessão. Você está definitivamente pronto para dar o próximo passo, não é, Kate?”

Kate concordou. “Vou começar a marcar alguns dos encontros de que falamos.”

“Alguém quer dizer alguma coisa para o Trent sobre a experiência dele?”

Bife virou-se para ele. “Bom trabalho”, falou, com a voz baixa e grave.

Todos olharam para Slade. Ele se mexeu um pouco. “Hum, você tem um peito maneiro, cara. Tenha orgulho disso.”

Trent ficou radiante.

“Bife, sua vez.”

Bife pôs as mãos nos joelhos, absorto em pensamentos. “Todo mundo acha que sou mau, porque sou forte e negro. Esse tipo de preconceito me magoa, pois eu sou julgado antes mesmo de abrir a boca. Mas, durante o exercício de equilíbrio, tomei consciência de que somente posso ser quem eu sou. Algumas pessoas vão julgar, outras não, mas eu tenho que estar contente comigo mesmo.”

O queixo de Slade caiu.

Trent sorriu e deu um tapa no ombro do Bife. Arilyn e Kate praticamente exalaram gentileza e amor dentro do círculo. “Estou impressionada com as descobertas que você fez em apenas uma sessão de ioga, Bife. Somos todos belos e lutamos contra as opiniões e preconceitos que os outros têm. Você tem um verdadeiro iogue aí dentro.”

Bife secou os olhos. “Obrigado.”

Slade acompanhou horrorizado os quatro olhares se voltarem para ele. “Slade?”, chamou Arilyn, delicadamente. “Algo que queira dividir?”

Ele entrou em pânico. Kate inclinou a cabeça, e ele reconheceu um certo cinismo brilhando naqueles olhos azuis. Ela não acreditava que ele fosse falar. Achava que ele se acovardaria, diria cobras e lagartos do ridículo da sessão e iria embora. A expectativa pairava pesada no ar, tão forte quanto os odores corporais dos homens ao redor.

Limpou a garganta e procurou loucamente algo para dizer que superasse os outros dois. Algo profundo, sensível e espantoso. Algo que acabasse com as dúvidas de Kate e confirmasse que ele estava aberto a toda aquela experiência maluca. Ele era um advogado, afinal de contas. “Eu senti muita coisa.”

Silêncio. “Como o quê?”, perguntou Arilyn delicadamente.

Ele coçou a cabeça e pôs para trás mechas molhadas de cabelo. “Percebi que ficar sozinho e afastar as pessoas é um erro.”

Kate levantou uma sobrancelha. Arilyn suspirou. “Por favor, não diga alguma coisa que soe bem, mas que não seja verdade. Não há julgamentos aqui no círculo. Não há certo ou errado. O que você realmente sentiu durante a sessão?”

A frustração veio em ondas e o incendiou por dentro. Como assim não acreditavam nele? Por que não duvidaram de Bife ou do papo do Trent? Aquilo já era demais, ele estava de saco cheio.

As palavras saíram tropeçando de sua boca, de uma maneira nada profissional para um advogado. “Beleza. Eu me senti irritado, com calor, suado e infeliz. Não consegui fazer nem metade das posturas e odiei cada minuto.”

“Melhor assim. E o que mais?”, Arilyn insistiu.

Ele soltou um suspiro. “Ah, droga, não tenho nada a dizer. A única coisa que notei foi que, no fim da sessão, minha cabeça parecia estar vazia. Estou sempre pensando, planejando coisas ou me concentrando em algum barulho, mas, pela primeira vez, parecia estar tudo quieto. Quase em paz. Foi só um momento, depois passou. É isso.”

Procurou não se abater, o que seria humilhante. Mas se surpreendeu quando, de repente, todo mundo sorriu, balançando a cabeça. Bife deu um tapa nas costas dele.

“Bom trabalho”, disse Arilyn. “Era isso que eu queria. Como advogado, você se acostumou a controlar todos os aspectos de uma situação e as expectativas de certos resultados. Faz parte do seu dia a dia. Quando a gente te tirou do controle, mesmo que por um instante, a sua mente se entregou e baixou a guarda. Esse momento que você descreveu foi importante. Era o seu eu verdadeiro, louco para sair.”

As palavras foram como um choque. Teve pouco tempo para processá-las, porque em seguida todo mundo fez um *om* em grupo — ao menos nisso ele estava certo — e fim de papo. Slade sugou o resto da água, passou uma toalha no rosto e observou Kate conversando com Trent e Bife.

Arilyn guardou as coisas e saiu do estúdio. Depois de se cumprimentarem com os punhos cerrados, talvez para recuperar a masculinidade, Bife e Trent se dirigiram à área dos pesos. A porta de vidro se fechou atrás dele.

Kate arrastou os tapetes de volta para a pilha, com a bundinha para cima, perfeitamente à vista. Uma onda de desejo tomou conta dele e, de repente, soube que aquela sessão ainda não tinha terminado.

Ele atravessou a sala.

Kate se concentrou em arrumar o estúdio para não encarar o cliente suado, irritado, maravilhosamente sexy que estava atrás dela. Quando Arilyn contou a ela o que tinha em mente, ela duvidou de que Slade

aceitasse participar. Na metade daquela aula extenuante, bastou olhar para o rosto dele para ter a confirmação de que jamais daria conta. Arilyn era muito esperta quando se tratava de destravar bloqueios. Kate já tinha feito várias sessões com ela, quando a frustração com a gagueira a havia deixado travada. Por isso, imaginara que seria divertido ver o charme confiante de Slade se esvaír.

Mas, ao contrário, ele a tinha deixado bem impressionada.

Não desistiu e foi bem honesto no círculo. Disse a verdade, depois de primeiro falar o que achou que elas quisessem ouvir. Ela já tinha visto vários homens surtarem em sessões como aquela, por não estarem prontos para ir fundo.

Mas, é claro, o que realmente a irritou foi o corpo dele.

Slade Montgomery era pura perfeição.

Cada músculo era firme e definido. Os pelos dourados sobre a pele morena o deixavam com cor de mel — e ela adoraria provar seu gosto. Mesmo suado e irritado, ele não perdera a compostura. Para ela, isso queria dizer que aquele homem tinha uma autoconfiança inabalável. Gostava de vencer. Gostava de conseguir o que queria. Estava seguro de suas convicções e nunca desistia de um desafio.

O corpo dela clamava por Slade. Por isso, se manteve distante, com cuidado para não tocar nele.

Escutou a porta fechar e respirou aliviada. Finalmente. Kate pôs o último tapete na pilha, empurrou-a cuidadosamente para o canto e virou-se.

“Oi.”

Ela deu um passo para trás. Ele estava em pé diante dela, dominando todo o espaço ao redor. O cabelo úmido caía sobre a testa, a camiseta estava colada no peito e o cheiro masculino era delicioso, nem um pouco nojento. Droga, o homem suave perfumado. Isso não era justo.

“O-o-oi. Achei que você tivesse ido.”

“Ainda não. Sessão interessante. Você tortura todos os clientes assim ou só os de que não gosta?”

Ela se esforçou para não sorrir e tentou chegar para trás, mas não havia para onde ir.

“Não há qualquer discriminação na Kinnections. Você tinha que ver outras sessões da Arilyn. Ela pegou leve com vocês.”

“Ela é mais assustadora do que um sargento, especialmente porque não se espera isso dela.”

“Você foi bem”, admitiu Kate. Obrigou-se a sustentar o olhar dele, embora se sentisse nua e vulnerável. Sua pele se arrepiou com o calor que havia entre eles, consumindo todo o seu ar.

“Aguentei firme. Aposto que você perde um monte de clientes com essa temperatura de quarenta graus.”

Kate levantou um pouco o queixo, mas ele ainda se sobrepunha a ela. Droga de pés descalços. “Alguns, sim. Mas se não estão dispostos a encarar dificuldades na busca pelo amor, não devem mesmo estar na Kinnections. Os relacionamentos não são só leves e divertidos. Exigem trabalho duro.”

“Pelo menos se fortalecem para quando o divórcio chegar.”

Ah, eles haviam voltado à mesma dinâmica de sempre. Ela sorriu. “Acho que você sabe que o número de divórcios tem diminuído, já que os casais agora vivem juntos por mais tempo antes do casamento. Você não fica com medo de não ter mais trabalho se eu for bem-sucedida no meu?”

Ele jogou a cabeça para trás e riu. O rugido áspero fez uma carícia nos ouvidos dela e entre suas pernas. “As estatísticas podem ser manipuladas para chegar às conclusões que você preferir. Mas o fato é que cerca de quarenta e um a cinquenta por cento dos primeiros casamentos terminam. E como os filhos de pais separados são quatro vezes mais propensos ao divórcio, os números vão disparar. Vou acabar me aposentando como um homem rico.”

A disputa verbal entre eles tinha efeitos físicos, e o corpo dela se acendia tão rapidamente quanto seu cérebro reagia. Seus mamilos se retorciam e empurravam a lycra da camiseta. “Se todo mundo vivesse de acordo com as estatísticas ou com medo de se arriscar, seríamos uma nação de robôs. O amor é a única mágica, o maior mistério do mundo. Ele nos dá esperança.”

Slade estudou o rosto dela e se aproximou alguns centímetros. “Concordo. Mas a mágica é uma ilusão, Kate. Assim como o amor. A amizade dura. A família. Mas o amor romântico é só uma miragem, um copo de Coca-Cola gelada no meio do deserto. Você tropeça e tenta pegá-lo para matar a sede, mas o copo desaparece entre os seus dedos.”

“Se você não acreditar no copo e não tentar pegá-lo, vai morrer do mesmo jeito.”

Os olhos dele escureceram, ficando verde-floresta. Kate congelou, incapaz de lutar contra as descargas de eletricidade que estalavam entre eles, como um ímã que força um objeto a se aproximar. O sussurro rouco dele envolveu-a em intimidade. “Pelo menos você morre sabendo da verdade. Do seu jeito.”

Ela respirou fundo e revidou. “É, do seu jeito. Sozinho e com um orgulho covarde. Você não deseja mais do que isso?”

Ele se inclinou. Kate passou a língua nos lábios como a típica mocinha de romance-clichê, esperando pelo beijo. Deus, que humilhação. Tentou recuperar a sanidade, mas a cabeça rodava, envolta em uma névoa esbranquiçada que mantinha seus pés presos ao chão, indefesa sob o feitiço dele. *Ele era um cliente. Um cliente. Um cliente. Aquilo era péssimo... péssimo... péssimo.*

“Por que você é tão inocente?”

“Por que você é tão descrente?”, perguntou ela.

“Porque meu trabalho me mostrou a verdade.”

“O meu também.”

Eles olharam um para o outro, sem se mexer, e mal respiravam. Slade murmurou qualquer coisa. Ela abriu a boca para encerrar aquela loucura, ir embora e cuidar do trabalho.

Tarde demais.

Ele se aproximou, cobrindo os poucos centímetros que restavam entre eles. Levantou-a do chão pela cintura e levou-a ao encontro dos seus lábios.

Bum.

Pow.

Como fogos de artifício, uma explosão de eletricidade a acertou, arrancando um suspiro de seus lábios. Todo o seu corpo estremeceu e o calor a atravessou, iluminando-a como a árvore de natal do Rockefeller Center.

Ele apertou a cintura dela, enquanto mergulhava a língua entre seus lábios. Devorou-a em um beijo faminto, que afastou qualquer outro pensamento da cabeça dela, exceto o desejo de ter mais. Kate gemeu sob aquele ataque sensual e levantou as mãos, enfiando os dedos entre os cabelos de surfista dele. O beijo a devorava por dentro. Ele tinha gosto de café, hortelã e de desejo masculino, e, como se estivesse embriagada, ela sorveu tudo e pediu mais. Conforme continuavam, Kate sentiu que estava se afogando em prazer. A vontade de deixá-lo nu, de montar em cima dele e de senti-lo entre as coxas só aumentava, transformando-a em um animal que ela não reconhecia.

A porta se abriu e uma voz estranha cortou o ar. “Desculpa, gente, não sabia que vocês estavam aqui.”

Kate se afastou, com o corpo todo tremendo. O ar carregado de eletricidade soltava faíscas.

“Putá merda.” Slade olhou para baixo, piscou e balançou a cabeça. “O que foi isso?”

Ai. Meu. Deus.

O dom. A maldição.

Ele.

Kate não tinha tempo para decifrar o dilúvio louco de emoções que tomava conta dela. Quase caiu para trás na tentativa apressada de recuar. Tropeçou e correu como uma louca para o lado quando ele tentou segurá-la. “N-n-n-não, não toca em mim. I-i-i-isso foi um erro.”

A fala dela saía, tropeçava, saía e tropeçava de novo. Kate lutou para se recompor, enquanto a gagueira aumentava e ameaçava dominá-la.

“Kate, espera.”

Ele levantou as mãos, com as palmas abertas. De testa franzida, não fez nenhum movimento na direção dela, mas o pânico já tinha se instalado. Se a tocasse mais uma vez, ela não resistiria ao desejo louco de tê-lo, a qualquer preço.

“Eu t-t-tenho que ir. Vamos fingir que isso não aconteceu.”

“Kate!”

Ela saiu dali sem olhar para trás. Recolheu os sapatos e atravessou a academia descalça. Enfiou os mocassins quando chegou à porta e correu para o seu Ford Fusion como se fosse a última sobrevivente em um filme de terror, fugindo de um serial killer.

Enquanto saía do estacionamento, Kate se deu conta de que o sonho da vida inteira, de encontrar o homem feito para ela, acabara de acontecer. Por mais de quatro gerações sem falhar, o dom havia unido casais e confirmado amores programados para durar com a pessoa certa.

Até agora.

Porque ele era a pessoa errada.

Slade se sentou no elegante sofá cor de chumbo do escritório de Kennedy e tentou não fazer cara feia. Ele estava de mau humor.

Depois da sessão de hot ioga, imaginou que o tormento Kinnections tivesse acabado. Mas parece que, ao assinar os papéis, havia concordado em participar de uma consultoria de estilo — que obviamente não era necessária. Para um advogado, a aparência era fundamental. Ele fazia questão de que clientes e jurados sempre tivessem dele uma imagem limpa, impecável. Tentou não perder a paciência e olhou para Kate, sentada ao lado de Kennedy e parecendo tão desconfortável quanto ele.

Aquele beijo o assombrava.

Envolvido na provocação verbal mútua da academia, Slade tinha decidido que iria sondar o terreno. Uma vez ao menos. Ele ansiava por beijá-la, para descobrir se os lábios dela realmente tinham o gosto do algodão-doce que ele adorava, e para aliviar um pouco da tensão sexual que crepitava dentro dele. Em vez disso, ele havia sido eletrocutado e retalhado em pedaços por uma fome feroz de tê-la. Dominar, tomar, possuir. Era como se o homem das cavernas dentro dele tivesse tomado conta, e ele tivesse sucumbido ao instinto animal. O gosto dela era doce e, agora que o havia provado, ele estava com medo de ter se viciado.

Ele esperava que o beijo fosse excitante, quente, gratificante. Mas o que encontrou foi o sexo ardente e o desejo puro.

Os dois não haviam mais se falado desde que ela fugira correndo. Ele achou que precisavam de tempo para processar aquilo e decidirem o próximo passo. Não que houvesse um próximo passo. Ela se recusava a sair com clientes, afinal. Ele tinha a intenção de provar que ela era uma fraude. Ela dizia que o amor era verdadeiro, ele acreditava que era só ilusão. O relacionamento não daria certo só porque tudo dizia que o sexo seria maravilhoso. Ele concordou que seria mais inteligente deixá-la em paz, esperar baixar um pouco a tensão e seguir em frente. Mas não era isso o que queria.

Ela vestia o preto usual, com uma camiseta sexy de renda, calças de seda e aquelas botas incríveis. O cabelo estava preso de um jeito sofisticado que só lhe dava vontade de puxar o prendedor e enfiar os dedos na seda dourada. O jeito sério e o olhar distante diziam a ele, sem que precisasse emitir palavra, qual era a posição dela.

Esquece isso.

Ele bem que queria.

Quando soube que teria que participar da consultoria de estilo, Slade insistiu para que Kate estivesse presente. Ela tentou escapar, disse que Kennedy era a especialista, mas ele insistiu para que ela ao menos acompanhasse a reunião. Ele precisava de mais uma oportunidade para tentar compreender a conexão maluca entre eles.

“Primeiro, não pense que a intenção aqui é mudar a sua aparência e te deixar mais atraente. Você não precisa disso, como já deve estar cansado de saber.”

Ele tentou não ficar vermelho, mesmo com as duas ali olhando para ele. “Ah, obrigado, eu acho. Então, o que vamos fazer?”

“A aparência é a primeira impressão que damos em um encontro. Você tem um trabalho que te obriga a manter uma certa personagem no tribunal. Por isso, eu quero te fazer algumas perguntas... Com que roupa você vai a um primeiro encontro?”

Kennedy cerrou os lábios. Como homem, ele reconhecia que ela exalava sexo, com os gestos sensuais, a boca vermelha farta e as curvas arredondadas. Engraçado, ele não desejava tocá-la ou senti-la, ao contrário da mulher que estava sentada ao lado dela. Slade recuperou o foco e tentou não suspirar com a pergunta ridícula. Ele estava desperdiçando um tempo valioso ali. “Coisas básicas. Normalmente, uso calça, paletó e gravata.”

“Sempre gravata?”

Ele controlou a impaciência. “Claro.”

“Sapatos?”

Tentou não revirar os olhos. “Sociais.”

“Hum.” Ela anotou alguma coisa no bloco. “Como se veste nos fins de semana?”

“Calça cáqui. Camiseta. Mocassim.”

“Entendi. Você precisa dos óculos para ver?”

Ele tocou na armação dourada. “Estes? Preciso mais para ler, mas tendo a usá-los o tempo todo agora.”

“Interessante.” Anotou mais alguma coisa. Ele tentou não esticar o pescoço para ler. “Tem cores favoritas?”

Slade olhou para o relógio Cartier e respirou ruidosamente. “Preto, cinza e azul. Clássico.”

Kennedy sorriu. “Obrigada.” Ficou de pé e foi até o outro lado da sala, onde abriu uma porta de correr, revelando um armário enorme. Enquanto murmurava baixinho, foi remexendo em cabides, puxando várias peças e pendurando-as no braço. Ele tentou capturar o olhar de Kate, mas ela fingiu estar lendo as anotações da amiga e não levantou os olhos. A frustração deu um nó no estômago dele.

“Vamos lá. Experimente estas aqui.” Largou uma pilha de roupas, sapatos e cintos no colo dele.

Slade ficou parado. “O que é isso?”

“Sua transformação de estilo. Tire os óculos, por favor.”

Ele levantou a mão como se ela fosse o diabo. “Eu gosto de usar meus óculos.”

“Eu sei. Eles funcionam como uma barreira para se manter distante. Como se estivesse vendo o mundo através de um vidro. Se não precisa deles para enxergar, não tem que usá-los o tempo todo. Pode tirar.”

Cada vez mais horrorizado, ele analisou a expressão determinada no rosto dela. Eram todas umas loucas. Talvez não fossem fraudes aos olhos da lei, mas as coisas insanas que um cliente tinha que fazer para poder marcar um encontro eram inacreditáveis. Slade arrancou os óculos e apertou-os na palma da mão dela. “Tá bom.”

Ela apontou para a direita. “Pode se trocar ali. Vamos esperar.”

Slade retorceu os lábios em um sorriso de escárnio. Pegou as roupas, entrou pela porta e se trocou. A cada minuto que passava, a irritação aumentava. Ele era um ex-aluno de Harvard, um advogado respeitado, que nunca tinha tido dificuldade em arrumar um encontro. Como tinham a ousadia de julgá-lo? Ele era sempre aberto e charmoso em um encontro. Se interessava pelas coisas que a acompanhante dizia, tinha senso de humor e sempre ouvia com atenção. Slade abotoou o jeans, meteu os pés nos sapatos e vestiu a camisa. Sem se olhar no espelho, marchou de volta, desfilando como um pinguim, fervendo de irritação.

“Pronto. Satisfeita?”

Kennedy sorriu, esperta que era. Mas foi o olhar no rosto de Kate que o fez parar um instante.

Desejo.

Ele encheu os pulmões de ar e absorveu a expressão dela. Com os olhos abertos, ela o devorava; aqueles oceanos azuis profundos brilhavam de desejo feminino. Kennedy se aproximou, ajustou o colarinho da camisa dele, alisou algumas rugas e virou-o na direção do espelho.

“Posso dizer o que eu vejo agora? Vejo um homem que trabalha duro, mas sabe como relaxar um pouco. Um homem aberto ao desconhecido, pronto para ser um pouco vulnerável e dar um pouco de si mesmo no encontro. Sabe, Slade, eu acho que você usa as roupas como uma espécie de armadura. Terno e gravata são roupas para um jantar de negócios. Formais. Mas estas aqui revelam sua personalidade verdadeira e permitem que a sua acompanhante sinta que você está tão interessado quanto ela.”

Slade quase riu de tamanho discurso sobre uma roupa idiota. Até que se viu no espelho.

Ele parecia... Diferente. O jeans escuro ajustava-se às coxas e dava a ele um visual mais bruto do que o arrumadinho normal. A camisa era preta e, minha mãe do céu, rosa. Punhos cor-de-rosa e colarinho bordado, aberto no pescoço. A camisa estava para fora, em vez de metida dentro das calças. Nos pés, botas de cano curto que ele nunca teria experimentado, por serem muito europeias, mas que davam a ele um charme discreto e um pouco mais. Sem os óculos, seu rosto parecia mais vulnerável. Ele piscou para o reflexo no espelho, tentando absorver tudo.

Ele nunca usava jeans, mas aquelas calças eram confortáveis e lhe davam uma liberdade que ele não sabia que precisava. De alguma maneira maluca, Kennedy estava certa. Ele realmente se mantinha distante, de várias maneiras. Seus pensamentos voltaram-se para Jane e as descobertas que ela poderia estar vivendo.

“Minha irmã também passou por este processo?”

O rosto de Kennedy se suavizou. “Vou me encontrar com ela esta semana. Já tivemos várias sessões, e eu estou ciente das fragilidades dela. Prometo, Slade, a sua irmã está em boas mãos. Eu nunca faria nada que a magoasse.”

Ele sentiu a garganta se fechar, mas conseguiu balançar a cabeça.

“O que você acha, Kate?”

Slade desviou o olhar para encontrar o dela no espelho, depois da pergunta de Kennedy. Dava para ouvir um zumbido entre eles. Segundos se passaram. A tensão subiu mais um degrau excruciante, e ele

travou os músculos, esforçando-se para não ficar de pau duro por causa do olhar fervilhante dela.

“Acho que ele está pronto.”

A voz dela saiu áspera e quebrou o encanto. Kennedy balançou a cabeça, concordando. “Vá com esta roupa na reunião de sexta. Depois vou com você fazer umas compras, na semana que vem, para te dar mais opções. Claro, é por nossa conta, parte do pacote de experiências.”

“Tenho que ir, tenho uma reunião. Te vejo na sexta à noite, Slade.”

Kate se apressou em sair da sala.

Kennedy inclinou a cabeça e estudou-o por um instante. “Hum. Alguma coisa me diz que sexta-feira vai ser interessante.”

Slade assentiu. “Vou te dizer uma coisa. Desde que me inscrevi, não tive um instante de tédio.”

Ele foi se trocar, enquanto a risada de Kennedy ecoava pela sala.

Kate caminhou sobre o piso do elegante restaurante italiano, satisfeita com o cenário do primeiro coquetel para Slade. A sala dos fundos estava reservada para a Kinnections e para os eventos que elas faziam nas noites de sexta e sábado. O Cosmos tinha ótima comida, uma atmosfera intimista e uma adega de primeira. A enorme parede de tijolos e os balcões altos mostravam os chefs trabalhando, o que era sempre um atrativo para o público. O salto das botas dela fazia barulho no chão de mármore polido, enquanto ela observava a decoração toscana, em vermelho forte, ouro e tons de creme terrosos. Encontrou-se com Kennedy no meio do caminho para a sala reservada.

“Ele já chegou?”

Kennedy balançou a cabeça. “Sinto muito. Espero que ele não seja um destes que faltam. São péssimos.”

Kate tentou não se irritar com a ideia de Slade desperdiçar o precioso tempo delas e simplesmente não aparecer no evento principal. A equipe dela tinha se dedicado nos aconselhamentos e na seleção das mulheres certas. Se ele não aparecesse, ela...

Bom, ela não sabia ainda o que faria, mas teria uma ideia bem malvada. A imagem daquele beijo debochava desses pensamentos e a chamava de mentirosa. Ela queria fazer alguma coisa com ele, sim. De preferência, uma coisa safada, nua, que não deveria ser sequer imaginada. Por que, por que, meu Deus, ele tinha que acender a droga do dom/maldição? Precisava ser bem firme hoje, não podia deixar nada muito pessoal no ar. Ela era uma profissional e tinha uma tarefa a fazer. Encontrar um amor para ele e encontrar rápido. “Ele trabalha em Manhattan, o trânsito é uma bagunça. Vamos esperar mais quinze minutos.”

“Tudo bem.” Kennedy se inclinou sobre o bar e piscou para o chef atrás da mesa. Seu decote generoso fez com que ele quase errasse a hora de jogar a pizza para o alto. “Ei, querido. Tem algum jeito da gente conseguir um drinque por aqui?”

O olhar dele ficou embaçado. Kate estava acostumada a assistir a amiga usar seus poderes mágicos femininos para transformar todos os homens à volta em perfeitos idiotas. Segurou no braço dela e puxou-

a para trás. “Deixa ele em paz, Ken. Vai pedir seu drinque no bar, como uma pessoa normal.”

Kennedy mexeu no cabelo com jeito e sorriu. “Mas assim é tão mais divertido. E eu não preciso esperar na fila.”

“Quando foi que você esperou mais de cinco segundos por um drinque?”

Ela curvou os lábios, fazendo beicinho. “Nunca, eu acho. Você não é nada divertida. Eu gosto de torturar os espécimes masculinos. Você deveria tentar.”

Kate puxou-a pelo restaurante, até a sala reservada. “Comporte-se. Você vai se encontrar com a Jane amanhã, certo?”

“Sim. Vou levá-la ao cabeleireiro. Acho que ela está pronta.”

“Ótimo. E mantenha o Slade longe dela. Ele é enxerido e quer ficar se metendo na vida amorosa da irmã. É a última coisa de que ela precisa agora.”

“Hum, eu deixaria ele se meter comigo a qualquer hora. Em qualquer lugar.”

Kate revirou os olhos. “Você não muda nunca.”

“Espero que não. Que graça teria este nosso trio se nenhuma de nós nunca fizesse nada?”

Ela escapou de ter que dar uma resposta, graças à repentina aparição do convidado de honra.

A sala toda ficou em silêncio por um instante.

Que droga. Ele estava mais do que gostoso. Tinha mesmo vestido a roupa que Kennedy lhe dera. O jeans que moldava bem a bunda e as coxas dele, nos lugares certos, com a camisa preta e rosa que lhe dava um ar sexy moderno, que as mulheres adoravam. Seu cabelo ondulado com um tom de caramelo era uma bagunça deliciosa, que emoldurava os olhos verdes desconfiados. Ele passou os olhos pela sala, obviamente analisando os convidados e as mulheres que iria conhecer. Avaliando. Controlando. Meu Deus, ele tinha “macho alfa” escrito na testa. Kate sentiu um leve arrepio percorrer o corpo.

As outras mulheres tiveram a mesma reação, ao que parece. Os olhares se iluminaram com expectativa, e elas estudaram o visual dele como lobas famintas prontas para matar.

E acasalar.

Kate entrou na personagem da profissional responsável e foi andando até ele.

“Você está atrasado”, cochichou. “Por que não vem comigo, antes de eu te apresentar para as quatro mulheres que escolhi?”

“Você não vai anunciar, ‘conheçam meu milionário’, vai?”

Ela estremeceu de desgosto. “Isso aqui não é um reality show do canal Bravo. Não nos importamos com dinheiro aqui. Por quê? Você é milionário?”

“Por quê? Você quer saber?”

Kate levou-o até o canto, onde havia uma mesa com várias comidinhas. “Desde que você tenha um trabalho fixo do qual goste, não nos importamos com a sua margem de lucro. As suas pretendentes também não.”

Ele riu e olhou para a mesa, faminto. Aliás, olhou com mais interesse do que para as mulheres. “Evidentemente, você não vive no mundo real. Estou morto de fome... aquilo é minipizza?” Ignorou a reprovação dela e encheu o prato com uma enorme quantidade de comida. “Posso tomar uma cerveja

junto? Ou vinho... O que todo mundo estiver bebendo.”

Ela cruzou os braços e tentou não se irritar. “Caso você não tenha notado, isto aqui não é um bufê de self service. Você veio para conhecer candidatas a namorada.”

“Certo.” Ele mastigava ferozmente. “Esse cogumelo está incrível. Defumado e cheio de sabor. Ficou perfeito com o gorgonzola. Engraçado, nunca tinha ouvido falar deste lugar. Quer provar um?”

“Não. Vamos repassar as regras?”

“Nada de dormir com elas no primeiro encontro.”

Ela arregalou os olhos. “Claro que não! Agora, a Kennedy e eu vamos estar aqui e ajudar você a se enturmar. Se em algum momento você se sentir constrangido, basta olhar, que nós vamos até você. A gente também pode ajudar a guiar alguma conversa. Este coquetel é para você, e queremos que se sinta confortável. Você vai ter tempo a sós com cada uma das quatro mulheres e, no final, vai me dizer de qual gostou mais. Daí vamos marcar um encontro para vocês continuarem a se conhecer.”

Ele mordeu o bolinho de caranguejo com molho aïoli da casa e gemeu. “Melhor bolinho de caranguejo da vida.”

“Você está me escutando?”

“Sim. E quanto mais você fala, mais eu me sinto em um programa de televisão. Não preciso terminar com elas no final da noite, não, né?”

“Engraçadinho. Você poderia levar isto a sério, por favor? Estas mulheres estão gastando o precioso tempo delas vindo aqui só para te conhecer.”

“Desculpa.”

“Agora, você vai conhecer a Hannah, a Emma, a Sarah e a Ann. Todas elas têm o tipo do qual você parece gostar, empregos fixos e as qualidades que você diz admirar. Pronto para as apresentações?”

“Posso comer mais um pedaço de bruschetta?”

“Não.”

Ele limpou a boca com o guardanapo. “Tudo bem. Estou pronto.”

Ela se armou de um sorriso confiante. “Então vamos lá.” Ele estendeu a mão para pegar a dela por delicadeza, mas ela fingiu não ter visto o gesto e foi marchando na frente dele. Nada de toques hoje. Era desastre na certa.

Ela fez as apresentações e assumiu graciosamente seu papel. Todas as mulheres tinham qualidades que, ela acreditava, Slade queria, mas era em Hannah que ela apostava. Beleza morena, corpo curvilíneo e personalidade doce: ela era o pacote completo. A carreira de contadora acrescentava uma seriedade que Slade respeitaria. O pai era um conhecido juiz de Vara de Família e a mãe, professora do ensino médio. Kate ficou satisfeita quando viu a facilidade imediata que os dois tiveram para conversar, falando de direito e de negócios. Voltou para o bar e ficou de olho, sem deixar de dar a eles a privacidade que mereciam.

Enquanto beliscava um coquetel de camarão, viu Slade tomar conta da sala. Imaginou que a presença dele era mesmo um grande trunfo nos tribunais. Não era somente a camisa esticada sobre os ombros largos, nem a graça com a qual ele perambulava de mulher em mulher. Não era nem mesmo o olhar

perfurante, nem o sorriso charmoso. Não, a aura dele pulsava com energia sexual e consciência corporal, às quais nenhuma mulher estava imune.

Incluindo ela.

Kate sentou-se em um dos bancos vermelhos do bar e pegou uma taça de merlot. Que se dane. Ela ficaria mais preocupada se não desejasse Slade Montgomery. Pelo menos, agora sabia que seus hormônios estavam vivos. Só precisava redirecioná-los.

“Quem é o bonitão que te fez ficar aí babando?”

A pergunta provocadora acordou-a. Genevieve deu uma cutucada no ombro dela e sentou-se no banco ao lado. Parecia lindamente despenteada, de jeans, suéter pêssego e coque alto, cheio de mechas soltas. Kate riu e deu um abraço nela. “Você veio! Pensei que você fosse trabalhar um turno extra!”

Gen franziu o nariz. “Não, graças a Deus. Tenho que dar o plantão da noite amanhã, então achei melhor tirar um tempo e vir ver vocês. Embora eu provavelmente devesse aproveitar e dormir, como o David diz.”

“Você pode transar com ele na sala de plantão, tipo no *Grey’s Anatomy*?”, perguntou baixinho.

“Não. Eu uso a sala de plantão pra dormir. Normalmente, quando vou lá eu estou suja, fedorenta e exausta. Sem a menor vontade de sexo.”

“Que decepção.”

“Mas então, quem é o gostoso?”

Kate desviou o olhar para a bunda perfeita dele. Limpou a garganta. “Meu novo cliente. Slade Montgomery.”

“E por que ele precisa da Kinnections?”

“Tá vendo? Foi por isso que eu não te contratei. Você é péssima de relações públicas! Porque ele não tem tempo de escolher uma, dentre as mil mulheres que querem sair com ele.”

“Ele está claramente a fim da morena alta. Como é que algumas mulheres herdam o gene da altura, e eu vim com este de Hobbit?”

Kate deu-lhe um empurrão de brincadeira. “Você não é um Hobbit, sua louca. Você é delicada e linda. Eu te acharia facilmente um par perfeito, se você já não tivesse o seu.”

Gen franziu levemente as sobrancelhas. “Não estou pronta pra casar, ainda sou residente. Estamos só experimentando.”

“Tá bem. Mas você sabe que ele é perfeito pra você. Seu pai e a Alexa são loucos por ele, e eles nunca aprovam ninguém.”

“É. Pode ser.”

A resposta lúgubre fez Kate perguntar: “Você é louca por ele, não é, Gen?”

“Sou, claro. Ele tem tudo de bom, e as coisas estão mesmo indo bem. Só não quero que dê azar.”

Kate relaxou. “Eu entendo. E o seu fiel companheiro? Vem hoje?”

“Não. Wolfe disse que está atolado nos detalhes da abertura do Purity. Vai ser daqui a alguns meses e ele agora trabalha o tempo todo.”

Wolfe e Gen se conheceram na NYU e imediatamente se deram bem; ele era agora um amigo próximo

de toda a família e dirigia um hotel cinco estrelas em Manhattan. Ele também ia a muitos dos eventos familiares de Gen.

“Não me admira que vocês formem um par. Trabalhadores ambiciosos unidos.”

“Eu também não te vejo por aí na farra...”

Ela ignorou a observação astuta da amiga e decidiu que não ouviria mais comentários sobre sua vida amorosa. Ou a falta dela. Slade se desvencilhou de Hannah e dirigiu-se ao bar. Seu olhar vinha cheio de propósito e foco.

A calcinha dela ficou molhada.

Maldito!

Gen deu um assovio discreto. “Hum, eu vou procurar a Ken. Boa sorte.”

A amiga desapareceu. Slade se aproximou. Kate molhou os lábios secos e levantou o olhar. “Como estão as coisas? Não quis interferir, porque você parecia estar com tudo sob controle.”

Ele estudou o rosto dela, prestando especial atenção aos lábios recém-molhados. Como se estivesse pronto a mergulhar a cabeça e tirar com beijos a umidade de sua boca. *Concentra, Kate, concentra.* “Tudo bem. Já me misturei o suficiente?”

Ela levantou uma sobrancelha. “Já terminou? Se você não precisa de mais tempo para decidir, tudo bem. Com quem você sentiu mais afinidade?”

“Ninguém.”

“Hã?”

“Quer dizer, elas são todas ótimas. Atraentes. Divertidas. Fiquei bem impressionado com as suas escolhas.”

Ela inclinou a cabeça. “Mas você não se interessou por nenhuma. Quer que eu marque outro evento e te dê algumas outras opções?”

“Não. Estas estão boas.”

A irritação estava a ponto de provocar urticária em Kate. Ela segurou as emoções e lembrou a si mesma que ele era apenas mais um cliente difícil. Nada demais. “O.k. Então com quem você gostaria de marcar um encontro?”

Ele se esticou por trás dela e pegou uma taça de vinho.

“Você escolhe.”

Um grunhido estranho ecoou nos ouvidos dela. “O que você disse? Que é pra eu escolher com quem você vai sair?”

Ele levantou os ombros gigantesco. Parecia mais interessado no vinho, na comida e em conversar com ela. “Claro. Você é a profissional aqui. Sabe o que eu procuro e, provavelmente, já até decidi qual delas é a melhor pra mim. Quem você escolheria?”

“Hannah Easton”, respondeu rapidamente. “Acha que rolou alguma química entre vocês?”

“Claro. Ela é gostosa. E gente boa. Boa escolha — pode marcar.” Olhou para a mesa vazia. “Droga, eu estava na esperança de pegar mais uns bolinhos de caranguejo. Acha que dá pra pedir alguns pro chef?”

Kate apertou os dedos e respirou fundo. De repente, se sentia mais como uma negociadora barata do

que como uma profissional bem preparada e talentosa. O que estava acontecendo ali?

“Você está mesmo comprometido com este processo? Porque não parece muito entusiasmado. Você tem que estar...”

“Aberto. Eu sei. Eu estou.” Ele desviou o olhar e estudou-a com uma intensidade capaz de arrancar a camada exterior da pele dela e expor sua verdade interior. O perfume masculino, uma mistura de tabaco, especiarias e um toque de toranja, invadiu as narinas dela e perturbou-a, como se ela tivesse caído dentro de uma fábrica da Godiva. Que perfume era aquele? Lembrou-se do odor que os vampiros exalavam quando encontravam suas almas gêmeas, em uma de suas séries favoritas, *A irmandade da adaga negra*. Kate travou os joelhos para evitar a tentação de inclinar-se para a frente e dar uma fungada bem grande. E morder o pescoço dele. “Você parece estar só esperando um tropeço meu para cancelar minha inscrição.” O tom bem-humorado da voz dele relaxava as linhas ao redor da boca. “A maioria dos homens se arruma logo com a primeira que você apresenta?”

Ela endireitou a postura. “Não. Mas eu não confio em você.”

Ele se inclinou alguns centímetros. “Sou um advogado de divórcios que sente atração por você. Seria loucura confiar em mim.”

A honestidade descarada e o humor galanteador tiraram toda a graça da resposta espertinha dela. “Então é isso. Vou marcar o encontro com a Hannah. Vai ser por conta da Kinnections, mas depois você precisa discutir os valores comigo. Nada de jatinhos particulares, nem viagens para Las Vegas. Escolha coisas simples e elegantes. Jantar, drinques, dança e ambientes intimistas, onde vocês possam se conhecer.”

“Sim, chefe. Você se livra delas agora ou eu tenho que fazer isso?”

Ela disfarçou uma risada. “Eu vou lá. Vamos primeiro contar para a sortuda, que depois eu resolvo o resto.”

Kate tentou escorregar do banco, mas o salto da bota ficou preso no pé de metal. Slade automaticamente se esticou para ajudá-la, mas a palma de sua mão se queimou ao tocar no braço dela, como se atravessasse a blusa de seda até a pele em brasa.

O corpo dela explodiu em total descontrole. O choque elétrico fez com que ela o empurrasse, em uma tentativa alucinada de se soltar. O banco balançou, e ela caiu no chão.

“Que diabos foi isso?” A expressão chocada dele, ao vê-la caída no chão em um amontoado de membros, deu a ela alguns segundos preciosos. Ele tentou mais uma vez ajudá-la a se levantar, mas ela se encolheu no chão, com as mãos esticadas para a frente. “N-n-não toca em mim. T-t-tô usando pele.”

Ele franziu as sobrancelhas sobre uma nuvem de tempestade azul. “Que tipo de pele é esta? Só se for pele de enguia, pra dar tanto choque. Pelo amor de Deus, deixa eu te ajudar a se levantar.”

Kate se ajoelhou e conseguiu ficar de pé. Assim como as pernas, a língua também estava enrolada dentro da boca, e as antigas limitações reapareceram em suas lembranças, fazendo seu coração acelerar. “B-b-brigada, mas eu tô bem. D-d-desculpa.”

Ele inclinou a cabeça e estudou o rosto dela, como se ela fosse um experimento alienígena enviado para salvar a Terra. Kate fechou os olhos e imaginou uma tela branca, vazia. Paz. Harmonia. Respirou

fundo, concentrando-se para relaxar os músculos e os lábios, tentando voltar ao lugar seguro que criara, recuperar a confiança e permitir-se falar novamente. Quando reabriu os olhos, seus batimentos tinham se normalizado. Devagar, com um toque de música para ajudar os sons a fluir. “Me desculpe por isso. Eu vou parar de usar estas botas, antes que machuque alguém.” Forçou uma risada leve. “Pronto, vamos esquecer esta cena embaraçosa e nos despedir dos convidados.”

“Ainda não.”

Ela congelou. Com um só movimento, ele se aproximou dela e bloqueou seu caminho. Enfiou as mãos nos bolsos e inclinou o corpo para trás, apoiando-se nos calcanhares. A presença poderosa dele a manteve parada, incapaz de fazer qualquer coisa além de esperar. Ele baixou a voz e falou, discretamente.

“Aconteceu a mesma coisa quando nos beijamos. Como explica isso?”

Ela levantou o queixo. “Nada. Foi a pele da bota.”

“Você estava descalça naquele dia. Então, a menos que use calcinha de pele, você está mentindo.” Os olhos dele brilharam interessados. “Você usa calcinha de pele?”

“Não!”

“Então!”

Em pânico, ela perdeu a paciência. Louca para se livrar daquela situação e deixar o assunto para lá, achou melhor despejar uma história qualquer em cima dele.

“Tá bom, eu conto. Eu sou bruxa. Lanço feitiços nos clientes. Eu estava te testando, pra descobrir o que eu tenho que fazer pra te arrumar um par. Satisfeito?”

Isso deveria resolver. Ela havia lido em algum lugar que a melhor maneira de esconder uma pequena verdade era embrulhá-la em um monte de ficção. Ele pareceu avaliar, pensar e julgar a reação dela. Suas coxas tremiam, e sentiu que estava ficando molhada. Meu Deus, ela adorava um cara metido a gênio. Existe alguma coisa mais sexy do que um homem perspicaz?

“Sabe o que me dá mais medo, Kate? Eu acho que parte disso é verdade. Você realmente pôs algum feitiço em mim, porque desde que eu te conheci, fico sonhando em enterrar minha cara no meio das suas coxas e te fazer gozar.”

Ela abriu a boca e, quando falou, o que saiu foi um chiado esquisito. “N-n-não fala assim. Pode acreditar no que quiser, mas me deixa em paz. O que aconteceu foi estranho, mas não vai se repetir. Quero que você se concentre no encontro com a Hannah e siga adiante. Não existem outras opções aqui.”

Kate ajustou os botões da blusa de seda, alisou as calças e girou sobre os saltos, deixando-o para trás. Sentiu o olhar dele queimando suas costas, mas ignorou-o e jurou que iria consertar toda aquela confusão.

Ela não tinha outra escolha.

Precisava ir ver a mãe.

Slade observou-a delicadamente dispensar as outras três mulheres, marcar o encontro com Hannah e encerrar o evento com louvor. Em condições normais, ele estaria se divertindo com sua primeira investida na indústria do amor, mas a mão que continuava a formigar o distraía. Kate Seymour estava escondendo algo importante. E ele iria descobrir tudo.

A mulher o intrigava em todos os aspectos. Sua aparência composta contradizia totalmente o relâmpago que se acendia ao tocá-la e a gagueira que voltava quando ela estava desprevenida.

Fazia com que ele quisesse pegá-la desprevenida de várias outras maneiras... mais prazerosas. Sexo sem limites, sem barreiras.

Os quadris dela mexeram-se graciosamente, e ele lutou contra a ereção que crescia rápido. Malditas calças. Como ela conseguia ser tão sexy, mesmo estando toda coberta? A fenda na camiseta dela revelava uma renda delicada e um decote de dar água na boca. O paletó preto, tipo smoking, com gola de pele, mexeu-se para o lado e cobriu tudo de novo. Este jogo de esconde-esconde estava começando a irritar.

Não deveria ter sido tão direto sobre a intenção de despi-la, mas na hora em que a pele dela deslizou sobre a dele, ele explodiu. Agiu como se não tivesse controle sobre seu próprio corpo, nem sobre o desejo que sentia por ela. Não havia sido seu momento mais brilhante, mas ele teria tempo de sobra para se recuperar.

Ele dava crédito a ela, no entanto. Slade não imaginou que fosse se impressionar com as mulheres do evento, mas as quatro selecionadas eram tudo o que ele procurava. Inteligentes, divertidas e independentes. O estranho era que ele não sentira nenhum tipo de atração física, mas o encontro marcado com Hannah seria mais íntimo e aí alguma coisa talvez pudesse emergir. Será que ele queria mesmo continuar atrás de Kate, uma vez que ela, claramente, não estava interessada? Era melhor tentar se concentrar em uma mulher que quisesse estar com ele e explorar uma possível conexão com ela. Mesmo que não acreditasse em amor no longo prazo, um relacionamento com uma mulher de quem gostasse era algo de que sentia falta. Mas ele ainda não estava pronto para ir embora.

As mulheres dispersaram-se e Kate foi até o bar. Como se percebesse que estava sendo seguida, parou de repente, e ele quase deu um encontrão nela. Olhou para ele com uma das sobrancelhas arqueadas. “Você precisa de mais alguma coisa?”

Ah, ele estava sendo oficialmente dispensado. A graça da situação fez com que quisesse mais. Esta mulher o divertia, com o jeito mandão e a irritação que ele parecia provocar nela. “Achei que pudesse ficar com você um pouco. Afinal, é sexta-feira. Ainda tá cedo.”

Ela cerrou os lábios finos e rosados. “Você podia ter continuado com o evento por mais tempo. As mulheres ficaram bem impressionadas com você.”

“Pelo menos elas ficaram. Já você, me trata como se eu fosse um inconveniente.”

O repelão alarmado dela o deixou satisfeito. “Isso é ridículo. Estou só tentando fazer o meu trabalho.”

“Excelente. Então você pode cuidar do seu novo cliente e me deixar te convidar para um drinque.”

O prazer que sentia em ver a óbvia tentativa dela de vê-lo pelas costas era bem doentio. Talvez estivesse muito mal acostumado com as mulheres que se jogavam em cima dele. Ela bufou de um jeito fofo, mas a educação venceu. “As bebidas são de graça”, respondeu ela, mal-humorada. “Até as dez, pelo menos. Faz parte do acordo que temos com eles.”

“Bom negócio. Outro merlot ou um chardonnay?”

Kate balançou a cabeça. “Merlot.”

Ele foi até o bar, pegou duas taças novas e entregou uma delas a ela. Será que o que o intrigava nela era o mistério? Talvez, se conseguisse derrubar um pouco daquela reserva, acabaria percebendo que ela não era tão interessante quanto imaginara. Afinal, isso acontecia o tempo todo com ele.

“Então, me conta um pouco sobre o começo da Kinnections. Não é muita gente que tem a coragem de começar um negócio novo nesta economia, especialmente um tão arriscado.”

Ela bufou de novo e ele notou que ela não estava mordendo a isca dele. “Espero que você seja melhor no tribunal, quando quer arrancar informações dos depoimentos. Isto foi coisa de amador.”

Slade levantou as mãos, como se estivesse se entregando. “Eu me interesso pela empresa. Pode me processar, então.”

Kate riu. “Tudo bem. Vamos terminar com isso logo. Pode me interrogar, doutor.”

A expectativa tomou conta dele. “Como você decidiu abrir a Kinnections?”

“Nós três nos conhecemos no primeiro ano de faculdade, na Universidade de Nova York. Fizemos um trabalho de grupo de inglês e ficamos muito amigas. Acabamos dividindo um apartamento e, no final, nos formamos juntas.”

Ele balançou a cabeça. “As três amigas gatas botando pra quebrar na faculdade. Os caras não deviam nem ter tempo de se defender.”

Os olhos dela brilharam com uma lembrança e um pouco de dor. “Não era do jeito que você imagina.”

“Em que sentido?”

Ela ficou claramente desconfortável. Ajeitou-se no banco. “A gente não se encaixava bem nas turmas de lá. Provavelmente foi por isso que nos ligamos tão rapidamente.”

“Detalhes?”

“Você não vai me arrancar nenhum.”

Seus instintos de tubarão se acenderam. Slade registrou mentalmente que deveria voltar ao assunto uma outra hora, quando ela estivesse mais receptiva. “Você se formou em quê?”

“Administração de empresas. Sempre sonhei em ser empresária, mas não tinha ideia de que negócio queria abrir. A Arilyn fez psicologia e a Ken, comunicação. Trabalhamos em alguns lugares, mas ficava aquela impressão de que faltava alguma coisa. Uma noite, ficamos bêbadas de cosmopolitans e tivemos a ideia de abrir uma agência de relacionamentos.”

“As mulheres ainda bebem isso, é?”

“Nós, sim.” Os olhos dela brilharam com a lembrança. “No dia seguinte, a gente estava de ressaca,

mas a ideia continuou parecendo excelente. Juntamos nossos recursos, nossos talentos e fomos em frente.”

Ele adorou os colhões. A maioria dos homens-feitos que ele conhecia vivia choramingando que odiava seus empregos, mas morria de medo de correr riscos. “Por que Verily? Acho que vocês ganhariam muito mais dinheiro em Manhattan.”

“Não queríamos competir diretamente com os grandes nomes de lá. A Spindel, a Kelleher e muitas outras nos engoliriam em dois tempos. Verily tem a combinação perfeita de jovens de vinte e tantos ou trinta e poucos, em início de carreira. Aqui somos os maiores do mercado e trabalhamos com uma base de clientes diferenciada. Ainda assim, estamos perto de Manhattan o bastante para fazermos eventos lá quando for preciso e até recrutar pretendentes. Nosso público-alvo tem de vinte e cinco a trinta e cinco anos, e não aceitamos clientes fora desta faixa etária. Isso nos dá um nicho a explorar no mercado.”

Ele assentiu. “Bem bolado. Um brinde às ideias brilhantes que temos quando estamos bêbados.” Bateu com a taça na dela, e ela abriu um sorriso genuíno. O que havia nos ângulos do rosto dela, na franja que caía sobre a testa, na teimosa inclinação do queixo? Separados, não eram extraordinários. Juntos, tinham o poder de deixá-lo praticamente... enfeitiçado.

É, vamos casar e ter filhos, porque você acha que ela é bonita. Isso vai dar muito certo.

Ele ignorou a voz à la Ted que ecoava em sua cabeça. Por algum motivo, ele não imaginou um ursinho de pelúcia engraçado. Era algo mais parecido com um diabinho exultante de dentes escuros. Estremeceu com sua própria insanidade e voltou a se concentrar na conversa. “Os resultados têm sido bons?”

“Dez casamentos em três anos. Uma boa quantidade de noivados. Nada mal. E espero ter mais boas notícias este ano.”

“Algum divórcio?”

Ela mostrou os dentes. “Não. Mas se algum dia acontecer, você vai ser o primeiro a saber. Tente deixar seu cinismo em casa quando for sair com a Hannah, por favor.”

“Claro. Eu sou muito bom nos primeiros encontros.”

“Sim, tenho certeza de que meu desafio vai ser impedi-la de te largar quando chegarem no terceiro. Estatisticamente, é aí que começam a aparecer os verdadeiros aspectos da personalidade.”

“Caramba. Você não deveria ter mais fé nos seus clientes?”

Um cacho de ouro angelical escorregou sobre seu rosto, e ela o afastou. “Não. Eu só tenho que te arrumar uma namorada.”

O olhar dele se fixou no dela. Ele sentiu um calor feroz correndo pelas veias, arranhando sua pele por dentro. Meu Deus, tudo que ele queria era jogá-la na parede e arrancar, com beijos, aquela expressão arrogante do rosto dela. Deslizar os dedos entre as coxas dela e ouvir seus gemidos, torturando-a até que explodisse. Se sentisse mais um choque ao tocar nela, será que seria como pegar fogo? Notou um movimento dentro das calças e controlou a respiração, para evitar constrangimentos. Precisava se lembrar da razão pela qual estava passando por tudo aquilo. Por que namorar uma casamenteira seria um desastre, química à parte.

Sua irmã.

Provar que elas eram uma fraude e proteger Jane. Apesar de que a ideia de que fossem verdadeiras estelionárias vinha esmorecendo. Nos últimos tempos, ele tinha começado a achar que elas realmente acreditavam naquela maluquice ridícula de felizes-para-sempre. E se não eram criminosas, só equivocadas, ele tinha um problema ainda maior.

Porque ter esperança e acreditar em um conceito impossível não era crime, nem podia ser punido pela lei. Com habilidade, Slade mudou de assunto. “A Ken e a Arilyn são casadas?”

“Não.”

Ele ponderou sobre a resposta e arregaçou as mangas para tentar arrancar dela algumas verdades. “Então, se você é uma bruxa que lança feitiços, como é que ainda não arrumou um amor verdadeiro para as suas melhores amigas?”

O ar entre eles ficou pesado. Kate segurou a taça de vinho com tanta força, que ele teve medo de que fosse quebrá-la. “Elas não estão prontas. E eu estava apenas brincando, doutor. Me certificando de que você não vai me processar por alguma queixa mal-intencionada, como feitiços que não deram certo.”

“Isso é o que você queria que eu achasse, mas eu não acredito em você.”

Ela deu de ombros, delicadamente. “É um direito seu.”

Ele decidiu pressioná-la. “Você dá choque na maioria dos homens em que encosta?”

Kate ficou rígida. “Não sei o que você quer dizer com isso.”

“Sabe, sim. Aquele não foi um beijo qualquer. Foi mais que isso, mas você não quer admitir.”

Bingo. A distância entre eles diminuiu e ela levantou o queixo, irritada. “Não me beije mais e não terá problemas.”

“Isso vai ser um problema.”

“Por quê?”

Ele baixou a voz. “Porque eu gosto de te beijar.”

Ela se afastou. “Pode acreditar em mim, eu sou o oposto do que você precisa.”

“Como você sabe do que eu preciso?”

O tom paquerador pareceu irritá-la. Seus olhos azuis soltaram fagulhas e o fizeram lembrar um tsunami de mau humor.

“Porque eu te entrevistei, lembra? Você só se interessou por mim porque eu não gosto de você. É um tipo perverso de desafio masculino.”

Caramba, isto era mais divertido que sua mais recente batalha judicial. “E por que você não gostaria de mim? Sou charmoso, bem-sucedido, inteligente e ótimo na cama. Quer me testar?”

Ela apertou os olhos. “Conheço o seu jogo, dr. Montgomery. Você entrou nesse negócio como uma brincadeira, só para ficar de olho na sua irmã. Você acha que vai flunar pelos encontros e que vai se divertir me provocando. Mas eu tenho novidades pra você. Eu jogo de acordo com as minhas regras e, ao fim deste contrato, vou ter destruído estes muros que você ergueu e vou ter mostrado para você como é amar alguém. Amar de verdade. Não o tipo de porcarias que você conhece. E vou fazer isso por dois motivos. O primeiro, porque eu sou boa demais no que faço.”

“E qual é o segundo?”

Ela sorriu, calma e deliberadamente, reencarnando Eva e tudo aquilo que um homem abriria mão só para provar um pedacinho da maçã envenenada. “Porque vingança é o máximo.”

Sentiu um estrondo no coração ao ouvir o aviso dela, quase como se tivesse recebido um feitiço de uma cigana barra-pesada. Ela pôs o copo no bar e girou sobre os saltos. “Aonde você vai?”

“Pra casa. A festa acabou e tem alguém esperando por mim. Alguém que me faz lembrar que o amor e as emoções são reais, não um jogo debochado de advogados arrogantes.”

Um medo estranho se revolveu no estômago dele. “Você não me disse que tinha alguém! Quem é que está te esperando em casa?”

Ela olhou para ele com pena. “Ele se chama Robert, e você não é digno de dizer esse nome. Boa noite.”

Kate foi embora e deixou-o imaginando se não tinha posto pressão demais.

Quem diabos era Robert?

E por que ele queria saber?

“Minha querida, que bom te ver aqui!”

Kate passou pela porta e foi engolida pela saudação entusiasmada da mãe. Braços fortes e bronzeados se enroscaram no pescoço dela e apertaram-na como uma jiboia. Os cheiros familiares de incenso e maconha enchiam o ar da casa aconchegante, à beira de um lago, no norte do estado de Nova York, atraindo pedestres com promessas de prazer. Kate abraçou-a de volta e lutou para livrar-se do resto do abraço, na ânsia de respirar. “Mãe, e se a polícia te der um flagrante? Pelo amor de Deus, pelo menos feche a porta e as janelas quando você fuma.” Madeline Seymour riu e balançou a cabeça, claramente se divertindo. O cabelo louro quase branco, parecido com o de Kate, brilhava com os raios de sol.

“Ninguém quer prender uma senhora idosa, minha querida. Quer um pouco? Você está tensa demais, dá pra notar só pela posição dos seus ombros.” O corpo alto e elegante de sua mãe estava decorado com calças de ioga rosa-choque, camiseta regata e suas tradicionais contas de bambu, para melhorar a saúde. Seus pés descalços tocavam de leve o chão gasto de madeira, na direção dos fundos do improvisado estúdio de aula/meditação/drogas. Kate fora criada na era hippie, quando o amor livre, a paz, a saúde e o equilíbrio espiritual eram os fundamentos de uma boa vida. Madeline só comia comidas vegetarianas, vestia tecidos orgânicos, tinha uma horta com ervas capaz de rivalizar com o Mundo das Vitaminas e organizava retiros para mulheres em busca de sua deusa interior. Quando Kate era adolescente, flagrou a mãe nua dançando e cantando, junto com outras mulheres, em volta de uma fogueira e sob a luz da lua cheia. A noite terminou em uma batalha épica com lágrimas, raiva e a promessa de nunca mais falar com a mãe se ela a constrangesse daquela maneira de novo.

Kate respeitava a filosofia dos pais, mas não tinha sido fácil conciliar o mundo real que ela desejava com os ideais ferrenhos da mãe. Arilyn, claro, adorava Madeline e dizia que ela era a última grande hippie de Nova York. Kate tirou o casaco e se acomodou em uma poltrona forrada de roxo. A estátua do Buda dominava o ambiente, que tinha murais pintados nas paredes, para inspirar o relaxamento e o curso das emoções. “Não, obrigada. Manter a sobriedade é uma meta para mim.”

Sua mãe atravessou a sala na maior tranquilidade e se sentou em uma almofada dourada no chão.

Apertou o controle remoto e a cantoria dos monges sumiu de repente. “Acabei de fazer ioga e decidi meditar antes de receber meu cliente de hoje. Ele está com problemas de impotência e pensei em tentar alguns métodos controversos com ele. Preciso de clareza e cabeça aberta para isso.”

Mesmo depois de todos esses anos, a ideia de que a mãe era terapeuta sexual ainda surtia o mesmo efeito. Puro desconforto. E, depois, culpa. Quem gostava de imaginar os pais fazendo sexo, quanto mais com estranhos, para ajudá-los? Além de não conseguir falar direito, ela cresceu tentando esconder do mundo a profissão da mãe. “Muita informação, mãe.”

“Desculpe, querida. Então, o que te traz aqui? Já faz tempo que você não faz uma visitinha...”

Kate se encolheu. “Desculpe. Tenho estado tão ocupada na Kinnections. Está tudo bem com você aqui? Você me diria, se precisasse de alguma coisa, né?”

Madeline sorriu. Com seus mais de cinquenta anos, seu rosto tinha o frescor da pele jovem, sem rugas, lisa como cristal, macia como seda. Profundos olhos azuis iluminavam seu rosto e faziam Kate pensar em Michelle Pfeiffer, uma beleza que a maioria das pessoas não conseguia deixar de notar. “Eu estou ótima. Saindo com uma pessoa maravilhosa que me faz feliz. Você está fazendo sexo, querida?”

Kate suspirou. “Claro, mãe. Sexo à beça, obrigada por perguntar.”

“Não minta. Você está com as emoções tão travadas que a minha pele até coça. Quantas vezes eu já te disse que um bom orgasmo libera toxinas do corpo e da mente? Você recebeu o vibrador que eu te mandei?”

Isso não estava acontecendo. Não era de admirar que ela nunca aparecesse. Kate esforçou-se para ficar calma. “Recebi. Tem tantas velocidades e botões que estou demorando pra avançar no manual de instruções. Hum, será que a gente pode se concentrar aqui?”

“Claro. Me conte o problema.”

“S-s-só queria fazer algumas perguntas. Sobre o papai. Sobre o dom.”

Madeline assentiu, encorajadora. “Você pode me perguntar qualquer coisa. Você sabe o quanto eu amei seu pai e nunca esconderia nada de você.”

Sim. Quantas vezes ela não havia rezado para não saber certas coisas? Às vezes se sentia como se tivesse nascido em uma família que não entendia, com a qual não se identificava, até que o dom apareceu e ela se deu conta de que era do mesmo sangue. Tinha só catorze anos quando o pai morreria de ataque cardíaco, e ela se enfureceu com a capacidade que a mãe teve para seguir em frente. Até compreender mais tarde que havia sido aquela a maneira que Madeline encontrara para lidar com a perda de sua alma gêmea. Os outros homens eram meras distrações, em um mundo que havia perdido a cor, e tentativas desesperadas de preencher um vazio que só seu pai seria capaz de curar.

Por um instante estranho, uma imagem de Slade passou pela sua cabeça. Qual era uma das exigências para a mulher perfeita? Nada de famílias embaraçosas. Meu Deus, ele sairia correndo para as montanhas da Noviça Rebelde se desse uma olhada na mãe dela e ouvisse suas histórias. E por que ela estava pensando nele de novo? O encontro com Hannah haveria de ser perfeito. Ela havia deixado uma mensagem educada na caixa postal dele, perguntando se ele precisava de alguma ajuda, mas ele não tinha retornado. Obviamente, estava com tudo sob controle. Ela só torcia para que ele não quebrasse as regras

sagradas tentando seduzir Hannah.

“Kate? Você disse que tinha perguntas?”

Ela se arrastou de volta para o presente e jurou que não pensaria mais em Slade Montgomery. Nunca mais. De verdade. “Eu sei que você sempre me contou sobre como sentiu a conexão com o papai imediatamente. Mas agora eu quero mais detalhes. Você sentiu isso como? Ficou tonta? Ou a sua pele ficou coçando?”

Madeline sorriu com a lembrança. “Não, não, foi muito mais intenso. Seu pai e eu fomos apertar as mãos, um cumprimento, e sentimos um choque na hora. Foi a coisa mais estranha — como se eu tivesse posto um dedo molhado na tomada. O famoso papagaio do Benjamin Franklin não foi páreo pra gente.”

Merda.

Kate botou o cabelo para trás da orelha e estudou o padrão desenhado no piso de madeira. Só coincidência.

“Depois do choque, você teve a noção de que ele era feito para você? Ou foi só uma química?”

“Claro, foi sexual, mas aquele tipo de choque só vem uma vez na vida. Sempre foi assim na nossa família. Sua avó experimentou os mesmos sinais com seu avô, e daí pra trás, por muitas gerações. Não se preocupe, querida, quando você sentir, você vai saber. Não há maneira de negar. E você vai ver que é, literalmente, o sexo mais poderoso que você já experimentou, como um terremoto.”

Kate ignorou os batimentos enlouquecidos do seu coração e mergulhou de cabeça. “Aconteceu comigo.”

Madeline encarou-a, de olhos arregalados. Sua voz transformou-se em um sussurro íntimo. “Você conheceu sua alma gêmea?”

De jeito nenhum.

Kate ficou de pé e começou a andar. Nunca tinha sentido tanta vontade de fumar um baseado nessa droga de vida. Kennedy se divertiria com esta. “Não, o problema é esse. Ele não é o cara certo pra mim. Não mesmo. Só acho que significa alguma coisa que não estamos percebendo. Ele é cliente da Kinnections e eu acho que tenho que encontrar a alma gêmea dele. Estou convencida de que é uma triangulação defeituosa qualquer.”

Pela primeira vez em anos, ela percebeu uma seriedade no rosto de sua mãe que lhe deu um frio no estômago. Por que ela achara que isto seria simples? Uma explicação rápida, uma visitinha, e de volta à vida normal? “O dom nunca erra”, corrigiu Madeline, com firmeza. “Eu sei que você vai se zangar comigo por isto, mas vai ser mais fácil se você aceitar que este homem é o certo pra você. O que tem de errado com ele? Por que ele não pode ser a sua alma gêmea?”

“P-p-p-porque ele é tudo o que eu não quero!” Os nervos tomaram conta e sufocaram-na, estrangulando o fluxo de palavras e deixando-a sem ar. Kate respirou fundo, visualizou uma tela branca e uma calma melodia para embalar suas sílabas. Quando falou novamente, estava mais calma. “Ele não é o cara certo pra mim. Quando alguém da nossa família sente o toque, o que acontece se a pessoa negar isso? Ou se o toque estiver errado? Isso já aconteceu alguma vez?”

Madeline desviou o olhar. Estudou a estátua laranja do Buda, como se ela pudesse responder à

pergunta. “Bom, já aconteceu uma vez. Antes da sua avó. Uma prima sentiu o toque, mas achou que estava errado. Não se casou com o cara.”

Até que enfim. Parou de andar em círculos e se aproximou. “Agora estamos mais perto. O que houve?”

Sua mãe abriu uma gavetinha, com os dedos trêmulos, e tirou de lá um baseado. Kate engoliu suas críticas, esperando que a fumaça que ia respirar ajudasse a acalmá-la também. “Não posso te dizer.”

A impaciência subiu à cabeça. “Como assim não pode me dizer? Você acabou de falar que ia me responder tudo o que eu perguntasse. Qual é o problema?”

De novo, os olhos de Madeline evitaram os dela. “É só um boato. Você não pode negar o dom dado por Deus. Se fizer isso, haverá consequências.”

Um arrepio percorreu sua espinha. Sentiu-se como se tivesse caído em um filme de terror. “Mãe, eu não tenho tempo pra sustos. Que tipo de consequências?”

“Não sei. Nunca soube de toda a história da prima Rose. Minha avó me disse que era uma lição, que não se podia recusar o homem destinado a você.”

Kate bufou. “Ótimo, somos todas umas bruxas. Não vou queimar na fogueira, vou?”

“Não brinque com isso. Foi uma época trágica para as mulheres.”

“Desculpa.” Ela esfregou as têmporas e tentou se concentrar. “O.k., então, uma coisa ruim acontece se você ignora o dom. Não acho que esteja recusando nada. Eu acho que ele parou de funcionar e eu estou sentindo uma conexão que deveria ser de outro cliente.”

Madeline tragou. A fumaça parecia dar a ela a coragem para encarar a filha. “Tome cuidado, querida. É um território perigoso. Ninguém na família jamais havia usado o dom tão bem quanto você. Você conseguiu transformá-lo numa maneira de unir almas gêmeas. Se você negar seu próprio destino, você não sabe o que pode acontecer.”

“É, as consequências que você não sabe ou não quer me contar. Ótimo. Obrigada pela informação, mãe. Então, o que você está me dizendo é que todo mundo que sente em si o poder do toque tem que aceitá-lo? Como você explicou isso ao papai? E se você tivesse se sentido conectada a um cara qualquer na rua? Você iria atrás dele e falaria que tinha que se casar com ele, senão ia se dar mal?”

Madeline suspirou. “Cada situação é diferente. Claro, casamentos não acontecem de um dia para o outro. Seu pai e eu namoramos por quase um ano antes de nos casarmos, mas a conexão foi vital para o sucesso do nosso relacionamento. Este homem está interessado em você? Algo além de ser um cliente da Kinnections? Você tem algum tipo de relacionamento com ele?”

Kate se lembrou da maneira como ele foi atrás dela no bar. O jeito como a despia com o olhar, a desafiava intelectualmente e a irritava. Lembrou-se da beleza crua do beijo dele, boca na boca, pele na pele, que afastava qualquer pensamento racional, só deixando o desejo de se entregar a ele. Ou seria um tipo próprio de loucura? “Ele é só um cliente”, respondeu com firmeza. “Nada mais, nada menos.”

Madeline assentiu. “Se não há um fluxo óbvio, acho que vai ficar tudo bem.”

“Defina fluxo.”

“Oportunidades para se ver. Conversar, trocar informações. Sempre que ocorre um momento de intimidade, o toque fica mais forte e mais vibrante. Vocês nunca fizeram nada além de se tocar, certo?”

Ah, droga. “Bom, a gente meio que se beijou. Mas foi bem rápido e nunca mais vai acontecer.”

O medo deixou o rosto de Madeline tenso. “Foi elétrico? O melhor beijo que você já deu?”

Foi.

“Não”, respondeu, firme. “F-f-f-foi bom, mas não o melhor.” A mãe olhou para ela *daquele jeito*. “Tá bom”, cedeu ela. “Foi o melhor beijo da minha vida.”

“Isso é ruim, Kate. Muito ruim.”

A irritação bateu. Pelo amor de Deus, ela não acreditava em bruxaria e feitiços. Disse a si mesma que passaria Slade para os cuidados de Kennedy. Se conseguisse manter distância, o negócio todo desapareceria. “E se eu decidir bloquear este tipo de encontro?”

A mãe franziu a testa. “Você vai romper o fluxo de energia. E as conse...”

“Tá bom, já sei”, interrompeu ela. “As consequências virão.”

“Por que este homem é tão errado assim? Ele causou muita dor a outras pessoas?”

Kate olhou para o baseado com inveja. “Ele é um advogado de divórcios.”

Sua mãe se sobressaltou, horrorizada. “Ah, não! A energia negativa provavelmente já tomou conta da aura dele. E eu que desejava um par maravilhoso para você”, divagou.

“Ele não é meu par. Estou te dizendo que é um erro. E eu vou consertar.”

Inspirou a fumaça loucamente doce e torceu para pegar umas rebarbas da onda. Àquela altura, não havia consequências que pudessem competir com o inferno de passar mais tempo com Slade Montgomery. Ele a provocava demais, e eles eram obviamente errados um para o outro. Tinha que haver outra explicação para aquela conexão. O celular tocou a música “Payphone”, do Maroon 5, e ela apertou o botão.

“Sim?”

“Preciso de você. Agora.”

A voz dele vazou pelo telefone, toda quente e cremosa, como os deliciosos sundaes de caramelo e chocolate que ela tentava evitar. Kate piscou através da fumaça. “O que houve? Não vai me dizer que você vai cancelar o encontro com a Hannah, isso é uma grosseria. E como você conseguiu meu número?”

Ele praticamente rosnou para ela. “Não importa. Eu estou ferrado e é por culpa sua.”

“Eu nunca nem encostei em você, esse filho não é meu.”

“Você é muito engraçada mesmo.”

Kate revirou os olhos e aproximou o telefone da orelha. “Escuta aqui. A Hannah cancelou nosso encontro. Ela está gripada, estava tentando ir porque não queria ficar mal, mas desistiu há uma hora.”

“Bom, isso é chato, mas não é culpa dela. Vocês remarçaram?”

“Não quero remarcar. Eu quero é ter alguém pra levar pro jantar hoje.”

Ela esticou as pernas e se encostou confortavelmente nas almofadas. Sua mãe estava ocupada servindo-se de outra xícara de chá japonês. “Desculpe, não estou entendendo. Você não pode ir jantar sozinho? Então pede um delivery.”

Ela ouviu o ranger dos dentes dele do outro lado da linha. “Você não está me escutando. Eu preciso de uma mulher aqui, na minha porta, em uma hora. Tenho que ir a um jantar de negócios, e todo mundo tem

uma acompanhante, menos eu. Estou no páreo para virar sócio do escritório, e se eu não aparecer com alguém incrível, vou sair perdendo pontos importantes. Eu não me esforcei tanto pra estragar tudo agora.”

Os fatos crus do que ele dizia a atingiram como um soco no estômago. Que absurdo. O primeiro encontro com Hannah era um jantar de negócios? Ela sentiu a raiva incendiar suas veias por dentro. “Espera aí. Você está me dizendo que seus planos para o primeiro encontro com Hannah eram levá-la para um jantar de trabalho? Nada de tempo a sós? Você esperava que ela encantasse seus colegas do jeito que você gosta e usou minha empresa para fazer isso?”

Fez-se um curto silêncio. “Você está distorcendo minhas palavras e eu não tenho tempo para isso. Eu apresentei a situação para a Hannah e ela concordou em me ajudar. Disse que não se importava nem um pouco e que estava acostumada com jantares assim, por causa do trabalho e da família. Não foi nada demais.”

A voz dela saiu estridente. “Nada demais? Claro que a Hannah disse que tudo bem. Ela é um doce e sempre tenta ajudar as pessoas, mas você quis usá-la, do mesmo jeito que está usando a Kinnections. Agora, eu estou pensando mesmo em te botar para fora do nosso programa!”

“Não seja dramática. Escuta, você tem que chegar aqui em uma hora.”

O celular quase caiu da mão dela. “O que você disse?”

“Você ouviu. Não posso ir sozinho, você arrumou este encontro para mim, e você vai me arranjar uma substituta. Além do mais, está no contrato. Se você não fizer isso, vou ter motivos para processar vocês.”

Kate piscou. “Essa cláusula indenizatória está lá por uma razão completamente diferente. Diz que se você não ficar satisfeito com os encontros, ou levar um bolo, a Kinnections vai te oferecer uma reposição. Não diz que será na mesma noite!”

“Seus advogados fizeram merda e deveriam ter pensado nisso. Já que o contrato não especifica o prazo, pode ser a mesma noite do encontro, sim. Estou cobrando o meu direito de receber uma substituição em uma hora, ou eu vou entrar na Justiça.”

Ela apertou o iPhone como se fosse o pescoço dele. “Seu filho da mãe. Você não pode fazer isso comigo, nunca vão aceitar este argumento num processo.”

“Experimente. Você tem meu endereço na ficha. Vista algo discreto, mas caprichado. E venha pronta para dar o melhor.”

“N-n-não posso chegar aí em uma hora! Não dá tempo de tomar banho, trocar de roupa e ver se está tudo bem com o Robert.”

“Posso esperar uma hora e meia. Não mais. E sobre o Robert, não me importa o que ele ache — negócio é negócio. Se ele não consegue entender isso, você já deveria ter largado dele há muito tempo.”

“Você é uma pessoa horrível, Slade Montgomery. Mau. Malvado como o-o-o Megamente!”

A risada dele ecoou através do telefone, chegou aos ouvidos dela e acertou-a bem entre as coxas. “Meio velho, mas um ótimo filme. O filho do meu amigo me fez assistir. E você não deve ter visto tudo. O Megamente começa como vilão, mas termina como herói, salvando a garota. Lembra?”

“Você-você-você...”

“Te vejo daqui a pouco. Obrigado por me ajudar.”

Clique.

Kate encarou abobalhada o fundo de tela, uma foto com Ken, Arilyn e ela abraçadas em frente ao logo da Kinnections, com sorrisos alegres nos rostos. Sua mente analisou as ameaças dele. Ela duvidava que ele fosse levá-las a cabo, mas como proprietária de uma empresa que significava tanto para ela, não podia arriscar. E não havia tempo para começar a ligar para clientes e implorar para que elas aceitassem acompanhar um homem arrogante a um jantar de negócios chato. Não. Ela é que tinha que ir. Kate olhou para o relógio, fez alguns cálculos e ficou de pé. “Mãe, eu sinto muito, mas tenho que ir. Tenho uma emergência na Kinnections.”

“Era ele, querida?”

Ela assentiu. “Sim, era ele. Ao menos ele confirmou mais uma vez que jamais será o parceiro que eu preciso para a minha vida. Definitivamente, tem alguma outra coisa acontecendo, então não vou me preocupar. No fim de semana que vem eu volto.”

Madeline se levantou, deu um abraço na filha, daqueles de estrangular, e acompanhou-a até a porta. “Divirta-se. Vou te visitar logo, eu estou com saudade do Robert. Ah, você esqueceu a bolsa, querida.”

A mãe correu até a sala e voltou com a bolsa Coach na mão.

“Obrigada.”

“Não esqueça de usar o vibrador pra liberar a tensão e as toxinas!”

Kate segurou uma risada histérica. “Pode deixar, mãe.”

Foi até o carro. Só o tempo de cuidar de Robert, se trocar e passar alguma maquiagem. Não daria para tomar banho, se depilar nem fazer nenhum cabelo elaborado. Claro, ela havia tomado banho de manhã, então ainda estaria tudo aceitável. Desceu apressada a entrada de carros da casa da mãe e seguiu para casa, usando todos os xingamentos imagináveis para descrever o que pensava a respeito do seu cliente mais insuportável.

“Você chegou cinco minutos atrasada.”

Kate se recusou a responder. Encarou contrariada o vidro fumê do Jaguar e preferiu observar a paisagem. A avenida Henry Hudson era linda quando não havia trânsito. O navio enorme, *U.S.S. Intrepid*, tomava conta do porto todo e a água do rio Hudson parecia ter um milhão de pontos de luz virados para o céu azul-escuro. Lá longe, o topo das montanhas cobertas de neve brilhava com uma força arrogante. Normalmente, um jantar em um exótico bufê brasileiro a deixaria animada. Ela mantinha uma boa relação com a comida e adorava experimentar novos restaurantes. Mas assim que se encontrou com ele em frente ao prédio, vestido para matar com seu terno de grife, que abraçava as coxas poderosas e a bunda como uma amante, ela soube que tinha caído no truque dele. Direitinho.

Com o olhar, ele praticamente a engoliu nos lugares certos; ela tratou de entrar no carro, antes que ele pudesse tocar nela. Por causa dele, a noite tinha virado de cabeça para baixo, ela teve que correr para a cidade e deixar Robert sozinho; e ele agia como se não fosse nada de mais.

“Você não ia me processar.”

Mais uma vez, sentiu o calor que vinha do olhar dele, e teve a impressão de que suas coxas ardiavam quando se tocaram, nuas debaixo do vestido curto. Por que ela escolhera esta roupa? Era o que ela sempre usava para eventos de negócios/diversão quando o terninho preto de sempre não dava conta. Mas ela se sentia mais exposta do que nunca, com a bainha que mal chegava ao joelho e o corte justo do tecido azul-real, que mais realçava do que cobria a pele. Se ajeitou no assento com falsa naturalidade, enquanto sentia seu sexo ficar molhado e latejar com a vontade de experimentar a língua dele. Ela nunca havia desejado tanto o sexo oral. Talvez tivesse inalado muita maconha da mãe. O perfume que usava e a toalete rápida que fizera deviam ter disfarçado as evidências, mas ela ainda percebia resquícios da fumaça adocicada no cabelo e na pele. Kate jurou que nunca mais deixaria a mãe fazer essas coisas. Ao menos, não quando ela estivesse no mesmo ambiente. O diabo chegou mesmo a sorrir para ela.

“Provavelmente não”, concordou ele. “Mas não seria muito inteligente da sua parte arriscar.”

Ela cerrou os punhos e controlou a irritação. “Você alguma vez sente remorso pelas suas atitudes? Você arruinou a minha noite de sábado e tratou a Hannah como uma mercadoria, não como uma possível namorada. Você não se envergonha?”

“Minha querida, eu sou um advogado especializado em divórcios. Eu deixei a vergonha para trás no momento em que entrei pelas portas de Harvard.”

Ela desdenhou. “Essas universidades da Ivy League não me impressionam. Até as patricinhas oxigenadas conseguem fazer direito lá.”

Ele reagiu. “Se você está pensando em citar *Legalmente loira*, eu aviso que vou te processar. Eu mal consegui sair vivo daquele lugar e posso te garantir que não havia nenhuma menina daquele tipo por lá.”

“Mesmo assim.” Kate considerou ponto ganho. Parece que o homem ficava bem sensível quando sua formação era atacada. Algo para se lembrar no futuro. E parecia conhecer bem os filmes. “Então, vai me dar um panorama dos engravatados que vamos ter que impressionar?”

Ele guiou o carro na direção das ruas cheias da cidade e imediatamente ficou preso no tráfego. “Bob Myers é o CEO. Travis Hilton é o segundo no comando. São os dois que vão decidir quem vai se juntar a eles na cobertura. Você vai conhecer as mulheres deles. Meu opositor, Samuel Flag, também vai estar lá com a companheira de muito tempo. Os sócios estão tentando decidir entre nós dois.”

“Parece divertido. Tipo ficar na fila do Departamento de Veículos Motorizados na hora do almoço.”

Ele lançou um olhar de alerta. “Seja amável, mas formal. Já é sabido que eles preferem executivos que se dão bem com as mulheres, porque têm toneladas de jantares de negócios. Você costuma se dar bem com outras mulheres, certo?”

“Claro. A não ser por uma ou outra luta no ringue de lama, eu me comporto bem.”

“Engraçadinha. Eu já disse a eles que você é contadora e eles ficaram bem impressionados.”

“Hum, eles não gostam das casamenteiras, né?”

Ele apertou o freio com força enquanto o carro da frente deslizava para furar o farol vermelho. “Nenhuma palavra sobre a agência de relacionamentos — isso ia me matar. A sua família vem de uma sólida linhagem de contadores e juízes. Você agora tem seu próprio negócio.”

“Não faz sentido. Por que você tem que aparecer com a acompanhante perfeita? Seus colegas devem saber que você não está namorando ninguém firme. E você disse que ia recomendar a Kinnections se eu te encontrasse uma namorada. Era mentira?”

Ele agarrou o volante com força. “Minha palavra é lei. Eu não minto, mas eu me enrolei. Ouvi a conversa de que os sócios querem recrutar um homem de família para a vaga. Uma idiotice qualquer sobre um advogado de divórcios ser mais confiável quando está comprometido em um relacionamento. Eu entrei em pânico e disse a eles que estava namorando sério.”

“Soa como uma mentira para mim.”

Ele olhou para ela com um ar ameaçado. “Já que você vai me arranjar minha futura mulher, não foi uma mentira. Só uma previsão do futuro.”

“Boa jogada.”

“Me ajude hoje à noite e eu arrumo as coisas depois. Só preciso de um tempo para impressioná-los com meus próprios méritos, não com um relacionamento imaginário que eles aprovem. Enquanto isso, tente fazer o papel da namorada inteligente e devotada.”

Mesmo com fumaça saindo pelos poros, ela cravou as unhas nas palmas das mãos e segurou a raiva. “Bem como naquele filme *Mulheres perfeitas*. E como são caretas estes sócios que você quer ter. Esse tipo de sucesso estereotipado é mesmo tão importante para você? Você quer inventar uma vida perfeita, que mal arranha a superfície da realidade caótica?”

Ele cerrou os lábios. “Eu lido com o caos todos os dias, e não vivo em um mundo de arco-íris e raios de sol. Você se concentra no começo, quando os hormônios e os sonhos dominam tudo. Eu vejo a dor e o sofrimento de dividir filhos, dinheiro e ódio. Então, sim, respondendo sua pergunta, é este o exato mundo

em que eu quero viver. Chegamos.”

As palavras dele tocaram fundo nela. Kate lutou contra o desejo de interrogá-lo um pouco mais. Que tipo de infância ele teve? Os pais eram divorciados? Ela sabia que a ex-mulher o tinha traído, mas parecia haver bem mais do que uma simples infidelidade. Ela abriu a boca para dizer alguma coisa... mas ele se inclinou perto dela e fungou.

“Que cheiro é este?”

Ela abaixou a cabeça e pegou a bolsa. “Perfume. Não vai me dizer que seus desejados sócios são alérgicos?”

“Engraçado, me parece familiar.”

“Provavelmente eu já usei antes. Já terminamos o interrogatório, doutor?”

“Tem uma balinha de menta na bolsa?”

Ela revirou os olhos, meteu a mão lá dentro e, com a outra, segurou a alça. O conteúdo caiu todo no chão. Ótimo. Enquanto recolhia tudo de volta, entregou a ele o tubinho de balas e seus dedos esbarraram em algo fino. Kate franziu o rosto e tirou o objeto da bolsa. Deu de cara com um baseado. Tentou enfiá-lo de volta, mas a respiração pesada dele confirmou a ela que já era tarde demais. Kate olhou para ele. Um brilho perigoso iluminava aqueles olhos de esmeralda. Ele franziu as sobrancelhas. “Eu sabia. Mas que merda, você estava fumando maconha?”

Obrigada, mãe. Ela se concentrou para ficar calma. Jogou o cabelo por cima do ombro. “Não é meu.”

A expressão incrédula dele quase fez a humilhação valer a pena. “Você não disse isso. Você está negando o porte ou o uso?”

“Os dois.” O olhar dele partiu-a ao meio, fazendo-a estremecer incomodada. Como ele tinha a audácia de julgá-la? “Qual é o problema, advogado perfeitinho e bacana de Harvard? Nunca foi pego do lado errado da lei?”

A risada incrédula dele surpreendeu-a. Slade balançou a cabeça. “Não acredito que eu estou tendo esta conversa. Quem é que ia querer armar pra cima de você com um baseado?”

Ela deu de ombros. “Minha mãe.”

Kate não esperou pela resposta dele; abriu a porta do carro e saiu. Pôs o casaco de pele sintética sobre os ombros para se esquentar e equilibrou-se em cima das sandálias de tirinhas do Jimmy Choo, que tinham custado mais do que o casaco e o vestido juntos. Claro, ela acreditava que toda mulher de negócios precisava ter um par de bons sapatos, especialmente se eles estavam em liquidação. Atrasar a conta do aquecimento central tinha valido muito a pena. Ele falou qualquer coisa com o manobrista do estacionamento e se aproximou, empurrando-a para o lado. Graças a Deus, a camada de pele bloqueou a maior parte da corrente elétrica. Ele avançou o nariz perto do cabelo dela e fungou novamente. “Eu estou te levando pra um dos jantares mais importantes da minha vida e você está chapada. É isso o que você faz com o seu *Robert* nas noites de sábado?”

“Já te disse, não estou chapada e não é meu.” Segurou a vontade de mostrar a língua para ele. “E o *Robert* não é da sua conta.”

O olhar dele emitiu centelhas de frustração. Uma calma perigosa pairou sobre ele, e o corpo dela

vibrou de desejo de atender àquele chamado. Uma faísca puramente sexual a atingiu em cheio. Seus mamilos pressionavam a renda do sutiã e sua boceta pulsava pedindo alívio. Como se percebesse a reação dela, ele sussurrou as palavras seguintes bem perto de sua orelha. “Não me provoca, Kate. A não ser que queira ver o que pode acontecer.”

A pele dela ficou toda arrepiada. Kate afastou o pânico e fingiu estar à beira de mais um ataque de gagueira. Limpou a mente, procurou recuperar a compostura e respirou. Quando se acalmou, levantou a cabeça e encontrou logo o olhar dele. “Eu vim aqui pra salvar a sua pele, doutor, então aguenta. Vamos lá. Estamos atrasados.”

Ela se distanciou dele e se dirigiu ao restaurante. A churrascaria Riodizio era um dos mais famosos bufês de comida brasileira da cidade. “Alguma recomendação de última hora antes de me atirar aos lobos?”, perguntou.

Mechas de cabelo cor de caramelo voaram com o vento, cobrindo parte da testa dele. O sobretudo cinza-escuro de cashmere enfatizava seu estilo elegante, definindo-o imediatamente como um banqueiro de Wall Street ou um advogado. Ela já havia saído com os dois tipos e jurara não repetir a experiência. “Seja adorável. E aguente firme.”

Em seguida, já estavam dentro do restaurante. O recepcionista levou-os até uma sala reservada, nos fundos. Kate admirou o pé-direito alto, os elegantes lustres de cristal e o imenso bufê onde uma infinidade de frutos do mar estava exposta sobre o gelo, entre esculturas muito bonitas. Grandes grupos se espremiavam em mesas lotadas, e o burburinho das conversas e risadas ecoava no ar. Ela desceu três degraus e entrou na sala discreta e aconchegante, onde os executivos se encontravam e tomavam decisões.

Hora do show.

Os homens se levantaram rapidamente para cumprimentá-los com apertos de mão firmes que — ainda bem — não dispararam nenhuma descarga elétrica maluca. Bob usava seu cabelo grisalho cortado bem rente à cabeça e tinha a pele bem bronzeada. Provavelmente, por causa do golfe. Ele parecia jogar golfe. Seu olhar afiado analisou-a em tempo recorde, e Kate podia apostar que ele deveria ser literalmente um predador nos tribunais. Sua presença dominante certamente faria qualquer júri querer concordar com o homem. Não era de admirar que fosse o dono.

Travis era seu irmão mais novo, e parecia um pouco mais descontraído, mas seu charme despretenso lhe dava uma certa brutalidade que ela apreciava. Kate imaginou que eles formavam uma boa dupla de bom policial/ mau policial. Ela virou a cabeça na direção do terceiro membro do grupo, Samuel Flag. Ele parecia ter mais ou menos a idade de Slade, com cabelos castanho-avermelhados, lábios finos e traços fortes. Sua risada robusta destoou da seriedade da mesa, mas Kate logo soube que ele era até mais perigoso do que Slade imaginava. Seus olhos acinzentados eram imóveis e inexpressivos como os de um tubarão. O que ele queria, ele conseguia. E sua companheira parecia ser do mesmo tipo. O cabelo ruivo dela era farto e brilhante e combinava bem com seu corpo curvilíneo e o vestido de seda verde-limão. Ela chamava a atenção, mas sem exageros: maquiagem sutil, joias discretas e sapatos neutros equilibravam o visual. Assim como Samuel, lançou sobre eles um olhar esquadrinhador, que

rapidamente tirou conclusões e os desqualificou como adversários para a almejada sociedade.

Kate disfarçou uma risada. Imaginou que não tinha o instinto matador capaz de conquistar o respeito daquela mulher. Samuel rapidamente apresentou-a como Melody, sua noiva.

As outras mulheres pareceram mais receptivas. Linda e Tanya esticaram as mãos para ela calorosamente, o que deixou Kate desconcertada por alguns segundos. Estranho, não houve nenhuma vibração confirmando que tinham se casado com suas almas gêmeas. Nem mesmo um pequeno arrepio. Ela sempre sentia uma sacudidela de reconhecimento quando tocava em um casal casado — pelo menos quando se tratava de um verdadeiro encontro de almas. As duas olhavam para os maridos com a profunda afeição e amor dos casamentos longos, que já ultrapassaram o estágio dos embates enlouquecidos em cima da mesa da cozinha, se resignando às emoções mais profundas do dia a dia caótico da verdadeira convivência. Kate mordeu o lábio, se perguntando por que não sentira nenhuma conexão, mas as apresentações acabaram e ela não tinha mais tempo para processar essa informação nova.

Ela deslizou no banco acolchoado, cruzou as pernas e se preparou para uma longa noite. As mulheres já se conheciam bem, então Kate imaginou que ainda levaria um bom tempo até que pudesse juntar-se à conversa do grupo. Felizmente, não era obrigada a viver uma vida como aquela. Os encontros sociais relacionados à Kinnections eram muito diferentes, e ela sempre detestara as panelinhas cruéis e quase políticas dos negócios, que transformavam adultos em adolescentes conspiradores, ávidos por fazer parte do grupo mais popular. Forçou um sorriso simpático e concentrou sua atenção nas mulheres.

As três sorriram de volta, observando a aparência dela e catalogando tudo para referência futura. Kate imaginou a reação delas, se confessasse a verdade sobre sua condição de proprietária de uma agência de relacionamentos. Slade pareceu adivinhar este pensamento e olhou feio para ela, antes que o garçom viesse anotar o pedido das bebidas.

Linda falou primeiro. “Eles têm um drinque da casa maravilhoso, que eu adoro. Manjericão triturado com um pouco de hortelã. Parecido com um mojito, só que melhor.”

“Hum, soa delicioso”, disse ela.

“A Kate não bebe.”

As palavras foram ditas em voz alta para a mesa, em tom de comando, e fez com que todos assentissem, mostrando que haviam entendido.

“Muitas calorias, né?”, perguntou Melody.

Kate encarou o rosto implacável dele. Este era o castigo que ele ia aplicar nela, por achar que ela era doida? Quase deixou escapar uma risada, mas se segurou a tempo. Ele achava mesmo que estava lidando com uma amadora?

“Eu quero um gim-tônica. A senhora vai querer uma água com gás”, ordenou Slade.

Ela levantou o rosto para o garçom e sorriu docemente. “É uma ocasião especial, certo? Então vou tomar um destes drinques da casa, por favor. Por hoje, eu estou dando um tempo na dieta.”

Slade abriu a boca para contradizê-la, mas desistiu logo em seguida. O primeiro round era dela. Deus sabe o quanto ela precisava de algum álcool para suportar aquilo. Ele balançou a cabeça mas conseguiu disfarçar a irritação. Talvez a coisa acabasse sendo mais divertida do que ela imaginara.

“Então, Kate, Slade disse que você é contadora. Estamos na época de fazer a declaração do imposto de renda e isso deve ser uma loucura pra você”, comentou Linda.

“Sim, eu estou praticamente acorrentada na minha mesa. Slade e eu ficamos animados para vir aqui hoje, porque mal conseguimos sair nesta época do ano.”

Bob lançou um olhar orgulhoso para Slade. “Um casal realmente poderoso, hein? Ah, imagina ser jovem assim de novo, com o futuro pela frente. Lembro de quando comecei o Mayers e Associados, meu irmão e eu dividíamos duas salas e alguns poucos clientes. Mas tínhamos fome, e mais tarde fizemos nosso nome e nos transformamos em um escritório de prestígio em Nova York.”

Linda pôs uma das mãos no ombro do marido e balançou a cabeça. “Ele sempre teve a ambição de ser o melhor. Felizmente, eu também.”

“Você trabalha em quê, Linda?”, perguntou Kate.

“Sou advogada, também.” Os olhos dela brilharam. “Na verdade, eu sou a grande competição do Bob.”

Kate sorriu. “Isso deve ser interessante depois do trabalho.”

“Ah, sim, mas conseguimos acertar as coisas. Respeitamos a ambição do outro. Acho que os casais em que cada um tem seu próprio negócio têm mais desafios, mas também se compreendem melhor. Às vezes, dão mais certo.”

Interessante. Kate se perguntou se aquela era a razão pela qual Slade estava tão determinado a se envolver somente com mulheres estabelecidas na carreira, que tivessem negócios próprios. Ela bebeu um gole do drinque, apreciando a doçura do manjericão, combinada com a frescura do gelo e o ardido do álcool.

“Como se chama a sua empresa de contabilidade, Kate?”, perguntou Travis.

“Kinnections.” O nome escapou rápido demais para voltar atrás, e ela congelou.

Travis inclinou a cabeça. “Nome estranho para uma firma de contadores, não?”

Slade apertou os dedos em volta do copo. Abriu a boca para resgatá-la, mas ela detestava os previsíveis príncipes de cavalo branco. Preferia as princesas que enfrentavam sozinhas os dragões. “Meio que liga os pontos até a sua restituição. Uma brincadeira com as palavras.”

Todos riram. Ela deu mais um gole. Céus, o drinque era bom. Ela ignorou o olhar de alerta do seu acompanhante e pediu outro. Mais um não faria mal, especialmente com a quantidade de carne que ela estava prestes a devorar.

“Esperto”, comentou Melody. “E como vocês dois se conheceram?”

“Eu precisei de um contador, claro”, explicou Slade. “Graças a Deus eu só levei uma ou duas reuniões para conseguir que ela aceitasse um convite para jantar. Ela é muito cara.”

“Aposto que é”, murmurou Samuel.

Kate apertou os olhos para observá-lo. Ele estava analisando os dois, como se sentisse que havia algo mais por baixo daquela aparência de casal recém-apaixonado. Kate respirou fundo e jurou — não importava o quanto Slade a irritasse — que ia ajudá-lo a conquistar a tal sociedade. “É como se fôssemos feitos um para o outro, não é, meu querido?”, cantarolou ela, olhando para Slade através dos

cílios.

Ele rapidamente disfarçou a surpresa. “É, sim.”

“Vocês estão juntos há quanto tempo?”, perguntou Samuel.

“Um mês”, respondeu Slade.

Ele levantou uma sobrancelha. “Tão cedo assim e já pensando em compromisso, Slade?” A voz dele deslizava como uma cobra. “Você sempre pareceu comparar o casamento a um funeral. Ou ao menos era o que falava por aí nas salas de reunião.”

Slade levantou um ombro. “Eu não tinha ainda conhecido a Kate”, disse. “Um dos benefícios de envelhecer é que, quando você finalmente conhece a mulher certa, não precisa de muito tempo para perceber. Você simplesmente sabe.”

Um arrepio sacudiu o corpo dela. As palavras dele bateram fundo e ela quis tanto que fossem verdadeiras, que chegou a dar medo. O que estava acontecendo com ela? Ela ficava tão estranha quando estava na presença dele, como se as palavras falsas que haviam caído da boca dele fossem reais. Como se fossem dirigidas a ela. Kate forçou um sorriso enquanto os casais mais velhos balançavam as cabeças, como se revivessem suas próprias lembranças. Ela também notou que o rosto de Samuel se enrijeceu.

Toma essa.

Bob levantou a mão. “Estou muito feliz por você, Slade. Você sabe que eu acredito que meus sócios devem ter uma vida familiar sólida, senão as horas no escritório te engolem e te mastigam. E eu posso ter boas notícias para você, Kate. Andei procurando por um novo contador. Com a aposentadoria se aproximando, tenho obtido conselhos contraditórios quanto ao imposto de renda, na hora de escolher entre fundos mútuos e ações. Alguns dos meus consultores recomendam comprar ouro em vez de confiar na economia. O que você tem aconselhado aos seus clientes?”

Kate congelou. Que merda. Ela não saberia diferenciar um fundo mútuo de uma conta-corrente. Costumava deixar a matemática mais complicada para Arilyn e seu espírito geek e raramente se envolvia nos investimentos.

Slade riu. “Não se preocupe, Bob. Tenho certeza de que ela pode te dar as dicas depois. Combino com você pra marcar uma hora com ela.”

“Me parece bom. Mas, honestamente, qual é a sua opinião sobre isso, Kate?”

Todo mundo olhou para ela.

Kate limpou a garganta. Que se dane. Tentou se lembrar de alguns comentários de Arilyn sobre o mundo das finanças. “Tenho estimulado meus clientes a investirem em ações. Os riscos valem a pena, se considerarmos os ganhos.”

Bob franziu a testa. “Olha, isto eu ainda não tinha ouvido. Acabei de me dar mal com algumas empresas que pareciam rentáveis, e não estou nem um pouco feliz com isso. O que você está sugerindo?”

Ela torceu o guardanapo no colo e procurou se acalmar. “Agências de relacionamento”, explodiu ela.

Melody inclinou-se para a frente. “Como aquela mulher do canal Bravo? A do reality show em que ela arruma namoradas para os milionários?”

Kate assentiu. “Sim, as novas agências estão tomando conta do mercado e serão a próxima onda

depois da mídia social.”

Travis balançou a cabeça. “Eu tomei um nabo com o Facebook. Não quero mais saber deste tipo de coisa.”

“O amor é a mercadoria que as pessoas mais procuram”, explicou Kate. “Elas não têm tempo para sair e conhecer gente por conta própria. As agências de relacionamentos são a saída para transpor o mundo dos encontros, muito além do eHarmony e outros sites. A personalização é a chave, e os preços acessíveis dos serviços. Acho que será a próxima grande onda.”

“Fascinante”, comentou Bob. “Slade, é uma mulher muito inteligente esta que você tem aqui. Vou dar uma olhada nesse negócio na primeira hora de segunda, depois que marcar uma reunião com você no escritório.”

Kate ficou radiante.

Ele ia estrangulá-la.

Slade manteve a calma com dificuldade, tendo em vista o furacão que era Kate Seymour. Baixou a cabeça e se concentrou na comida, na tentativa de ter alguns minutos para recobrar a sanidade. Ele sabia que correria riscos quando decidiu convidá-la, mas não tinha conseguido pensar em outra saída. Precisava de uma acompanhante, e ela lhe devia uma. Tendo em vista a relação de negócios entre eles, era quase garantido que ela seguiria o roteiro criado por ele. E Kate se saiu muitíssimo bem. Ele agora teria que enfrentar uma tempestade de merda na segunda-feira.

Ela havia encantado todos os convidados. Empunhava a lâmina do sarcasmo e da sagacidade com um fio de humor afiado, que os chefes adoravam. As mulheres, que inicialmente haviam olhado para ela com desconfiança, pareciam agora simpáticas e risonhas. Ela as encorajava a esquecerem as calorias e beberem com ela, e Slade se viu sentado à mesa rodeado de mulheres levemente embriagadas. Teve medo de que Bob e Travis achassem que ela havia exagerado, mas os dois pareciam se divertir e apreciar a conversa um tanto alta e animada das mulheres. As carnes eram servidas em um desfile infinito do inferno vegetariano — porco, carneiro, galinha e diversos tipos de carne de boi, todas em cortes finíssimos, fumegantes, suculentas e tão frescas que ele poderia jurar que a fazenda ficava logo ali nos fundos. Cada cliente recebia um cartão que, quando virado, dava a licença para o garçom repor pratos e bebidas. Ele não acreditava no apetite de Kate, encarando todos os pratos e constantemente virando o cartão para receber mais — tanto que até deu motivo para gracinhas na mesa.

O feitiço tinha virado contra o feiticeiro. Em vez de enfrentar Slade, Kate tinha entrado de corpo e alma no papel de contadora, citando o pai de mentirinha que comandava os tribunais e até mesmo prometendo livrar a Melody de uma multa por excesso de velocidade. Que diabos? Como ele explicaria, na próxima semana, quando Bob não conseguisse encontrar o escritório dela e a Melody não soubesse a que vara ir? A tensão dele aumentava a cada prato, enquanto ela relaxava, comia, bebia, destruía a vida dele e mentia com prazer e desenvoltura.

Mesmo assim, ele a desejava.

Muito. Na hora em que ela desceu do carro e foi até ele com aquele desprezo costumeiro, ele sentiu como se tivesse levado um soco no nariz, no melhor estilo das comédias pastelão. Ela havia acabado com ele.

As pernas, normalmente escondidas em calças, eram de matar — musculosas e longas, com as sandálias sexy de salto alto, cujas tirinhas deliciosas cruzavam o peito do pé até o tornozelo. O vestido simples esforçava-se para ser discreto, o que o tornava o mais sedutor possível aos olhos dos homens. A seda drapeada, de um azul aceso, movia-se com cada passo, enfatizando a curva dos seios dela, o movimento dos quadris e o contorno da bunda. O cabelo, liso, loiro e brilhante, estava solto, com alguns cachos na franja que brincavam de esconder os olhos sensuais. Ela era fogo e gelo, quente e frio, ônix e pérola, e o pau dele estava alerta, igual ao recruta que presta continência a seu superior.

Ele já havia sido alvo da sedução de mulheres muito bonitas. Modelos profissionais, socialites mimadas e atrizes cirurgicamente aperfeiçoadas. O visual dele, sua ocupação e riqueza atraíam uma boa gama, mas ele jamais havia se sentido tão desnorteado como da primeira vez em que viu Kate. Mas tratava-se de muito mais do que beleza. Assim que a viu, sentiu que fluía entre eles uma poderosa energia sexual, impossível de conter. Era como se o universo estivesse empurrando um para o outro. O gosto dela o assombrava: doce e quente, como açúcar que derretia dentro da boca. Sua atitude o desafiava, seu humor o hipnotizava e ele precisava mergulhar mais fundo para resolver este quebra-cabeça. Atrás da fachada, havia uma estrondosa decepção, esperando por ser descoberta. Ele tinha conhecimento disto e aceitava o desfecho, mas mesmo assim tinha que seguir o caminho até satisfazer-se. Era a única maneira de recuperar seu poder, lembrar-se de que não existia nada parecido com perfeição ou alma gêmea. Pelo amor de Deus, ela fumava maconha. E teve a cara de pau de negar, torcendo o nariz como se ele fosse lixo e ela, a rainha de Sabá.

Ele adorava cada minuto da arrogância dela.

Kate fazia o corpo dele tremer de dentro para fora, e agora ele estava amarrado na essência dela. Ela não fazia ideia da força sensual que irradiava. Na verdade, ela o evitava a todo custo, sem querer nem mesmo jogar o jogo dele. E por isso ela o intrigava muito mais do que qualquer outra que ele tivesse conhecido. Pela primeira vez, ele era o perseguidor, e seus velhos instintos haviam acordado para a vida, depois de anos escondidos sob camadas e mais camadas de civilidade. Conquistar. Possuir. Acasalar. Dominar. Obviamente, ele queria caçá-la. Então que fosse. Era hora de testar a decisão dela de não se envolver com ele, e ver se conseguia mudar esse veredicto.

A menos que o misterioso Robert se tornasse um problema. A irritação eriçou seus nervos. Ele precisava de detalhes. Seus instintos diziam que eles não viviam juntos, embora ela se apressasse em citar o nome dele sempre que se sentia ameaçada. A ideia de que ela poderia estar dormindo com alguém dava a ele vontade de uivar para a lua e correr em círculos. Bem primal. Slade traçou o resto do plano para a noite. Ela podia até ter arrancado na frente, mas era ele quem ia ganhar o jogo. Ela mesma, ao beber um pouco demais, havia colaborado para que a armadilha dele desse certo. E se Robert estivesse acordado esperando por ela, talvez eles levassem um papo.

Slade resolveu falar. “Querida, é melhor nós irmos. Já é tarde e eu tenho certeza de que você está

exausta.”

Ela imediatamente percebeu a intenção dele e sorriu, insolente. “Na verdade, eu estou me divertindo muito. Devo ter renovado minhas energias. Outra rodada, meninas?”

As mulheres levantaram os copos. Uma risada levemente alcoolizada ecoou pela mesa. Slade piscou para o chefe e jogou a clássica cartada masculina. “Por mais feliz que eu fique em te ver se divertir, querida, eu quero mesmo é te levar para casa. Agora.”

Ela arregalou ligeiramente os olhos com a sugestão nada velada. Travis e Bob riram e olharam para ele com cumplicidade. “Acho que está decidido. Nós vamos também; acho que Slade está certo, senhoras.”

Ele não deu tempo para Kate reagir. Com movimentos confiantes e econômicos, ajudou-a a vestir o casaco de pele e guiou-a pela porta com a companhia dos colegas de escritório. Não levaram muito tempo para se despedir e pegar os carros no estacionamento. Ela ficou em silêncio, e ele se aproveitou de sua atitude dócil para afivelar o cinto e dirigir-se para fora da cidade.

“Não gostei da maneira como você encerrou a noite”, disse ela, finalmente. Sua voz tinha o tom de uma esnobe puro-sangue. “O seu comentário foi bem grosseiro.”

Ele balançou a cabeça. “Engraçado, porque eu não gostei da maneira como você chegou chapada e embebedou as mulheres dos meus chefes, nem da série infinita de mentiras que você despejou na mesa.”

Ela virou-se para ele, rapidamente. Aqueles olhos azul-bebê estavam cheios de raiva e mais alguma coisa. Algo que ele havia jurado provocar até o fim, para ver no que ia dar. “Já disse que eu não estava chapada. E é isso o que você ganha quando força a barra. Além do mais, eu fiz tudo o que você queria. Banquei a contadora respeitável, a amante dedicada e ainda consegui deixar todo mundo à vontade. Sinto muito se você achou que eu fosse ser um tédio.”

“Eu pedi para você fingir por algumas horas, não para viver o papel de um jeito que agora meu chefe vai ficar querendo saber onde é o seu escritório na Park Avenue, e a Melody nem vai à audiência, porque acha que o seu pai fictício vai tirar as acusações.”

Kate suspirou. “Só fiz o que você mandou. Nada mais, nada menos. Nosso acordo está agora encerrado, com todas as cláusulas cumpridas, e eu não quero mais ouvir nenhuma ameaça de processo.”

Ele olhou para ela com o canto do olho. Ela parecia controlada, mas seus dedos se retorciam no colo como galhos de árvore. “Certo. Tecnicamente, você cumpriu a sua parte no acordo. Então, há quanto tempo você e o Robert estão juntos?”

Ela se endireitou no assento. “Alguns anos.”

“Ele mora com você?”

“A gente tem uma relação profissional e você não precisa saber nada da minha vida pessoal.”

“Só curiosidade. Você parece preocupada por ter deixado ele sozinho. Ele te mantém na coleira?”

“Não, quem faz isso sou eu.”

“Talvez seja este o problema. Eu não cometeria este erro.”

Ela se engasgou e lançou um olhar chocado na direção dele. “Isso é uma afronta. Eu nunca ia deixar homem nenhum mandar em mim, muito menos você. Espera um pouco: na nossa entrevista você não disse

que queria uma mulher para controlar. Você mudou de ideia? Porque se for este o caso, eu vou ter que fazer alguns ajustes no seu perfil.”

Ah, droga, ele estava oficialmente louco por ela. O jeito teimoso como ela se agarrava à relação de negócios mesmo quando seu corpo revelava todos os sinais da atração física só a tornava mais desejável. Ela se encolheu dentro do casaco de pele como se fosse conseguir esconder os mamilos pontudos. Ao contrário, o coração acelerado e a forma como contraiu as coxas diziam tudo o que ele precisava saber. “Digamos que eu mudaria as regras para você. Você não ia gostar de um homem em quem pudesse pisar. Ele teria que ser forte o bastante para te enfrentar.”

Ele se preparou para uma resposta agressiva, mas a surpresa que ela demonstrou revelou que as palavras dele a haviam intrigado. Será que ela seria faminta, exigente e falante na cama? Ou se derreteria nos braços dele e seria doce e submissa aos comandos mais obscuros e sujos que ele desse?

“B-b-bom, a gente não precisa se preocupar com isso, precisa? Você vai remarcar o encontro com a Hannah e vai dar uma oportunidade verdadeira para ela. Nada de jantares de negócios. Por que você está indo para a ponte?”

“Eu vou te levar para casa.”

“Não! Meu carro está parado na sua casa e eu vou precisar dele.”

Ele entrou na ponte Tappan Zee e acelerou na escuridão, concentrado em sua missão. “Você bebeu. Não sei que tipo de homem você pensou que eu fosse, mas eu não deixo uma mulher dirigir a esta hora, sozinha, quando ela está meio altinha. Eu dou um jeito de te mandar o carro amanhã cedo.”

Ela abriu a boca, e em seguida fechou-a. “Mas é fora do seu caminho. Você não sabe onde eu moro.”

“Claro que sei. Perto da Kinnections em Verily.”

Ela estrilou de indignação. “Pare de fuçar na minha vida, doutor. Você não tinha nada que saber estas coisas.”

Ele baixou a voz. “Eu discordo. E pretendo terminar a noite sabendo de muito mais.”

Ela estremeceu, passou os braços em volta do corpo e virou-se para a janela. Slade segurou o sorriso.

Foram até a casa dela em silêncio absoluto. Ele tinha feito o dever de casa, e não teve qualquer dificuldade para cruzar as ruas sinuosas de Verily, até chegar ao extremo da cidade, junto da água. A casinha de telhado inclinado combinava com ela, com sua pintura amarela alegre e o microjardim dominado por um salgueiro-chorão que tomava toda a frente do terreno. Mesmo no escuro, revelava certa estranheza e força, características que ele também reconhecia nela.

Não viu outro carro estacionado quando se aproximou da entrada, mas a luzes da varanda e da sala estavam acesas. “Aqui estamos. Sãos e salvos.”

Ela saiu do carro como uma bala, se atirando na calçada numa confusão de membros. “Obrigada pela carona, a gente se fala amanhã.” Subiu apressada o caminho até a porta, sem olhar para trás.

Slade sorriu. Fechou a porta, trancou o carro e foi subindo calmamente atrás dela.

Ela virou a cabeça para trás. “O que você está fazendo?”

“Te acompanhando até a porta. Posso usar o banheiro, por favor?”

Ela apertou os olhos. Ele imaginou como ficariam aqueles olhos azuis durante o orgasmo. “Tem um

posto de gasolina virando a esquina.”

Ele levantou uma sobrancelha. “Você está me dizendo que eu não posso entrar na sua casa pra ir ao banheiro, mesmo depois de te trazer até aqui? Eu estou com sede, também.”

“Eles vendem garrafinhas de água.”

“Kate.” O nome dela saiu dos lábios dele como um afago, embora ele tivesse a intenção de fazê-lo soar como um aviso. “Não me faça implorar.”

Os dedos dela apertaram a chave com força e ele ouviu um xingamento discreto. “Tá bom. Banheiro, água, e depois você vai embora. Eu estou exausta.”

“Obrigado.”

Ela abriu a porta e ele entrou.

Slade se preparou para encontrar um homem irritado, mal-humorado, com mil perguntas. A adrenalina subiu, preparando-o para o confronto. Disposto a finalmente obter algumas respostas a respeito da mulher que estava começando a causar sérios danos à sanidade dele. Mas ninguém os recebeu. Pelo menos, ninguém humano.

Ele viu um borrão de pelos rolando até eles e ouviu um latido contente. Kate se ajoelhou, estendeu as mãos e envolveu a criatura em um abraço. Afagou suas orelhas, murmurou sons caninos e finalmente encostou a testa na cabeça do cachorro, como se os dois compartilhassem um segredo, um código mental velado.

Robert.

Filho da mãe.

A raiva inicial rapidamente deu lugar ao alívio. Não havia ninguém mais esperando por ela. O último obstáculo tinha desaparecido e só o deixara com uma conclusão que não seria negada.

Slade queria possuí-la.

Ele analisou o abraço humano-canino e notou que as patas traseiras de Robert não se moviam. A corrida até a dona só tinha sido possível com o impulso da barriga e as patas traseiras se arrastando no chão. Metade pit bull, metade alguma mistura esquisita. Marrom, malhado, com uma orelha quebrada, cara amistosa e uma variedade de cicatrizes feias, incluindo uma pelada bem no peito. A pele exposta parecia recente, embora pudesse apostar que já tinha cicatrizado da melhor maneira possível. Briga de canil? Carro? Rinha de cães? As possibilidades eram infinitas.

Ele sempre tivera uma inclinação por cães, mas nunca tinha tido tempo para desenvolver o interesse. Este deveria dar um trabalho dos diabos, especialmente para uma mulher solteira e empresária. Dava para imaginá-la com um labrador clássico que a acompanharia nas corridas, não com um cachorro tão cheio de necessidades especiais.

Uma emoção estranha apertou seu peito enquanto ele observava o amor estampado no rosto dela. Ela era sempre tão fechada quando estava perto dele. Ele queria ser o homem para quem ela olharia daquele jeito. Agora, de onde veio este pensamento?

“Me desculpa, meu amor”, cochichou ela no ouvido dele. “Será que você vai conseguir fazer xixi? Ou eu demorei muito? Mamãe se atrasou e ficou muito tempo fora. Eu devia ter pedido à Shelly pra vir te

ver.” Com movimentos delicados e experientes, passou as mãos na barriga dele e apalpou sua bexiga. “Vamos tentar, acho que dá. Quer sair?”

Robert latiu uma vez.

“O.k., vamos lá.” Pegou uma geringonça que parecia um carrinho e rapidamente afivelou as correias no corpo dele. Robert aguardou com dignidade, olhando para ele com a desconfiança que Slade esperou encontrar no namorado humano dela.

Kate se levantou e olhou séria para ele. “Slade, este é o Robert. Tenho que sair com ele. O banheiro é no corredor, à direita.”

Estupefato, assistiu ao cachorro deslizar sobre o carrinho em direção ao jardim, as rodas girando loucamente no lugar das patas traseiras. Ele não fazia ideia de que uma coisa daquela existia, e nem sonhava em ver um cachorro usando uma.

Slade foi rapidamente ao banheiro e depois saiu pela varanda para encontrá-los. Robert parecia ter conseguido fazer as suas necessidades debaixo da árvore, e depois começou a trotar, dando voltas ao redor do tronco. A risada de Kate ecoou com o vento frio.

“O que aconteceu com ele?”, perguntou.

Ela enrijeceu os ombros. “Ele estava quase morto, na beira da estrada. Foi jogado de um carro. O veterinário acha que ele conseguiu sair da vala e voltou pra estrada, e foi aí que acabou sendo atropelado de novo, então as patas traseiras foram esmagadas.”

“E você o salvou?”

Ela levantou o rosto. O luar cobriu sua pele, que ganhou um tom de pérola com aquela iluminação. Os lábios rosados se curvaram, como no eterno símbolo do beijo. “Não. Nós nos salvamos um ao outro. Eu só dei a ele o tratamento que ele precisava para viver. Ele merecia alguém que acreditasse nele.”

Ele observou a inclinação teimosa do queixo dela e se perguntou quais segredos teria. Por que uma mulher vibrante e bonita como ela precisava ser salva? Havia algo escondido ali, e ele precisava desvendar. O advogado dentro dele gritava pelo desafio de investigar mais profundamente. “Por quê? Ele não era seu, certo? O veterinário não sugeriu que você o sacrificasse, por causa das lesões graves?”

As barreiras se dissiparam quando a raiva se reacendeu. Ela se inclinou e seu claro cabelo dourado parecia um halo diabólico em volta da cabeça. “Sacrificá-lo seria a saída mais fácil, certo? Menos contas pra pagar, nenhuma responsabilidade, nenhum problema. Mas talvez as pessoas mereçam mais do que o que é fácil. Talvez haja muita gente imperfeita por aí, com dificuldades e problemas que nenhum indivíduo normal e são gostaria de assumir.” Os olhos dela brilhavam e sua pele pálida estava vermelha. A voz tremia com a profundidade das emoções. “Talvez merecêssemos uma chance. Quando eu olhei dentro dos olhos do Robert, eu vi mais do que um cachorro deficiente. Eu vi uma alma linda, que precisava de alguém que lhe desse uma chance, que havia sido ferida tantas vezes, mas que ainda tinha coragem de tentar mais uma vez comigo. Ele estava disposto a tentar mais uma vez e confiar em mim.” Ela piscou, como se estivesse segurando as lágrimas. “Não pensei no dinheiro, nem no tempo, nem no sacrifício. Porque o que eu recebi de volta foi muito mais. Você não precisa ser jogado fora, se está meio quebrado. O Robert me fez acreditar de novo, e eu não me importo se você acha tudo isso uma tremenda

bobeira.”

Slade bloqueou o impulso de agarrá-la em seus braços e beijá-la, por mais que ele queimasse seu corpo. Mais uma vez sentir o calor da pele dela, a suavidade de sua boca e seu perfume almiscarado. Ele estava comovido pelo tanto que ela havia dado, sem saber. Outra camada se movia e se encaixava de novo, revelando mais um pouco de quem ela realmente era. Aquela mulher lutava pelo que, ou por quem, acreditava. Era uma leoa que protegia seu cão e confiava na pureza da alma. Sua grandeza o surpreendera, mas ela precisava de tempo para processar o que acabara de admitir. E ele precisava de tempo para recobrar o equilíbrio.

“Não acho que você seja boba”, disse ele, gentilmente. “Acho que a grande bênção da vida do Robert foi encontrar você. Acho que ele teve uma tremenda sorte.”

Uma fagulha de surpresa brilhou nos olhos dela. Fez uma pausa antes de falar. “Na verdade, uma sorte do cão, né?”

“Engraçadinha.” Puxou, brincando, uma mecha solta do cabelo dela. “Posso agora tomar aquela água, ou você vai me botar pra correr?”

Ela sorriu enviesado. “Uma garrafa.”

As rodas rangeram conforme Robert os seguiu até a casa. Kate tirou o carrinho, trocou a água dele e se virou. “Bacon ou manteiga de amendoim?”

Robert latiu duas vezes.

“Ah, mudou hoje. Boa escolha.” Ela pescou um biscoito canino de manteiga de amendoim de dentro do saco e deu a ele. Com um movimento delicado, como se estivesse lidando com um bebê, Robert cerrou os dentes em volta do petisco e saiu arrastando as patas até se acomodar no tapete felpudo.

“Ele te entende mesmo?”, perguntou Slade.

“Claro. Eu faço perguntas o tempo todo. Temos um código, um ou dois latidos.” Ela abriu a geladeira e entregou a Slade uma garrafa gelada de Poland Spring. “O caminho de volta é longo.”

Ele deu um gole grande, enxugou a boca e sorriu. “Eu sei. Se importa se eu sentar um pouco? Estou cansado. Não quero correr o risco de dormir no volante.”

Ela bufou. “Você é bom nisso. Quem sabe, se usar o famoso charme com a Hannah, você não termina arrumando um relacionamento sério? Apaixonado. Feliz.”

“Talvez. No carro, você disse que eu era gostoso. Agora, está admitindo que eu tenho charme, é?”

Ela suspirou, pegou uma garrafa de água para si própria e se dirigiu à sala de estar. Slade foi atrás e notou que a decoração do lado de dentro seguia o clima do exterior. A sala era pequena, com um sofá alegremente amarelo, uma poltrona gasta, um superhome theater e tapetes de crochê jogados sobre o piso de madeira de cerejeira. As cortinas eram de renda delicada, e quadros coloridos enfeitavam as paredes. Uma grande estante ocupava toda uma parede, do chão até o teto. Pilhas de livros disputavam espaço com porta-retratos, estranhos vasos de cerâmica e uma coleção de pequenos Budas de barriga redonda.

Slade disfarçou o interesse na estante, mas passou os olhos pelos livros, intrigado com o gosto dela. Caramba, a coleção de DVDs era respeitável, com várias comédias que normalmente agradavam mais aos homens e algumas boas séries de história da HBO. “Eu gosto da sua casa.”

Ela continuava de pé, mantendo uma boa distância dele. “Obrigada. Serve bem à gente. Por que você ainda está aqui?”

Ele inclinou a cabeça. “Por que você está sempre querendo se livrar de mim?”

Kate pareceu escolher as palavras com cuidado. “Porque eu não quero te dar impressões erradas. Sobre a gente. Meu trabalho é encontrar para você um relacionamento feliz com outra pessoa. Não quero que você perca este objetivo de vista.”

Ele deu um passo adiante. “E se eu te dissesse que tenho meu objetivo bem à vista?”

A conexão entre os dois reagiu como uma corrente viva. O ar ficou mais pesado e ela pareceu estar com dificuldade para respirar. Levantou as mãos como se tentasse livrar-se de um ataque. “N-n-não. Isto é só um teste. Você quer provar que eu sou um truque, lembra? Quer salvar sua irmã das minhas garras malévolas. Ótimo. Mas você vai ter que provar minhas intenções e, por enquanto, você é que não tem sido muito bom em cumprir a sua parte no contrato. Me seduzir é só uma maneira de provar que a Kinnections não funciona. Você é um mestre dos jogos mentais e eu não vou ser a sua próxima vítima.”

Ele deveria ter ficado louco com os insultos. Em vez disso, teve a mais doida vontade de rir e cair em cima dela. Slade fez uma pausa na aproximação para dar a ela um momento para se acalmar. “Você não está se dando muito crédito, né? E se eu te dissesse que não quero continuar ignorando a atração entre a gente? Por que me arrumar com outra mulher se podemos dar certo juntos?”

Os olhos dela se arregalaram, aterrorizados. “N-n-nós somos completamente opostos. Inadequados para qualquer tipo de relacionamento de longo prazo. Acredite em mim, eu vi suas exigências, e eu nunca me encaixaria nelas. Além do mais, eu já te disse um milhão de vezes que eu não saio com clientes.”

“Engraçado, eu acho que a gente combina bastante. E, por mais que eu respeite sua ética empresarial, acho que este negócio entre nós dois está me atrapalhando para encontrar a parceira certa. Eu estou travado e preciso da sua ajuda.”

Ela abriu a boca e em seguida fechou-a, com um gritinho de indignação. “Eu posso ser loira, mas já sou bem rodada. E não do jeito que você está pensando. Mais tipo um monte de homens tentando me vender a ponte do Brooklyn, só por achar que eu sou burra.”

“Eu nunca insultaria sua inteligência, Kate, e você sabe disso. Temos um problema que pode ser resolvido facilmente. Sentimos atração um pelo outro. Me diz, como posso ir de coração aberto me encontrar com a Hannah ou com qualquer outra se estou com fixação em você?”

“Eu não me sinto atraída por você!”

A sólida compostura dela finalmente levou um baque. Slade saboreou um momento de satisfação antes de apresentar seu argumento definitivo. “Mentira. Aposto que se eu puser a minha mão em você — dentro de você — você se desmancha em questão de minutos.”

“Advogado arrogante.”

“Confiante. Quem sabe, se você não tivesse me eletrocutado quando a gente se beijou, eu poderia acreditar em você.”

Ela manteve o silêncio teimoso. Slade deu mais um passo, sem desviar o olhar do rosto dela. Ela respirava em pequenos suspiros acelerados, como se estivesse imaginando o que ele faria quando

chegasse. Ele jurou que ela logo descobriria. “Você alguma vez já se perguntou por que sentiu a necessidade de me enganar falando do Robert? Estou até um pouco constrangido por ter caído nesse velho truque. Muito clichê. Quase tanto quanto achar que uma mulher é homem por causa do apelido dela. Mas você obviamente sentiu que precisava se proteger de mim. Por quê?”

Ela pareceu estar fervendo de irritação. “Eu gosto de privacidade e você estava se metendo demais na minha vida. Você é um cliente. Nada mais, nada menos.”

“Outra mentira. Você tem medo de ficar sozinha comigo, e este medo está no meio do caminho entre a gente. Somos dois adultos que sentem uma intensa atração sexual. Vamos passar a noite juntos. Você diz que não daríamos certo no longo prazo. Tudo bem. Mas não acha que temos a obrigação de pelo menos experimentar?”

Ela bufou tão alto que o som atravessou a sala. Robert levantou a cabeça, estudou os dois, e em seguida, deitou-se novamente no tapete. “Você está propondo que eu fique com você? Desculpe, doutor, não estou interessada, mas o argumento foi bem apresentado.”

Ele baixou a voz e deu mais um passo adiante. “Você não está cansada de fugir? Ninguém se machuca e os dois vão sentir prazer. E eu te prometo que você vai sentir prazer, Kate. Eu não sou um amante egoísta.”

“É o que dizem todos os homens do planeta”, debochou ela.

“Vou gostar de provar minhas palavras com ações.”

Ela balançou a cabeça e deixou escapar uma risada nervosa. “Que tal eu simplesmente acreditar na sua palavra? Meu trabalho é encontrar uma companheira para você, e eu vou fazer isso. Agora gostaria que você fosse embora da minha casa, e nós vamos combinar de apagar esta conversa toda da nossa memória.”

Slade reuniu as forças e tomou uma decisão arriscada. Retirar-se com a ideia já plantada na cabeça dela? Ou forçar o contato físico para que ela não pudesse mais negar? Havia um equilíbrio delicado em jogo, e qualquer movimento errado poderia fazer com que perdesse o caso.

Ele tomou sua decisão.

Pôs a garrafa de água na mesa, endireitou a postura e, calmamente, atravessou a distância entre eles.

Ela ficou parada até o último minuto, quando o pânico pareceu bater. Com os olhos arregalados por causa da óbvia intenção dele, deu passos assustados para trás, até que suas costas se encostaram na parede e já era tarde demais.

“Não quero esquecer esta conversa”, disse ele, suavemente. Moveu-se devagar, mas determinado, esticou a mão para tocar no cabelo dela, apreciando os fios de seda que se eriçavam ao toque. Usou a voz para embrulhá-la em um cobertor aconchegante e seguro.

“Não t-t-toca em mim.”

“Você não está com medo de mim, está, Kate?”

Ela levantou o queixo e esbravejou. “Não seja ridículo. Eu já lidei com cobras bem maiores do que você.”

Ele curvou os lábios e continuou acariciando o cabelo dela, com movimentos suaves. “Que bom. Eu

não quero o seu medo. Não consigo te tirar da minha cabeça. Fico pensando naquele beijo. Você também pensa nisso?”

“Não.”

“Eu penso. Todas as noites. Querendo mais.”

Ela deu um gemido discreto e pareceu tentar encontrar forças para lutar. Slade não deu a ela essa oportunidade. Pôs as duas mãos nos braços nus dela e segurou-a firme, de modo que não havia nada a impedir o toque de pele sobre pele.

E aí aconteceu.

Slade esperava um ligeiro formigamento, mas a explosão entre eles abalou sua sanidade. Um calor abrasador percorreu a palma das suas mãos e explodiu em seu estômago, como se o simples toque desencadeasse uma série maluca de correntes que espocavam uma a uma. Ela deu um gritinho e ele soube que ela também sentia aquilo. Imediatamente, o cérebro dele concentrou-se em um desejo brutal de provocar, possuir, ter prazer. Seu pau cresceu o mais que podia e o sangue engrossou dentro das veias, afastando da cabeça qualquer pensamento racional.

Desta vez, ele estava preparado. Desta vez, ele deixou que a energia tomasse conta e fluísse para dentro de cada célula. O cheiro dela o inundou, um delicioso toque de açúcar e almíscar que invadiu suas narinas e o fez querer bater os pés e bufar como um puro-sangue prestes a acasalar. Aqueles lindos olhos azuis escureceram-se e os lábios cor-de-rosa pálido abriram-se enquanto ela lutava para respirar. Através da seda delicada, ele sentia o toque dos mamilos dela, provocando-o. O corpo dela estremeceu, mas ele já sabia que não era medo, e sim a consciência daquilo que ela não conseguiria mais esconder por muito tempo.

“Não”, gemeu ela, em uma última tentativa de impedi-lo.

Ele baixou a boca e parou a poucos centímetros da dela.

“Sim. Ah, sim.”

Os lábios dele cobriram os dela.

Kate afogou-se. Desde o primeiro toque eletrizante, tudo em que ela vinha lutando para acreditar se desfez no ar. Ela estava entregue, até os ossos, a uma urgência trêmula e um desejo que se recusava a se deixar saciar.

A boca dele era a perfeita combinação de calor delicioso e avidez, e devorou a dela. Ela se abriu para ele sem hesitação, e a língua dele deslizou para tomar posse de tudo. Ele tinha gosto de hortelã, conhaque e chocolate. Ele usou os dentes para morder o lábio inferior dela, passou a língua para aliviar e mergulhou fundo na tentativa de revelar todos os segredos que ela tentava esconder.

Kate se agarrou a ele, enterrando as unhas em seus ombros, e ele pressionou o corpo contra o dela, para ter mais contato. Ela gemeu, entregue, e precisou da força dele para se manter de pé, porque seus joelhos ficaram bambos. Os quadris dele aninharam os dela, a ereção se encaixou entre as coxas dela e uma onda de calor líquido explodiu dentro dela. Tentou se mover para chegar mais perto, na tentativa de

preencher o vazio dolorido que, pouco a pouco, a dilacerava.

Ela já havia estado com outros homens em vários níveis de intimidade física. Ela podia ser tecnicamente virgem, mas considerava-se versada nos caminhos do amor e das preliminares, sendo capaz de se envolver em maneiras criativas e íntimas para satisfazer ao outro e a si mesma. Mas nunca havia sido completamente arrebatada por um desejo tão feroz de sexo: rasgar as roupas, montar em cima dele e enterrar o pau bem fundo dentro dela. Ele se deliciou com os lábios dela, e em seguida desceu para lambe e morder o pescoço, enquanto seus dedos subiam a bainha do vestido até a cintura. Kate jogou a cabeça de um lado para o outro e bateu na parede, incapaz de verbalizar as reações que seu corpo experimentava. Como se soubesse, Slade substituiu qualquer conversa por ação pura. O vestido dela subiu até os quadris e ele imprensou-a mais alto na parede, encaixando a perna dela em seu quadril, para que se abrisse para ele. Suas mãos rapidamente alcançaram as costas dela e abriram o vestido, que caiu para a frente, revelando o sutiã de renda preta. Sua mão quente segurou um dos seios e traçou voltas com os dedos em volta do mamilo; em seguida, apertou-o gentilmente entre o polegar e o indicador e observou o rosto dela.

“Meu Deus!” A mistura de prazer e dor atingiu-a direto na vagina. A pele dela se contraiu e os seios incharam, exigindo mais dele, tudo que ele pudesse dar, de todas as formas que pudesse. Slade baixou o rosto e lambeu o mamilo através da renda áspera, esticando o tecido de tal maneira que o bico duro se projetou contra a barreira. Ele não diminuiu o ritmo frenético, guiado pelo mesmo desejo enlouquecido dela. Seus dedos subiram pela parte interna da coxa dela, numa ameaça sensual que a deixou com a pele toda arrepiada.

“Chega de mentiras.” O fecho frontal do sutiã dela se abriu e os seios ficaram livres. O ar frio percorreu sua pele arrepiada e Kate deixou escapar um gritinho de alívio, arqueando-se contra ele para receber mais dos seus deliciosos dentes e língua. “Diz pra mim que você me quer. Agora.”

Chupou o mamilo dela, e seus dedos dançaram sobre o tecido fino da calcinha preta. Kate estava encharcada de desejo, o clitóris tão inchado que parecia que qualquer mínimo atrito a levaria ao orgasmo. O que estava fazendo? Meu Deus, ele era um cliente, e era completamente errado para ela. Combateu a reação de seu corpo com uma fúria que era puro instinto de sobrevivência, sabendo que se ele a mergulhasse na profundidade febril do sexo, jamais conseguiria voltar à tona para respirar. Céus, ela jamais ia querer voltar à tona.

“Não podemos fazer isso”, gemeu, ao mesmo tempo que outro arrepio percorria seu corpo. O dedo indicador dele acariciou o monte inchado, brincando com a borda do elástico que retinha todos os segredos dela. “Só vai complicar tudo. Vamos discutir isso como pessoas de negócio, racionalmente.”

A risada suave dele alcançou os ouvidos dela ao mesmo tempo que seu hálito quente soprou sobre seu mamilo inchado e dolorido. “Não vou terminar aqui se você ficar falando de negócios.” Levantou a cabeça e olhou diretamente dentro dos olhos dela. Ela mergulhou nas profundezas de esmeralda, tão quentes que pareciam ouro líquido, cheio de poder e desejo masculino, capaz de derrubar barreiras e transformá-las em migalhas. O desejo que marcava os traços dele dizia a Kate que eles tinham ultrapassado havia muito o ponto sem volta, que aquele homem estava decidido a possuí-la, a possuí-la

completamente.

Ela prendeu a respiração, preparando-se para a mudança radical que tanto a apavorava. “Desde o instante em que nos conhecemos, tenho imaginado o seu rosto quando você goza, meus dedos dentro de você, minha língua na sua boca, meu pau enfiado tão apertado dentro de você que a gente não sabe dizer onde um acaba e o outro começa. Eu estou cansado de não te ter. Agora, goza pra mim, Kate, me mostra o que você estava me escondendo todo este tempo.”

Ela o encarou com um fascínio impotente, encantada com a voz e as palavras dele; em seguida, ele pôs a boca sobre a dela, enfiou os dedos sob a calcinha e mergulhou-os dentro dela.

Ele engoliu os gritos dela, recusando-se a deixar que ela lutasse, usando o corpo como uma arma para obrigá-la a dar a ele tudo o que ele exigisse. Com o polegar esfregou o clitóris inchado e com os dedos penetrou o sexo apertado. A língua lutou com a dela, venceu-a e possuiu-a. Os quadris balançaram para a frente e para trás, no ritmo de duelo de corpo, pau e dedos, que tentavam levá-la rapidamente ao limite, até que...

Kate gritou quando o orgasmo tomou conta, o prazer estourando em ondas e partindo-a em pedacinhos. Ele sussurrou o nome dela em triunfo e ajudou-a aproveitar ao máximo o orgasmo. Diminuiu o ritmo, mas apreciou cada espasmo de prazer, enquanto ela se encostava na parede, completamente entregue.

Ele mordiscou os lábios inchados dela, beijou-a na linha do queixo e no pescoço. Os braços dele a seguraram, e ela se sentiu envolvida num casulo de calor e segurança, como se seu corpo percebesse que ele a manteria a salvo, a abraçaria e cuidaria dela como nenhum outro homem jamais fizera. Kate deixou essa estranha linha de pensamentos atravessá-la, porque já era tarde demais para se preocupar com os dramas que viriam quando seu cérebro acordasse do transe.

“Incrível”, ele murmurou no ouvido dela. “Eu poderia assistir você gozar por horas, seria um desafio te levar ao clímax de mil maneiras diferentes.” Sua ereção fez pressão contra a barreira úmida que era a calcinha dela. “Quero te levar pra cama e te foder tantas vezes, que você vai esquecer de todos os homens antes de mim. É assim que eu estou, louco por você. Kate Seymour.”

“Sim.” Ela aguentou firme e disse o que ele queria. “Sim.”

Ele soltou um palavrão. Contraiu os maxilares e pareceu travar todos os músculos, como se lutasse para retomar o controle.

“Mas não hoje.”

Ela piscou, tentando recuperar o foco. “Por quê?”

Ele encostou a testa na dela, como ela fazia tantas vezes com Robert. A intimidade e o carinho do gesto chamaram a atenção dela. “Porque eu quero mais. E você ainda não está pronta. Quis te mostrar o que podemos ter juntos na cama, mas você tem que vir ao meu encontro, Kate. Eu tenho que saber que o seu desejo é tão forte quanto o meu. E não quero que você faça cerimônia no dia seguinte, botando a culpa na bebida, no cansaço, nem na minha insistência.”

Ela se esforçou para recuperar a voz, mas as palavras saíram meio embaralhadas. “Eu não arrumo desculpas para justificar minhas escolhas, doutor. Não se preocupe.”

Ele riu e pressionou os lábios contra os dela num beijo rápido e ríspido. “Eu gosto do jeito como você

fala ‘doutor’, parecendo uma palavra sacana. Posso até preferir que você implore usando meu título, em vez do meu nome. Seria uma batalha interessante.”

A ideia de um desafio sensual provocou um arrepio suave, mas ela conseguiu fazer um comentário. “Como se fosse acontecer.”

“Ah, mas vai.”

“Você está me propondo passar uma noite juntos? Um relacionamento? O que você pretende que seja isto aqui?”

Ele segurou o queixo dela. “Acho que são termos bobos que tentam dar conta de emoções incontroláveis. Caso, relacionamento, ficada. Escolha o título que te deixar mais feliz. Mas faça isso logo, Kate. Não acho que eu possa esperar por muito tempo.”

Ele não deu chance para ela responder. Simplesmente a botou de volta no chão e foi embora, sem olhar para trás.

Kate pediu mais um café mocha e ficou de olho na mesa do canto. O café era um lugar popular para encontrar amigos e pretendentes, perfeito para os dois primeiros encontros oficiais de Jane. Adele cantava nos alto-falantes e o aroma de coco e chocolate pairava ao redor dela em nuvens de vapor. O balcão antigo de carvalho e as mesinhas descombinadas abarrotavam o espaço, mas também criavam um clima aconchegante. Os doces dali eram famosos, e os clientes se deliciavam com cookies amanteigados e cupcakes gostosos, enquanto provavam de uma variedade de grãos, do holístico ao orgânico, e shakes calóricos que davam cáries e falsa energia. Decorado em tons vivos de amarelo e verde, o café era onde os artistas locais expunham seus trabalhos e telas para venda, e por isso sua visão sempre ficava um pouco embaçada, tamanha a vivacidade e a variedade das cores. Ainda assim, esta havia sido uma das razões pelas quais ela tinha decidido se estabelecer em Verily. Ninguém era forasteiro ali, todos eram locais. Kate passara a maior parte da vida tentando se esconder para não falar, com medo de que rissem dela, se sentindo completamente isolada da raça humana por anos demais. Verily a aceitara, forçando-a a misturar-se com todos os tipos de gente. Ela havia crescido muito ali, e agora estava totalmente feliz consigo mesma, com quem era, e para onde ia.

Bem. Mais ou menos.

A imagem de Slade passou pela cabeça dela. Que ele se dane. Uma semana inteira depois daquele episódio, ele vinha seguindo o roteiro com uma educação que a irritava. Ele tinha feito bem em ir embora. Quando ela acordou no dia seguinte, pôs a culpa do beijo e da fraqueza temporária em um monte de fatores. Se tivessem passado a noite juntos, ela teria se arrependido e acabaria, provavelmente, pondo a culpa nele.

Kate deu uma olhada no relógio chique, preto com brilhos. Ele deveria estar se aprontando para o encontro com Hannah. Ela decidiu deixar aquele incidente para trás. Afinal, os dois estavam curiosos, principalmente por causa da estranha conexão. Kate achou melhor remarcar o encontro dele com Hannah e imaginou que assim as coisas voltariam para os eixos. É claro que, quando ligou para ele, toda profissional, ele concordou imediatamente, sem sequer mencionar a noite de sábado. Agiu como se nunca tivesse arrancado um orgasmo do corpo dela, sussurrado safadezas no seu ouvido, nem a beijado com a fome de alguém que luta pela sobrevivência.

Superado. Aquilo estava superado.

Deu um gole no café achocolatado e fez um sinal para Kennedy, quando ela finalmente entrou pela porta. “Oi, querida, como é que vai nossa menina?” Ken deu uma olhada discreta na direção de Jane. Depois de algumas semanas de treinamento com Kennedy e Arilyn, a irmã de Slade demonstrava mais confiança e seus movimentos eram mais calmos.

“Estou tão orgulhosa dela”, disse Kate. “Ela parece estar mais segura de si.”

Ken mexeu os ombros debaixo da jaqueta de couro, sentou-se no banco e pediu um expresso. “Foi uma ideia brilhante marcar só dois encontros pra ela. Jane não se sentiria à vontade em um coquetel, ela precisa do contato pessoal.”

“Sim, um jantar também seria intenso demais. Quero que ela se divirta e que não se assuste com a primeira rodada. Brian e Tim são as escolhas certas.”

“O Tim é o próximo?”

“É, ela tem ainda alguns minutos com o Brian, uma pausa, e depois o Tim. Deste jeito, ela vai ter uma ideia melhor de qual deles a atrai mais.”

“Hum, bom, eu sabia que a aparência não era o problema dela. Engraçado, eu acho que ela é mais bonita do que outras escolhas óbvias, pela simplicidade. A estrutura óssea e a pele dela são incríveis. Esta é mais uma razão pela qual eu adoro uma transformação de estilo bem-feita. Só prova que não tem nada de errado conosco, e sim com as escolhas que fazemos, que nos põem pra baixo.” Uma sombra cruzou o olhar dela, mas desapareceu logo.

Kate estendeu a mão e segurou a da amiga. “Você sempre foi linda, Ken. Por dentro e por fora. Qualquer um que tenha te dito o contrário é um imbecil.”

Ken riu. “Você é ótima pro meu ego, amiga. Digo o mesmo pra você.”

“Obrigada. Hum, tá rolando uma boa linguagem corporal ali entre eles. Pode render mais um encontro. Sem nós duas por perto.”

“Ou você pode ir lá e encostar rapidinho neles pra ver se eles vão dar certo.” Kennedy sorriu. “Você pode dizer que é trapaça. Eu digo que é um bom negócio.”

A inquietação remexeu seu estômago. Ela bateu com os dedos na borda da xícara, com um ritmo aleatório. De jeito nenhum ela confessaria a perda temporária do dom no qual a Kinnections se baseava. Só deixaria as amigas assustadas e tornaria mais difícil para ela ignorar o fato de que alguma coisa estava muito errada. À parte a explosão com Slade, ela não parecia mais capaz de sentir sequer uma cócega, por mais que estivesse perto de um casal casado ou de namorados. O suor brotou na sua testa, mas ela manteve a leveza no tom da voz. “Desculpe, nada de quebrar as regras. Se a Kinnections vai ser um sucesso, será porque trabalhamos baseadas na pesquisa científica, no trabalho duro e nos instintos. Não em um feitiço que eu herdei.”

“Tudo bem. Só queria acelerar as coisas. Por falar em Kinnections, como o Slade está se saindo? Ele e a Hannah deram certo?”

Ela apertou os dedos em volta da asa da xícara e um golpe de ódio lambeu suas veias quando pensou em Slade e Hannah. Kate limpou a garganta. “Ainda não. Eles tiveram que cancelar o encontro na semana passada, mas vão sair hoje.”

Recusou-se a contar a verdade sobre o jantar e o beijo que veio depois. Não diria nada por enquanto. Suas amigas pareciam ter um talento especial para arrancar qualquer segredo que ela tivesse, então era só uma questão de tempo.

“Interessante. Por que você não parece animada com a possibilidade de arrumar alguém para ele?”

Lançou um olhar de censura para a evidente animação da amiga. “Nem começa, Ken. Não preciso de

nenhuma casamenteira desinformada tentando me juntar com ele. Sinto atração por ele, mas é estritamente físico. Emocionalmente, eu sei que ele é a escolha errada pra mim, e eu sou grandinha o suficiente pra reconhecer as limitações e superá-las. Quero uma alma gêmea, não um amante temporário.”

Kennedy estalou a língua. “Pena. Eu o aceitaria como amante a qualquer momento. O que a sua mãe falou da conexão entre vocês dois?”

Kate rezou, pedindo perdão. Não mentir para as melhores amigas era um dos seus dez mandamentos particulares.

“Ela não ficou preocupada. Acho que não é um problema.”

“Ótimo. Você trouxe um pouco de maconha pra mim? A da sua mãe é a melhor.”

Ela revirou os olhos e riu. “Não. Não fala de drogas agora, a Jane está vindo.” Elas observaram quando Brian se levantou, pôs os braços em volta de Jane e deu-lhe um abraço rápido, mas carinhoso. Kate estudou a interação dos dois, reparando na linguagem corporal próxima, nas expressões faciais abertas e nos músculos relaxados. Era uma combinação sólida, perfeita para um encontro mais íntimo, para checar se a atração física aumentava. Jane parecia tão diferente desde a última vez que a vira. As roupas largas tinham sido substituídas por um par de jeans justos, botas de salto e um suéter dourado que iluminava o seu rosto. Confortável, mas chique. Seu cabelo naturalmente encaracolado estava arrumado em ondas generosas e brincava com o par de argolas douradas em suas orelhas. Um batom vermelho era a única maquiagem, atraindo o olhar dos homens para sua boca. Os velhos óculos tinham ido parar no lixo, em favor de novas armações de tartaruga da Coach, que davam a ela o visual de bibliotecária sexy que os homens adoravam. Brian cochichou qualquer coisa no ouvido dela, e Jane riu, antes de se virar e caminhar até o bar. Elas esperaram até que Brian estivesse já longe na rua, fora do campo de visão. Ken sorriu como uma mamãe urso orgulhosa. “Amiga, você arrasou nesse encontro. Conta tudo.”

Kate deu um pequeno cutucão nela. “Conta só o que você se sentir confortável”, corrigiu. “Você acha que a nossa presença aqui te ajudou ou atrapalhou?”

O rosto de Jane, normalmente sério, abriu-se em um sorriso. “Ajudou. Espero que não tenha sido bobeira minha pedir pra vocês virem. Detestaria que Brian pensasse que não consigo vir sozinha a um encontro, mas só queria saber que vocês estavam por perto. Um tipo de Cyrano às avessas, em silêncio.”

Kate tocou no braço dela. “Não, muitos dos nossos clientes pedem para a gente ficar. O que importa é te deixar confortável e relaxada, pra que você possa mesmo ver se os dois têm algo em comum. Você gostou dele?”

As bochechas dela ficaram vermelhas. “Gostei. Temos muita coisa em comum. Ele me olhava nos olhos quando falava e pareceu se interessar pela minha carreira e pela minha pesquisa.”

“A gente pensou que, por dar aulas de poesia, ele imediatamente teria assunto com você. Ainda temos alguns minutos até o Tim chegar. Aqui, eu pedi *biscotti*, vamos dividir.”

Kate mordeu o biscoito de amêndoas e mel, saboreando a textura crocante que contrastava com a doçura, uma combinação deliciosa de duro e macio que fazia dos *biscotti* o lanchinho favorito para acompanhar o vício em café.

“O que acontece se eles não gostarem de mim?”, Jane perguntou.

“Então vocês não são feitos um pro outro”, respondeu Kennedy.

“Lembra do que a gente conversou? Só porque um homem não se sente atraído por você, isso não significa que você tem menos valor. É um toma lá, dá cá. Os mesmos elementos trabalham em favor da mulher. Nós fazemos nosso melhor para escolher os mais promissores e esperamos para ver se alguma coisa acontece.”

Kate assentiu. “Não é uma corrida de cem metros rasos, é uma maratona. Muitas mulheres ficam tão presas a uma rejeição, que a confiança delas vai por água abaixo e elas ficam cegas para um homem que pode estar bem ao lado.”

Jane suspirou. “Você está certa. Eu sou péssima nisso.”

Kate partiu um *biscotti* ao meio e entregou-o para ela. “Você é nova nisso, Jane. Todos nós temos problemas e travas. A gente abriu a Kinnections porque percebemos que as mulheres deveriam estar se divertindo bem mais nessa busca pelo cara certo. Por que o processo tem que ser sofrido?”

Jane avaliou o comentário dela, estudando os próprios dedos enquanto sua mente se afastava. Kate gostava da companhia dela. Quando deixou para trás as expectativas de como a sociedade gostaria que ela se portasse, sua inteligência natural e charme puderam brilhar. Kate se perguntou por que Slade era tão superprotetor. A curiosidade começou a borbulhar dentro dela, e teve que lutar contra a tentação de fazer algumas perguntas casuais sobre o irmão. Ela morria de vontade de saber mais a respeito da infância deles. Além da ex-mulher, será que outras colaboraram para arruinar a capacidade dele de confiar? Arilyn tinha conversado com Jane sobre as questões do passado, mas Kate não gostava de se meter só para matar a curiosidade. Cada uma tinha seu papel na Kinnections e tentavam não invadir a área da outra em nome da amizade. O que Jane confessara para Arilyn era profundamente pessoal e particular.

Kate olhou mais uma vez para o relógio. Àquela hora, eles estariam começando a jantar. Provavelmente, tomando coquetéis enquanto esperavam pela mesa. Será que ele obedeceria e vestiria uma roupa mais casual, do jeito que elas o aconselharam? Será que ele apressaria as coisas para tornar o encontro mais íntimo, ou apreciaria com calma a companhia de Hannah, descobrindo aos poucos cada camada de sua personalidade, como se abrisse as folhas de papel de seda em volta de um presente caro? Será que ele ao menos pensaria no beijo deles, ou já tinha esquecido tudo?

“Terra chamando Kate! O que houve? Você está estranha...”

Ela balançou a cabeça e recuperou o foco. “Desculpa, estou só cansada.”

“Mais pra distraída.” A amiga estudou seu rosto. “Tenho uma ideia. Por que não saímos todas juntas hoje? Uma noite de meninas. Podemos falar dos homens, beber uns drinques e usar uns saltos ridiculamente altos. E dançar. Isso com certeza.”

Em uma sexta-feira normal, Kate estaria com saudade do controle remoto, de Robert e de seu pijama. Mas imaginar Slade com Hannah seria uma tortura durante a noite. Sair de casa e se distrair parecia melhor. Jane pareceu surpresa com o convite.

“Ah, vocês não precisam me incluir só por gentileza. Eu tenho que trabalhar na minha pesquisa.”

“Nada de trabalhar hoje, nenhuma de nós. Você vem conosco, certo, Kate?”

Kate sorriu para Jane. “Claro. A gente vai se divertir, eu preciso mesmo sair. Vou mandar uma mensagem para a Genevieve, e você escreve para a Arilyn. Vamos marcar primeiro no The Grille. Jantamos lá e depois vamos dançar no Mugs. Combinado?”

Jane se iluminou. Estranho, era quase como se ela não tivesse a oportunidade de socializar com frequência. Era provável que, como ela, Jane tivesse se acostumado a ficar sozinha, e este era um hábito difícil de mudar. “O.k., obrigada por me convidar.”

Tim entrou pela porta e deu uma olhada no lugar.

“Eis o solteiro número dois. Está pronta?”

Jane respirou fundo, arrumou o suéter e assentiu. “Sim. Eu posso fazer isto.”

“Lembre-se: seja você mesma. Relaxe. Ele não é assustador, só um alien do sexo oposto, que nunca vamos compreender. Só temos que aprender a lidar com ele e acasalar.”

Jane riu do comentário de Kennedy e foi andando até o Tim. Kate viu quando eles se apresentaram e em seguida se sentaram à mesma mesa para conversar. Ela ficou tentada a chegar mais perto para ver se sentia alguma vibração, mas mais do que trapacear, teve medo de não sentir nada. E isso só a deprimiria mais.

“Se vamos sair hoje, tenho que voltar pra Kinnections e depois ir até em casa ver o Robert. Você pode cuidar disto sozinha?”, perguntou.

Kennedy balançou as unhas pintadas de roxo no ar. “Claro. Põe uma roupa bem sexy hoje. Se você vai continuar insistindo que não quer nada com o sr. Eletricidade, então vai ter que conhecer outro. Eu juro que se você chegar aos trinta intacta, Kate, eu vou contratar um michê pra você.”

Kate caiu na risada. “Para de me ameaçar. Eu prometo me vestir como uma perigete se você sair do meu pé.”

“Combinado. Quero ver muita pele à mostra.”

Kate pôs a língua para fora, pegou a bolsa e foi embora.

Slade sorriu para a mulher extraordinária do outro lado da mesa. Ele tinha que admitir, Kate tinha acertado em todos os quesitos que ele sempre desejou em uma mulher. Além das qualidades físicas, Hannah Easton era uma mulher de negócios realizada. Inteligente, bem-sucedida, com um tipo de senso de humor que o agradava e o qual ele admirava. Se tivesse que listar todas as qualidades de um par perfeito, a foto de Hannah estaria logo ao lado para ilustrar.

Exceto...

Ele não a desejava. Não queria impressá-la na parede, levantar a saia dela e meter os dedos entre as coxas. Ele não queria devorar sua boca, sugar seus lábios e se deliciar com os gemidos roucos que ele arrancaria de sua garganta. Ela não o irritava, nem o virava do avesso, nem fazia sua alma tremer de desejo.

Ah, droga.

Hannah se ofereceu para pagar parte da conta, mas ele rapidamente recusou. Quando saíram do

restaurante, ele pegou no braço dela para guiá-la pela calçada escorregadia. Não sentiu nem um leve lampejo de atração. Com frieza, ele reconhecia todas as qualidades que ela podia ter para criar um bom relacionamento, mas sabia que não era o homem para ela. Deveria dizer isto logo a ela? Ou esperar para dar a notícia à Kate? Ele detestava esta parte. Não era de surpreender que ele detestasse os encontros.

Parou junto ao carro dela. Ela inclinou a cabeça e olhou para ele com os belos olhos castanhos cheios de expectativa. Por um beijo? Ele agiu rápido para evitar a armadilha. Slade se abaixou, beijou a bochecha dela e deu um passo para trás. “Foi ótimo te conhecer, Hannah. Eu tive uma noite maravilhosa, obrigado.”

Ela piscou. “Ah, sim. Eu também, Slade. Espero que a gente possa se ver de novo.”

Ele assentiu como um idiota, desesperado para escapar dali. O grande advogado milionário e malvado estava com medo de magoar uma mulher. Ele era tão panaca. “Sim, eu tenho certeza de que vamos. Dirija com cuidado. E obrigado, mais uma vez.”

Foi cambaleando na direção do estacionamento e, ao longo do caminho, amaldiçoou Kate, a Kinnections e os malditos hormônios dele. Detestava decepcionar uma mulher tão doce, mas antes cedo do que tarde. Perguntou-se se teria sentido atração por ela, se não conhecesse Kate. Não que isso importasse. Ele era um caso perdido.

A ideia de passar uma noite na cama dela incendiava seu cérebro e seu pau. Se conseguisse pelo menos um tempo com ela nua, talvez fosse possível exaurir seus hormônios. Talvez até mesmo se livrar da intensa ligação que pareciam ter. Claro, ele não tinha telefonado a semana toda, para dar a ela um tempo para pensar e processar tudo. Ele esperava que, ao se dar conta de que ele tinha o encontro com Hannah, ela tivesse se tocado.

Slade entrou no carro. De repente, a ideia de voltar para sua casa vazia ficou deprimente. Poderia ligar para alguns amigos e sair para beber. Mas nem isso despertou seu interesse. Talvez pudesse saber da irmã. Vinha tentando dar a ela o espaço que ela desejava, mas vivia preocupado. Digitou o número dela no Bluetooth e saiu com o Jaguar.

“Alô?”

“Jane! Aqui é o seu irmão. Você esqueceu de mim? Ou me trocou por um garanhão?”

A risada dela o fez sorrir. “Muito engraçado. Pra falar a verdade, eu estou indo dançar.”

“Um encontro?”

“Noite de meninas. A Kate e a Kennedy me convidaram pra sair com elas. Estamos indo pro Mugs agora. Tinha me esquecido de como é divertido estar com outras mulheres. Acho que evitei isso por tempo demais.”

A lembrança do corpo dela estendido sem vida no chão piscou na cabeça dele. Slade se ajeitou no banco. Era bom negócio elas terem convidado Jane? Ou não? Kate nunca faria nada para magoá-la, mas alguém se dá conta de suas ações antes que seja tarde demais? Ele manteve o tom leve e tranquilo. “Dançar, é? Parece divertido. Como estão indo os encontros?”

Uma pausa. “Você está me sondando?”

“Estou. Olha, me dá uma palinha. Você é minha irmã caçula e eu estou em crise de abstinência. Não

tenho mais nenhuma outra vida pra xeretar.”

Ela suspirou, mas ele sabia que ela estava rindo. “O.k. Conheci dois caras legais hoje, e vou sair de novo com um deles, o Brian. Ele é professor de poesia.”

“Ótimo. Quero que você fique feliz.”

“Eu estou. E você? Tem saído?”

“Tenho, acabei de voltar de um encontro. Ela era bacana, mas não pra mim.”

“Coitada. Provavelmente já está até meio apaixonada por você”, Jane provocou.

“Tenho certeza de que Kate vai me arrumar outra. Ela vai sair com você hoje?”

“Aham, e está vestida pra matar. Kennedy quer que ela fique com alguém hoje. Falou que ela está se escondendo muito em casa com o cachorro. Parece até você.”

Ele grunhiu. “Eu não tenho cachorro. Escuta, você se incomoda se eu aparecer e tomar um drinque com vocês? Não quero ir pra casa ainda, ia gostar de te ver.”

“Bom, a gente meio que combinou que seria só pra meninas, mas tenho certeza de que não vai ter problema. Você sabe onde é o Mugs?”

“Sei. Estou indo. Chego lá em meia hora.”

“Até já.”

Slade desligou, entrou na pista expressa e seguiu para Verily. Que se dane. Não havia a menor possibilidade de deixar Kate se distrair com outro homem. Não enquanto ele estivesse sofrendo com sonhos sexualmente torturantes e uma ereção que não cedia. Já estava na hora de lembrá-la da atração entre eles.

Se outro homem tocasse nela...

Slade afastou o pensamento e pisou fundo no acelerador.

Kate deu um gole no martíni de chocolate e relaxou com a tagarelice feminina que era tão revigorante quanto uma massagem em um spa. Das fofocas inofensivas sobre as celebridades ao sempre fascinante assunto dos homens, os tópicos mudaram em velocidade inebriante, deixando-a contente por ser mulher.

O Mugs estava lotado, mas elas conseguiram pegar a melhor mesa, bem em frente à pista de dança. Pink gritava suas letras cheias de personalidade e as pessoas balançavam os quadris no ritmo da música. A atmosfera era perfeita para vários propósitos, de dançar e jogar sinuca e dardos, a sentar em longas mesas e desfrutar. Kate abaixou a cabeça e deu uma última olhada.

É, o encontro dele já tinha acabado, com certeza. A não ser que tivessem continuado em casa. Desrespeitando as regras, claro. Ela havia repetido infinitas vezes o mantra que ele deveria seguir: nada de sexo até saber que queria namorar. A ideia de que, em poucos minutos, eles poderiam estar arrancando as roupas um do outro era humilhante para ela, mas jurou que superaria aquilo. Fora apenas um tropeço. Um erro.

“O que você acha daquele cara?”

Ela se voltou para a direção que Kennedy havia sutilmente apontado com a cabeça, para um homem

atraente que olhava atentamente para a mesa delas. Quando Kate levantou a cabeça, o homem acenou com o copo e sorriu. Ela automaticamente devolveu o cumprimento, antes de desviar o olhar.

“É, ele é o cara”, disse Kennedy. “Por que você não vai até lá?”

“Por que não você?”, ela provocou de volta.

“Porque esta noite eu não quero saber de homens. Mas você, minha querida, você precisa de uma noite longe das mulheres.”

Ela fez uma careta. “Eu te amo, Ken, e acho os seus sapatos um tesão, mas não, eu não quero nada com você.”

Jane riu e deu um soluço. Era óbvio que ela não estava acostumada a beber e os dois cosmopolitans já eram suficientes para deixá-la corada, alegre. Kate fez uma nota mental para garantir que ela chegasse em casa em segurança.

“Engraçadinha. Por mim, eu te pegava hoje. Você tá gostosa, Kate.”

Kate sorriu. Ela achava que estava mesmo gostosa. Fazia bastante tempo que ela não caprichava no preto de sempre. A saia era curtíssima e chique, com fendas que deixavam vislumbrar as pernas nuas. A camiseta de paetês destacava o busto e brilhava sob as luzes. Mas os sapatos é que eram de matar. Salto de dez centímetros, com tirinhas de couro que subiam pelas pernas no estilo gladiador. Eram as típicas sandálias “hoje tem”, como dizem por aí, e valiam cada centavo.

Kennedy se aproximou. “Amiga, não desperdice este look com a gente. Vá lá e fale com o cara. Eu te imploro.”

Kate virou-se. Ele estava definitivamente olhando para ela, mas não com aquela cara de tarado que normalmente a assustava. Era mais um olhar que apreciava a aparência dela. Afinal, era exatamente para isso que ela havia escolhido aquela roupa, para receber atenção, não para se camuflar na mobília.

A imagem de Slade e Hannah colados um no outro, se beijando vorazmente, embaçou a visão dela. Slade arrastando-a para o quarto, arrancando as roupas dela. Hannah gemendo, enquanto a língua talentosa dele dançava sobre sua pele.

Kate ficou de pé, pegou seu drinque e encarou as amigas. “Eu vou lá.”

As palmas discretas lhe deram confiança. Foi até o estranho, ignorando o nervosismo, e preferiu uma aproximação honesta.

“Oi. Eu sou a Kate.”

O cara sorriu de volta. “Bruce. Prazer em te conhecer, Kate. Noite só de amigas?”

“É, aliviar um pouco da tensão da semana. Você é daqui?”

“Na verdade, sou de Nyack, mas meus amigos adoram vir ao Mugs, então achei que deveria vir conhecer. Vão chegar mais tarde. E eu estou agradecendo a Deus pelo atraso deles.”

Ela riu e foi se acomodando na dinâmica toma lá, dá cá dos primeiros papos. O cabelo cortado bem curtinho enfatizava o rosto forte e os braços musculosos debaixo da combinação de camisa de botão e jeans. Talvez fosse militar. Quando esbarrou no braço dele, por causa de um encontrão de alguém, houve uma total falta de eletricidade. Mesmo assim, ela não estava nem aí para o dom. Tinha se cansado de julgar a si mesma e todos os homens em quem tocava. Por hoje, queria era ser tola, desencanada, e deixar

rolar. Com o Bruce.

Os acordes provocantes de “Blurred Lines”, do Robin Thicke com o Pharell, tocaram nos altofalantes. “Você quer dançar?”, perguntou ele.

Ela inclinou a cabeça, surpresa. Era raro conhecer homens que se sentissem confortáveis na pista de dança já no primeiro encontro. “Eu adoraria.”

Ele pôs os drinques no bar, segurou na mão dela e guiou-a até a pista. O corpo dele era musculoso como uma rocha, mas parecia alguns centímetros mais baixo do que ela, por causa dos saltos inacreditáveis que ela usava. Ele não pareceu se importar, trazendo-a sem medo para perto do corpo, mantendo ao mesmo tempo um quê de modéstia. Kate se entregou ao chamado da dança, seus braços sobre os ombros dele, contente por não precisar conversar e poder deixar seus corpos se conhecerem.

Uma fragrância amadeirada subiu até suas narinas. Kate suspirou, deixando sair a tensão, satisfeita em aproveitar o toque de um homem, sem maiores exigências. Talvez fosse disto que precisasse. Um homem que pudesse ajudá-la a esquecer, dar prazer, talvez mais. Uma conexão louca não significava nada e, por causa dela, Kate só se metia em confusão, entregando parceiros para outras mulheres e ficando sozinha no fim.

“Oi.” A voz familiar fez com que virasse a cabeça. Deu de cara com Slade, que dançava bem ao lado deles, com Jane nos braços. “Tudo bem?”

Ela piscou. As palavras dele envolveram o cérebro dela como um nevoeiro. “O que você está fazendo aqui? Você tem um encontro.”

Ele sorriu, ofuscando-a com seus dentes perfeitos. “Já acabou.”

Bruce virou-a gentilmente, com certeza morrendo de vontade de se livrar do tagarela ao lado, mas ela se inclinou na direção dele. “Como foi?”

“Incrível. Espera eu te contar do jantar.”

A esperança se despedaçou. Sentiu como se pedras de gelo escorregassem pela espinha, mas controlou a reação, como sobrevivente que era. Bom, ele estava finalmente seguindo em frente. Com Hannah. Não com ela.

Que ótimo.

“Fico contente”, disse ela, se esforçando.

Jane deu um suspiro e balançou a cabeça. “Slade, deixa a pobre da Kate curtir a música. Alguma privacidade, por favor.”

“Opa, desculpa. A gente conversa depois no bar.”

Ela assentiu, forçou um sorriso para o Bruce e tentou aproveitar o abraço dele. Infelizmente, não conseguia deixar de espiar Slade e Jane, imaginando os detalhes do encontro dele. Será que ele tinha ficado com ela? Será que tinham se beijado? Marcado outro encontro para amanhã? Seria rápido demais, ela aconselharia não se apressar.

“Esse cara é seu amigo?”, perguntou Bruce.

Concentra, Kate, concentra. “Só um cliente. Desculpa pela distração.”

“Tudo bem. Não me importo de ser só uma das suas distrações.”

Ela riu com a cantada barata, mas deu a ele o crédito pelo esforço. As mãos dele seguraram com mais força na cintura dela, e ela se aproximou, determinada a relaxar. Eles se movimentavam bem juntos, mas a música terminou e começou a tocar uma batida bem mais dançante, “On the Floor”, da JLo com o Pitbull. Kate aguardou que ele a soltasse, desacostumada a homens que realmente dançassem, mas Bruce abriu um sorriso e seguiu dançando.

Contente com o entusiasmo dele, ela balançou os quadris no ritmo e se deixou levar. Bruce estava ganhando alguns pontos — qualquer homem capaz de uns bons passos de dança merecia crédito.

De repente, sentiu um encontrão pelas costas, e a mão de alguém tocar em seu braço, queimando sua pele.

Kate se virou num sobressalto e deu de cara com Slade. “Desculpa. Você não adora esta música?”, gritou. Obviamente chocada, observou-o replicar, com habilidade, alguns bons passos de hip-hop, o jeans marcando bem a curva da bunda, a camisa branca de grife refletindo a luz e ofuscando o olhar dela como uma explosão de fogos de artifício. Jane acompanhava os passos dele sem nenhum constrangimento, sentindo-se livre com a música, a escuridão e a pista lotada.

Ela levantou a voz, para ser ouvida apesar do som. “Não sabia que você dançava.”

“A maioria das mulheres adora dançar. Nossa mãe ensinou a gente, quando éramos crianças. Me disse que um homem precisa saber como se mexer, se quiser conquistar uma mulher.”

Kate riu. “Mulher esperta.”

“Hum, Kate? Que tal eu te convidar para um drinque?”

Ela levantou os olhos, sem graça. Bruce lançou um olhar feio para Slade, claramente insatisfeito com a conversinha na pista. “Claro.” Acenou para Slade e Jane e deixou a pista atrás do Bruce.

Exatamente aonde deveria ir.

Ele levou-a até um canto mais tranquilo do bar e tentou conseguir a atenção do barman. “Seu cliente parece bem determinado a conversar com você hoje”, comentou. “Em que área você trabalha?”

“Numa agência de relacionamentos.”

Bruce levantou uma sobrancelha. “Tipo um serviço de acompanhantes?”

“Não, tipo o eHarmony, só que sem ser um site.”

Ele levantou a mão, mas o barman o ignorou. “Você vai a vários encontros com homens diferentes?”

Ela se irritou. Deslocou o peso do corpo para o outro pé. “Não, eu sou a dona.”

“Bem ambiciosinha, não é?”

A pergunta provocadora pareceu um tanto machista demais, mas ela decidiu não ligar. “É, acho que sim. Você trabalha em quê?”

“Força Aérea. Eu estive no Iraque.”

A maioria dos militares não entrega seus postos assim tão rapidamente, mas evitou fazer pré-julgamentos. “Foi muito duro?”

“Foi. Mas eu estou pronto pra voltar e distribuir mais umas porradas. Melhor me concentrar no inimigo do que na minha ex-namorada infiel, que me largou quando eu estava lá.”

A esperança dela se apagou. Olhou para ele, o rosto zangado não parecia mais tão tentador; ao

contrário, ela só via nele um tanto de ressentimento e uma boa confusão.

“Sinto muito que você tenha passado por isso. O que fez pelo nosso país é tocante.”

“É mesmo. Quem sabe você não me respeita mais do que a outra mulher? Onde é que está esse barman, droga?”

“Martíni de chocolate?”

Ela virou a cabeça, imediatamente. Slade estendeu um drinque para ela, com um sorriso mal-intencionado nos lábios sensuais. “S-s-sim, obrigada.” Pegou o copo e olhou para o Bruce, cujo rosto parecia uma nuvem de tempestade.

“Desculpa, cara, eu não sabia o que você está tomando, senão tinha trazido um pra você também”, falou Slade. Se enfiou no espaço entre os dois e bateu com a garrafa de Sam Adams na borda do copo dela. “Saúde. Você está se divertindo?”

Kate lutou contra a vontade desesperada de rir. Ele estava sendo totalmente arrogante, sedutor e irritante. Como alguém se defendia disso? Ainda assim, conseguiu fazer cara de descontentamento. “Sim, Bruce e eu estávamos tendo uma ótima noite.”

“Ótimo. Você está muito bonita, aliás. As sandálias são matadoras.”

Sentiu o prazer aflorar. “Obrigada.”

“De nada. Então, eu finalmente fui conhecer o Carbone, perto do Hell’s Kitchen.”

Ela se engasgou. “Foi lá que você marcou seu encontro? Eu estou morrendo de vontade de ir nesse lugar, mas é impossível fazer reserva! A Hannah gostou?”

“Acho que sim. Pedi um *farfalle* negro com lagosta. O molho quase me fez perder os sentidos, e com o chianti, os sabores ricos se combinaram perfeitamente na boca.”

“O que a Hannah comeu?”

“Vitela à parmegiana.”

“E como foi o encontro?”

“Bom. De entrada, pedi mexilhões. Tão frescos, com um molho de tomate apimentado. Juro que nunca comi nada melhor.”

“Você dividiu a entrada com a Hannah?”

Ele franziu a testa e pareceu tentar se lembrar. “Eu ofereci, mas ela não come frutos do mar. Pena.”

“Dividir um prato é uma boa maneira de aumentar a intimidade em um encontro. Mesmo que seja só uma provinha. Me conta mais.”

“Pedi um expresso e um tiramisu de sobremesa. Delícia.”

Kate suspirou, irritada. “Para de falar do menu. Quero saber como foi o encontro.”

Ele deu um gole na cerveja. “Foi bom.”

“Vocês se entenderam? Houve atração? Você quer sair com ela de novo?”

“Ela é muito bacana. Bem-sucedida. Inteligente. Você fez um bom trabalho.”

Ela sentiu o sangue gelar, mas forçou um sorriso. “Fico contente. Pra quando marcaram o segundo encontro?”

“Ah, não, eu não vou sair com ela de novo.”

Ela se engasgou com o martíni. Ele bateu nas costas dela, o que só piorou a situação, por causa das correntes elétricas que criava. “Do que você está falando? Você disse que gostou dela!”

Os olhos cor de esmeralda, em chamas, atraíram o olhar dela, hipnotizando-a sem piedade. O ar ficou preso dentro do seu peito, e ela se sentiu congelar.

“Eu gostei. Mas ela é um pouco perfeita demais. Não quero magoá-la, mas não saiu faísca nenhuma.”

“Você disse que queria uma companheira, uma amiga, uma parceira para a vida. Tenho tentado evitar que você use o sexo para se distanciar. A Hannah pode te dar isso. Muitas vezes a atração surge mais tarde.”

“Eu não quero a Hannah.”

As palavras suaves eram música nos ouvidos dela. As entrelinhas do que ele dizia atingiram-na em cheio. O corpo dele irradiava ondas de calor e o dela imediatamente se relaxara, se abrira, desejando ser tocado e beijado mais uma vez. Em questão de minutos, ele mudara o tom, de casualmente paquerador para sedutor implacável. Baixou a cabeça para falar bem perto do ouvido dela, seu hálito quente fazendo cócegas na concha sensível. “Eu quero você.”

“Não.”

“Não consigo evitar. Por quanto tempo você vai nos torturar? Eu já nem me lembro dos motivos pelos quais estamos tentando evitar isso.”

Ela também não. Quase. Porque logo lembrou que o plano dele era revelar que a Kinnections, e ela, eram fraudes. Ele queria uma companheira que fosse tudo o que ela não era, só acreditava em sexo sem amor, e era um cliente a quem ela prometera encontrar uma parceira. Aquilo estava errado em todos os níveis, mas o corpo dela não se importava, continuava a gemer e ronronar ao ouvir a voz dele.

“É uma confusão que nenhum dos dois precisa viver. Melhor tentar ignorar a atração física e se concentrar no resultado final. Encontrar uma companheira para você. Ajudar a sua irmã. Provar que a Kinnections pode dar certo com os dois.”

“É, e como isso está funcionando pra você, por enquanto? Porque pra mim está sendo uma droga. Meu Deus, que cheiro bom que você tem.”

“A gente não pode continuar com isso”, sussurrou ela.

“Então me deixa te levar pra casa. Resolvemos tudo hoje. Esta noite.”

Uma risada nervosa escapou dos lábios dela. “Sexo não vai resolver. Só vai tornar as coisas ainda mais confusas. Você ainda não aprendeu nada sobre o senso de humor de Deus?”

“Não estou pensando em Deus agora. Estou imaginando o gosto que vou sentir, quando finalmente puder passar a língua entre as suas coxas.”

Ela estremeceu, vacilando, prestes a ceder, mas depois revidou. “Não. Você tem que honrar o contrato. Se a Hannah não era a escolha certa, eu vou achar outra.”

Ele levantou o queixo dela, para que o encarasse. Irritação e desejo se misturavam em uma combinação de verde e dourado. “Você está tão determinada assim a me empurrar pra outra mulher? Disposta a correr o risco? Eu só vou insistir por um tempo, depois vou atrás do que você está me oferecendo. E aí os dois vão sair perdendo.”

Ela engoliu a dor, porque sabia que, se dormisse com aquele homem, ele tiraria dela algo muito mais precioso do que seu corpo. Seu coração. Sua sanidade. Ele a abandonaria depois de saciar-se, desafio encerrado, e ela ficaria a catar os pedaços. Que droga, não. Nunca na vida.

“Ou nós dois ganhamos”, disse ela, calmamente. “Eu acho uma companheira pra você. Consigo provar minha tese. Jane encontra a felicidade. Um círculo perfeito.”

“Tudo bem. A gente faz do seu jeito, então.”

“Você não quer escolher a mulher?”

“Não. Você acha que sabe tudo o que eu preciso e desejo. Então prova. Me mostra a mulher que vai me fazer desistir de você sem me arrepender.”

Seu estômago se embrulhou com a ideia, mas ela reagrupou as forças. “Ótimo. Agora será que você pode me dar licença para eu conversar aqui com...”

“Ele se mandou.”

Kate se virou. Bruce estava conversando com uma loira atrevida do outro lado do bar. Cada um segurava uma cerveja. Kate viu seus planos para a noite irem por água abaixo. E o que a deixou mais irritada foi que nem mesmo se importou. Cerrou os punhos e olhou para Slade. “Para de estragar os meus encontros, por favor? Da próxima vez, lembra que temos um acordo profissional e não fica me perseguindo.”

Ele voltou à postura amistosa e levantou as mãos, como se quisesse mostrar que não era culpado. “Eu estava só te contando do encontro e dançando com a minha irmã. De qualquer jeito, ele tem muita raiva bloqueada. A Arilyn teria um prato cheio com ele.”

Ela rangeu os dentes. “Obrigada pela opinião.”

“Disponha.”

“Vou até o toalete. Obrigada mais uma vez pelo drinque.”

Kate passou rapidamente por ele, sólido como uma rocha, e ziguezagueou pela multidão na direção do banheiro. Se trancou na cabine, sentou no vaso e pôs a cabeça entre os joelhos. *Respira. Não tem que ficar tão chateada por algo que nunca foi seu. Ou alguém.*

Ele a sacudia com não mais que um olhar. Isso não era um bom presságio para a relação de trabalho dos dois. Talvez tivesse que voltar atrás e forçá-lo a tratar somente com Kennedy.

Kate deu um tempo para retomar o controle. Lavou as mãos, checkou o cabelo e saiu.

Aconteceu tudo tão rápido que ela não teve tempo de reagir.

Alguém a segurou com força, levantou-a e arrastou-a pelo corredor. Para um canto escuro ao lado de um armário de casacos abandonado, que ninguém usava. O cheiro amadeirado e de almíscar tomou conta de suas narinas, junto com outro perfume familiar, que acalmou seu instinto de gritar.

“Você está louco?” Ela o empurrou, mas ele quase nem se mexeu. “Você me deixou apavorada, achei que fosse um estuprador.”

“Acho que eu tenho que te mostrar de novo o que você está querendo dispensar.”

O aviso era pura reivindicação sexual e hormônios masculinos em fúria. Kate lutou entre a excitação obscura e o pânico evidente, ciente de que perderia o controle se o beijasse. “Tenho que fazer alterações

na sua ficha. Você com certeza tem um quê de dominador.”

“Engraçado. Recentemente, eu tenho me sentido o escravo nessa relação.”

Ela o ignorou, embora tenha ficado excitada ao se visualizar de joelhos, se entregando a ele de todas as maneiras. “Nós não temos uma relação. Acho que você podia tentar sair com a Emma. Você gostou da companhia dela no coquetel, e ela é diferente da Hannah, menos séria. Ela dá aulas em uma universidade, como a sua irmã, então pode ser que vocês tenham assunto. Ela também tem o tipo físico perfeito.”

Slade sorriu de verdade, fazendo-a se lembrar de um lobo mau muito satisfeito, prestes a mostrar à presa quem é que manda. “Você me deixa louco. Cala a boca, Kate.”

A boca dele cobriu a dela. Ela esperou sentir a força da língua dele, a excitação de ser completamente dominada, mas ele só passou os lábios ligeiramente nos dela, lambendo de leve seu lábio inferior. O gesto só testou ainda mais a sanidade dela. Ela se amoleceu junto dele, provocando-o, e ele fez questão de puni-la direitinho. Sem nunca aplicar a pressão que ela desejava sentir no beijo, ele puxou os mamilos que despontavam na renda delicada da blusa dela e entrelaçou as coxas nas dela.

Kate gemeu e tentou se aproximar.

Ele recuou dois preciosos centímetros e torceu os mamilos dela.

Um desejo ardente atingiu-a no sexo. Ficou na ponta dos pés, condenada por toda a eternidade a ser a escrava sexual dele, sentindo seus seios inchados e doloridos. “Você tem que me deixar entrar”, murmurou ele, mordiscando o lábio inferior dela, mal permitindo o contato entre as bocas, enquanto tirava a mão dos seios e passava-as para o traseiro dela. Cravou os dedos na bunda dela e puxou seu quadril contra o próprio. “Diz pra mim o que você quer, que eu te dou.”

Ela tentou fazer com que ele a beijasse sem ter que dizer nada, deslizando a língua sobre os lábios dele, mas ele negou a passagem, oferecendo somente beijos leves e pouco satisfatórios no queixo e no rosto dela. Ao mesmo tempo, enfiou a mão por baixo de sua saia e deslizou o dedo sobre o traçado da renda úmida da calcinha. O clitóris latejava pedindo alívio, e ela se retorcia querendo mais, porque sabia que um mergulho do dedo dele era o suficiente para levá-la a um orgasmo arrebatador.

Ele soltou uma risada baixa e sacana, enquanto a provocava por cima do tecido molhado. “Não, não. Não vou deixar você gozar dessa vez, só se me implorar. Me deixa entrar, pra eu poder te mostrar o que vai perder se me empurrar pra outra mulher.”

Raiva e frustração se misturaram em uma onda, que percorreu seu corpo como um maremoto. “Foda-se o senhor e os seus joguinhos, doutor.” Ele forçou o joelho contra o sexo dela, e finalmente suas pernas cederam.

“Pode deixar que eu pretendo te foder muito bem. O dia inteiro, a noite inteira, te fazendo gozar de tantas maneiras, que você vai implorar pra eu parar. Mas eu não vou parar, Kate. Vou usar o meu pau, os meus dentes e a minha língua pra te fazer gritar.”

A força dessas palavras arrancou um arrepio dos músculos enfraquecidos dela. Kate xingou-o, odiou-o, mas acabou dizendo o que ele queria ouvir. “Me beija. Bota a sua língua na minha boca e me beija direito.”

“Já estava na hora.”

Ele invadiu sua boca, a língua explorando e lambendo cada recanto molhado. Bebeu sua essência, como um vampiro sugando-lhe a alma. Kate esticou o pescoço para trás e deu-lhe tudo o que ele queria. Ela se entregou ao abraço dele, sem qualquer intenção de poupar-se. O desejo dele, cru e másculo, era um afrodisíaco para a alma solitária dela. Ela enfiou os dedos na cabeça dele e trançou-os no seu cabelo. Ele a prendeu contra a parede, naquele canto mofado, e mostrou tudo que ela estava perdendo e tudo que ele queria dar a ela.

Em seguida, deu um passo atrás.

A respiração dela falhou. Uma névoa de desejo embaçou sua visão. A ereção forçava o tecido da calça enquanto ele olhava para ela, os olhos verde-selva loucos de desejo, uma camada evidente de suor em sua testa.

Ela abriu a boca para dizer que tinha cometido um erro. Que ela também o desejava, que correria o risco, mas era tarde demais.

“Pode marcar o encontro com a Emma na sexta à noite. Boa noite, Kate.”

Ele foi embora.

Kate virou o rosto para a parede, lutando contra as lágrimas e se perguntando por que era tão doloroso conseguir o que queria.

Horas mais tarde, encolhida em sua poltrona favorita, Kate olhava distraída para a TV, que exibia um programa de vendas. Robert roncava ao lado dela, em cima do colchão ortopédico, e seus grunhidos caninos e gemidos baixinhos indicavam que estava sonhando. Uma agitação atiçava seus nervos, e ela se levantou para ir até a estante. Ela não conseguia dormir e precisava parar de pensar em sexo. Com Slade.

Kate pegou alguns livros que havia comprado no sebo, algumas semanas antes, e levou-os com ela para a poltrona. Talvez pudesse fazer alguma pesquisa para a Kinnections. Volta e meia ela encontrava, nos livros, pérolas de informação que ajudavam os clientes ou davam a ela uma ideia nova sobre como explorar relacionamentos em potencial. Folheou alguns e tomou algumas notas mentais, até que sentiu um choque na ponta dos dedos. Kate deu um pulo, irritada, e encontrou o livro com a capa de tecido roxo.

O livro dos feitiços.

Ela se lembrou de quando o encontrara no depósito da loja e do choque esquisito que levara. Estranho. Antes, as descargas elétricas aconteciam somente quando ela encontrava pessoas, nunca com objetos inanimados. Desconfiada, ela estendeu a mão e abriu a capa com cuidado. Sentiu um leve formigamento subir pelo braço, mas nada de dor.

Kate relaxou e folheou o livro. As poucas ilustrações eram muito bonitas, e havia somente um feitiço impresso nas páginas desbotadas. Um cheiro estranho de incenso e fumaça subiu até seu nariz, e ela estremeceu, com um desejo repentino que não compreendia bem. Droga, e se o livro tiver mesmo sido de uma bruxa? Ele tinha algum tipo de poder macabro. Mas o feitiço parecia... bem... puro. Listar as qualidades que uma mulher gostaria de encontrar em um parceiro para a vida. Escrever tudo em dois pedaços de papel. Queimar um deles, e esconder o outro debaixo do colchão.

Kate se lembrou de já ter lido sobre o poder da palavra escrita e da mágica inconsciente dos sonhos, e sentiu um vazio apertar seu coração. Deus, ela estava tão cansada de ficar sozinha. Como seria conhecer alguém que realmente acreditasse no amor e no compromisso? Um homem com quem pudesse amadurecer nesta vida e além. Alguém que enxergasse seus defeitos e a aceitasse como ela era?

Kate fungou e esfregou os olhos. Ridículo. Ela era uma bebezinha. Talvez pudesse levar o livro para Kennedy e ver se alguma das clientes dela acreditaria nele. Às vezes, uma mulher precisava de um placebo para lutar pelo amor. Se achasse que um feitiço poderia ajudá-la, ficaria mais aberta às oportunidades no mundo real. Fechou o livro, decidida a levá-lo para a Kinnections no dia seguinte, quando a ideia se cristalizou diante dela.

Faça o feitiço.

A voz sussurrou em seu ouvido, um agradável burburinho melodioso que lhe deu arrepios. Se encolheu debaixo da manta de crochê e deu uma olhada ao redor. Muito estranho. Ela não acreditava naquelas coisas. Seria ridículo tentar fazer um feitiço de amor. Certo?

Olhou para o livro e sentiu mais uma vez a vontade arrebatadora de seguir as instruções dentro dele. Kate hesitou, enquanto ouvia o ronco de Robert e o anúncio na TV, que vendia o mais recente aparelho de abdominais para emagrecer e ficar com corpinho de vinte anos.

Faça o feitiço.

A solidão tomou conta dela. Talvez precisasse de um placebo também. Talvez, se fizesse aquele feitiço bobo, conseguisse acreditar em alguma coisa que havia perdido no caminho. A confiança e a crença no amor verdadeiro. Em algum lugar. Algum dia.

Agiu rapidamente, antes que pudesse questionar a própria sanidade. Kate destacou duas folhas de papel, pegou uma caneta e escreveu todas as qualidades que sonhava encontrar em um homem. No homem dela. Não pensou, só deixou que a caneta rabiscasse o papel com fúria, abrindo as comportas do seu inconsciente. Dobrou os papéis, foi correndo para o quarto e enfiou um deles debaixo do colchão king size.

Levou algum tempo para encontrar algum recipiente que pudesse conter o fogo, mas finalmente achou um pequeno balde de metal sob a pia. Pegou um isqueiro na gaveta de tralhas da cozinha, rasgou alguns papéis e acendeu a chama.

Kate segurou a lista sobre o fogo e fechou os olhos. Entoou alguns cânticos à Mãe Terra. Respirou fundo, purificando sua energia para enviá-la ao universo. E deixou cair a lista dentro do balde.

Ela observou o papel se retorcer e queimar. Quando virou cinza, jogou alguns pingos de água da pia e apagou as chamas.

Uma sensação intensa de premonição tomou conta dela, e um arrepio desceu por sua espinha. Como se tivesse feito algo que não poderia desfazer, dado o primeiro passo numa trilha que a levaria numa direção totalmente diferente, uma jornada que jamais teria começado, se parasse para analisar friamente.

Kate engoliu em seco e afastou o medo.

Boba. Feitiços de amor não existem, claro. Mas talvez, deixando claro o que queria, tivesse aberto uma porta até então fechada.

Meu Deus, ela vinha exagerando nas aulas de ioga de Arilyn.

Limpou a bagunça, apagou todas as luzes e foi para a cama.

Slade passou a mão no cabelo, ajeitou a gravata e bebeu um copo d'água antes de receber o próximo cliente. Ele estava exausto, mal dormia à noite e sua rotina de trabalho andava enlouquecida, como se estivesse enfrentando um tipo de inferno astral. Ainda se surpreendia com a quantidade de casais ricos que não tinham feito acordos pré-nupciais, e com os outros tantos que gastavam milhões tentando escapar deles.

Foi até a janela, ignorando o estômago que roncava. Outro dia sem almoço. Ele apreciava os princípios básicos da assistência ao próximo e amava a lei. Encaixando casos antigos para completar um quebra-cabeça, a rica história do sistema judiciário americano o enchia de orgulho — a pedra fundamental que garantia igualdade e justiça, mesmo em instituições que se deterioravam rapidamente, como o casamento.

Mas os divórcios às vezes eram uma merda.

A neblina cobria o horizonte em Manhattan, e a neve que havia coberto tudo de branco agora derretia, suja. Bolas disformes de gelo entupiam calçadas e ruas, mas não diminuía o ritmo frenético da cidade. Olhou para onde as adoradas Torres Gêmeas tinham reinado, uma tristeza sempre lhe apertando no coração quando ele via como a paisagem da cidade havia mudado radicalmente depois do Onze de Setembro. O novo memorial era um símbolo de esperança, é verdade, que abrandava um pouco do vazio e da dor dos nova-iorquinos.

Slade terminou a água, jogou o copo no lixo e pegou suas anotações. Seu escritório era decorado com uma mesa de cerejeira que tomava metade da sala, estantes cobrindo as paredes e poltronas cor de vinho que inspiravam os clientes a contar tudo. Fotos de George Washington, Abraham Lincoln e da assinatura da Declaração de Independência enfeitavam as paredes e evocavam a justiça. O tapete cor de vinho era macio sob os pés, e o cheiro de madeira, cera de limão e café pairava no ar.

Se conseguisse virar sócio, se mudaria para a cobertura, com janelas do chão ao teto, bar completo e banheiro privativo, com espaço para trocar de roupa. Slade achava que os benefícios eram ótimos, mas não era por causa deles que queria ser promovido, nem por causa do dinheiro. Ele sabia que, sendo sócio, poderia selecionar melhor os casos e assumir um pouco mais de atendimentos *pro bono*. Teria o poder necessário para tomar decisões importantes. O resto era extra.

“Dr. Montgomery, seu cliente da uma hora chegou.”

Ele atravessou a sala até a mesa e apertou o botão do interfone. “Manda ele entrar, por favor.”

Slade respirou fundo para se acalmar e poder se concentrar no cliente. Sua agenda estava superlotada, mas quando um amigo da faculdade pedia um favor, Slade nunca hesitava. Pete Troy passou pela porta. Imediatamente, Slade soube que ele era o lado fraco do relacionamento. Ele andava curvado e penteava o cabelo falhado para o lado, numa tentativa desesperada de adiar a calvície. Magro feito um pau, de jeans,

suéter já um tanto surrado e tênis confortáveis, se apresentou e sentou. Suas mãos tremiam sobre o colo, e seu rosto era marcado por linhas angulosas, que lhe conferiam um ar gentil, embora um tanto fora do ar. Os olhos castanhos pareciam intimidados, com um pouco de medo.

“Dr. Montgomery, estou um pouco deslocado aqui. Nunca tive reunião com advogados antes, mas meu amigo Trent me recomendou o senhor e disse que iria me ajudar.”

“Me chama de Slade. Trent somos amigos desde Harvard... Ele é um cara legal. Me contou um pouco do seu caso, mas gostaria de ouvir mais detalhes. Tudo o que conversarmos aqui é confidencial; estou aqui para ajudá-lo.”

Pete relaxou um pouco. “Minha mulher quer o divórcio.”

Slade assentiu, enquanto tomava notas com a caneta de ouro. Ele sempre preferia fazer as anotações do próprio punho, em vez de usar o computador; dava mais intimidade às reuniões. “Você pode me contar os fatos que antecederam o pedido de divórcio?”

Ele esfregou as mãos no jeans e assentiu. “Ela é CEO de uma grande empresa de abastecimento, então é ela quem bota o dinheiro em casa. O trabalho é bem estressante, ela viaja muito, e eu decidi ficar em casa com as crianças.”

“Quantos filhos?”

“Três. Oito anos, cinco e dois. Dois meninos e depois, finalmente, uma menina.”

“Ótimo. Você ficou em casa desde que o primeiro nasceu?”

“Não, tivemos uma babá por alguns anos, mas eu notei muitos problemas. Ele reclamava dela, e eu finalmente instalei uma destas câmeras. Pegamos ela no flagra, dopando o menino com xarope pra tosse pra ele ficar quieto. Disse à minha mulher que um de nós teria que ficar em casa, e concordamos que seria eu. Meu emprego rendia muito menos e, com a economia do salário da babá, saímos ganhando.”

Slade rabiscou mais algumas notas. “Muitas famílias estão tomando decisões difíceis como esta. Então você passou a ficar em casa quando os outros dois nasceram?”

“Sim. Minha mulher voltou a trabalhar depois de quatro semanas, porque precisavam dela na empresa. A gente não estava bem nos últimos tempos, eu sei que não, mas não fazia ideia de que fosse tão grave. Ela começou a ficar até mais tarde no escritório, ter viagens de negócios nos fins de semana. Comecei a achar que ia enlouquecer, sem nenhuma companhia além das crianças, como se meu cérebro estivesse fritando. Então peguei as crianças e decidi fazer uma surpresa para ela em Catskills. Temos um chalé alugado lá, e ela tinha ido trabalhar na cidade.”

Slade sabia aonde a história ia dar, como milhões de outras antes desta do Pete. Viu o homem enxugar a testa, sua boca curvada numa careta triste. “Peguei ela com outro. Graças a Deus, as crianças tinham ficado no carro.”

“O que aconteceu?”

Pete piscou, parecendo se concentrar furiosamente nas linhas das mãos. “Nada. Ela não parou. Ela... Ela ficou com aquele homem e, quando terminou, saiu e gritou comigo. Disse que era pra eu levar as crianças de volta pra casa, que falaríamos a respeito no domingo. Sabe qual é a pior parte? Eu obedeci. Como eu sempre fiz. Não sei como é que me tornei este tipo de pessoa... Este arremedo de homem.

Minha mulher estava transando com outro cara e eu fui embora, sem dizer nada, esperar por ela em casa.”

Slade engoliu em seco, com o coração apertado de dor pelo homem do outro lado da mesa. Ele já ouvira incontáveis relatos vindos de mulheres, mas poucos homens admitiam aquele tipo de sofrimento. Cuidadoso, direcionou a conversa de volta para os fatos, ciente de que não era um bom conselheiro. “Não posso nem imaginar como deve ter sido duro. No domingo, quando ela chegou, o que ela disse?”

Pete respirou fundo. “Que queria o divórcio. Disse que era pra eu me mudar, que ela ia contratar uma babá para as crianças. Disse que eu era um inútil e que se recusava a me deixar estragar nossos filhos com a minha atitude preguiçosa e sem ambição.”

“Hum, interessante. Então cuidar de três crianças é ser preguiçoso, não é?”

“Para minha mulher, é.” A amargura escorria de suas palavras. “Ela perdeu todos os acontecimentos importantes da vida dos meus filhos e agora quer ficar com eles, como se fossem bens. Ela não quer arranhar a reputação dela.”

“Qual foi sua resposta?”

“Disse a ela que jamais. Jamais vou abrir mão das crianças. Me recusei a sair de casa, com medo de não poder mais voltar.”

“Ótima decisão.”

“Ela fez um escândalo, gritou, me ameaçou. Veja bem, ela tem todo o dinheiro. As contas são todas no nome dela. Nunca nem pensei nisso. Ela paga as contas, me dá uma mesada para as despesas com as crianças, e eu nunca preciso de mais nada. Agora, eu não tenho cartão de crédito, nem emprego, nem dinheiro. Ela fechou a conta principal e transferiu tudo para outro lugar. Não sei o que fazer, Slade. Não posso perder os meus filhos.”

Aquele pedido singelo tocou fundo dentro de Slade. Com os dedos, apertou forte a caneta. Meu Deus, as coisas que as pessoas que supostamente se amavam eram capazes de fazer. E as crianças eram sempre as vítimas na derradeira batalha do egoísmo.

Slade não deixaria de jeito nenhum Pete ser intimidado. Ele era o principal cuidador e tinha feito o que incontáveis mães faziam — pôr as crianças em primeiro lugar. Slade iria entrar com tudo no caso e não descansaria até conseguir a guarda das crianças. Raramente os pais recebiam a guarda, mas esse caso seria um ponto de virada. No pior cenário, conseguiria a guarda parcial, mas com as ferramentas e os contatos certos, Slade tinha certeza de que ganharia.

“Você sabe quem é o advogado dela?”

“Bronte Edwards.”

Slade estremeceu. “Superdura, mas já nos enfrentamos muitas vezes nos tribunais. Ela vai direto na jugular, mas a gente tem um caso sólido. Vou entrar imediatamente com uma petição para você continuar na casa. Vou precisar de documentos e provas sobre as babás anteriores, e tudo o que você conseguir recolher. Quero que você entre em contato com seu antigo empregador, também.”

“A gente tem uma chance? Sou um pai desempregado. Existe uma possibilidade?”

Slade olhou para o homem, os ombros caídos e o rosto cansado, símbolos de um relacionamento falido e esperança perdida. Escolheu as palavras com cuidado. “Não vai ser fácil. Muitos juízes ainda

favorecem a mãe, e se ela for à corte com uma postura chorosa, sofrida, isso pode nos crucificar. Eu tenho que te avisar, na verdade. Vai ser feio e duro. É uma maratona, não uma corrida de cem metros. Você vai ter que encontrar forças para lutar pelas crianças como nunca fez antes. Se você estiver comprometido, eu prometo fazer tudo que estiver ao meu alcance para te conseguir a guarda deles. Mas não há garantias.”

Pete hesitou, abaixou a cabeça. Slade aguardou, ciente de que aquela era a chave para o caso. Muitos clientes não davam conta de lidar com a pressão emocional a longo prazo e desistiam logo. Ele não os culpava — muitos não se importavam com o que haviam deixado para trás, só queriam recomeçar do zero.

“Meus filhos são a minha vida”, respondeu simplesmente. “Eu topo.”

Slade trabalhou com ele por mais uma meia hora e lhe deu uma lista de tarefas, algumas para recuperar o foco, outras para auxiliá-lo no tribunal.

Pete enfiou as mãos trêmulas nos bolsos. “Obrigado, me sinto muito mais confiante agora. Hum, eu estou tão envergonhado, eu sei quanto você costuma cobrar, mas você sabe quanto tempo vai levar? Não tenho... Não tenho nada para te dar agora.”

Slade balançou a cabeça. “Se ganharmos a guarda e a pensão alimentícia, você pode me pagar no final. Senão, o caso é *pro bono*.”

Pete franziu o rosto. “Não entendi. Você quer dizer de graça? Você nem me conhece, por que faria uma coisa dessas?”

Slade sorriu. “Porque você é amigo do Trent. Porque é um homem que está lutando pela família. Porque você foi enganado. E eu pego alguns casos assim ao longo do ano, então não quero que fique achando que estou fazendo isto por pena. Só quero garantir que seus filhos fiquem em segurança.”

Pete assentiu sem jeito e virou rapidamente a cabeça. “Obrigado. Obrigado.”

“Vou manter contato.”

O cliente saiu apressado, deixando-o em silêncio. O zumbido dos telefones e o murmúrio das conversas em voz baixa preenchiam o ar. Algo oprimia seu peito, dificultando a respiração. Aquela seria uma longa batalha e uma tonelada de dinheiro. Teria que entrar com um pouco do seu, ou o chefe ficaria louco. Ainda assim, não permitiria que Pete tivesse que contratar um advogado incompetente, que só se preocupasse com os honorários. Aquelas crianças precisavam dele.

Ele grunhiu e esfregou as mãos no rosto. Estava louco para se meter na sua poltrona, tomar uma cerveja gelada e assistir um filme. Em vez disto, tinha que ir ao encontro com Emma, uma mulher que poderia ser perfeita para ele.

Uma mulher que não era Kate.

Mesmo assim, ele havia jurado tentar. Se alguém fosse capaz de arrancar Kate Seymour de dentro dele, seria eternamente grato. Persegui-la em bares e roubar beijos não era o estilo dele. Claro, ele também nunca tinha precisado correr atrás de uma mulher daquele jeito antes.

Slade deu uma olhada no relógio e voltou ao trabalho.

Dez da noite.

Kate fazia carinho na cabeça de Robert, distraída, enquanto tentava se concentrar no *Missão madrinha de casamento*. Ela normalmente morria de rir, mas a imagem de Slade no encontro com Emma ficava interrompendo sua concentração. Tão idiota. Ela era tão idiota.

Afastou os restos de seu sundae caseiro com calda quente de chocolate e acariciou seu estômago lotado. Se ao menos pudesse relaxar e ir dormir. Será que ainda tinha aquele baseado da mãe? Será que se atreveria a acendê-lo e afundar-se numa atividade criminal?

Ou... Ela podia pegar o vibrador rosa-choque. Bom, o negócio parecia capaz de asfixiar um cavalo. O que a mãe estava pensando? A ideia fez a cabeça doer, então se concentrou de volta no filme e tentou não pensar em drogas ou sexo.

O celular vibrou.

Com o coração acelerado, estudou o número. O dedo parou sobre o botão Responder por um instante. Em seguida, apertou-o.

“Por que você está me ligando?”

A risada rouca dele fez os dedos dos pés dela se encolherem, e ela sentiu um comichão entre as pernas. Porra, o homem era perigoso mesmo pelo telefone. “Achei que você fosse querer saber como foi meu encontro.”

Ela engoliu em seco e se perguntou por que ele sentia tanto prazer em torturá-la. Kate manteve a voz calma e seca. “Claro. Eu sempre encorajo os clientes a ligar e dar um feedback. Você se divertiu?”

“Sim. Espera até eu te contar.”

“Você não dormiu com ela, né? Dei regras específicas pra você seguir, Slade, e era sério.”

“Nada de sexo, eu juro. Mas foi bem perto.”

Ela tentou não escorregar da cadeira. “Ah. Bom, acho que isso é um bom sinal.”

“Imagina isso. Carne fresca e macia, que derrete na boca. Grelhada ao ponto, mais pra mal passada, temperada só com um pouco de pimenta preta pra dar um toque. As batatas vieram com um queijo louco, tipo um gorgonzola, para acompanhar o bife de costela, e aspargos crocantes com molho de limão e manteiga. Dá pra acreditar?”

A primeira sensação foi de alívio, mas depois veio a irritação. “Você está me gozando agora?”

“Não, eu juro. Você tem que conhecer esse lugar, é perto de Tribeca, mas nunca tinha tido oportunidade de ir lá. Se chama Mums e tem os melhores grelhados que eu já vi. Está ficando bem famoso.”

Ela levantou a voz. “Não me importo com a comida! Como foi com a Emma? Você gostou dela? Ela se divertiu? Você sequer sabe o que ela comeu no jantar?”

A linha ficou em silêncio. “É claro que eu sei o que ela pediu. Pena que não comeu a carne, ela é meio vegetariana, então eles prepararam pra ela um prato de vegetais frescos. Mas mesmo assim, estavam grelhados à perfeição, bem temperados. E ela quis dividir o vinho. Escolhemos um pinot noir picante, apimentado.”

Kate apertou os olhos. “O que tem de errado com você? Eu estou trabalhando duro pra te arrumar os

encontros certos, e acho que você está sabotando tudo! Como foi o encontro, comida à parte?”

“Caramba, a gente foi jantar, achei que você fosse querer saber detalhes da refeição. A Emma é ótima. Bonita, engraçada, tivemos uma boa conversa.”

“Até que enfim. É um alívio. Quando você vai sair de novo com ela?”

“Ah, não, eu não quero sair de novo com ela.”

Ela apertou o celular e baixou a voz para um sussurro. “O quê?”

“Você fez um trabalho brilhante, Kate. Definitivamente, você é muito boa pra combinar as pessoas. Estou começando a perceber que você não é tão truqueira, só um pouco equivocada mesmo. De qualquer maneira, minha irmã pode acabar sendo uma vítima das suas boas intenções, então eu pretendo continuar de olho neste processo.”

“Que honra ser promovida a louca, em vez de simples criminosa. Por que você não quer sair de novo com a Emma? Você está mesmo empenhado em encontrar uma companheira? Eu disse que o processo não funcionaria se você não...”

“Eu sei, eu sei, eu sei. Eu estou aberto. Eu tentei, imaginei nós dois juntos, e no papel parece perfeito. Mas falta alguma coisa nela, alguma coisa que eu não posso definir bem.”

“Sexualmente?”

“Talvez. É uma qualidade que eu percebo nas mulheres. Ou eu sinto, ou não.”

A constatação veio de repente. Todas as características perfeitas que Slade havia recitado eram boas no papel. Para encontrar a companheira perfeita, ela precisava olhar mais fundo. Talvez, uma mulher com mais personalidade, mais assertiva, que representasse um desafio maior. Sim, como advogado, ele tinha necessidade de embates mentais, sensualidade e pegada.

Elena.

Seria uma aposta arriscada, mas definitivamente valia a pena tentar. Ela o surpreenderia em todos os níveis. O único perigo era que a Elena não gostava de seguir regras, e se o desejasse fisicamente, iria atrás dele. Kate vacilou sobre a decisão de enviá-lo para os braços de uma mulher que poderia ficar com ele para si.

Mas este era o trabalho dela.

“Já sei com quem eu quero que você saia agora.”

“Você?”

Ela estremeceu com o tom sedoso e caramelado, que a envolvia. “Não, a gente não combina. O nome dela é Elena e acho que você vai ser perfeito. Ela é diferente das outras. Você topa sair de novo esta semana? Posso marcar rapidamente.”

“Você quer continuar a jogar este jogo?”

O sentido da pergunta dele pulsou em suas veias, zombando dela, chamando-a de mentirosa. Não, ela queria arrancar-lhe as roupas, montar em cima dele e cavalgá-lo até o fim. Ela queria anunciar que ele era dela. Kate o imaginou em casa, jogado no sofá, sem camisa, mostrando toda aquela pele morena. Imaginou-o duro, pulsando entre as mãos dela. Imaginou a cabeça dele enterrada entre as coxas dela, dando prazer a ela por vezes seguidas. Ela precisava lutar contra a atração que sentia e encontrar o par

dele. Era a única maneira de libertar a ambos e provar que seu negócio era um sucesso.

“Sim. Não é um jogo para mim, Slade.”

Ele engrossou a voz. “Entendi. Estou livre amanhã à noite. Pode marcar.”

Ela abriu a boca para falar alguma coisa, mas ele já tinha desligado.

Kate ficou olhando para o telefone por um bom tempo, se perguntando se desta vez havia finalmente o empurrado com força suficiente para que ele fosse embora. Robert ganiu, como se percebesse a aflição dela, e encostou o focinho na palma de sua mão. Ela se enfiou debaixo da colcha de crochê, acariciando o cachorro, voltando a ver o filme e dizendo a si mesma que estava feliz com a vida que levava.

Kennedy enfiou a cabeça pela porta do escritório. Um grande sorriso revelava seus lindos dentes brancos. “Adivinha?”

Kate empurrou a montanha de papéis para longe, virou a cadeira, e esticou as pernas. “O quê?”

“Edward e Justine vão se casar!”

Kate começou a rir, feliz. “Não acredito. Quer dizer, acredito, sabia que eles eram perfeitos um pro outro desde o primeiro dia. Como você soube?”

“Eles estão no meu escritório agora. Vem falar com eles.”

Kate ficou de pé e seguiu Kennedy até a sala dela. O casal estava sentado junto no sofá branco, de mãos dadas. Kate lembrou da primeira visita da Justine, insegura, tímida e inexperiente nos relacionamentos. Ela organizou um pequeno evento para ter uma ideia do que ela gostava, mas imediatamente sentiu a conexão com o Edward. Bastou um simples aceno de cabeça na direção dele e, logo após o primeiro encontro, os dois já eram inseparáveis.

Justine a viu e gritou, pulando do sofá para lhe dar um grande abraço. “Estou noiva!” Rindo, ela mostrou o diamante redondo, repetindo o gesto universal de todas as noivas. Edward sorriu e se levantou. Ele tinha mais de um metro e oitenta, e a Justine mal chegava a um e sessenta, mas se encaixavam perfeitamente: os cabelos crespos avermelhados dela batiam bem na curva do ombro dele, o braço dele descansava naturalmente na parte baixa das costas dela. “Eu estou tão feliz por vocês! O anel é maravilhoso! Quando é o casamento?”

“Em maio próximo. E, claro, toda a equipe da Kinnections está convidada. Não teria acontecido sem vocês.”

Edward estava radiante. O coração de Kate se encheu de emoção, e mais uma vez ela se deu conta de que esta era a razão pela qual aquilo valia a pena. Aproximar as pessoas para que juntas começassem uma nova vida era um poder e tanto. A satisfação invadiu-a como uma corrente poderosa. Deu alguns passos à frente para abraçá-los, preparando-se para o choque e a explosão de energia que comprovariam que ela havia formado um casal perfeito. Mas não sentiu nada.

Kate segurou-os um pouco mais, aflita para experimentar o golpe inebriante de sempre, mas não havia sequer um rumor de reconhecimento. Será que eles combinavam mesmo? Ela deu um passo para trás, mantendo o sorriso no lugar, embora o coração galopasse como uma manada de puros-sangues. Ai, Deus,

e se ela tivesse errado ao juntar os dois? Ela sempre confirmava a conexão quando os clientes ficavam noivos ou se casavam. O pânico crescia dentro dela, mas tratou de manter a calma e engrenou numa conversa leve sobre o casamento e os planos para o futuro.

Quando eles foram embora, Kate estava à beira de um ataque de pânico. Jogou-se na cadeira branquíssima que ficava em frente à mesa de Kennedy, mordendo os dedos de nervoso. Ken voltou e se sentou na cadeira de couro ao lado dela. A testa dela estava franzida. “Você está bem? Levou choque demais desta vez? Já disse pra você não encostar em casais que tenham ficado noivos há pouco tempo, Kate. E se você pegar uma corrente forte, de eletrocutar, e acabar fritando o cérebro?”

Kate levantou o olhar. “Não senti nada, Ken.”

A amiga olhou para ela, estupefata. “O que você quer dizer? Ai, meu Deus, você acha que eles não são um par perfeito?”

Kate cobriu o rosto com as mãos e gemeu. “N-n-n-não sei! Não sei o que está acontecendo. Eu perdi o toque. Completamente. Estou trabalhando no escuro, mas não contei nada a ninguém porque fico achando que vai voltar. Só que agora eu estou apavorada, com medo de ter perdido o dom pra sempre.”

O corpo dela tremia. Engraçado, por quantos anos ela rezara para o dom desaparecer? Tinha vontade de ser normal e detestava a pressão de sempre saber se duas pessoas eram feitas uma para a outra ou não. Era demais para ela, então decidiu usar seu talento para o bem, para ajudar as pessoas a se conhecerem, em vez de simplesmente assistir enquanto se desencontravam ou se casavam com os parceiros errados.

Agora, ela havia alcançado sua graça. Um vazio pulsava dentro dela, a falta de alguma coisa inerente a ela. O que ela ia fazer?

“Não entre em pânico, amiga. Vamos dar um jeito.” Kate levantou a cabeça e viu Kennedy se virar para o armário atrás dela, pegar um copo de shot e uma pequena garrafa com um líquido cor de âmbar. “Aqui, bebe isto.” Empurrou o copo pela mesa.

Kate se engasgou. “São garrafinhas de bar de hotel?”

“São, tenho uma coleção. Quando recebo uma má notícia, às vezes bebo uma pra acalmar os nervos. Vai te fazer bem.”

“Meu Deus, primeiro a maconha com a minha mãe, agora bebida pesada com você no trabalho. Meus padrões morais estão se esvaindo cada vez mais rápido.”

“Cala a boca e bebe.” Kate obedeceu. O uísque desceu queimando pela garganta, e ela deu uma tossida. Os olhos se encheram de água. Ken balançou a cabeça em aprovação. “Melhor. A bebida é o soro da verdade, tipo a TPM. Ajuda a gente a não se enganar. Agora, eu quero que você me conte tudo. Quando você perdeu o dom?”

“Não lembro exatamente. Eu comecei percebendo que não sentia nada quando estava perto de casais. Primeiro, achei que fosse um defeito temporário, mas não senti nada com o Edward e a Justine. Não sinto nem cócegas, não importa em quem eu toque. Sumiu.”

“Provavelmente está só escondido. Você fez alguma coisa diferente nos últimos tempos? Se envolveu com alguém que eu não saiba?”

“Não.”

Kennedy cerrou os lábios, pensativa. “E o Slade? Ele apareceu no Mugs aquela noite. Ficou um pouco com a Jane, mas depois desapareceu. Engraçado, eu também não vi mais você. A não ser que...”

Ela arregalou os olhos. “Merda, você andou ficando com ele, não?”

Kate cruzou os braços na frente do corpo. “Não. Não exatamente. Meu Deus, eu não quero! Quer dizer, eu quero, mas ele é completamente errado pra mim, além de ser um cliente. Quero que ele desapareça, suma da minha vida. E o único jeito de eu conseguir fazer isso é arrumar a mulher certa pra ele.”

Ken estreitou o olhar. “E se você for a mulher certa?”

“Não sou, eu juro. Ele só quer me levar pra cama e tirar isso da nossa frente, pra eu poder acertar ele com alguém. Eu nunca aceitaria isso, uma noite só.”

Ela abaixou a cabeça para evitar o olhar perspicaz de Ken.

“O.k. Tenho algumas coisas pra te dizer, mas preciso da Arilyn aqui. Está na hora de uma intervenção.” Ken apertou o botão de teleconferência no telefone. “Oi, você pode vir aqui na minha sala um segundo? Estou com a Kate aqui.”

“Você não vai conseguir me intimidar com a Arilyn”, disse Kate. “Ela está do meu lado.”

“Não desta vez, querida.”

Arilyn entrou com toda a calma na sala, vestida com uma saia prateada, camiseta branca e sandálias. Seu cabelo comprido até a cintura brilhava como ouro avermelhado, e ela ocupou a terceira cadeira, com sua usual graça feminina. “Qual é o problema?”

Kennedy deslizou pela mesa um copo, cheio até a boca, na direção de Arilyn. “Kate perdeu o dom. Ela quer transar com o Slade, mas está com medo. Ele quer ficar com ela por uma noite só, numa tentativa atrapalhada de superar a química entre os dois, e ela quer arrumar uma outra mulher pra ele, achando que assim vai tudo desaparecer.”

Arilyn processou a informação. Esticou a mão e levou o copo até a boca, engolindo o uísque de uma vez só. Pousou o copo na mesa sem piscar e se virou para a amiga. “Kate, você tem que transar com ele.”

Kate se engasgou. As palavras chocantes perturbaram sua serenidade. “O quê? N-n-n-não! Transar com ele seria desastroso. Se eu juntar ele com alguém, vou conseguir o dom de volta, tenho certeza.”

Arilyn estalou a língua, compreensiva. “Amiga, eu acho que a gente interpretou mal a sua conexão com o Slade. No início, eu achei que você estava destinada a encontrar alguém para ele. Mas se você perdeu suas habilidades e ainda assim sente a conexão com o Slade, o único jeito de recuperar o dom é dormir com ele. Entregar o seu corpo e correr o risco. Você está lutando contra uma atração natural, e isso não é bom. Especialmente se é só por medo.”

Ela abriu e fechou a boca. Nunca poderia imaginar que Arilyn concordaria em ajudá-la a perder a virgindade, mas aquelas palavras deram a ela uma estranha sensação de clareza. Seria então a solução? Sentiu seu corpo convulsionar-se de medo e mais alguma coisa. Alguma coisa que ela detestava definir, mas era mais como... excitação.

Kennedy se meteu. “Você está bloqueada. Se abra para uma experiência sexual com o Slade, que eu tenho certeza que suas habilidades voltam rapidinho.”

“Você tem medo de quê?”, Arilyn perguntou, gentilmente. “Do Slade? De perder a virgindade? Ou de

perder o controle?”

Kate estremeceu. “De tudo.”

“Então está na hora de descobrir o que vai acontecer se você abrir mão deste controle. Lembra das aulas de ioga que a gente fez? Controle é só uma ilusão que a gente usa para se acalmar, para acreditar que as coisas vão acontecer de uma determinada maneira. Pare de controlar, deixe a vida seguir, e você vai ter uma rica descoberta.”

“E orgasmos infinitos”, completou Kennedy.

Kate segurou uma risada. “Meu Deus, eu não acredito que esteja considerando seriamente isso. Eu marquei outro encontro pra ele hoje à noite. A coisa não rolou bem com a Hannah. Ele disse que ela era perfeita demais. Depois, saiu com a Emma, mas falou que faltava alguma faísca que não sabia explicar.”

“Hum, interessante. Com quem é o encontro de hoje?”, perguntou Ken.

Kate estremeceu. “Elena.”

Arilyn balançou a cabeça. “Péssimo... Ela é bem assertiva com os homens que a atraem. O oposto da Hannah e da Emma. Se você queria empurrar o Slade pra cama com alguém, você achou a garota certa.”

Ela engoliu como se tivesse um carço preso na garganta. Elena era conhecida por enlouquecer os homens de desejo e estimular o jogo da conquista. De certa maneira, ela era perfeita para acender em Slade a paixão pela caça. A ideia de que a Elena iria tocar nele com aquele olhar faminto a fez ficar enjoada. Mas, ao mesmo tempo, ela não estava querendo testá-lo? Se ele se entregasse à sexualidade da Elena, provaria duas coisas. Quebraria a regra sobre não fazer sexo antes de estar em um relacionamento monogâmico. E confirmaria que só estava atrás do desafio da caçada.

Se falhasse, ela provaria que ele não era o cara certo.

Se passasse, ela não teria mais barreiras para se proteger.

“Você ainda pode ligar pra ele, você sabe”, Kennedy ofereceu. “Diz pra ele que você também está a fim. Aposto que ele cancela com a Elena.”

Kate respirou fundo. “Não, isto precisa ir até o fim. De repente a Elena e ele vão combinar melhor. Ela apela para o lado mais primitivo dele, mas é superinteligente. Também é uma mulher bem-sucedida, e Slade gosta dos confrontos intelectuais. Talvez eu vá ter a minha resposta hoje à noite.”

Arilyn e Kennedy se entreolharam. “Ou talvez você não tenha mais para onde correr.”

A declaração ecoou seus próprios pensamentos.

Enquanto agradecia as amigas e saía da sala, Kate se perguntou se já era tarde demais.

Slade fechou a porta atrás dele. O silêncio do seu apartamento era como um ar ensurdecido que zombava da decisão de deixar a Elena ir embora. Ele se virou e estudou o cômodo vazio.

Quando deixou o casamento para trás, tudo o que queria era ter paz. Estabilidade. O fracasso naquela instituição zombava dele, então concentrou suas energias em ajudar outros que haviam sido traídos, mas que não tinham quem falasse por eles. Quando perdeu os pais, Jane se tornou sua responsabilidade exclusiva. Ele tentou cuidar dela, mas também fracassou em protegê-la da dor de cotovelo que o mundo

cruelmente reservou a ela.

A lição era clara. Nada dura para sempre, e é preciso estar preparado para a dor eventual de um relacionamento rompido. Ele imaginou que, ao deixar a Kinnections tentar encontrar uma mulher que se encaixasse perfeitamente na vida dele e pudesse se tornar sua companheira, a maior parte da confusão e do caos estaria sob controle. Ele não acreditava que fosse realmente funcionar, mas ao menos o objetivo era claro. Até que uma mulher destruiu todas as suas expectativas.

Kate.

Ela acendia todos os instintos havia tanto tempo enterrados. Quando havia sido a última vez que ele tinha levado uma mulher para um canto, com o propósito de sufocá-la com beijos? A constante insistência dela para ele ficar com outra o irritava e provocava uma dor que ele não queria examinar. Assim que a Elena desceu da Harley, balançou o cabelo e abriu um sorriso esperto, ele soube como a noite iria terminar. Claro, Kate havia avisado que ele precisava ser capaz de apreciar a companhia de uma mulher por alguns encontros antes de ir para a cama. Mas Elena era diferente. Ela transmitia uma vibração sexual que dizia que os dois eram adultos e poderiam fazer o que quisessem. Do jeito deles.

Ela também estava interessada.

O corpo dele reagiu moderadamente, mas em poucos minutos já tinha se esfriado. Estava apavorado com a ideia de que ninguém jamais fosse capaz de se equiparar à química e à eletricidade que dividia com a mulher que não o queria. Slade fez as honras do jantar, surpreendeu-se com a conversa interessante dela e o senso de humor ácido. Mais uma vez, ele admitia que Kate tinha percebido o que ele queria. Ele precisava de alguém menos do que perfeito, e as camadas que Elena oferecia o intrigavam mais do que Hannah. Mais do que Emma.

Mas ela não era Kate.

Quando Elena se recusou a esperar e o beijou, ele beijou-a de volta. Tentou desesperadamente se interessar o bastante para levá-la para a cama. Seria bom para os dois e finalmente mostraria à Kate que ele estava cheio destes jogos.

Até que ele se deu conta de que Elena era só uma imitação ruim da única mulher que ele desejava.

Ele afastou-a com tristeza. Ela estudou o rosto dele, compreendeu-o, e saiu rugindo com a moto, uma Harley sinistra. Feito um idiota, ele a viu ir embora, e agora estava sozinho em seu apartamento maravilhoso, sem mulher, sem cachorro, sem amante, e com um silêncio infinito e zombeteiro.

Não mais.

A raiva e a frustração criaram raízes e floresceram. Ele estava cheio de ficar sentado esperando por algo que não chegaria. Ele tinha dito que ela teria que ir até ele, por conta própria, mas se ele não fosse tomar o que queria — o que ambos queriam — continuaria nessa série infinita de encontros que não significavam nada e implodiria de frustração.

Slade pegou as chaves e foi reivindicar o que era seu.

Kate rolou na cama pela centésima vez e jogou os lençóis longe. O suor brotava do corpo, e a pele

estava supersensível a qualquer tecido, até mesmo o algodão macio da camiseta dela. Seu ângulo pulsava e chorava, pedindo um alívio que nenhum vibrador imenso rosa-choque jamais poderia dar. Imagens de Slade e Elena fazendo amor na cama dele torturavam sua visão. Ela esperou pela ligação dele, detalhando o jantar e dizendo a ela para tentar novamente.

Naquela noite, o telefone permaneceu mudo.

Soltando um palavrão baixinho, ela se sentou e arrancou a camiseta, odiando até mesmo o menor contato com os seios inchados. Ela estava sendo punida e era merecido. Ela havia empurrado Slade para os braços de outra mulher, por medo de reivindicá-lo para si mesma, e agora era tarde demais.

Os números do relógio brilhavam em verde neon. Meia-noite. Robert choramingou de onde estava, deitado em sua cama ortopédica. Como se também estivesse perturbado pela falta de sono dela, ele se remexeu e tentou achar uma posição mais confortável. Kate suspirou e se sentou. Talvez fosse melhor pôr um filme. Ou ligar o iPad para ler. Qualquer coisa, menos continuar imaginando Slade nu com outra pessoa que não era ela.

Que fracasso.

Ela chutou as cobertas para longe e marchou, de peito de fora, para a sala. Pegou uma garrafa de água, acendeu um abajur e escutou um barulho.

Kate congelou. Que diabos? Com a adrenalina em picos, correu até o telefone para chamar a polícia, quando a campainha tocou.

Na ponta dos pés, chegou até a porta e olhou pela janelinha ao lado da porta.

Slade a encarou de volta.

Kate deu um passo para trás com o susto. O que ela ia fazer?

“Eu te vi, Kate. Me deixa entrar. Agora.”

Ela mordeu o lábio e ponderou. Não era uma boa ideia. “Já é meia-noite”, cochichou através da porta.

“Eu sei que horas são. Estou congelando, abre a droga da porta.”

Merda, ela estava nua! Agarrou a manta de cima da poltrona, enrolou no corpo como uma toga, e abriu o trinco.

Ele entrou como se fosse o dono da casa e dela. O olhar dele estudou o traje improvisado dela, a trama aberta da manta revelando a pele por baixo. Os mamilos dela ficaram imediatamente duros. O ar ficou impregnado com uma masculinidade perigosa, que soltava fagulhas, e um golpe de testosterona envolveu-a em um feitiço que a fez retroceder a seus instintos básicos, loucos para escapar de anos e anos de bom comportamento. Para dar tudo de si.

Para se entregar.

Kate sentiu um arrepio. “O que você está fazendo aqui?”

“Era um teste, não era?”

Ela não se fez de desentendida. Tinha consciência de que não havia mais opções e isso a esmagava como um inseto bem embrulhado nos fios sedosos de uma teia de aranha. Kate levantou o queixo.

“Era.”

Ele grunhiu e deu um passo adiante.

Um latido áspero fez com que ela virasse a cabeça. Robert estava parado na porta do quarto, assistindo a cena. Arrastou seu corpo pelo corredor com rapidez e parou em frente a ela, como se fosse um cão de guarda treinado, pronto para defendê-la de um malfeitor. Ela se encheu de amor e orgulho, ao reconhecer o elo inquebrável e a proteção que o cão dava a ela. Kate abriu a boca para acalmá-lo, mas Slade já havia se mexido.

Com graça e humildade que a deixaram sem palavras, Slade ajoelhou-se em frente a Robert. Mostrou as mãos para ele, vagorosamente, repetindo o gesto universal de rendição. “Obrigado por tomar conta dela”, falou, com carinho. “Mas eu nunca faria mal a ela. Juro pra você, por tudo que eu amo nesta vida, eu nunca vou machucar a sua dona.”

Ela prendeu a respiração enquanto ele se inclinava para a frente, até quase encostar o nariz no focinho do pit bull. Alguns momentos se passaram. Os dois trocaram um olhar de compreensão e algo mais profundo. Lentamente, Robert relaxou a postura rígida, baixou a cabeça e lambeu de leve a palma da mão de Slade. Em seguida, arrastou-se de volta para o quarto.

Sua última defesa estava despedaçada. Kate olhou para o homem que se mostrara humilde diante do cachorro dela, honrando as emoções de Robert como se ele fosse humano. Slade ficou de pé, tirou o casaco, enrolou as mangas da camisa e olhou bem nos olhos dela.

Uma energia sensual quente e crua zumbiu ao redor deles. A boca de Kate encheu-se de água ao ver a camisa meio aberta dele, revelando a extensão longa e bronzeada do seu pescoço, e a tensão marcada no maxilar. O olhar dele a perfurava sem piedade, deixando claro que era a última chance que ela teria para fugir.

“Então você admite que estava me testando.” As palavras dele saíram preguiçosas, como se tivesse todo o tempo do mundo, mas seu corpo estava tenso como o de um predador, pronto para atacar caso fosse provocado. “Você queria que eu dormisse com a Elena? Pra tirar o seu da reta, como todo mundo repete por aí?”

“Não.” Ela enrolou o cobertor mais apertado no corpo. “Metade de mim queria que você se apaixonasse por ela, pra eu ficar livre. Daí eu poderia te odiar e me lembrar que você não era o cara certo pra mim. Mas só de imaginar você tocando nela, eu estava ficando louca.”

Ele levantou uma sobrancelha. “Uma dose de honestidade, Kate? Que bom. Já que esta parece ser uma noite de clichês, vamos botar as cartas na mesa. Eu tive vontade de transar com ela.” Ela estremeceu, mas ele ignorou e continuou a falar, sem tirar os olhos dela. “Eu estava furioso com os seus jogos e disposto a acabar com tudo. A gente se beijou.”

A mágoa doeu bem fundo, mas ela manteve a pose. Como era possível que se sentisse traída, quando ele só tinha feito o que ela queria? “Eu entendo”, ela falou, com a voz embargada.

O rosto dele se endureceu. “Não, você não entende. Este é o problema. Eu beijei a Elena, tentei ver se rolava uma reação física, mas não aconteceu nada. Eu só quero você. Só você. A pergunta aqui é, por que você não admite que me deseja do mesmo jeito que eu te desejo?”

O confronto que ela tanto temia agora caía sobre sua cabeça, e ela não tinha onde se esconder. Era este tipo de mulher que ela tinha virado? Com tanto medo de sofrer ou de ser levada a uma situação que não

podia controlar, que até tremia? Envergonhada, levantou o queixo. Ele tinha oferecido uma noite de prazer. Ela tentou debochar da oferta, reduzindo-a a sexo puro e simples, mas eles já dividiam tanta coisa mais. Segredos, intimidade, honestidade. Era disso que ela estava fugindo? Da certeza de que, uma vez que estivesse fundo dentro dela, ele não sairia mais do seu corpo e da sua alma?

Era hora de agir como uma adulta e tomar a estrada menos frequentada, como no poema de Robert Frost. “Eu tenho medo.”

Ele inclinou a cabeça. “Do quê?”

Ela trocou a perna de apoio e se obrigou a confrontar a verdade. Quando havia sido a última vez que um homem a despira? Será que ela já tinha ousado desejar mais do que um rápido encontro carnal, que mal arranhava a superfície das emoções, recusando-se a mergulhar fundo para sentir qualquer coisa real?

Nunca.

Ela queria garantias, em um mundo que não dava nenhuma. Se escondia atrás da empresa e punha as necessidades de todos antes das dela mesma, implorando a eles que deixassem fluir e permitissem a entrada do amor em suas vidas. Ao mesmo tempo, se mantinha isolada e sozinha, com Robert como sua única companhia, sentada em um trono de hipocrisia. Meu Deus, será que não era hora de deixar rolar? Correr um risco sem pensar em planos, motivos ou listas que pudesse calmamente riscar?

Kate não se acovardou diante do olhar de dúvida que ele lançava para ela. “Porque eu nunca me senti deste jeito antes”, sussurrou.

Ele fez uma pausa e deixou que ela esperasse, em um silêncio miserável. “Melhor. Eu tinha jurado que você é que ia ter que me procurar, mas não consegui esperar. Eu passei no seu teste e agora você é que está me devendo. O que você vai fazer a respeito?”

Ela sentiu a garganta fechar de nervoso e apertou a manta, como se a trama macia pudesse salvá-la. Mas só havia uma coisa que poderia salvá-la àquela altura. Entrega total.

O homem diante dela não aceitaria menos. As palavras de Arilyn ecoaram suavemente, como um lembrete.

A única maneira de encontrar a felicidade verdadeira é abrir mão do controle. O resto é só ilusão.

Kate fechou os olhos bem apertados e tomou coragem.

Depois, deixou a manta cair no chão.

O ar frio percorreu sua pele, endurecendo seus mamilos. Ela abriu os olhos e esperou.

Ele sorveu-a com uma fome que arrancou qualquer civilidade, deixando-a em carne viva e vulnerável. O olhar dele percorreu cada centímetro trêmulo, parando mais tempo sobre o volume dos seios dela, o sexo molhado escondido atrás de uma fina camada de renda, o comprimento das pernas nuas. Kate lutou contra o instinto de se cobrir com as mãos, consciente de que ele não permitiria que ela voltasse a se esconder dele. Ela ajustou a postura, orgulhosa de sua nudez, desafiando Slade a vir tomar o que ela finalmente oferecia.

Ele não se mexeu. Não disse nada. O ar ficou carregado e parecia saltar como um pavio aceso. “Se eu cruzar esta sala, você não vai mais fugir de mim. Eu vou te foder até não sobrar nada. Não vou ser bonzinho. Pensa bem, Kate. Eu não vou mais jogar com você.”

Ela estremeceu com a ameaça, mas seu corpo implorava por mais, para que ele mostrasse a ela tudo o que ele tinha, sem poupar nada. Era isto o que ela estava esperando — um homem que a desejasse com uma paixão que não fosse gentil nem correta. A ereção dele pressionava o tecido da calça, os músculos estavam tensos e preparados para o salto, assim que ela dissesse as palavras.

A voz dela saiu trêmula. “Não quero mais fugir. Não me importa o futuro, o que é certo ou errado. Eu sou sua, Slade. Hoje à noite, eu sou sua.”

Ele disse um palavrão e atravessou a sala.

A boca dele tomou a dela em um beijo violento, brutal, sua língua forçando a abertura dos lábios dela, deixando claro a dominância dele. Ela gemeu de prazer, se abriu e aproveitou cada golpe profundo, embriagada com o gosto dele, o cheiro, o calor da pele.

Slade não perdeu tempo com preliminares. Se abaixou e levantou-a, e ela enroscou as pernas com força em volta dos quadris dele, enquanto ele a carregava para o quarto, sem jamais separar suas bocas. Ela flutuou em um louco oceano de sensações, o corpo pedindo mais, e ele a pôs na cama ao mesmo tempo que arrancava dela a renda frágil.

“Não consigo ir devagar. Tinha planejado te torturar até que você me implorasse, fazer você gozar mil vezes antes de entrar no seu corpo. Mas eu preciso te sentir por dentro. Você me deixa louco, Kate. Abre as pernas, deixa eu olhar pra você.”

Com um atrevimento libertino que jamais havia experimentado, ela afastou bem as pernas. Sua excitação escorria pelas coxas, a vagina escancarada, entregue ao olhar feroso dele. Slade arrancou a camisa em tempo recorde, banqueteadando-se visualmente com o clitóris latejante dela, enquanto desabotoou as calças, chutou os sapatos para longe e tirou a cueca. “Você é tão linda. Eu estava louco pra provar o seu gosto, Kate. Quero te lambe por horas e brincar com essa boceta deliciosa. Mas não sei por quanto tempo vou conseguir esperar.”

Kate gemeu com as palavras sujas dele, os mamilos pontudos implorando pelo contato com a língua e os dedos dele. Ela se debateu na cama, enquanto ele rasgou a embalagem da camisinha, botou-a em si mesmo e subiu no colchão.

Slade se ajoelhou entre as pernas dela e passou um dedo ao longo da fenda úmida. Ela gritou de prazer, sua carne inchada pedindo mais. Com um grunhido baixo, ele mergulhou a cabeça e começou a dar beijos leves e provocantes sobre seu âmago molhado. A suavidade dos lábios dele, o toque quente da língua molhada, tudo se misturou e ela sentiu um puxão de nervoso dentro da barriga, tão forte que pensou que fosse explodir com um único toque a mais. O clitóris estava endurecido, implorando alívio, mas ele o ignorou completamente, passando a língua pelas laterais e enfiando os dedos aos pouquinhos dentro dela. Kate se contorceu, tentando se soltar, mas ele a manteve segura, sua língua massageando-a em volta do clitóris latejante. Em seguida, deslizou dois dedos para dentro dela.

Ela gritou em deliciosa agonia. Sentiu a respiração ficar presa dentro dos pulmões, e tudo o que conseguiu foi dar alguns pequenos suspiros, enquanto aqueles dedos talentosos esfregavam e mergulhavam num ritmo que a levou ao limite.

Kate se arqueou, pronta para explodir, mas ele deu uma risada sexy e tirou os dedos de dentro dela.

“Ainda não, Kate. Não até eu estar todo dentro de você.” Ele levantou os calcanhares dela, botou-os sobre os ombros e olhou para o corpo dela.

Kate agitou-se com a energia sexual que crepitava entre eles, encharcando-a até que cada poro e célula implorasse para que ele a tomasse. A ereção dele, enorme, estava a postos, pronta para entrar. Ela cerrou os punhos no lençol e imaginou se explodiria em mil pedaços quando ele a penetrasse.

Os olhos dele eram fulminantes. “Me dá tudo. Não vou me conformar com menos.”

Ela prendeu a respiração, assustada com a própria vulnerabilidade. O que ela estava fazendo? Entregando sua virgindade a um homem que não acreditava em nada além do momento? Ele destruiria a vida dela, tiraria tudo dela e a deixaria sem nada. O pânico aumentou. Com um gemido, ela abriu a boca para interrompê-lo, mas já era tarde demais. Com um só golpe, ele a penetrou e a tomou para si.

Ela sentiu uma dor aguda. Arfou para recuperar o fôlego, enfiou as unhas nas costas dele e tentou processar as sensações que tomavam conta do seu corpo e da sua mente. Devagar, a ardência deu lugar a uma sensação de preenchimento. Seu corpo se ajustou, apertando o pau dele, sua vagina aceitando confortavelmente todo o comprimento dele, mesmo que seu cérebro ainda enfrentasse uma última batalha. “N-n-não, não. Não posso, ah, meu Deus, isso é demais.”

Os músculos fortes dele a mantiveram presa ao colchão, e Kate empurrou os ombros dele, semiconsciente de que não sabia se deveria empurrá-lo ou puxá-lo para si. A pele dele estava quente e um pouco úmida. Um instinto percorreu seu corpo, dizendo a ela para entregar tudo o que ele quisesse, mas ela lutou contra esta força, com medo de que ele tomasse cada pedaço de seu corpo, sua mente e sua alma. “Olha pra mim, Kate. Abre os olhos.”

Meio choramingando, Kate obedeceu. As palmas das mãos dele, quentes, envolveram o rosto dela e a mantiveram no lugar, e ele ficou totalmente parado, o pau pulsando lá no fundo, até que ela não soubesse mais dizer onde ela terminava e ele começava. Uma bomba de sensações explodiu dentro dela, e seu cérebro se esforçou para entendê-las — esgarçada, dolorida, molhada, quente. Como se percebesse as barreiras dela, um grunhido baixo emanou de seu peito.

“Não, você não vai se poupar disso. Deixa rolar, Kate. Nada de se esconder.”

Ele mexeu os quadris, promovendo uma fricção deliciosa sobre o clitóris dela, e penetrou mais fundo. A boca dele tomou a dela, sua língua aplicando golpes firmes, mergulhando nela de todas as maneiras, até ela se entregar ao comando dele.

O calor se intensificou e agora já não havia mais dor, só uma maravilhosa e crescente sensação de prazer que florescia dentro dela e se espalhava por cada centímetro do seu corpo. Ele aumentou o ritmo pouco a pouco, levando-a mais adiante, até que ela implorasse por mais. Ela enfiou as unhas no colchão, levantou os quadris e deixou-o montar nela vigorosamente, exigindo que cada centímetro estivesse aberto para ele, vulnerável.

Kate mordeu o lábio inferior, conforme a tensão convulsionava o corpo a um ponto que chegava a ser excruciante. “Por favor, ai, por favor. Slade, eu preciso...”

“É isso, Kate, tudo isso, mais.” Ele grunhiu, rodando os quadris e atingindo um ponto lá no fundo dela, que cintilava com vibrações. Kate estava no limiar do gozo, e ele a manteve ali, sorvendo cada expressão

dela, sem deixar que ela disfarçasse mais nada. O dedo dele se esgueirou entre eles e deslizou sobre o clitóris dela.

O orgasmo veio e tomou conta. Kate gritou, enquanto sua vagina apertava e soltava o pau, e ele estendia o prazer até que as convulsões a agitassem e sugassem toda a energia dela. Ele rangeu os dentes e grunhiu de satisfação, se deixando levar. Seu corpo se retesou e ele tremeu em cima dela, o choque de prazer intenso demais para qualquer palavra. Ele se deixou cair, encaixou-a junto ao seu corpo e rolou, de maneira que a cabeça dela repousasse sobre seu peito. Murcho, saciado, destroçado, com Kate derretida ao lado, fechou os olhos e descansou.

“Uau.”

Slade sorriu e olhou para baixo. O cabelo liso dela estava embaraçado e tinha aquela aparência bagunçada do pós-sexo. O suor brilhava sobre a pele dela, e o cheiro delicioso da excitação feminina subia até as narinas dele. Os lábios dela estavam entreabertos e levemente inchados. Os músculos de Kate se fundiam em Slade como se ela fosse uma extensão natural do corpo dele. O tornozelo estava enganchado na coxa dele, e o quadril era como uma expansão de pele curva e branca, que contrastava com o tom de azeitona da pele dele.

“É só isso que você tem para me dizer?”

Ela piscou e se espreguiçou com uma graça indolente que o deixou imediatamente ereto. Ele era louco de pensar que bastaria passar uma noite com ela para afastá-la de sua cabeça. Jamais havia considerado o grande perigo de tirar uma provinha e acabar viciado. Slade ignorou a preocupação mesquinha que dizia que o plano de pegá-la em uma armadilha tinha se voltado contra ele. Ela o pegara também.

“Imaginei que você fosse ficar contente. Eu estou sem palavras.”

Ele riu e alisou o cabelo embaraçado dela. “Verdade. Isso é provavelmente um milagre.”

Ela levantou uma das mãos para tentar bater nele, mas o soco ficou no ar. “Você vai me pagar mais tarde.”

“Tenho certeza de que vou.” Ele segurou no seio nu dela e brincou com o mamilo. O carocinho imediatamente se endureceu sob o polegar provocador dele. “Mas não antes da minha vingança.”

Ela se arqueou com o toque. Ele sentiu um golpe de energia por dentro, ao ver a reação sem disfarces dela. O homem das cavernas que sempre tentava controlar voltou à vida, estraçalhando o verniz civilizado dele. Deus, por quanto tempo ele havia evitado isto, e agora sucumbia maravilhado ao primeiro toque? Ele tinha que manter tudo restrito ao quarto. Porque Kate já apertava botões que ele sequer sabia que tinha, fazendo com que desejasse o impensável.

Mais.

“Se a sua vingança envolver algum destes truques que você me mostrou agora, pode mandar ver.”

“Kate, eu quase gozei antes de entrar. Pode contar que tem muito mais ainda pela frente.”

Ele apertou os seios dela, segurando com força os mamilos, e ela gemeu. Olhou com atenção para ela, observando o discreto movimento dos quadris dela, a veia que pulsava no pescoço. Ah, sim. Sua Kate

gostava de brincar com o perigo. Ele não podia esperar para explorar cada um dos limites dela, e mais.

A curiosidade o queimava por dentro. Ela escondia tantas camadas de personalidade atrás da personagem de mulher de negócios comportada. A cada vez que ela revelava mais um pouco, a fascinação dele aumentava. Slade continuou com as carícias, induzindo-a a um estado de relaxamento e tédio. “Da primeira vez que eu vi o Robert, você disse uma coisa que me marcou. Que ninguém tem que ser jogado fora só porque está meio quebrado.”

“É.”

“Você estava falando de mais alguém além do Robert, não estava?”

Ela demorou alguns instantes para responder. Ele acariciou e torceu o mamilo dela, para que se apressasse. “Eu sou gaga.”

A confissão simples atravessou o quarto, como uma rolha de champanhe desgovernada. “Como assim? Você tinha um problema de gagueira?”

“Ainda tenho. Quando eu fico nervosa ou estressada, não me controlo. Eu consegui melhorar depois de adulta, mas foi muito difícil.”

Ele continuou com a massagem suave nos seios dela. Lembrou-se das vezes em que ela pareceu enrolar a língua. Tinha achado que fosse uma reação à insistência dele em fazer com que ela confrontasse a atração entre os dois. “As escolas não têm terapia pra isso?”

Ela não disse nada por um momento, como se estivesse avaliando o quanto deveria contar, e ele manteve o toque carinhoso. O contato de pele sobre pele levou-a a um estado de intimidade profunda, onde os segredos ditos no escuro bloqueiam a realidade do dia a dia. “Começou quando eu tinha oito anos. No início, todo mundo achou que eu era só tímida ou nervosa. Fui me fechando mais e mais, para tentar evitar aquilo. Tinha muitas ideias e coisas pra dizer, mas quando abria a boca, tudo se embaralhava. Era um ciclo louco, que eu não conseguia romper. Tinha decidido pedir ajuda, quando o meu pai foi transferido para o norte do estado. Precisei me mudar, conhecer gente nova, e começou tudo de novo.”

Slade franziu o rosto. “E os seus pais? Eles não tentaram te ajudar?”

“Eles pareciam achar que ia passar conforme eu crescesse, mas a escola finalmente convenceu os dois de que eu tinha que fazer uma terapia regular. Minha mãe achava que eu estava ótima daquele jeito, que eu era nervosa e que me cobrava demais, tentando me expressar. Me botou na aula de ioga e de música, porque achava que eu precisava relaxar e me aceitar mais. O papai concordou com ela. Eles só queriam que eu soubesse que eles me amavam do jeito que eu era. Que, aos olhos deles, eu já era perfeita. Sabe, a minha mãe perdeu dois bebês antes de conseguir me ter. Eles diziam que eu era o ‘bebê-milagre’ deles.”

Slade processou as palavras dela. Na superfície, aquele tipo de amor era difícil de contestar, a aceitação natural dos pais que amam o filho. A aura de perfeição que a mãe vê no bebê que sempre quis ter. Mas qual havia sido o preço para Kate? Como ela se sentira, frustrada por não conseguir falar? Querendo que os pais reconhecessem o problema e dessem a ela a ajuda que precisava, mas assustada demais para confessar a eles que não era perfeita? “Foi difícil na escola?”

O corpo dela ficou tenso. Slade sentiu uma dor bruta no estômago ao imaginar que ela tinha sido

ferida. Como sua irmã. Quantas vezes ele não tinha encontrado Jane chorando, tentando sobreviver neste mundo onde a crueldade é bem vista e a sensibilidade, destruída? Ela nunca se encaixava nos grupos e era sempre punida por isso. “Foi. Eu sofri muito bullying, claro. Alguns professores tentavam ajudar; outros ignoravam. Eu ficava na minha, e como fui transferida já tarde, quase não fiz amigos. Por muitos anos, me senti isolada e burra. Por que eu não conseguia falar normalmente como todo mundo? As outras crianças terminavam as minhas frases ou me imitavam. A coisa ficou tão séria que eu decidi que nunca mais ia abrir a boca, nem para responder a professora. Minhas notas despencaram. Mas eu aprendi algumas lições. Mesmo as coisas mais terríveis têm fim. Se você segurar firme e lutar, um dia tudo vai embora.”

Ele sentiu orgulho. Caramba, ela era forte. Quanta gente reclamava e choramingava por causa da infância que teve? Culpava os outros pelas más escolhas, sem nunca olhar para dentro de si mesmo? “Terminei a escola e entrei na Universidade de Nova York. Conheci a Arilyn e a Kennedy no meu primeiro semestre e nos demos bem imediatamente. Manhattan era uma cidade grande, cheia de gente atarefada demais para se preocupar se eu falava direito ou não. Encontrei uma ótima terapeuta e finalmente aprendi algumas técnicas para controlar a fala.”

“Mas o seu final feliz veio com a Kinnections.”

“Verdade. A ideia que tivemos bêbadas virou realidade porque lutamos por ela. Minha terapeuta me ajudou a ter mais confiança em mim mesma, e percebi que eu não ia deixar de ter o meu próprio negócio e fazer dele um sucesso só porque minha fala jamais seria perfeita.”

“Você me impressiona.” Ela balançou a cabeça, negando, mas ele levantou o queixo dela. “Você é uma mulher inteligente, capaz e sincera, e eu nunca imaginaria que você tinha passado por tais dificuldades.”

“Todas nós passamos. Kennedy sempre teve problemas com a balança, e acabou lutando contra a anorexia. Arilyn era totalmente geek, sem amigos, isolada. A gente conseguiu. Não te contei isso pra você ficar com pena, Slade. Só queria que você soubesse... mais.”

A confissão dela o abalou, tanto quanto sua força interior. Todas as suposições ridículas que tinha elaborado sobre ela e as sócias agora o assombravam. A noção de que mulheres tão vibrantes e passionais como elas lutavam contra pressões e demônios interiores só lhe fazia lembrar de uma importante lição negligenciada. Ninguém deve julgar a aparência antes de saber a verdade. Ele sentiu vergonha. Não era isso que os outros faziam com a irmã dele? Não davam de barato que ela era uma geek supermotivada que desprezava os outros por se achar melhor que eles?

“Obrigado por me dar este presente.”

“Slade?”

“Sim, linda?”

“Você me conta uma coisa? Alguma coisa que não tenha contado para ninguém?”

Ele se afastou e estudou o rosto dela. Os olhos brilhavam com curiosidade, mas havia mais. Uma vulnerabilidade e uma vontade de conectar-se, dividir a intimidade além do ato sexual, transcender o nível físico. A atração entre eles era tão poderosa que cintilava ao redor dos dois em uma aura visível, mas naquele momento Slade percebeu que ela queria guardar alguma coisa a mais do encontro. Algo para

lembrar à luz da manhã, algo que não sumisse em um sopro de fumaça.

Ele sentiu seu coração se apertar dentro do peito. De medo. Dos laços que surgiriam ao confessar seus segredos para aquela mulher, que tinha um poder que ela própria desconhecia. Mas não podia negar nada a ela, não naquela noite.

“Conheci minha ex-mulher na escola. Eu era jovem, inquieto, e tinha hormônios demais. Era o primeiro da turma, cheio de vontade de vencer, e ela era a garota rebelde da escola. Eu tinha sido aceito em Harvard, e ela decidiu ir comigo, então a gente se casou por impulso logo depois da formatura.” A lembrança tremulava diante de seus olhos, como se debochasse dele, mas seguiu em frente, determinado a contar a história para ela. “Meu Deus, estávamos destinados ao fracasso, desde o início. Eu queria ser advogado mais do que qualquer coisa na vida. Ela queria ser a minha mulher e achava que o casamento seria divertido. Tipo na escola. Não é preciso dizer que não foi assim, e as coisas logo viraram uma bagunça.”

“Ela também foi para a faculdade? Queria ter uma carreira?”

“Tracey não era ambiciosa. Ela queria sair, se divertir e ser casada com um advogado. Ela precisava de agitação como se fosse viciada e adorava viver no limite.” Um riso sem graça escapou dos lábios dele. “A faculdade tomou tudo o que eu tinha. Eu raramente a via, e quando via, a gente brigava e ela me ameaçava, dizendo que ia me trair. Aguentamos até eu me formar, arrumar um estágio e, finalmente, achar um emprego. Mudamos pra Nova York juntos, mas naquela altura mal tínhamos um casamento. Um dia, voltei mais cedo pra casa e a encontrei com outro cara. A parte triste é que eu nem a culpei por nada. Ela estava sozinha, e eu não conseguia dar o que ela queria. A gente se divorciou e é vida que segue.”

Ele caiu em silêncio. Kate rolou para o lado e apoiou o queixo nas mãos. O cabelo loiro quase branco cobria um dos olhos. Os lábios sensuais se curvaram, como se ela estivesse pensando e analisando a história dele. “Você ainda se culpa?”, perguntou, com delicadeza.

Ele quase estremeceu diante da pergunta direta, mas conseguiu manter o olhar fixo no dela. “Às vezes. Eu era egoísta, concentrado demais no meu futuro, mais do que na gente, como casal. Eu não estava pronto para me casar.”

“Você era jovem. Imaturo. São os nossos primeiros amores que nos definem, que nos ensinam lições e nos fortalecem. Você amadureceu e agora sabe quem é. Olha o jeito que você protege a sua irmã, toma conta dela. Você cuida de quem você ama.”

O ar voltou a circular em seus pulmões. Ficou balançado com a simplicidade das palavras dela, a compreensão que viu em seu rosto, sem pena ou julgamento. Uma onda de calor tomou conta dele e fez seu pau ficar duro. Ela arregalou os olhos, reagindo imediatamente ao desejo que pulsava em todos os poros dele, exigindo ser saciado. Ele tinha somente uma maneira de se expressar e liberar todas as emoções que sentia.

“Slade...”

“Eu quero você. De novo.”

Ele agarrou os braços dela, deitou-a de costas e montou nela. As curvas maravilhosas do corpo dela, nu, davam a ele vontade de provar cada centímetro, tocar em toda parte, até que ela se contorcesse e

implorasse por misericórdia. Soltou um grunhido e abaixou a cabeça, para roçar a barba crescida do queixo nos seios macios dela; com as mãos, começou a afastar suas coxas. Ela gemeu e imediatamente lhe deu acesso total. Os mamilos dela se enrijeceram, e ele chupou-os, mordiscando-os e provocando-a, até a pele tremer e os seios ficarem inchados. “Eu adoro os seus peitos. Um dia, vou te fazer gozar só chupando aqui. Quero ver quanto tempo você vai levar pra começar a implorar.”

Ela estremeceu, e ele riu baixinho com satisfação. Usando os polegares para afastar os grandes lábios inchados, deslizou os dedos para a frente e para trás sobre as dobras de pele cor-de-rosa e molhada. Provocou o clitóris até ele virar um caroço bem duro. Depois, foi remexer dentro dela. Ela recebeu-o com voracidade; à beira do orgasmo, mas sem poder chegar lá, bateu com os punhos fechados no colchão, em agonia. Uma onda violenta de possessividade tomou conta dele, fazendo-o querer dar àquela mulher um prazer excruciante, uma experiência que jamais esqueceria, exigindo dela que entregasse tudo o que era, bom e ruim, claro e escuro, por dentro e por fora, até que não houvesse nada que não fosse dele.

Ele dobrou os dedos e mergulhou-os mais fundo, atingindo o ponto mais doce, enquanto ela gritava. “Você me quer quanto?”, perguntou, adorando a reação feroz e a maneira como ela exigia o prazer.

“Não aguento mais, por favor, me deixa gozar.”

“Aguenta, sim. Quero ver mais.” Ele continuou com os movimentos rotatórios, enquanto brincava com a pele sensível da barriga e subia de volta até os peitos, para chupar com força as pontinhas de morango. Ela enfiou os calcanhares no colchão e encheu o quarto com sua respiração ofegante.

“Eu faço qualquer coisa, Slade. Qualquer coisa, por favor.”

O pedido inocente fez a pele do pau dele repuxar e se esticar. Ele também não conseguiria se segurar por muito tempo mais, o desejo crescente de penetrá-la turvava sua mente e as intenções de torturá-la sexualmente. Mas ele teria sua vingança. Já.

“Pede de novo, Kate. Mas me chama de doutor.”

Ela suspirou, mas já não havia como se negar. Seu sexo apertou-se e espremeu os dedos dele, enquanto ele mantinha os dentes posicionados no mamilo dela, esperando a explosão final.

“Doutor! Por favor, eu quero gozar!”

As palavras doces chegaram aos ouvidos dele ao mesmo tempo que ele enfiou três dedos dentro do sexo quente e apertado dela.

Ela se contraiu e se desmanchou em volta da mão dele. Os músculos desistiram de lutar e todo o corpo dela estremeceu, enquanto ele a beijava profundamente, embriagando-se no seu gosto de mel, melhor do que algodão-doce. Ela ainda nem tinha recobrado as forças quando ele abriu a camisinha, vestiu-a e entrou nela.

No lugar que era dele.

O mantra ecoou dentro da cabeça dele, enquanto seu pau metia fundo dentro dela, excitando-a novamente com movimentos secos e controlados. Ela gozou pela segunda vez, com o nome dele nos lábios. Ele acompanhou-a e deu um passo que vinha evitando havia anos: entregou-se completamente ao momento, deixando o orgasmo tomar conta não só do corpo, mas ir muito mais fundo, até que não restasse

mais nada.

Slade beijou-a no rosto e fez um carinho no cabelo dela. Kate já estava quase caindo no sono. Ele foi rápido em se livrar da camisinha e voltou para a cama, abraçando-a. Ele se permitiu cair no sono com um último pensamento piscando em sua mente.

O que ela havia feito com ele?

Slade dormiu.

Kate gemeu e enfiou a cabeça no travesseiro. Enquanto saía do mundo nublado dos sonhos, reparou em alguns detalhes. Estava em um dos lados da cama, quando normalmente dormia no meio. Havia um cheiro forte no ar, deliciosamente almiscarado e proibido. E por que suas coxas pareciam estar pegando fogo? Ela estava com os músculos doloridos, especialmente entre as pernas. Fragmentos de memória foram passando aos poucos pela cabeça dela.

Kate se levantou assustada, com os olhos quase pulando para fora das órbitas.

Ai. Meu Deus.

Tinha dormido com Slade Montgomery.

Kate apertou os olhos com força, conforme as imagens da noite anterior iam voltando com força total. Lembrou-se de ter implorado a ele para fazer coisas bem sacanas com ela. Da boca dele metida entre as pernas dela, enquanto ela o chamava de doutor. O grunhido obsceno dele, quando disse a ela para dar tudo. Tudo.

E foi o que ela fez.

“Quer partir pra rodada vinte e quatro?”

Ela abriu os olhos. Encarou, boquiaberta, a visão à sua frente. A calça jeans caindo abaixo da cintura. O peito nu revelando uma imensidão de pele dourada. O cabelo louro emaranhado caindo sedutoramente sobre a testa. A barba por fazer escurecendo um pouco o queixo e emoldurando aqueles lábios cheios e deliciosos, lábios feitos para o pecado, que tinham arrancado dela inúmeros orgasmos durante a noite. Ai, meu Deus, aquilo era uma ereção?

A calça jeans claramente mostrava uma forma maciça empurrando o tecido. Kate engoliu em seco. Por que ela não era mais experiente nisso? Desejou ser sabida como Kennedy. Não havia hipótese de sair andando nua, aliás, principalmente na luz desfavorável da manhã. Aquela pinta na bunda definitivamente não era um dos seus pontos mais fortes. Puxou o cabelo para trás, imaginando o nível de tragédia do seu visual, e tentou encontrar alguma compostura. “Hummm, a-a-a-acho que não. Tenho que passear com o Robert.”

“Já fiz isso.”

Ela franziu a testa. “Como assim? Ele nunca sai com ninguém, a não ser com a Gen ou comigo.”

Aqueles ombros largos se levantaram. “Ele foi comigo. Eu vi como você fez para prender o carrinho antes, então foi fácil. Ele fez xixi e cocô. Peguei a ração no armário e dei água fresca pra ele.”

Ela sentiu uma onda de irritação. O que ele estava fazendo, assumindo a rotina dela? Era a casa dela. A vida dela. Achando-se ridícula e ranzinza, segurou o lençol firme para tapar os seios. “Ah. Tudo bem, obrigada. Tenho que ir fazer o café.”

“Já estou providenciando.”

Ela levantou o queixo. “Minha cafeteira é velha e mal funciona. É melhor eu ajudar.”

Ele sorriu. “Ainda não encontrei uma cafeteira que não conseguisse domar neste século. Por que você não aproveita pra relaxar um pouco? Eu te trago uma xícara.”

Afastou-se da porta e desapareceu.

Por que ela estava tão zangada? Talvez pela atitude casual e o bom humor que ele demonstrava no dia seguinte? Em quantos ele já teria estado? Dúzias? Centenas? O barulho das patas no chão interrompeu seus pensamentos depressivos. Robert correu para dentro do quarto e parou ao lado dela. Kate sorriu. “Hora da cama?”

Dois latidos.

Ela se abaixou e levantou-o até a cama. Robert adorava se aconchegar um pouco, depois de sair pela manhã. Ele tinha um cheiro bom de cachorro, e ela encostou a testa na cabeça dele, apreciando o conforto daquele amor sem perguntas, sem medo, sem reservas. Meu Deus, como o amava.

Ela se recostou nos travesseiros e alisou a barriga dele. O que ela deveria fazer agora? Esperar o café e depois ter “a conversa”? Ao menos o seu dom voltaria. Satisfizera todos os desejos mais obscuros e dera tudo a ele. Se isso não resolvesse, talvez tivesse que enfrentar a realidade de que o dom não voltaria mais. A ideia de viver uma noite perfeita e depois vê-lo ir aos outros encontros marcados por ela fez seu estômago dar uma cambalhota.

Será que ela conseguiria continuar a tentar encontrar alguém para ele? Ela ainda não havia provado suas competências, nem garantido a segurança da irmã dele. Mas havia somente um pensamento ecoando dentro de sua cabeça.

Ele era dela.

Loucura, sim. Mas ela não queria bancar a durona e fingir que não tinha sentimentos mais profundos. Talvez quebrasse sua própria regra e tirasse Slade da lista de clientes da Kinnections, para que ele pudesse ser seu? Afinal, ele já tinha mesmo mencionado que era tolice lutar contra a atração que os unia. Se ela se abrisse, quem sabe eles poderiam ter um relacionamento de verdade? Explorar-se mutuamente para saber se combinavam em outros aspectos além da cama.

O celular vibrou em cima da mesinha de cabeceira. Ela conferiu a mensagem que chegou. Era de Hannah.

Oi, Kate! Gostei muito de jantar com o Slade. Acho que ele é o cara certo! Só que não ligou ainda. Ele comentou qualquer coisa sobre nosso encontro? Detesto ser oferecida, então achei melhor ver primeiro com a minha conselheira favorita! Obrigada por tudo, sempre. 😊

Ai, caramba.

Kate ficou olhando para a carinha sorridente no fim da mensagem e sentiu um enjoo. De alguma maneira, ela havia roubado o pretendente de Hannah. Por vias tortuosas, é claro. Não tinha sido de propósito, óbvio. A mensagem de Emma tinha vindo outro dia, contando alegremente que o encontro tinha sido ótimo e que ela estava esperando por uma ligação dele. Enquanto as clientes aguardavam, ela estava na cama com ele.

Mau agouro.

Ela grunhiu. Tratou de se recompor. Slade não tinha sentido nenhuma conexão com Hannah, nem com Emma, e não havia nada a fazer a respeito. Ela ligaria para as duas assim que chegasse ao escritório e diria a elas, com delicadeza. Kate já havia dado más notícias muitas vezes. Naquele negócio, rompimentos e falta de conexão eram efeitos colaterais necessários, ossos do ofício. Ela sempre detestava quando um cliente não era correspondido, mas já dominava o discurso como uma profissional.

Ela só precisava cuidar para que elas não soubessem da verdade.

Slade entrou no quarto com duas canecas fumegantes. Kate limpou a garganta. “Estou com água na boca.”

Ele entregou uma das canecas para ela e levantou uma sobrancelha. “Por causa de mim ou do café?”

Ela deu uma risada. Ele era tão arrogante e sexy. “Do café.”

“Droga.”

Ela deu um gole na bebida quente e depois levantou os olhos. “Como você sabia que eu gostava dele puro?”

“Não tinha creme nem leite na geladeira. O açucareiro estava escondido. Arrisquei.”

“Muito bem, doutor.”

Os olhos verdes lançaram chamas na direção dela. “Acho que nunca mais vou ouvir esta palavra sem pensar no seu rosto na hora em que eu te fiz gozar.”

As bochechas dela ficaram rosadas e ela enfiou o nariz dentro da caneca. Robert deu um ganido baixo e se afundou no edredom fofo, de penas de ganso. A risada de Slade ecoou pelo quarto. “Meu Deus, como você fica sexy toda vermelhinha assim. É tipo um fogaréu numa hora, virgem pudica na outra.”

Caramba. Se ele soubesse.

Pelo menos, as palavras dele aguçaram o senso de desafio dela. Manteve a voz tranquila. “A vida inteira você vem usando este famoso charme pra manipular as pessoas? Só lembrando que você não me obrigou a fazer nada que eu não quisesse ontem à noite.”

O olhar dele, cheio de intimidade, recaiu sobre o lençol que ela segurava na altura dos seios. Os mamilos espetaram o cetim em uma tentativa de chamar a atenção. “Foi isso que deixou tudo melhor”, ele murmurou. “Saber que você gosta de implorar.”

Sentiu a umidade que escorria pelas suas coxas. Kate se deu conta de que já tinha ido longe demais. Nunca se fartaria dele. Ela estava louca para que ele a possuísse de novo, mesmo estando dolorida. O pau dele respondeu ao pedido silencioso do corpo dela e acordou para a vida. Ela queria prová-lo com a boca, sentir toda aquela extensão quente esticar seus lábios e controlar o prazer dele. Slade balbuciou um palavrão, deixou a caneca na mesa e foi até ela. Com movimentos gentis, levantou Robert da cama e o pôs de volta no chão. Petrificada, ela deixou que ele tirasse a caneca dela e puxasse o lençol. Um arrepio percorreu seu corpo, conforme o olhar aberto e quente dele estudava cada centímetro da nudez dela, farejando sua excitação. Ele pôs um dos joelhos na cama e ela semicerrou os olhos, esperando que ele a levasse em outro passeio selvagem.

“Meu Deus, Kate, eu te machuquei?”

A pergunta repentina dele rasgou o silêncio pulsante.

Ela abriu os olhos e acompanhou o olhar dele. Havia sangue nos lençóis e nas coxas dela. Slade prendeu a respiração, enquanto a prova da virgindade dela brilhava em cores vivas.

Droga. Aquilo mal tinha doído, então ela não esperava que sangrasse. Kate se sentou e puxou de novo os lençóis até o peito. “N-n-não, claro que você não me machucou.”

Os dedos dele se retorceram nos lençóis e ele puxou-os de volta. Segundos se passaram lentamente. A ereção dele desapareceu e, quando ele finalmente levantou os olhos, ela viu que seu amante havia ido embora. O homem que o substituíra era feito de gelo, com os lábios virados para baixo, descontente. Kate sentiu um arrepio. Rezou para ter força para disfarçar a vulnerabilidade e a confiança que se esvaía.

“Você era virgem.”

As palavras duras foram um golpe nos ouvidos dela. Saiu correndo da cama e agarrou o roupão, amarrando-o com força na cintura e evitando o olhar acusador. “E daí? Não é grande coisa.”

“Putá merda. Não acredito nisso.” O queixo dele estava travado e a raiva emanava pelos poros. Robert levantou a cabeça e olhou para ele, desconfiado. “Por que você não me contou?”

Ela deu de ombros e ignorou a bola de gelo que sentia na barriga. “Porque não significa nada e eu preferi evitar uma cena desagradável como esta. É só uma questão técnica, Slade. Nada para você se preocupar.”

“Eu fui o seu primeiro. Você esperou tanto tempo por algum motivo. Por que eu?”

Ela rezou para que o chão se abrisse e a engolisse, mas sabia que não havia saída. Hum, será que era hora de contar a ele sobre o dom, e que ela nunca sentira uma conexão com outro homem? Ou será que deveria confessar o sumiço do gene de bruxa e o plano de dormir com ele para recuperá-lo? Por alguma razão, nenhuma das opções parecia viável, então ela inclinou a cabeça e mentiu de novo. “Passei a vida ocupada com outras coisas. Nunca parei para ir atrás disso.”

Ele soltou um palavrão pesado. “Eu te machuquei. Se soubesse, teria sido mais gentil, mais cuidadoso. Eu teria te feito carinho e me certificado de que você estava pronta. Eu machuquei a sua pele também?”

Kate deixou escapar uma risada. “Você me deu orgasmos múltiplos e não me machucou nem um pouco. Honestamente, este papo de mártir me deixa constrangida. Podemos encerrar o assunto, por favor? Eu vou preparar o café da manhã pra gente.”

Ela tentou passar por ele, mas Slade segurou seu braço. O formigamento começou imediatamente, e ele ficou olhando para o lugar onde a carne deles se encontrava como se estivesse tentando entender. “Você já sentiu alguma vez este tipo de eletricidade, Kate? Com outro homem que não eu?”

Ela levantou o queixo e se preparou para responder à altura. Que se dane. A verdade era melhor — e o deixaria de quatro. “Não. Talvez seja por isso que eu finalmente decidi transar com você. E não me arrependo de nada do que aconteceu ontem à noite. E você?”

Ele deu um passo para trás, e ela se sentiu mareada. Meu Deus, ele estava arrependido. À luz fria do dia, sabendo que ela era virgem, ele realmente se sentia culpado. Do que ele tinha medo? Da expectativa de um relacionamento entre os dois? De saber para sempre que foi o primeiro dela? Ou de que realmente sentisse alguma coisa por ela? O pânico iluminou os olhos de Slade, que pareciam vê-la não mais como

uma amante, e sim como uma mulher que tentava lançar uma teia para pegá-lo.

Kate lutou contra o impulso de rir na cara dele. Quem poderia imaginar que uma virgem inocente seria capaz de amedrontar o lobo mau? “Não. Mas não conversamos a respeito da noite passada. Eu não sei se você tem ideias sobre a gente. O que você quer?”

A alegria da noite já havia se esvaído. Kate olhou para o homem a quem ela havia dado tudo, que agora parecia um estranho, pisando em ovos, se esforçando para não sair correndo pela porta. “Eu não quero nada”, disse, friamente. “Na noite passada eu queria sexo. Com você. Agora de manhã quero voltar ao nosso acordo original e tratar normalmente dos negócios.”

“E esquecer que dormimos juntos? Você me entrega a sua virgindade e agora quer fingir que isso nunca aconteceu?”

Kate forçou-se a dar de ombros. “Não é como se eu tivesse te dado um presente, Slade. Simplesmente aconteceu. A gente já tinha concordado que não poderia ter uma relação duradoura. Tiramos essa tensão que havia entre nós, e agora vamos seguir em frente.”

O alívio era visível nas linhas do rosto dele. O coração dela se partiu em pequenos pedacinhos e doía para respirar, mas ele jamais veria um mínimo sinal de dor. Slade Montgomery não acreditava em nada do que ela precisava, e fingir que eles poderiam vir a ter algo mais do que uma noite de sexo só prolongaria a tortura. Ela tentou ficar calma, ciente de que aquela era a única maneira de terminar logo com tudo.

“Não quero magoar você”, disse ele, entre os dentes. As mãos dele tremiam quando as passou pelos cabelos, dando a impressão de que preferia estar em qualquer outro lugar que não ali. “Eu não fui feito para durar. Pelo menos não ao lado de alguém que acha que o amor é um conto de fadas e que a gente vai viver feliz para sempre. Você não viu as coisas que eu vi, a verdade sobre o que isso que chamam de amor faz com as pessoas. ‘Para sempre’ não existe!”

A dor cresceu em ondas e a sufocou. Kate enfiou as unhas nas palmas das mãos e absorveu toda a situação. Que idiota. Ele ficava falando que estava aberto para o amor, mas era só um jogo. Queria era encontrar uma mulher que fosse companheira, mas que não tivesse expectativas nem ideias tolas. Uma mulher que ela nunca seria.

“Você está errado, doutor”, disse ela, com a voz suave. “Eu não estou atrás do ‘para sempre’. Só estou à procura de alguém. Acho que mereço isso.”

Ele estremeceu. “Sinto muito. Eu...”

“Não. Acho que é melhor você ir embora. E não se preocupe, se por acaso eu achar que houve aqui algo mais do que uma boa noite de sexo, vou me lembrar do conselho que um homem muito inteligente me deu.” Os olhos dela estavam queimando, brilhantes. “É só oxitocina. Nada mais. Nada menos.”

Dessa vez, quando ela tentou passar, ele não a impediu. Ela foi cuidar dos afazeres na cozinha e ignorou quando ele parou junto à bancada. Kate se concentrou em bater os ovos e preparar as rabanadas, rezando para que ele não a testasse nem a tocasse. Depois de alguns instantes, a porta atrás dela se fechou, sem palavras.

Ela largou a colher, encostou na ilha de granito e se permitiu chorar por algo que nunca havia sido

dela.

Kate olhou para a mansão à sua frente, enquanto Genevieve entrava com o carro. Ela quase tinha desistido de sair, mas sentiu-se culpada por deixar de ir à festa da família de Gen e obrigou-se a tentar socializar. Além do mais, ela mal via a melhor amiga ultimamente, e seria bom ter uma tarde divertida.

“Nunca achei que fosse ficar tão deprimida depois do sexo.”

Gen desligou o motor e balançou a cabeça. “Vamos olhar para o lado positivo. Você teve vários orgasmos, o que é raríssimo na primeira vez. Você descobriu a verdade sobre ele antes de se envolver demais. E você provavelmente recuperou o dom, o que é ótimo pros negócios.”

Kate riu. “Eu deixo este lado positivo por sua conta. Mas acho que você está certa. Vou deixar a Kennedy cuidar dos próximos encontros dele, pra não precisar vê-lo nunca mais. Eu vou superar.”

“Você sabe o que a Ken diz. O jeito mais rápido pra tirar um homem da cabeça é pôr outro na cama.”

Kate revirou os olhos e abriu a porta. “Não, obrigada. Acho que meu controle remoto e o Robert vão ser o suficiente pra mim por um tempo.”

Elas foram subindo até o casarão, uma massa de tijolos e pedra que se elevava três andares para o céu. Várias varandas se debruçavam sobre jardins frondosos e caminhos abertos entre as árvores, e as risadas alegres ecoavam pelo ar. Quando Kate conheceu Gen, na faculdade, foi imediatamente acolhida por aquele clã — italianos que ofereciam jantares às sextas e domingos e alimentavam generosamente os convidados que viviam com o cinto mais apertado.

“Com quantos anos estão os gêmeos agora?”, Kate perguntou, levantando a grande pista de corrida, alegremente embrulhada com um papel estampado de dinossauros.

“Seis. Deve estar todo mundo aí. Maggie e Michael pediram uma festa da selva, então sabe-se lá o que vamos encontrar. Oh-oh, aí vem a Lily.”

Kate riu quando a sobrinha de Gen as viu, deu um grito e atravessou correndo o chão de tacos, direto para os braços da tia. “Você está tão bonita! Foi a tia Maggie que te deu essa roupa?” Maggie era a melhor amiga de Alexa, irmã mais velha de Gen, e tinha assumido a tarefa de fazer da Lily a criança mais fashion da turma. Lily deu-lhe um abraço apertado, sorriu orgulhosa e girou para mostrar o vestido chique de jeans, que ela usava com botinhas rosa-choque até os tornozelos. “Papai disse que o outro vestido era esquisito demais.” Lily franziu o nariz atrevido, com seus cachinhos de saca-rolhas, tão desgrehados quanto os da mãe. “Ele disse pra Maggie manear um pouco. Daí a Maggie mostrou a língua pra ele quando ele saiu e a mamãe disse pra eles pararem de agir feito uns bebês, porque já tinha criança demais aqui.”

Gen riu e ajeitou um cachinho desalinhado. “Onde é que está a sua irmã?”

“Maria está indo atrás do Luke e do Ethan por toda parte. Acho que ela quer casar com o Luke.”

“Primos não se casam, flor, mas não tem problema por enquanto. Deixa ela torturar ele um pouco. O Luke precisa provar do próprio veneno.”

“É, o Luke já derramou o ponche quando subiu na árvore pra ver se conseguia pular dentro do pote,

como ele viu no desenho animado. O tio Michael botou ele de castigo, e a Maria disse que ia sentar com ele pra fazer companhia.”

Kate mordeu o lábio ao imaginar a cena. “A gente já vai lá, querida, vamos só dar ‘oi’ pra todo mundo primeiro.”

“Tá!”

Lily saiu correndo, e elas se embrenharam por ambientes elaborados, decorados em tons vivos de azul e verde. O tema de selva revelava a obsessão dos meninos com os animais, e uma grande variedade de macacos de pelúcia, tigres e zebras saltava dos cantos, em meio a pilhas de presentes embrulhados, com laços coloridos. Elas pararam para falar com alguns convidados no meio do caminho e finalmente chegaram ao destino final.

O bar.

“Ah, minhas meninas favoritas chegaram! Futura cirurgiã e casamenteira extraordinária.” Kate sorriu. O marido de Alexa, Nick, estava de pé atrás do bar e parecia bastante feliz em ter se livrado do jardim, onde toda a ação acontecia.

“Neste momento, eu acho que a gente precisa de um cosmo”, falou Gen. “Você sabe preparar?”

“O drinque do *Sex and the City*, certo?”

Gen riu. “Bom, a série já saiu do ar há algum tempo, mas tudo bem. Está todo mundo lá fora?”

“Sim, está uma selva lá fora. Literalmente. Michael e eu brigamos para ver quem assumiria o bar, mas eu ganhei, então vou ficar aqui. Cadê o David?”

“Ele vem mais tarde.”

“Que bom.” Ele piscou para Kate. “E você? Cadê o Robert? Você podia ter vindo com ele.”

Kate se perguntou por que raios o seu par sempre acabava sendo o cachorro, mas era uma questão triste demais para analisar. Especialmente depois da noite com Slade. “A Shelly foi com ele ao parque. Estou livrinha da silva.”

“Soa perigoso.” Ele entregou a ela um drinque perfeitamente cor-de-rosa, decorado com um guarda-chuvinha amarelo. “Aqui está, querida. Tomara que goste. A Izzy não chegou ainda, deve vir mais tarde.”

A irmã gêmea de Gen, Isabella, parecia estar passando por um período complicado. Gen já havia sido mais próxima dela, mas o temperamento instável e o sarcasmo quase cruel de Izzy criaram um vácuo entre as duas. Triste, porque Kate sempre tivera vontade de ter uma irmã. Ela sabia que Gen ficava muito incomodada com a distância entre elas e torcia para que o tempo sarasse algumas das feridas abertas.

Foram caminhando para os fundos e pararam, de repente. “Caramba, Gen. Isto é o que eu chamo de uma festa infantil.”

Mesas e cadeiras estavam dispostas em meio a dúzias de espaços de brincadeiras, pequenas áreas cercadas com diferentes atividades para as crianças. Jogos, brinquedos e um pequeno zoológico, cheio de animaizinhos peludos para serem alimentados com mamadeiras. Um cabo tinha sido amarrado entre duas árvores para criar uma minitirolesa e um animador ajudava as crianças que se revezavam para deslizar de um tronco para o outro amarradas no assento. Uma enorme carrocinha servia amendoins, pipoca e algodão-doce para um enxame de crianças e um caminhão de circo estava estacionado a um

quilômetro adiante no gramado. Kate apertou os olhos e tentou enxergar do outro lado do jardim. Era um elefante?

“Vocês chegaram!” Alexa envolveu as duas com um abraço gostoso. A irmã mais velha de Gen era linda, com os cachos de saca-rolhas, olhos azuis brilhantes e corpo curvilíneo. Sua gentileza e bom humor irradiavam em ondas, e Kate adorava estar perto dela.

“Hum, Al, aquilo ali é um elefante?”, Gen perguntou.

Alexa suspirou profundamente. “Sim. Mas não se preocupa, não há maus-tratos. Eu investiguei tudo antes de deixar Maggie seguir em frente com a ideia. O nome dele é Sam e ele veio de um campo de resgate de elefantes de circo. Fica só a duas horas daqui, e ele é muito bem cuidado. O minizoo também é ótimo. Eu investiguei a dona, e ela é de uma fazenda de orgânicos em Wallkill, que educa as crianças sobre a maneira correta de tratar os animais.”

Kate riu. Alexa era uma feroz defensora dos direitos dos animais e passava algum tempo como voluntária em abrigos. “Entendi. Que bom que você me explicou. Isso aqui está uma produção e tanto.”

“É, o que mais você esperaria da Maggie?”

“Eu escutei isso.”

A voz rouca veio de trás. Gen deu um abraço nela, enquanto Kate admirava o jeans de grife, as botas com plataforma de sete centímetros e a jaqueta de couro da moda. Ela parecia vestida mais para bater perna em Beverly Hills do que para uma festa de criança. “Gen, o seu médico gostosão vem hoje?”

“Ele vai aparecer mais tarde, está no hospital agora.”

“Kate, querida, cadê o Robert?”

“No parque de cães.”

Maggie levantou uma sobrancelha. “Sozinha, é? Tenho um modelo delicioso pra te apresentar.”

Kate riu. “Eu não acho que os modelos façam muito o meu tipo, Maggie.”

“Bobagem, eles fazem o tipo de todo mundo.”

Gen balançou a cabeça. “Onde é que estão os aniversariantes lindos?”

Maggie suspirou devagar. “Luke está de castigo de novo. Ethan está correndo por aí feito um cracudo, então tenho certeza de que ele roubou um pedaço de bolo. Eu culpei o Michael sem querer, porque esse bolo é o item da doceria La Dolce Maggie que ele mais adora.”

Gen sorriu. “Está escolhendo o filho em vez do marido, Maggie?”

“Querida, eu estou só tentando deixar o maridão ligado.” Como se estivesse com as orelhas queimando, Michael parou atrás dela, com o dedo sobre os lábios para elas não falarem nada. Gen cerrou os lábios para não entregá-lo.

“Interessante. Qual é a melhor maneira de manter o marido na linha, Maggie?”

Ela inclinou o quadril e piscou. “Sexo, claro. Eu diria sexo e comida, mas como eu sou péssima na cozinha, tenho que ser muito boa na cama.”

Alexa sacou a piada e revirou os olhos. “Ah, por favor. Eu já vi quem é que usa calças na sua casa, e não são essas Pradinhas aí, não. O seu marido mexe um dedo e você se derrete toda.”

Os olhos verdes dela brilharam de irritação. “Isso é difamação. Ou injúria. E mentira. Tudo que tenho

de fazer é estalar os dedos e meu marido me obedece.”

As palavras saíram de sua boca no instante em que os braços do marido se enroscaram em sua cintura. Maggie deu um gritinho e tentou se virar, mas Michael a manteve segura com facilidade. “Falando demais de novo, *cara?*”, perguntou com a voz arrastada, as mãos acariciantes levando-a à imediata submissão. Kate observou fascinada como Maggie relaxava encostada nele, os olhos brilhando com um calor que não havia diminuído em quase oito anos de casamento. Uma necessidade bruta apertou sua garganta. Céus, como ela queria também se sentir assim. Totalmente possuída e hipnotizada por um homem. Uma imagem de Slade atravessou sua mente. Prestes a penetrá-la, os olhos verde-jade queimando de desejo, os dedos entrelaçados enquanto ele metia lá dentro e tomava posse dela... Do seu corpo... Alma... Coração.

Sentiu os olhos arderem, as lágrimas querendo aparecer. Droga, só podiam ser os hormônios.

Uma maldita noite e Kate tinha dado não só sua virgindade, mas também suas emoções.

“Opa, desculpa, amor. Era só conversa de garota.”

Michael baixou a cabeça e grunhiu alto o suficiente para todas ouvirem. “Talvez eu arranque um pedido de desculpas mais quente desses seus lábios hoje à noite. Ou outras coisas.”

A promessa insinuante fez Maggie se arrepiar, e Kate engoliu em seco diante de tamanha força sexual. Alexa levantou a mão no ar, mais acostumada com o estilo da melhor amiga. “Chega, gente. Isto aqui não é um encontro de BDSM, é uma festa infantil. Acabou o papo de sexo, a Carina vem aí.”

Na mesma hora, a irmã mais nova do Michael se aproximou. A tristeza marcava seus traços, embora estivesse uma graça com a camiseta para grávidas, jeans e tênis cor-de-rosa. O cabelo grosso estava preso para trás, e suas bochechas estavam rosadas e cheias. “Argh. Não quero nem ouvir falar de sexo. Foi assim que eu fiquei neste estado miserável.”

Michael rosnou. “Muita informação, querida irmã.”

Max vinha logo atrás da mulher, segurando o cotovelo dela. “Eu vou buscar água com gás pra você, meu amor.”

Carina resmungou e apoiou as mãos sobre a barriga imensa. “Sinto falta de beber álcool. Sinto falta de ver os meus pés. Sinto falta de dormir.”

Alexa e Maggie se entreolharam e bateram no ombro dela. “Eu sei”, disse Alexa. “Mas daqui a poucas semanas você vai sentir uma felicidade que jamais imaginou. A maternidade é uma bênção incrível, perfeita, que faz todo este desconforto valer muito a pena.”

Luke cruzou o gramado correndo, nu. Seu cabelo espetado e a risada histérica lembraram a ela um personagem de história em quadrinhos. O bumbum de fora brilhava ao sol e grupos de crianças gritavam e urravam, apontando para ele e saltando, alegres. Maria vinha logo atrás. O vestido de princesa estava coberto de lama, e ela corria com um pé calçado e o outro não, gritando o nome do menino ao vento.

Carina arqueou uma sobrancelha. “O que você estava dizendo?”

Maggie suspirou. “Não importa. O parto vai doer. A maternidade vai te escravizar. Você vai morrer de sono, enlouquecer, se chatear, mas vai ser mais feliz do que nunca.”

Alexa balançou a cabeça. “É isso aí que ela falou.”

Gen apertou a mão fechada sobre a boca e tentou ficar séria. “Hum, eu vou lá ver se está tudo o.k. E,

bem, procurar as roupas do Luke. Kate?”

“Eu te ajudo.”

“Obrigada, gente”, disse Maggie.

Atravessaram o gramado atrás dos sobrinhos e sobrinhas, com os drinques na mão. Kate deu uma risada. “A sua família é uma viagem.”

“É, mas a sua mãe fuma maconha. Isso é muito legal, vai.”

As horas seguintes voaram, num redemoinho de crianças, açúcar, brincadeiras, gritos e bebidas para os adultos. Cantaram “Parabéns pra você”, cortaram o bolo e ficaram ali na cozinha enorme, tomando cappuccinos e expressos. David finalmente chegou, e Kate observou a amiga abraçá-lo relaxada, parecendo confortável e tranquila. A velha voz de advertência surgiu dentro dela, e Kate esbarrou casualmente nos braços dos dois para ver se sentia alguma energia entre eles.

Nada.

Ela franziu a testa. Será que eles não eram feitos um para o outro? Ou será que o dom ainda não tinha voltado? Cercada de casais felizes, Kate voltou ao bar, onde Alexa e Nick estavam de mãos dadas, conversando em voz baixa. Ela se aproximou, determinada a descobrir de uma vez por todas se o dom ainda funcionava. O casal normalmente dava um belo choque quando tocado, o que era um bom indício de almas gêmeas. Kate se esticou para pegar um copo, balbuciou uma desculpa qualquer e conseguiu tocar de leve nos pulsos dos dois.

Nada.

A esperança dela evaporou. O dom não tinha voltado. E se ela o tivesse perdido para sempre? Kate se apoiou na parede e tentou não entrar em pânico. Se o sexo não tinha dado jeito, o que ela poderia fazer? Ela vivia reclamando do dom, mas agora percebia que ele fazia parte de quem era. Tinha construído a Kinnections baseada na convicção de que sempre poderia confirmar os pares e ter certeza de que os clientes estavam sendo bem cuidados. E agora? Qual seria o papel dela, se não tivesse mais o dom?

Uma voz a impediu de ter um chilique.

“Olha, não é bonitinho? O casal poderoso prestes a conquistar o mundo. Cirurgiões unidos e tudo o mais.”

O silêncio caiu sobre a cozinha. A irmã gêmea de Gen, Izzy, estava parada embaixo do batente da porta. Calças de couro que marcavam cada curva, botas justas até as coxas, com tachas e pinos prateados, e uma camiseta preta muito decotada, que deixava aparecer a rosa cheia de espinhos tatuada no seio. Várias correntes prateadas balançavam em volta do pescoço dela e o brilhante que tinha no nariz reluzia. A voz de Gen quebrou a tensão. “Sentimos a sua falta, Iz. Os meninos perguntaram por você. Como você está?”

Izzy deu de ombros. “Bom saber que alguém se preocupa. Eu estou bem.”

Alexa se aproximou, o olhar claramente desaprovando a roupa da irmã. O abraço mal foi correspondido. “Tem um encontro hoje à noite?” Alexa provocou. “Eu sei que você não se vestiu assim para a gente.”

Isabella virou a cabeça rapidamente. “Por que você já pensa que eu fiz isso por causa de algum cara?”

Eu me visto assim pra agradecer a uma pessoa. A mim mesma.”

A voz de Nick atravessou o cômodo. “Chega. Você sabe que a Alexa estava brincando. Vamos pegar leve.”

Uma expressão rebelde apareceu no rosto dela. Kate captou um certo ar de intenso anseio, como se ela se arrependesse do comentário, mas já tivesse ido longe demais para voltar atrás.

“Como quiserem.” Ela foi embora, batendo os saltos altos.

David balançou a cabeça. “Este comportamento é inaceitável. Ela não deveria ter vindo.”

“Esta é a nossa família”, respondeu Gen.

David fechou o rosto. “Essa garota está numa rota de destruição, e eu não vou permitir que ela te leve junto. Você não deveria se envolver com ninguém que use drogas. Pode arruinar a sua carreira.”

Kate estava prestes a dizer alguma coisa em favor da amiga, quando foi interrompida. O melhor amigo de Gen, Wolfe, estava parado na porta da cozinha, sua altura impressionante fazendo tudo em volta ficar pequeno. A cabeça raspada, os olhos azuis cintilantes e o corpo forte davam a impressão de que se tratava de um bad boy. Uma serpente tatuada se enrolava no ombro e no pescoço dele e um brinco de brilhante enfeitava a orelha esquerda. A sobrancelha também tinha um piercing, e ele usava pulseiras de couro, com uma camisa preta de mangas compridas, o que lhe dava um visual que fazia com que as mulheres se derretessem.

De algum modo, Kate nunca se deixou impressionar, talvez por causa da longa amizade entre ele e Gen. Ela sempre se perguntara se havia mais alguma coisa entre eles, especialmente porque Wolfe parecia detestar David, mas a melhor amiga garantia que não havia nenhuma fagulha ali, eram só amigos.

“Ela não usa drogas”, Wolfe declarou, com a voz grossa e gutural. “Ela está sofrendo”, acrescentou.

Gen mordeu o lábio. “Não consigo me conectar com ela”, disse. “Tentei, mas ela não quer nada comigo. Ela age como se me odiasse.”

“Seja paciente. Daqui a pouco, ela vai precisar de você.”

David suspirou. “Ela tem ciúmes do sucesso de Gen. O melhor é dar espaço a ela e deixá-la em paz.”

Wolfe estudou David por um instante. Em seguida, balançou a cabeça e foi embora.

“Os dois seriam perfeitos um pro outro”, comentou David. “Fico surpreso que nunca tenham tido nada. De repente tiveram.”

Kate levou um dedo ao lábio inferior. Hum, Izzy e Wolfe? Seria uma combinação explosiva. Os dois pareciam sofrer de uma dor constante, mas Wolfe controlava muito melhor as emoções do que Izzy. Kate deu uma olhada no relógio. Hora de voltar para Robert. “Tenho que ir, Gen. Vou ao banheiro.”

A amiga assentiu. Kate pôs a caneca na mesa e dirigiu-se ao segundo andar. Subiu a escada larga, os dedos alisando o corrimão de mogno. Passou pelo lustre de cristal Swarovski, desceu o corredor e começou a ouvir vozes. Oh-oh, conversa íntima adiante. Chegou a girar sobre os calcanhares para voltar, mas reconheceu a voz de Wolfe. Em seguida, a voz de Izzy ecoou claramente pelo ar. Kate congelou.

“Por que você se tortura? Eu reparo no jeito que você olha pra ela. Ela não pode te dar o que você precisa, meu amor, mas eu posso.” Kate ficou dividida entre o desejo terrível de saber o que estava acontecendo e o respeito à privacidade. O lado malvado venceu, e ela ficou parada, ouvindo a conversa

que se desenrolava.

“Não faz isso.”

O alerta em voz baixa foi ignorado. Uma risada rouca e o som dos saltos na madeira. “Você diz não, mas o seu corpo diz sim. O que você tanto evita? A Gen está com o David e nunca vai te enxergar do jeito que você precisa. Além do mais, ela é tipo uma virgem tímida na cama. Eu posso te satisfazer do jeito que você precisa.”

Kate esticou o pescoço para espiar pela porta. Izzy estava de pé em frente a Wolfe, com o quadril inclinado para o lado, os peitos empinados de maneira que ele tinha uma vista perfeita do decote caprichado. Ele ficou parado, o rosto marcado por linhas de raiva, os braços cruzados, como se não tivesse qualquer interesse na tentativa dela de seduzi-lo.

“Eu não sou idiota, Izzy. Você está passando por uma fase difícil e quer se distrair. Mas sexo não resolve nada. Nem raiva. Você tem uma família incrível que te apoia. Por que faz tanta força para que ela se afaste de você?”

Isabella soltou fagulhas de raiva e praticamente cuspiu na cara dele. “Não banque o analista comigo. Você não sabe merda nenhuma sobre a minha família ou como eles me tratam feito lixo. Acham que eu sou menos importante que a minha irmã perfeita. Se recusam a aceitar quem eu sou, porque não me encaixo na imagem idealizada que eles têm das filhas. Estou cansada deles e das expectativas deles. Até você eles engabelaram.”

Ela chegou mais perto e encostou o corpo no dele. Wolfe murmurou uma reação qualquer, mas não se mexeu. Armada de um sorriso predador, ela ficou nas pontas dos pés e parou a centímetros da boca dele. “Você é como eu, sabia? Você acha que a Gen vai trazer alguma coisa boa e certa pra sua vida. Mas você não é este tipo de homem, Wolfe. Você vive no lado escuro. Gosta de sexo sacana, um pouco de dor, e enxerga a realidade da vida. Não é como a minha irmã, boba e protegida. Por que você não assume o homem que é e fica comigo? Eu vou te dar tudo o que você sempre quis.” Passou a língua nos lábios e desceu um dedo ao longo do rosto dele. Ele se enrijeceu, com o olhar fixo no dela. “Eu até deixo você fingir que está transando com ela, se quiser. Isto não vai melhorar as coisas?”

O ar estalava com a tensão. Kate esperou a reação de Wolfe.

Ele empurrou-a suavemente e deu um passo para trás. Seu rosto refletia um misto de desgosto, desejo e pena. “Não é assim que funciona, Izzy. Não sei o que está acontecendo, mas o que quer que seja está te destruindo. Você pode conversar comigo, você sabe. Eu vou te ouvir.”

Izzy empurrou-o com força, rosnando feito um gato com raiva. “Vá se foder, Wolfe. Espero que você seja feliz com a sua fantasia ridícula de que um dia a minha irmã vai olhar pra você. Você está muito abaixo dos padrões pra ser amante dela. Eu tenho pena de você.”

Kate não aguentou ouvir mais. Afastou-se devagar e dirigiu-se ao outro banheiro. Opa, aquilo era barra-pesada. Será que Wolfe estava apaixonado por Gen? Será que ela suspeitava? Ou será que era só uma suposição doida da Izzy, pra fazer um drama? Era igual a uma novela, só que melhor. Kate terminou o que tinha que fazer, lavou as mãos e voltou para a cozinha. David despertava nela uma sensação estranha, mas nunca tinha interferido na vida amorosa da amiga. Gen parecia feliz com o cirurgião, mas

talvez Kate devesse contar a ela o que tinha escutado. Ela raramente tinha segredos para a melhor amiga.

Kate estava prestes a pegar o casaco e começar as despedidas, quando David segurou na mão de Gen e puxou-a para o meio da sala de estar. Um pressentimento tomou conta dela, enquanto David levantava a voz para atrair a atenção de todos. Os convidados estavam espalhados em grupos, acomodados no sofá e nas poltronas cor de café, de pé junto ao bar e sentados com as pernas cruzadas em cima do tapete persa. “Com licença, eu gostaria de dizer algumas palavras.”

É, o dia estava mesmo especialmente louco, depois de ter começado com Slade desaparecendo porta a fora.

“Quando eu conheci a Genevieve, ela virou meu mundo de cabeça para baixo. Ela é uma mulher linda, brilhante e teimosa, que coloriu a minha vida preta e branca. Não quero nunca voltar a ser quem eu era antes. Estando aqui com todos vocês hoje, junto desta família acolhedora, eu percebo que não quero esperar nem mais um segundo.”

David ajoelhou-se. Tirou uma caixa pequena. Abriu a tampa. Suspiros de prazer os cercaram.

“Genevieve MacKenzie, você é a mulher dos meus sonhos. Eu te amo com todo o meu coração e a minha alma, e quero passar o resto da vida ao seu lado. Você quer se casar comigo?”

Kate viu uma dúzia de expressões diferentes passarem pelo rosto da amiga. Choque. Confusão. Felicidade.

E medo.

O que significava aquilo? O olhar de Gen pareceu vagar pela sala. Como se procurasse alguém. Kate fez o mesmo e viu Wolfe encarando o casal. O rosto dele parecia esculpido em pedra, sem mostrar qualquer emoção. Kate prendeu a respiração, se perguntando o que estaria realmente acontecendo ali. Em seguida, a resposta da amiga ecoou pela sala.

“Sim, David. Eu quero me casar com você.”

Quando Kate olhou de novo, Wolfe tinha ido embora.

E ela ficou se perguntando se Gen não teria seus próprios segredos.

Ele era um imbecil.

Slade ficou olhando para o computador, tentando encontrar sentido nas suas anotações, antes de receber o próximo cliente. A lembrança do domingo era um borrão com alguns momentos de nitidez quando teve que lutar contra o desejo de aparecer na porta de Kate e implorar perdão. Ele certamente ganharia o prêmio de Babaca do Ano. Depois de tentar seduzi-la de todas as maneiras, finalmente tinha conseguido levá-la para a cama e passado horas a fio em um frenesi orgástico, para terminar agindo feito um louco porque ela era virgem. Ele parecia um vilão daquelas comédias idiotas dos anos 1980, com o agravante de que já ia bem longe o seu tempo de picardias estudantis.

A vergonha caiu sobre ele. A verdade o assombrava e o impedia de telefonar para ela. Uma noite com Kate Seymour nunca seria o suficiente. Ele desejava mais: passar horas na companhia dela, descobrir todos os seus segredos e explorar cada centímetro daquele corpo delicioso. Ele queria brincar com Robert e assistir a filmes. Queria cozinhar para ela, levar o café e ler o jornal na cama.

As imagens se sucederam como em um filme, que o deixou apavorado.

Era mais do que sexo, mas ele não sabia como lidar com isso. Ter tirado a virgindade dela fazia com que quisesse urrar de orgulho, como o primata que lutava para não ser. Slade também se dava conta de que o vínculo entre eles havia se estreitado, como um laço invisível e inquebrável. Ele seria para sempre o primeiro, e de alguma maneira, especial. Pena que ele tivesse estragado essa boa lembrança para ela.

Slade empurrou a cadeira para longe da mesa com um rugido, louco por um minibar. Em vez disso, pegou uma garrafa de água gelada e avaliou qual deveria ser seu próximo passo. Ele duvidava que ela fosse querer apresentá-lo para mais alguém e, honestamente, não tinha mais vontade nenhuma de ir a encontros, quando desejava somente uma mulher. Uma mulher de quem deveria manter-se afastado, já que não poderia dar a ela o que ela queria, precisava e merecia.

Por mais que isso não existisse.

O plano original para desmascarar a empresa tinha fracassado. Sim, ele gostaria de ficar de olho em Jane, mas a Kinnections não parecia capaz de fazer nada ilegal ou imoral. Na verdade, as mulheres que a dirigiam faziam seu trabalho com pureza no coração e uma boa intenção que ele admirava. Não havia mais nada que pudesse mantê-los unidos.

Slade ignorou a pontada de dor no estômago e pegou o telefone. Ia ligar para ela, desculpar-se pelo comportamento detestável e pedir formalmente para que tirasse seu nome da lista de clientes. Ele gostaria de se envolver com uma mulher que o encantasse, mas não tinha o direito de ficar atrapalhando a vida dela. Ela era uma mulher que não dava bola para qualquer um — pelo amor de Deus, tinha quase trinta anos e ainda era virgem. E isso significava que o homem que ela deixasse entrar em sua vida seria importante.

O suor começou a brotar, só de imaginar que podiam estar contando com ele para garantir o final feliz. Deus sabe, a sua última cliente tinha comprovado a verdade. A mulher tinha ficado sozinha com dois filhos, enquanto o marido foi viver com o seu mais recente casinho, vinte anos mais jovem e com muita energia para torrar a poupança das crianças mais rápido do que ele conseguia repor.

Slade digitou o número. “Kinnections, como posso ajudar?”

Ele respirou fundo. “Oi, Kennedy, aqui é Slade Montgomery. Posso falar com a Kate, por favor?”

Houve uma pausa constrangedora. Droga, será que ela já sabia de muita coisa? Será que Kate tinha contado tudo a ela? “A Kate não está. Quer deixar um recado?”

“Ela está em reunião? É importante, eu realmente preciso saber.”

Outra pausa. “Na verdade, ela está no veterinário agora. O Robert ficou doente. Duvido que ela volte, mas talvez você consiga falar com ela no celular mais tarde.”

Ele tentou acalmar o coração, que estava batendo acelerado. “Você sabe o que ele tem?”

“Algum tipo de infecção. Olha, eu daria a ela algum tempo e...”

“Qual é o veterinário?”

“O hospital Animal Menagerie. Hum, Slade, não acho que você deva...”

Ele desligou. Enfiou os papéis na pasta, pegou o paletó e foi embora. Parou junto à mesa da secretária, pediu a ela que encaminhasse as chamadas dele e cancelasse algumas reuniões, e passou como um raio pela sala do chefe, ignorando o chamado para uma conversa rápida.

Slade sabia que aquele cachorro significava muito para Kate. Também imaginou que ela estava sozinha, cuidando da vida como sempre fizera, com segurança e independência, sem jamais demonstrar qualquer fraqueza. Ela não incomodaria ninguém com um pedido de apoio, porque normalmente era ela quem tentava cuidar dos outros.

Hoje, não. Pelo menos uma vez, ele queria cuidar dela.

Slade se recusou a questionar as próprias intenções; entrou no Jaguar e seguiu para Verily.

“Ele vai ficar bem?” Kate fez a pergunta com calma, mas seu lábio inferior tremia. Alguma coisa estava errada com o Robert, mas ela detestava arrastá-lo para o veterinário cada vez que suspeitava de alguma coisa. Já tinha aprendido a esperar um pouco, e muitas vezes era só um pequeno problema na bexiga ou uma simples infecção de pele que ela conseguia curar com banhos e o remédio que o veterinário tinha dado.

Naquela manhã, ela teve que estimular a bexiga dele para que se esvaziasse e percebeu que ele sentia dor. Todas as vezes em que entrava na clínica veterinária, ela tinha medo de não sair dali com ele. Já tinham dito a ela que os cães paraplégicos às vezes enfrentavam vários problemas de saúde, e ela jurara fazer tudo ao seu alcance para evitá-los.

“Esta infecção realmente saiu do controle”, informou o dr. Burke.

Ele acariciou a cabeça de Robert com o tipo de afeição que vinha de anos de cuidados e amizade. “Vou receitar antibióticos fortes e aguardar o resultado dos exames. Ele tem que beber muita água, com

um pouco de suco de cranberry para dar acidez. É bom ficar de olho nele e dar alguns banhos também.”

O alívio tirou um peso do peito dela. Eles já haviam passado por algumas infecções bem ruins antes, e normalmente Robert as vencia como um campeão. Seus grandes olhos castanhos estudavam o veterinário com atenção, como se estivessem à espera do diagnóstico decisivo.

Kate deu um beijo no alto da cabeça dele, levantou seu focinho e olhou-o bem nos olhos. “É só uma infecção na bexiga, meu amor”, disse ela. “Remédios e banhos. Não é tão ruim. E mais tempo com a mamãe.”

Uma lambida. E como se ele compreendesse, baixou a cabeça de volta na maca, mais relaxado agora que sabia que não era sério. Kate sorriu e rapidamente analisou os dois dias seguintes. Ela ficaria em casa por hoje, mas amanhã era o dia da grande feira em Manhattan. Tinha levado dois anos para conseguir colocar a Kinnections na programação, então ela precisava ir. Era provável que a mãe dela pudesse ficar com Robert durante o dia, então...

A porta se abriu. Slade entrou, com o terno um pouco amarrotado e o lindo cabelo de surfista todo desgrenhado. “Como ele está?”, perguntou, atravessando a pequena sala de exames na direção de Robert.

Kate ficou boquiaberta. “O-o-o-o que você está fazendo aqui?”

Dr. Burke franziu o rosto. “Com licença, esta sala é só para os donos.”

“Sou um amigo.” A presença dele tomava conta de todo o espaço. Kate tentou dizer alguma coisa, mas ele a ignorou e se curvou para olhar Robert nos olhos. “Como você está, amigão?” O rabo do cachorro bateu na maca, e sua expressão se iluminou.

Ondas de choque sacudiram Kate, enquanto Slade o acariciava, alternando o olhar entre ela e o veterinário, com preocupação. “Ele vai ficar bom?”

Dr. Burke limpou a garganta. “Kate? Este homem é seu amigo?”

A pergunta a desarmou, mas a resposta saiu de sua boca sem que precisasse pensar. “Sim.”

“Desculpe. Slade Montgomery. Prazer em conhecê-lo.”

Slade apertou a mão dele e dr. Burke relaxou. “Igualmente. Como eu disse à Kate, o Robert tem uma infecção na bexiga. Antibióticos devem resolver. Ele precisa ser observado, tomar banhos e beber muita água. Também vai ser preciso estimular manualmente a bexiga dele, se ele não fizer sozinho. Eu vou telefonar quando o resultado dos exames chegar.”

“Bom.”

“Kate, por que você não se senta lá fora? Eu já vou liberá-lo.”

Slade acariciou a orelha de Robert e saiu da sala atrás dela. Na recepção, uma televisão pequena trinava alegremente com um programa do Animal Planet e um labrador dourado aguardava pacientemente com o dono.

Ela baixou a voz. “O que está havendo? Por que você está aqui?”

Foi um lampejo de arrependimento o que ela notou no rosto dele, ou foi só a luz? “Eu liguei pra você, e a Ken me disse que você estava aqui no veterinário. Achei que você pudesse precisar de ajuda. Fiquei preocupado.”

A conversa era tão ridícula que a deixou irritada. Ele tinha ido embora no outro dia depois de tirar a

virgindade dela. E agora saía do trabalho no meio da tarde e dirigia até Verily porque estava preocupado com o cachorro?

“O Robert está ótimo. Eu cuido dele sozinha há anos e não preciso de ajuda nenhuma.”

“Quem cuida de você, Kate?”

Ela deu um passo para trás, desequilibrando-se. A dor era equivalente a cem cortes de papel na pele. Não, ela não podia fazer isto agora. Não com ele. “Eu cuido de mim mesma”, respondeu, firme. “E você deixou bem claro que não é uma ocupação que te interesse, então por que está aqui?”

“Não sei por que estou aqui. Estou confuso. Eu queria ir embora, fazer a coisa certa e não estragar a sua vida. Mas só de pensar que você estaria aqui sozinha, com o Robert em apuros, não sei.” Ele soltou o ar vigorosamente. “Eu achei que deveria vir.”

Ela olhou para ele, imóvel com o choque. A verdade nas palavras dele atingiu-a com força. Que tipo de jogo ele estava fazendo? Ainda assim, ele parecia mesmo confuso, como se não estivesse acostumado a deixar o coração guiar o caminho. Como se ela significasse mais do que ele desejava. O vespeiro das emoções era uma coisa perigosa de tocar, quanto mais de explorar, e Kate detestava ser picada. Antes que ela tivesse tempo de absorver o discurso inesperado dele, o dr. Burke saiu da sala de exames com Robert no colo.

“Aqui está nosso paciente. Eu vou te ligar assim que receber os resultados. Me avisa se tiver algum problema.”

“Obrigada, doutor.”

Ela pagou a conta, pegou Robert no colo e se dirigiu para o carro. Slade foi atrás, ajudando-a com a porta e acomodando-o cuidadosamente no banco de trás.

“Você vai tirar o dia de folga?”, Slade perguntou.

Kate botou o cabelo para trás e piscou com a luz do sol. “Sim, vou ficar em casa hoje. Amanhã eu tenho uma feira na cidade, então minha mãe pode ficar com ele... Ah, não.”

“O quê?”

Ela encostou no carro e mordiscou o lábio.

“Mamãe foi para um congresso de sexo.”

Uma sobrançelha dourada se levantou. “O que de sexo?”

“Não importa, você não vai querer saber. A Shelly só pode ficar algumas horas nos dias de semana. É melhor eu cancelar a feira. A Ken e a Arilyn vão ter que me cobrir.”

“Deixa comigo.”

Ela inclinou a cabeça. “Deixo o quê?”

O olhar determinado no rosto dele deu a ela um vislumbre do que os jurados viam, quando ele queria alguma coisa. Uma força da natureza. “Eu cuido do Robert. Como a feira é em Manhattan, você pode deixá-lo lá em casa e eu fico com ele.”

Kate deu uma gargalhada. “O quê? Claro que não. Você nunca tomou conta de um cachorro antes. Além do mais, você trabalha.”

“Posso trabalhar de casa. E sou perfeitamente capaz de tomar conta do Robert e fazer o que for

preciso.”

“Não, eu vou ficar em casa.”

“E perder uma oportunidade destas pra Kinnections? Péssimo negócio, na minha opinião. Como proprietária, você tem que estar lá.”

Ela ficou olhando para ele. Infelizmente, Slade estava certo. Todo mundo trabalhava, e ela não tinha mais ninguém a quem pedir para ficar com Robert. Não ir à feira seria uma perda para a Kinnections. Ela já tinha marcado vários encontros e não poderia deixar de comparecer. Ela deslocou o peso do corpo, sem sair do lugar, e tentou encontrar outras saídas. Não havia.

Slade sorriu. “Fico contente que você veja as coisas do mesmo jeito que eu. Te espero amanhã por volta das sete da manhã?”

Ela só podia estar louca. “Tudo bem. Se você acha que vai dar conta, eu te agradeço por me ajudar.”

A expressão dele ficou mais suave. Slade se aproximou e traçou com o dedo o contorno do rosto dela, deixando um rastro de fogo em sua bochecha. “Obrigado por me deixar ajudar”, murmurou.

Ele deixou-a parada na calçada, observando-o ir embora e se perguntando o que ela teria acabado de pôr de novo em movimento.

Na manhã seguinte, Kate entrou no apartamento de Slade tentando controlar os nervos. Levar Robert para dentro do espaço pessoal dele era uma clara demonstração de intimidade, exatamente o oposto do que os dois haviam concordado em fazer. Ainda assim, talvez fosse a maneira que ele encontrara para se desculpar pelo comportamento detestável. Tipo uma oferta de paz, antes da declaração oficial de rompimento. Mesmo que não tivessem nenhum relacionamento para romper, só uma noite.

Tantos pensamentos estavam dando dor de cabeça, então ela se concentrou em ser xereta e recolher informações. O pé-direito alto e a atmosfera de loft combinavam com a sofisticação do bairro de Tribeca, mas Slade mantinha o apartamento simples e masculino. A escada de vidro era leve e divertida, e as linhas secas da mobília, as mesas de vidro e as paredes pintadas de azul forte descreviam um homem que sabia do que gostava. A sala de estar era o sonho de muitos homens.

Os saltos dela ressoaram no piso de madeira quando ela se aproximou da enorme poltrona de couro. Ela alisou o material macio e quase gemeu de prazer.

“Você gosta?”

Slade inclinou o quadril, o jeans abaixo da cintura acentuava o abdômen de tanquinho e as pernas longas. Ele parecia estar gostando de usar jeans agora. O homem era pura perfeição, e ficava ainda mais atraente ali no seu próprio ambiente. A camiseta preta lisa estava desbotada, e os pés descalços davam um ar de intimidade que ela preferia não ficar admirando muito.

“Como eu poderia não gostar? Venho juntando dinheiro para comprar uma. Meu Deus, isto é um controle remoto?”

Ele riu e entregou-o a ela. “É, ela reclina, tem aquecimento e faz massagem nas costas.”

Kate estremeceu. “Eu não sairia mais de casa.”

“Com uma cadeira destas, não precisa mesmo.” Os olhos verdes tinham um leve brilho de excitação, e ela imediatamente voltou à noite que passaram juntos, fartando-se com seus corpos até caírem de exaustão.

Ela deu um passo para trás. Molhou os lábios. “Talvez seja melhor não ter uma, então.”

“Talvez.”

Eles se entreolharam. A energia soltava fagulhas, tentando-os a chegarem mais perto. Ela quebrou o encanto com precisão, de propósito; foi andando até Robert e se ajoelhou. Encostou a cabeça na dele e falou. “O Slade vai tomar conta de você hoje. Seja bonzinho, meu amor. Mamãe vem te pegar mais tarde.”

“Comprei petiscos de manteiga de amendoim e de bacon. Quantos latidos?”

Kate se levantou e sorriu. “Um pro bacon, dois pra manteiga de amendoim. Eu trouxe suco de cranberry, caso você não tenha, para derramar um pouquinho na água dele. Eu dou banho nele quando a gente voltar pra casa mais tarde.”

“Não precisa, eu tenho uma banheira enorme e você vai chegar tarde. Eu cuido disso.”

Ela hesitou, depois assentiu sem jeito. “O.k. Obrigada. Eu ligo mais tarde.”

“Você está linda.”

O terno preto era alinhado e chique, e as botas ostentavam um salto grosso de quase dez centímetros. “Obrigada.” Será que a voz dela tinha falhado? Céus, ela precisava sair dali. “Até mais.”

Ela foi embora apressada, como se estivesse pegando fogo. Quando havia sido a última vez em que um homem se oferecera para ajudá-la, especialmente com o cachorro? Ele tinha faltado ao trabalho e parecia sincero. Ontem, ela chegou a pegar o telefone para ligar e desmarcar, certa de que havia um motivo por trás da loucura dele. Mas não conseguiu chegar a nenhuma conclusão. Ele já a seduzira, então isso estava fora da lista. Ele já estava mais tranquilo em relação a Jane e parecia satisfeito com o tratamento que ela vinha recebendo. Ele poderia facilmente ter pedido desculpas por tudo o que dissera naquela manhã e encerrado o assunto. Mesmo assim, o coração dela dizia que havia alguma coisa mais por trás das atitudes dele.

Ela passou o dia no Javits Center pensando nele. Entre uma e outra conversa com potenciais clientes, Kate fez ótimos contatos, deixou boas impressões em vários parceiros do mercado, que saíram dali certos de que a Kinnections seria o próximo grande estouro, e riu com Ken e Arilyn. Quando terminou de jantar com o pessoal de uma agência de relacionamentos interessada em fundir-se e aumentar as bases de clientes, Kate dirigiu de volta para Tribeca, exausta e vitoriosa. Sua empresa estava finalmente sendo notada, e o futuro parecia brilhante. Mesmo sem o dom, ela acreditava nas habilidades da equipe e se considerava sortuda por ter transformado um sonho em uma realidade que pagava suas contas. Melhor que isso, só se pudesse dividir esta felicidade com um homem que amasse.

Que não era Slade Montgomery.

Sim, ele havia se embrenhado novamente por dentro da vida dela, mas depois daquela noite, ela se afastaria de vez. Não havia razão em se torturar com um homem que nunca seria seu. Ele podia ter mudado de ideia e ter se oferecido para ajudá-la, mas seguir neste caminho só magoaria os dois. Bom, ao

menos ela.

Ele abriu a porta para ela pelo interfone, ela tentou não chegar mancando ao apartamento dele. As malditas botas eram assassinas. Kate evitou pensar na longa viagem que ainda tinha pela frente e concentrou-se em imaginar seu bumbum sentado na poltrona, seu pijama e uma boa noite de sono.

“Oi.” O coração dela deu um salto ao ver o sorriso aberto no rosto dele. Escutou o barulho das patas se arrastando pelo chão e abriu os braços para receber o companheiro. Com a cara brilhando de expectativa, Robert encheu-a de lambidas, e os dois se acariciaram por alguns instantes. “Ele foi ótimo. Dei banho nele e passei pomada nos machucados. Ele fez xixi o dia todo e bebeu um monte de água. A gente se divertiu, não foi, amigão?”

Robert inclinou a cabeça e pareceu concordar.

“Por que você não mostra pra mamãe o que você ganhou hoje? Robert, vai pegar o coelhinho.”

O cachorro virou-se, sumiu por alguns instantes e voltou com um coelho de pelúcia pendurado nos dentes. Kate ficou boquiaberta. “O que é que você tem aí, meu amor?” Tirou o coelho molhado da boca do cachorro e estudou-o, estupefata. “Ele realmente gostou disto?”

Slade franziu a testa. “Qual é o problema? Ele pode ter brinquedos, não pode?”

“Não, não tem problema. É que eu já tentei várias vezes dar estes bichinhos, e ele nunca gostou. Quase como se não estivessem à altura dele. Gostava, no máximo, de uma bolinha ou um osso.”

Negando a explicação dela, Robert se esticou, pegou o boneco e começou a tentar achar o apito dentro dele. Cada vez que as orelhas levavam uma mordida, sons estridentes saíam lá de dentro.

Slade riu. “Acho que agora ele pensa que é coisa de macho. Talvez porque fui eu que dei, daí ele soube que estava tudo bem. Provavelmente ele não queria envergonhar a mãe, agindo como um filhotinho.”

Ela se encheu de doçura ao vê-lo brincar. Quando finalmente afastou o olhar, ela levantou a cabeça e sorriu.

Fogo.

Kate prendeu a respiração ao sentir a conexão que vibrava entre os dois. Os olhos verdes dele brilhavam, famintos, e ele parecia ter travado os músculos, como se estivesse com medo de mexer-se e acabar agarrando-a. Ela cerrou os punhos e rezou pedindo força. Pular nos braços dele e arrancar aquelas roupas era uma péssima ideia. Ela estava cansada, acabada e emocionalmente vulnerável. Se fosse firme, venceria essa provação e o deixaria para trás.

“Kate...”

“É melhor eu ir, já está muito tarde. Obrigada pelo que você fez por mim, de verdade.”

“Você comeu?”

“Comi, acabei de sair de um jantar.”

“Você parece exausta. Olha, deixa eu fazer um café pra você tomar antes de ir. Vai te levantar o ânimo pra dirigir. Senta aí.”

“Não acho que...”

“Por favor.”

Os pés doíam e os olhos coçavam. Um café cairia bem. Mais alguns minutos não fariam mal. Ela assentiu. “Obrigada.”

Ele desapareceu cozinha adentro. “Por que você não experimenta a poltrona?”, ele gritou. “O controle está em cima da mesa.”

Um guincho alegre ecoou pelo ar, parecendo encorajá-la. Ela balançou a cabeça e se sentou na poltrona. O couro macio parecia abraçá-la, e já estava aquecido. Ela aumentou a temperatura em mais um dígito, reclinou o encosto e disfarçou um gemido. Melhor. Poltrona. Da. Vida. Com os pés para cima, sentiu o sangue voltar a irrigar os dedos. “Esse negócio deveria ser proibido.”

A risada dele ecoou lá da cozinha. O cheiro do café recém-moído veio até a sala. “É aqui que você faz a mágica acontecer para os seus clientes?”

“Não, é onde eu me recupero.”

“O que fez você optar pelo direito de família, pelos divórcios? Os seus pais eram divorciados?”

Ele se materializou ao lado dela com uma caneca. Ela começou a se levantar, mas ele a impediu. “Não, fica aí e relaxa.” Ela aceitou a xícara e provou a bebida forte e quente. Delícia. “Meus pais morreram em um acidente, então não, não posso dizer que sofri traumas. Eu simplesmente vi os efeitos dos relacionamentos rompidos, mesmo antes de casar. É muito comum as pessoas se darem mal. Eu quis lutar por elas, ser a voz delas.”

Fascinada, ela estudou o olhar dele. Por trás daquela aparência charmosa e sedutora batia o coração de um homem complicado. Ela já tinha vislumbrado alguma coisa na noite que passaram juntos, mas Kate podia apostar que havia um mundo inteiro ainda por descobrir. Sentiu uma pontada de dor ao se dar conta de que não seria ela a mulher a completar esta caça ao tesouro.

“Sinto muito pelos seus pais”, disse ela, docemente. “Meu pai morreu há alguns anos e eu ainda sinto um vazio aqui dentro. A Jane tem sorte de poder contar com você para cuidar dela.”

“Ela não tem me deixado fazer muita coisa nos últimos tempos. Mas ainda me sinto responsável.”

“Por quê?”, perguntou, curiosa. “O que aconteceu que te deixou com tanto medo de que a Jane sofra?”

Ele se inquietou, e ela preparou-se para uma resposta evasiva. Ao contrário, ele respirou fundo e explicou. “Jane sempre foi muito sensível. Sofreu bullying na escola e teve alguns relacionamentos ruins com homens que só queriam usá-la. Depois que nossos pais morreram, eu tentei cuidar dela. Ela se envolveu com um cara que era músico. Desde o início, eu soube que seria um desastre, mas ela não quis me ouvir. Ele acabou tirando todas as economias dela e se mandou da cidade.”

“E aí, o que aconteceu?”

“Uma noite, eu cheguei em casa, entrei no banheiro e encontrei-a caída no chão. Tinha tomado uma overdose de remédios e estava inconsciente. Consegui levá-la para o hospital a tempo, eles fizeram lavagem no estômago dela, mas demorou um pouco até ela acordar. Aquele filho da mãe arrasou com ela. Ela acreditou nele, e ele partiu o coração dela.”

Kate não falou nada por um momento. O ar entre os dois estava carregado de compreensão, e ela intuiu que ele raramente contava aquela parte de sua vida a alguém.

“O amor é uma coisa curiosa”, falou Kate, com a voz suave. “Se a gente não se amar em primeiro

lugar, a emoção pode ser destrutiva. Eu tenho visto a Jane nas últimas semanas. Ela amadureceu, está mais confiante e preparada para a jornada. Eu não acho que ela teria conseguido isto sem você. Na verdade, acho que a mulher que ganhar o seu coração vai ter muita sorte. Vai ser para sempre.”

Sentiu a garganta se fechar de emoção e lutou contra o desejo de escapar dali, como um rato fugindo de um exterminador. Era simplesmente demais. Os olhos verdes dele escureceram, como se ele percebesse a vontade dela de ir embora. “Peço desculpas por aquela manhã, Kate.” Seu pedido simples explodiu o ambiente, como uma bala de canhão. “Eu agi feito um babaca.”

Ela segurou uma meia risada. Meu Deus, o homem era bom até pedindo desculpas. “Aceitas. Nós dois saímos do tom.”

“Eu entrei em pânico.”

“É, eu costumo ter este efeito nos homens.”

Ele riu. “Eu sou meio louco por você. E a noite que a gente passou junto foi uma das melhores da minha vida.”

“E agora vem o *mas*.”

“Mas eu não acho que possa te dar o que você precisa.”

A dor pegou-a desprevenida, mas Kate sentiu respeito por aquele homem disposto a encarar a verdade. “Eu sei.”

Ele se sobressaltou. “Sabe?”

Ela abriu um sorriso triste. “Eu quero me casar. Ter filhos. Um homem que diga que me ama e que seja de coração. Quero um cara que ame o Robert como se fosse dele e esteja disposto a se arriscar no caos de uma vida sem garantias. Alguém que tenha muita coragem. Porque é isso que precisa ter, se for pra ter a chance de dar certo com outra pessoa.”

Ele pareceu ferir-se com as palavras dela, mas Kate estava cansada de fingir. Era melhor jogar limpo agora, reconhecer a conexão insana entre os dois, mas seguir em frente. Era a única maneira.

“Ai.”

“Desculpa.”

Ele desmoronou na poltrona ao lado e ponderou, com a caneca na mão.

“Talvez você esteja certa. A rotina de ver as pessoas, dia após dia, só recolhendo os cacos não me dá muita esperança. Eu vou sair da Kinnections.”

“Você não está com medo de que eu pegue todo o dinheiro da Jane e deixe que ela se arranje com um malandro?”

Slade balançou a cabeça. “Não. Eu continuo achando que você se guia por crenças equivocadas, mas sei que vai cuidar bem da Jane.”

Ela imaginou-o sozinho em seu belo apartamento, trabalhando noite e dia para aconselhar casais desfeitos, reforçando a crença de que não há esperança ou final feliz. Não. Ele merecia mais, caramba, mesmo que não fosse nunca ser dela. “Eu acho que você deveria continuar como cliente.”

Ele franziu o rosto. “Por quê?”

“Porque eu não trabalho só com casais que querem ser felizes para sempre, sabe? Tem muita mulher

por aí que acredita nas mesmas coisas que você e também tem receio de se envolver de novo. Você disse que queria uma companheira. Uma amiga. Talvez uma família lá na frente. E se houver uma mulher que tenha os mesmos ideais? Vou pedir à Kennedy que recomece o processo, pra você tentar mais uma vez.”

Slade analisou-a sob a luz suave. “Eu não consigo acompanhar o pique de vocês.”

“Ótimo, nem precisa. Só deixa a gente tentar de novo.”

“Nada de ioga, nem de transformações de estilo?”

Kate riu. “Não, essa parte já passou. Vamos só refazer o quebra-cabeça e ver se conseguimos te apresentar alguém mais parecido com você. Menos...”

“Poliana?”

Ela fez uma careta. “Com menos expectativas. Combinado?”

Ele pôs os pés em cima do pufe à frente e recostou-se. “Posso também pular os eventos?”

“Talvez. Vou deixar nas mãos da Kennedy.”

“O.k. Vou tentar de novo.”

Um silêncio confortável se fez entre eles. A conexão ainda vibrava, mas parecia agora mais suave e profunda. Como se, ao aceitarem o desejo que sentiam, pudessem finalmente seguir em frente. Kate deu mais um gole no café, e o título do filme na tela gigante chamou sua atenção.

“Ai, meu Deus, é um dos meus favoritos. *Se beber, não case!* O original!”

“Também adoro. Aumenta aí.”

Ela apertou o botão do volume e ficou olhando para a cidade de Las Vegas se esparramar na tela. “Clássico.”

“Mas não tanto quanto *Como enlouquecer seu chefe.*”

Ela ficou espantada. “Você também adora esse? Eu vejo a toda hora. Já decorei todas as falas.”

“As mulheres detestam este filme.”

Ela mostrou a língua para ele e puxou o cobertor sobre as pernas cansadas. “Não seja machista. Eu sou viciada em comédias.”

“Qual é a melhor de todos os tempos?”

Ela torceu o nariz e pensou bem. “*Penetras bons de bico*, com certeza. O Vince Vaughn está demais.”

“De acordo.”

O calor do assento aquecia e soltava os músculos, e Kate relaxou sobre o couro, o gosto do café quente na língua, o cobertor macio no corpo. Não saberia dizer em que momento pousou a caneca sobre a mesa e decidiu que era quase hora de ir. Nem se lembraria de boa parte da conversa fiada, os dois discutindo sobre as melhores comédias de todos os tempos, destacando os pontos altos. O último pensamento que registrou, antes de o cômodo todo se embaçar, foi o quanto ela gostava de Slade Montgomery, e como era triste ele não acreditar no amor.

Slade observou-a dormir. Em algum momento durante o diálogo afiado, ele percebeu que ela estava apagando, mas não quis mandá-la embora. Robert já tinha parado de morder o brinquedo e dormia a sono

solto na caminha especial, com um sorriso canino na cara, satisfeito com os eventos do dia. Esperou até a cabeça dela cair para o lado e as mechas douradas de cabelo cobrirem o rosto.

Sentiu um calor irradiar em seu peito. Quem diria que ela dividiria com ele o mesmo senso de humor safado, o gosto pela provocação mútua e uma obsessão com as comédias toscas? Desejou que ela fosse uma divorciada calejada, em busca de um companheiro e não de emoções mágicas. Eles seriam perfeitos um para o outro.

Ele segurou um suspiro covarde e se levantou. Lavou as xícaras, apagou as luzes e desligou a televisão. Ela ressonou de leve e mudou de posição. Sentiu as mãos coçarem de vontade de carregá-la até a cama, despi-la e meter-se por entre as pernas dela. Seu perfume ainda o assombrava, e Slade podia jurar que nunca mais seria capaz de ir a um parque sem lembrar do cheiro açucarado dela, do gosto de algodão-doce que ela deixou em sua boca. Entretanto, ele fez a coisa certa. Ajeitou o cobertor com cuidado em volta das pernas dela, afastou o cabelo do rosto e deu um beijo em sua testa. Ela sorriu dormindo e, se ele ainda tivesse um coração, teria se partido ali mesmo.

Slade marchou até o quarto sozinho e deixou-a dormindo.

Quando acordou no dia seguinte, entrou na sala disposto a preparar um belo café da manhã, tomar conta de Robert e passar um pouco mais de tempo com ela.

Mas ela não estava lá.

O cobertor estava dobrado sobre a mesa. As tigelas de Robert, dentro da pia. Sentiu o peito se apertar com uma sensação estranha de vazio. Ela não havia deixado sequer um bilhete. Só o espaço oco que ainda tinha o cheiro adocicado dela e o silêncio que o dilacerava, com uma agonia que nunca tinha conhecido.

“Você quer que eu marque encontros com outras mulheres pra ele.”

Kennedy trocou um olhar com Arilyn. Elas tinham se reunido na casa de Kate depois do trabalho para repassar as conversas da feira e botar os assuntos em dia. Espalhavam-se confortavelmente pela sala de estar — Arilyn de pernas cruzadas no tapete, Kennedy esticada no sofá e Kate reinando na poltrona favorita. Vestiam calça de malha e camiseta e já tinham traçado quase toda a pizza grande de queijo. A garrafa de chardonnay tinha só um restinho. A televisão mostrava o fim dos créditos de algum filme de choradeira, bem mulherzinha. Kate tinha perdido a aposta para Arilyn. *Margaridas de aço* ou qualquer coisa igualmente ridícula. Robert dormia satisfeito em sua caminha, ao lado do coelho de pelúcia e com a barriga cheia das bordas de pizza que Arilyn e Ken tinham dado a ele.

Kate precisava dar um crédito às amigas; as duas tinham respeitado o espaço dela, sem perguntar nada sobre a noite com Slade. Kate tinha evitado contar à equipe, para angariar um pouco mais de tempo e conseguir colocar as emoções em ordem. Sabia que tinha sido mais difícil para Ken. A amiga chegava a estar com um tique nervoso no olho, explodindo de curiosidade para saber os detalhes, então Kate tomou coragem e convidou as duas para comer uma pizza.

“Isso”, Kate finalmente respondeu. “Eu quero que vocês apresentem outras mulheres para ele.”

Kennedy encostou as unhas pintadas de fúcsia na boca e aguardou alguns segundos. “Você transou com ele, certo?”

Kate entregou os pontos. “Transei.”

Ken arqueou uma sobrancelha. “E então? Detalhes, por favor. Todos.”

Ela suspirou e contou por alto como foi a noite. A sala ficou em silêncio, enquanto as amigas tentavam processar a informação.

“Meu Deus, Kate, você conseguiu gozar na primeira vez?”, Ken resmungou. “Que sorte! Eu levei um tempão pra descobrir por que é que as mulheres gostavam de sexo, pra começar.”

Kate inclinou a cabeça. “Não brinca. Você não teve um orgasmo na primeira vez?”

Ken bufou. “Nem perto disso. Até que conheci o bad boy Caleb Street. Ele era três anos mais velho que eu e tinha uma moto. Uma noite, eu fugi pela janela do quarto e fui dar um passeio com ele.” Suspirou saudosa. “E que passeio... Depois disso, jurei que nunca mais teria nada com os caras bonzinhos; eles sempre decepcionam. E você, Arilyn?”

Arilyn mexeu no cabelo cor de morango e passou-o para o outro ombro. “Não. Ele nem sabia o que era um clitóris, quanto mais onde ficava.”

Kate segurou uma risada ao ouvir a declaração sincera da amiga. “Uau, eu não fazia ideia de que era tão difícil. Na verdade, eu gozei três vezes.”

Elas olharam para Kate como se, de repente, ela tivesse uma segunda cabeça. “Três?” Ken engasgou.

“Ele é um mestre.”

Um calor subiu-lhe ao rosto, mas também sentiu uma espécie de orgulho inusitado da expertise de seu amante. “Sim, pena que quando soube que eu era virgem ele ficou apavorado e se mandou. Sério, qual é o problema?”

Arilyn balançou a cabeça. “Ele provavelmente sentiu que estava se envolvendo demais com você. Quando os homens criam laços, a primeira coisa que fazem é tentar escapar deles. Tipo um lobo capturado por uma armadilha. Eles são capazes de mastigar a própria pata para conseguir se soltar.”

Ken riu. “Ótima imagem. Caramba, como se você tivesse dito ‘eu te amo e quero casar com você’... Você foi supertranquila em relação a tudo isso. O.k. Vamos repassar aqui. Vocês tiveram uma noite incrível, ele se comportou como um idiota, vocês meio que terminaram, e agora você quer que eu o mantenha na Kinnections e marque outros encontros pra ele?”

“Exato.”

Arilyn se inclinou para a frente e apoiou os polegares nos joelhos. “Minha querida, você acha que isso é saudável? Talvez fosse melhor você se afastar dele.”

“Não. O que precisamos é selecionar novas mulheres. Eu cometi um erro tático ao achar que poderia forçar o Slade a acreditar no amor, mas a verdade é que a gente nunca ganharia essa batalha. Temos que juntá-lo com uma mulher que tenha a mesma filosofia que ele. Ele vai se sentir seguro ao lado dela e talvez se abra para um relacionamento de longo prazo.”

Arilyn balançou a cabeça, concordando, mas Kate sabia que ela estava só se armando com os argumentos de terapeuta. “O.k. Se é isso o que você quer de verdade... Está pronta para entregar Slade para outra?”

“Sim.”

“Mentirosa.” Kennedy olhou feio e apontou um dedo para ela. “Você está a fim dele. A gente tentou fazer isso antes e ele acabou vindo aqui bater na sua porta e te levando pra cama. O que te faz pensar que isso não vai acontecer de novo?”

Kate cruzou os braços. “Nós nos entendemos agora. Percebemos que queremos coisas diferentes. Além disso, foi preciso tirar o sexo do meio do caminho.”

“E isso te trouxe o dom de volta?”

Kate agarrou o copo de vinho e enxugou-o. “Não”, respondeu baixinho.

As amigas suspiraram. “Ah, que merda”, reclamou Ken. “Eu realmente achei que o sexo fosse resolver. O que a sua mãe falou?”

“Uma visita já foi estrago o suficiente. Ela quase me botou na cadeia, metendo um baseado na minha bolsa. Me recuso a incomodá-la com isso. Vamos seguir em frente e ver se ele volta. Além disso, já estamos no caminho do sucesso, com ou sem meu truque. Não vamos perder de vista o objetivo.”

Arilyn assentiu, entusiasmada. “A Kate está certa. Isso está acontecendo por alguma razão, para fazer com que ela dê o próximo passo em uma jornada. Vamos ser pacientes e receptivas. Deixar o universo nos levar.”

“O universo e eu raramente nos entendemos. Eu acho que o sucesso acontece quando você dá um chute

na bunda do universo e faz o que bem quer”, disse Ken.

Arilyn lançou um olhar perspicaz. “Talvez você precise de uma sessão de hot ioga.”

“Talvez eu precise de uma sessão de uma outra coisa *hot*, muito mais agradável.” Kate se esforçou para sorrir. “Estamos de acordo? A Ken vai assumir o atendimento do Slade e nós vamos seguir em frente.”

Ken suspirou, contrariada. “Tudo bem. Eu acho este plano uma droga, mas vou obedecer, por sua causa. Pelo menos ele foi gentil em ficar com o Robert enquanto você foi para a feira.”

A lembrança de quando acordou na casa de Slade voltou à cabeça. Toda coberta, com Robert aos seus pés. Ela se sentiu segura, cuidada. Slade não tinha tentado levá-la para a cama nem se aproveitado da atração sexual entre eles.

Imaginou-se tomando um belo café da manhã com ele e não conseguiu mais se segurar. Não havia a menor possibilidade de continuar lutando contra o instinto que lhe dizia para se entregar a ele. Então, de madrugada, pegou Robert e saiu de fininho, como se tudo aquilo não passasse de sexo casual.

Ela se perguntou se ele teria sentido falta dela pela manhã. Talvez não tivesse nem se importado, nem pensado no assunto, ou talvez tenha ficado aliviado por não ter que lidar com a companhia dela. É, ela estava oficialmente louca por Slade. Tinha que arrumar outra mulher para ele, antes que fosse tarde demais.

“Olha, está passando *Como eliminar seu chefe!*”, Ken gritou.

Kate virou a cabeça. O filme clássico das amigas sempre a fazia rir. Arilyn deu pulinhos de entusiasmo. “Amo esse filme! Precisamos de mais vinho.”

“Eu vou buscar.” Kate marchou até a cozinha para pegar outra garrafa. “Pra mim, o melhor é quando elas ficam doidonas e começam a imaginar maneiras criativas de matar o chefe.”

“Adoro quando elas saem com o corpo do hospital e depois são flagradas com ele na mala!”

“Espera!”, Kennedy gritou. “Tenho uma ideia.”

Kate e Arilyn se entreolharam. “Isso nunca é boa coisa, Ken. Ou é contra a lei, ou envolve algum gatinho.”

A amiga ficou envaidecida. “É uma noite das meninas. A gente precisa relaxar. Aposto que a Kate ainda tem aí o baseado que a Madeline deu a ela. Não tem, gata?”

“Você quer fumar?”, Kate deu um gritinho.

“Claro que sim! Vai buscar.”

Kate fez uma pausa. Arilyn parecia intrigada com a ideia. Decidiu que, pelo menos por alguns instantes, não queria mais se preocupar com Slade, com regras, com nada. Queria só matar o tempo com as amigas e relaxar. “O.k. Vou pegar.”

Tirou-o do bolsinho com zíper dentro da bolsa, revirou a gaveta de tranqueiras atrás de fósforos e voltou para a sala. Sentaram-se próximas, em volta da mesa de centro já gasta, enquanto Dolly Parton desfilava seus atributos no escritório do chefe.

“Não acredito que a gente vai fazer mesmo isso”, murmurou Arilyn. Mesmo assim, tragou com força e segurou o ar. Kate e Kennedy riram feito adolescentes e passaram o baseado entre elas.

“Vocês tinham que ver a cara do Slade quando esse troço caiu da minha bolsa!”, Kate comentou, tragando também.

“O que você falou?”, Arilyn perguntou.

Kate bufou. “Eu neguei tudo! Disse que não era meu!”

As três caíram na gargalhada. “Por que os homens complicam tanto a vida?”, Kennedy resmungou, segurando o baseado com destreza entre os dedos e levando-o até os lábios.

Arilyn deu um suspiro sonhador. “Porque eles são a nossa outra metade. Ser complicado faz parte.”

“O professor de ioga está complicando as coisas pra você, Arilyn?”, Ken perguntou, maliciosa.

Kate observou as bochechas da amiga ficarem rosadas. “Você está tendo um caso com o seu professor?”, perguntou, surpresa. Arilyn era durona quando se tratava de não sair com professores ou alunos. Ela cobrava a si mesma muito mais do que aos outros.

Arilyn franziu o rosto e graciosamente roubou o baseado de volta. “Tive um deslize. Um. Dois. O.k. Talvez tenham sido algumas vezes.”

Ken se aproximou. “Que divertido. E você está escondendo isso de todo mundo? Vocês transam no estúdio dele ou só à noite?”

“Nossa.” Kate riu. Arilyn sempre conseguia surpreendê-la, desafiando as perguntas mais diretas de Ken. “Digamos que a posição do cachorro olhando para baixo nunca mais será a mesma pra mim.”

Ken respirou fundo. “Muito bem, garota.”

“Não é nada sério. Ele não acredita em monogamia, então não vou ficar com ele por muito tempo.”

Kate soltou o ar bem devagar. “Slade também não. Ele acredita em oxitocina. Um hormônio que é liberado depois do sexo, e que dá a impressão de ser amor.”

Arilyn esticou o baseado para a amiga. “Aqui, amiga. Dá mais um tapa.”

“Obrigada.”

“Eu só digo o seguinte: não precisamos de homem nenhum. Que se danem eles.”

Kate balançou a cabeça, concordando com a declaração bombástica de Kennedy. Engraçado, ela sentia como se sua cabeça estivesse flutuando um pouco acima dos ombros, mas estava bem daquele jeito. Como se fosse uma fada. “É, você está certa. Não precisamos mesmo deles. Só precisamos umas das outras.”

“E de filmes legais”, completou Arilyn.

“E de vinho”, declarou Kennedy. “Para sempre.”

“Garotas poderosas!”, gritaram juntas.

Ela não se lembrava do que aconteceu depois. O cômodo vibrava, quente e aconchegante, e as vozes das amigas eram música em seus ouvidos. Ela viajou até um lugar mais feliz, onde não se importava com Slade Montgomery, nem com o próximo encontro dele, nem com a droga da oxitocina. Dali em diante, ela se concentraria na própria jornada, em se divertir e, quem sabe, encontrar alguém que a amasse também.

Um dia.

“A sua casa é linda, Jane. E você também está ótima.”

Slade observou a irmã mais nova com uma pontada de dor. Ela estava diferente. Sim, ainda era doce por dentro, um pouco tímida, mas caminhava com uma segurança que nunca havia visto antes. Ele tinha se ferrado. Tudo o que queria era que ela conseguisse se virar sozinha, mas agora ele se sentia como se ela não precisasse mais dele.

Jane sorriu e empurrou na direção dele os chips de milho e o molho, que eram o ponto fraco dele. O lugar era pequeno, mas alegremente cheio de livros, papéis e revistas espalhadas sobre mesas antigas, um sofá largo em L e um pequeno canto para o café da manhã, com duas portas que se abriam para um pátio. A primavera perfumava o ar com um frescor provocante, e ele imaginou-a do lado de fora, plantando o jardim. Ela sempre tivera dedos verdes, mas não podia usá-los de verdade na casa deles, na cidade. Graças às cerâmicas ecléticas e às aquarelas, ele finalmente estava conhecendo o verdadeiro gosto de Jane.

“Obrigada, meu irmão. Eu disse que eu ia ficar bem. Verily é o lugar perfeito pra mim. Eu vou até fazer uma aula de cerâmica no fim de semana, e o Brian vai dar um workshop de poesia que eu não quero perder.”

O trabalho dela sempre se sobrepusera às outras atividades, e ela costumava ter medo de botar abaixo suas barreiras sociais. Agora, ela parecia confortável nos jeans bem cortados, os tênis da Coach e a camiseta preta de paetês. O cabelo estava mais bem cuidado e, preso para trás, acentuava as linhas fortes do rosto dela. Os óculos modernos acrescentavam um quê de confiança que nunca estivera ali antes.

Slade encheu a mão com chips. “Então, me fala deste Brian.”

Ela, gata escaldada, olhou brava para ele. “Não começa.”

Ele riu e levantou as mãos no ar. “Não vou começar, eu prometo. Só quero mesmo saber mais sobre ele. Não tenho qualquer intenção de me meter na sua vida pessoal.”

Jane franziu o nariz. “Por quê?”

“Porque você parece estar feliz e saudável.” A voz dele saiu carregada de emoção. “E isso era tudo o que eu queria.”

Ela abrandou a expressão no rosto e segurou as mãos dele, apertando-as rapidamente. “Obrigada por dizer isso. O Brian é ótimo. A Kate falou que a gente estava indo um pouco rápido demais, mas acho que acabou confiando no meu julgamento. Nos damos muito bem, temos interesses parecidos e decidimos assumir o relacionamento. Monogâmico.”

“Hum, mas tem só duas semanas, né?”

“Slade.”

“Eu sei, desculpa. É o costume. Só escute o seu coração. Se achar que ele está indo rápido demais, você diminui o passo. Você tem este controle.”

“Tá bom. Mas por enquanto, eu estou indo com a maré. E curtindo cada momento.”

Não conseguiu evitar uma pontinha de preocupação. Kate estava realmente de olho em sua irmã, principalmente se tinha feito aquele comentário. Talvez fosse melhor ele conversar rapidamente com ela sobre o Brian. Não para causar nenhum problema, mas para certificar-se de que Kate estava ciente das

consequências, se o cara não fosse legal. Quantas vezes os homens não mergulhavam em um relacionamento, para depois se apavorarem com a perspectiva de longo prazo? Era uma fraqueza do gênero masculino que ele conhecia muito bem. Slade deu uma olhada no relógio. Talvez pudesse ir até a casa dela, saber de Robert e fazer algumas perguntas inocentes.

Passou a hora seguinte petiscando e se pondo em dia com as novidades da irmã, antes de se mandar. Será que era melhor ligar antes? E se ela dissesse que era para ele não ir? Desde aquela manhã, era como se eles tivessem concordado em se manter longe um do outro. Kennedy já tinha marcado um encontro para ele na sexta à noite, e não havia nenhum motivo real para ele procurar Kate. De qualquer jeito, ele estava na área e realmente tinha ficado um pouco preocupado com Jane.

Slade foi traçando seu caminho por dentro da cidade. Multidões cobriam as calçadas, passeando com cães, tomando café nas mesinhas ao ar livre. O rio já tinha voltado a correr, agora que o gelo se partira, e a ponte brilhava com o céu parcialmente nublado. Era engraçado, ele estava mesmo começando a gostar daquela cidadezinha. Um pouco eclética, com artistas de cabelo roxo, piercings e tatuagens à vontade, mas ao mesmo tempo com um clima de inclusão e energia positiva naquelas ruas tortas. Passou em frente a um cartaz que anunciava aulas de hot ioga e arrepiou-se.

O Fusion dela estava parado na entrada da garagem quando ele encostou. Ele segurou a vontade de esfregar as palmas das mãos na calça jeans e perguntou-se o que havia de errado com ele. Não tinha motivo para ficar nervoso, era só uma rápida passada para falar da irmã.

Ele tocou a campainha e aguardou.

Quando ela abriu a porta, ele soube por que estava apreensivo.

Ela o deixava sem fôlego.

Cabelo amarrado em um rabo de cavalo, cara lavada, ela vestia calça preta de ioga, tênis Reebok e uma camiseta amarela bem larga. Ela arregalou os olhos azuis quando o viu. A presença dela acordava o corpo dele, e ele abafou o desejo de avançar porta adentro, levantá-la em seus braços e beijá-la sem pudor. Ela era tão linda e real.

“O que você veio fazer aqui?”

“Estou vindo da casa da Jane. Queria saber do Robert.”

Claro, quase duas semanas depois, ele não tinha dúvidas de que a infecção já tinha passado. A sobrelha dela arqueou-se, como se suspeitasse da péssima desculpa dele, mas ela abriu a porta mesmo assim. “Entra. Robert, o Slade está aqui!”

O som das patas arranhando o chão ecoou pelo ar. O cachorro correu até ele e entregou-se aos seus braços abertos. Slade riu, alisando-o, e depois se abaixou para encostar a testa na cabeça dele. “Ei, amigão. Eu estava com saudade. Está tudo bem?”

Ele latiu uma vez.

“Vou tomar isto como um sim. Você ainda tem o coelhinho?”

Robert virou-se, desapareceu sala adentro e voltou com o brinquedo mordido e encharcado pendurado na boca. Slade se encheu de orgulho ao saber que ele tinha gostado mesmo do presente.

Kate balançou a cabeça e sorriu. “É a coisa que ele mais ama no mundo. Outro dia eu cismeiei que tinha

que lavá-lo, e ele esperou em frente à secadora por meia hora.”

Slade sentiu um aperto na garganta. “Fico contente.” Levantou-se e olhou bem para ela, faminto. As bochechas dela estavam vermelhas, mas ele imaginou que ela devia estar fazendo exercício. Achar que seria por causa dele doeria demais. “Estou te atrapalhando?”

Ela inquietou-se. “Eu estava saindo pra levar o Robert ao parque, pra deixar ele correr um pouco.”

“Ah.” Ele olhou para ela feito um adolescente bobalhão. “Será que eu posso ir junto? Quero conversar com você sobre um assunto.”

Kate hesitou e puxou o lábio inferior com os dentes. O olhar dele se concentrou naquela sensual boca rosada e ele sentiu que daria tudo para que ela estivesse chupando outra coisa. “Acho que sim.”

A relutância dela o fez dar um sorriso amarelo. Sempre tentando livrar-se dele, desde o começo. “Ótimo. Vamos lá.”

Ele pegou a prótese com rodinhas, chamou Robert e habilmente afivelou as correias. Ela pegou duas garrafas de água, um boné do NY Mets e saiu pela porta. Com passos longos, foram vencendo a calçada no caminho para a cidade, enquanto as rodinhas de Robert chiavam.

“Você gosta de beisebol?” Ele apontou para o boné metido na cabeça dela. Caramba, ela estava uma graça com o rabo de cavalo balançando. Kate riu.

“Nada. A Alexa, irmã da Gen, é muito fã dos Mets. Ela sempre dá presentes de aniversário e Natal com a marca do time.”

“Espero que o marido dela não seja torcedor dos Yankees.”

“Bom, melhor nem comentar. E você? Gosta de esportes?”

“Não tenho tempo. Mas assisto aos jogos olímpicos.”

“Ah, sim, muito sério.”

O parque não estava cheio, mas reunia uma boa variedade de raças. Kate abriu o portão, que dava acesso a um gramado amplo, diversos brinquedos e grandes bebedouros com água. Depois de cumprimentarem os outros donos, encostaram-se no portão e assistiram a Robert correr com suas rodinhas, dando voltas e mais voltas com as orelhas esticadas para trás e a língua pendurada em êxtase. Slade relaxou, rindo com os prazeres simples, tal como dar um passeio em uma bela tarde de início de primavera. Normalmente ele estaria no escritório botando o trabalho em dia, na academia, ou tentando fazer algo mais ou menos produtivo.

“Sobre o que você queria conversar?”

Ah. Claro. De volta ao objetivo real da visita. “Jane. Eu vim da casa dela.”

Kate deu um suspiro. “Você sabe que eu não posso falar sobre a situação dela, certo?”

“Não, eu sei, mas isto é diferente. Ela me disse que está saindo com o tal Brian, um professor de poesia, e que as coisas estão ficando mais sérias. Disse que você comentou que ela estava andando rápido demais. O que você quis dizer com isso?”

Ela observou Robert correndo, enquanto parecia processar a resposta. “Não posso falar muita coisa sem quebrar o acordo de confidencialidade. Mas eu sempre aconselho meus clientes a não se jogarem de cabeça, só por via das dúvidas. Costumo defender a tática ‘devagar e sempre’ porque parece funcionar

melhor e resultar em relacionamentos bem-sucedidos.”

Ele batucou no portão com os dedos. “Você acha que ela corre perigo?”

Kate balançou a cabeça. “A Jane me parece perfeitamente capaz de lidar com a situação. Isso é tudo o que posso dizer por enquanto, e provavelmente já foi demais.”

Ele assentiu. “Tudo bem, foi o suficiente.”

“Então é assim?”, ela provocou. “Você confia em mim agora? Não acha mais que eu vou aumentar os preços e fazer a Jane hipotecar o apartamento?”

Ele estudou o rosto dela, o sorriso delicado, os olhos brilhantes, e se perguntou se algum dia se fartaria dela. “Eu confio em você, Kate.”

As palavras voaram junto com a brisa suave. Ela ficou mais tensa; percebeu o significado que havia por trás daquela declaração e chegou mais perto. O tempo parou. A energia sexual aumentou e atraiu um para o outro. Incapaz de resistir a um encanto tão sedutor quanto a primavera, ele baixou a cabeça e encostou os lábios nos dela.

O beijo foi suave. Despretensioso. Um leve toque, um sopro levíssimo e uma dose de adrenalina tão poderosa quanto a de um bungee jump. Os olhos dela se escureceram num azul como o de um mar revolto. Ele sentiu o aroma da excitação dela, e suas narinas se agitaram com o desejo de tomar, possuir, reclamar.

Mas em vez disso, engoliu um palavrão e afastou-se. Não se desculpou, e ela não esperou que o fizesse. Entreolharam-se por um instante até o latido de Robert romper a bolha que os cercava e trazê-los para a realidade.

“Quer ir até a padaria de cachorro?”, Kate perguntou.

Robert latiu duas vezes.

“Por alguma razão, eu não acho que isso tenha sido um não”, falou Slade. “Vamos lá, amigão.”

Eles foram passeando pela cidade. Pararam na padaria de cães e compraram uma rosquinha orgânica coberta com manteiga de amendoim e um enroladinho de pepperoni para mais tarde. A confeitaria Swan era logo ao lado; Slade arrastou-a para dentro e comprou um saco de *biscotti*, de mel com amêndoas, de chocolate duplo e de limão. Eles foram comendo e ziguezagueando entre os pedestres, admirando as vitrines, e passaram quase uma hora no sebo. O cheiro de couro e papel tomava conta do ar, que ele inspirou como se fosse uma droga. Comprou uma biografia do presidente Roosevelt e deu para ela *A história do pit bull*, que exibia uma fotografia brilhante de um cão bem parecido com Robert. Depois de se darem por satisfeitos com um almoço na carrocinha de cachorro-quente, eles tomaram cafés mocha com chocolate e voltaram. O vento estava ficando mais frio e o sol já desaparecera, assinalando o fim de um dia idílico. Quando ele parou em frente à casa dela, sentiu uma pontada de amargura. Queria entrar, aconchegar-se na velha poltrona e assistir ao pôr do sol. Ele queria...

Interrompeu o pensamento e forçou as palavras. “Eu tenho um encontro hoje à noite.”

Ela ficou tensa. Depois assentiu. “Que bom. Com quem?”

“Tammy. Falei com ela no telefone algumas vezes. Parece legal. Diferente das outras... Um pouco mais velha, parece ter filosofias de vida parecidas.”

Slade torceu para que ela olhasse para ele, mas ela abaixou a cabeça e concentrou-se em procurar as chaves. “A Ken sabe o que faz. Espero que dê certo. Obrigada por me fazer companhia hoje.”

“Obrigado por conversar comigo sobre a Jane.”

“De nada.” A chave escorregou na fechadura e ela abriu a porta. “A gente se vê.”

Slade fez um carinho de despedida na cabeça de Robert e observou os dois se afastarem. A luz acendeu-se na sala de estar, e logo o som da televisão fez-se ouvir através da janela semiaberta. Ele ficou parado na calçada por um tempo, observando a casa, antes de finalmente ir embora. Desta vez, ele não olhou para trás.

*

Tammy.

Ela já a odiava.

Kate enfiou a colher no pote de sorvete Chunky Monkey e meteu-a na boca. Por que ele tinha que aparecer na porta dela bem hoje? Antes do encontro com outra mulher, que provavelmente seria perfeita para ele? Ela estava ótima nestas duas semanas. Melhor do que ótima. Tinha quase se curado de Slade Montgomery e daquela noite maldita. Estava até decidida a começar a sair de novo, em breve. Muito em breve.

Mas agora ele tinha mexido com a cabeça dela de novo, com aqueles olhos lindos da cor da selva, a boca sensual e os cabelos dourados desalinados. O perfume dele era uma mistura deliciosa de gengibre e especiarias, que dava vontade de subir pelas paredes. Ela desejou nunca ter apresentado a ele a ideia dos jeans, porque aquela Levi's moldava a bunda dele e exibia seus outros atributos. Atributos que ela havia explorado e aprovado. Atributos que não pertenciam mais a ela.

Atributos dos quais era melhor a Tammy manter distância.

Kate soltava fumaça e comia. Olhou para a televisão, que exibia mais uma vez *O virgem de quarenta anos*, e não sentiu a menor vontade de rir. Se nem Steve Carell dava jeito, ela estava ferrada. Nem mesmo os pedaços de caramelo extracremoso ajudavam.

Resmungando, avaliou se deveria tirar o moletom e sair. Mugs ainda estava aberto, e uma ligação para Kennedy lhe garantiria uma companhia. Poderia tomar umas cervejas e socializar, em vez de se afundar na depressão sozinha, sofrendo por um homem que não havia sido feito para ela. A vida era meio que uma porcaria.

A ideia de meter os pés dentro de um par de botas em vez de ficar com os chinelos fofinhos confirmou sua decisão. Liquidou o pote de sorvete, virou duas taças de vinho e deixou a mente ficar inerte em frente à TV. Lera em algum lugar que cada hora passada no sofá vendo televisão encurtava a vida em dois minutos. Ah, meu Deus. Talvez fosse melhor mesmo ela acabar com este inferno logo.

Esquece. Ela iria cedo para a cama, desligaria o cérebro e se sentiria melhor pela manhã. E teria muito mais cuidado: nada de deixar Slade entrar em casa, nada de conversas. Ele era perigoso demais, e ela estava viciada. Kate desligou a televisão, apagou as luzes, e marchou para a cama.

“Que bom que finalmente marcamos.”

“Também acho.” Slade observou a mulher do outro lado da mesa. Seu cabelo preto era curto, na moda, e o sorriso era verdadeiro. Advogada, esportista e divorciada. Até agora, o encontro corria bem, e ele estava realmente gostando dela.

“Fico surpresa que você tenha procurado uma agência de relacionamentos”, comentou ela, cortando o bife. O apetite dela era muito melhor do que o das outras mulheres com quem ele tinha saído. Não tão bom quanto o de Kate, claro, mas mesmo assim, digno de acompanhá-lo em seus hábitos gourmet. “Fiz estágio num escritório de direito de família quando era mais nova e era uma dureza. Meio que acaba com qualquer esperança de final feliz.”

Surpreendido pela perspicácia dela, ele sorriu. “É, eu fui ficando meio calejado com o tempo.”

“Meio? Totalmente, eu aposto.”

Ele riu e bebeu um gole de vinho. “Digamos que eu estou aberto à ideia de ter uma companheira. Alguém sem grandes expectativas, mas que tenha vontade de sair e explorar um relacionamento em termos mais racionais.”

Ela balançou a cabeça, concordando. “Eu também. Fico apavorada quando um cara começa a falar de relógio biológico e estabilidade. Adoro meu trabalho, minha vida, e tenho vários hobbies. Mas seria bom poder dividir tudo isso com alguém. Ver no que dá.”

“Exato.”

Ken tinha acertado em cheio. Além de ele já estar gostando da Tammy, ela era atraente e tinha um senso de humor que combinava com o dele. As peças que ele vinha buscando se encaixavam bem. Eles terminaram a sobremesa — ela comeu bolo sem nenhum indicativo de culpa — e saíram do restaurante. Conversaram um pouco enquanto ele a acompanhava até o carro, então Slade hesitou. Será que ele deveria convidá-la para ir com ele para casa? Não, melhor esperar pela próxima vez. E certamente haveria uma próxima vez.

“Eu me diverti muito. Você quer sair de novo?”, ela perguntou.

“Com certeza. Eu te ligo esta semana. Gostei de conhecer você.”

“Eu também.” Tammy ficou na ponta dos pés e deu um beijo estalado nos lábios dele. “Boa noite.”

“Boa noite.”

Ele esperou até ela se afastar. Tinha voltado à velha forma. Aquele era o tipo de mulher que ele precisava em sua vida, que o compreendesse, que soubesse como a vida funciona e estivesse disposta a negociar com ele. Entrou em seu Jaguar e tomou o caminho de casa.

Aumentou o volume do rádio para ouvir Daughtry cantando sobre o começo de uma coisa boa e imaginou o futuro. Sócio no escritório. Uma mulher bonita e inteligente para compartilhar momentos bons. Jane feliz. O apartamento chique. A vida era mesmo muito boa.

A letra da música atingiu-o nos ouvidos e no estômago ao mesmo tempo. Era isso o que queria, certo? O que sempre quis? Aquilo era o melhor que poderia ter. Ele pensou na tarde passada com Kate. Em Robert. No vazio que sentia no peito, que nunca parecia ser preenchido, não importava o quanto comesse

ou bebesse ou trabalhasse. Ele se lembrou de quando tocou em Tammy, da companhia agradável dela, e como ela parecia a combinação perfeita, em todos os aspectos racionais.

Mas ela não era Kate.

Ele estava apaixonado por Kate.

A percepção desabou sobre ele e dilacerou sua carne como garras. Não. Não era possível. Ele não acreditava no amor, ou ao menos não em um amor que durasse. Ela o deixaria arrasado e transformaria sua vida em caos. Ela o viraria do avesso e nunca ficaria dentro das linhas bem traçadas da vida dele. Mas hoje à noite ele não se importava. Hoje à noite ele precisava dela. Ele a desejava. O sangue fervia dentro de suas veias, e ele pisou no acelerador, tomando o caminho para Verily. O tempo passou num instante, e Slade sentiu-se embriagado quando finalmente chegou à casa de Kate e saiu tropeçando do carro. Com a visão borrada, ele bateu à porta e aguardou.

Ela apareceu de pé na entrada, os braços enroscados em volta de um robe de seda curto ou coisa assim. Chinelos cor-de-rosa fofinhos. O cabelo caía sobre os ombros, e os olhos estavam embaçados pelo sono quando o encarou. Sua boca desenhou um pequeno “O” de surpresa, e ela ficou alternando o peso de um pé para o outro, como se estivesse decidindo se deveria deixá-lo entrar ou bater a porta na cara dele.

“O encontro foi perfeito. Tammy é perfeita”, disse ele.

“Então vai procurá-la. Eu não aguento isso, Slade. Não aguento.”

A voz dela falhou e ele estava perdido. Levantou as mãos, entregando-se. “Eu não quero ficar com ela, Kate. Eu só quero você. Sem você eu fico... vazio.”

Ela piscou. As lágrimas ameaçaram cair, e ele esperou que ela o empurrasse para longe e se recolhesse em segurança.

Em vez disso, ela se esticou e o puxou para os seus braços. O corpo dela estava em chamas.

Sua pele macia encostou no peito dele e o acalentou. Ele soltou um rugido gutural, enfiou a língua dentro da boca de Kate e bebeu-a, imaginando se algum dia se sentiria saciado.

Ele fechou a porta com o pé, pegou Kate no colo e a levou para o quarto. Despiu-se e abriu o robe dela, até que os seios estivessem nus à sua vista. Os mamilos dela ficaram duros e eretos, e ele os meteu na boca, lambendo e mordendo até ela se arquear e gritar de prazer. O perfume dela encharcou suas narinas e a conexão entre os dois soltava faíscas de eletricidade.

Ela afastou as coxas para ele, e os dedos dele mergulharam no mel doce, cobrindo o clitóris e provocando-a até o primeiro clímax. Kate estremeceu e enfiou as unhas com força nos ombros dele. Slade, com uma satisfação feroz, viu como ela se derretia, mas ainda estava longe de terminar. Ele traçou um caminho descendente de beijos pela barriga, afastou os lábios inchados e esfregou a boca no sexo dela, arranhando com o queixo o interior das coxas trêmulas, lambendo e chupando o clitóris, até que ela puxou o cabelo dele e se retorceu, entregando-se ao segundo clímax. Ele manteve a sucção para prolongar o orgasmo, segurando as coxas dela coladas ao colchão, e lambeu a abertura de seu sexo, os dedos deslizando para dentro e para fora, tentando esgueirar-se lá para dentro. O pau dele estava latejando, mas ele se recusou a terminar tão cedo, querendo submergir em cada parte do corpo daquela

mulher responsável por derrubar todas as barreiras que ele havia cuidadosamente erguido durante a vida. Slade revirou os bolsos atrás da camisinha, desenrolou-a sobre sua ereção, afastou bem as pernas dela e a penetrou.

Ela o envolveu como uma luva de seda, e ele gemeu, porque a sensação de estar preso tão apertado dentro dela era divina. Ele ficou parado, apreciando o calor úmido que vinha dela e tentava queimá-lo vivo. Devagar, ele se retirou por completo e meteu de novo até o fim, mantendo um ritmo gostoso e lento. Kate lutou contra ele como uma gata selvagem, arqueando-se e tentando fazê-lo ir mais rápido e mais fundo, mas estava bom demais, doce demais para terminar. Slade fez um pouco de fricção sobre o clitóris inchado, e ela enterrou os calcanhares nas costas dele, revirando-se loucamente para os lados. Slade riu baixinho e chupou o mamilo dela, arranhando-o com os dentes conforme aumentava o ritmo. Cada vez mais depressa, ele projetou e mexeu os quadris até encontrar o ponto certo. Ela gritou e se contorceu. Os dedos dele enroscaram-se nos dela enquanto ele a segurava e metia dentro dela de novo e de novo, o prazer perfurante tão erótico que beirava a dor, levando-o ao ápice e além, até ele explodir.

Ele gozou e gritou o nome dela.

Com a pele molhada de suor, ficou montado nela por um tempo, aproveitando as últimas sensações. Kate se desmanchou sobre os lençóis, os braços e as pernas jogados para os lados, a respiração indo e vindo em ondas irregulares. Ele se livrou da camisinha, voltou para a cama e a puxou para perto de si. Deitando a cabeça sobre o peito dele, envolveu-o com os braços.

“Não vai embora hoje, não.”

O sussurro dela o fez puxá-la mais para perto. “Não quero ir. Eu vou ficar.”

Ela se aconchegou, e eles dormiram.

Kate mexeu a perna e esbarrou em algo duro. Tateou pelo colchão e envolveu com os dedos uma ereção de dar gosto. Ela murmurou de prazer e, enquanto acordava, massageou o pênis da base até a cabeça, com movimentos firmes. Como aço envolto em cetim suave, ela apreciou a textura e a firmeza daquela ereção. Grunhidos emergiram do peito de Slade, e ele forçou o pau contra a palma da mão dela pedindo mais.

Com um sorriso safado, ela enfiou a cabeça debaixo das cobertas e o encontrou com a boca. A respiração dele sibilou entre os dentes, mas Kate já estava longe, perdida no gosto almiscarado dele. Lambeu-o e chupou-o, serpenteando a língua em volta da cabeça, enquanto massageava sua extensão com as mãos para cima e para baixo.

Os dedos dele se meteram por dentro do cabelo de Kate e se enroscaram ali, enquanto se entregava ao controle dela. Poderosa, ela se abriu ainda mais, deixando que Slade escorregasse até o fundo da garganta, com as bolas ficando tensas.

“Kate!” O nome dela saiu rasgando os lábios dele, em meio à respiração ofegante. “A camisinha, agora.”

“Onde?”, ela o provocou, passando a língua na cabeça que já estava molhada.

“Ah, meu Deus, no bolso da calça. Ali!”

Ela estendeu a mão, tirou uma delas e vestiu-o, sem jamais perder o contato visual ou diminuir o ritmo dos seus dedos. Já molhada e louca de desejo, ela subiu em cima dele, afastou as pernas e o deslizou para dentro dela.

Kate jogou a cabeça para trás, conforme as sensações deliciosas se espalhavam por toda a sua pele e provocavam seu clitóris. Era tão bom. O calor que exalavam os levava até o limite, aumentando a tensão. Ela olhou para o corpo dele e se sentiu presa na ebulição daqueles olhos verdes.

“Cavalga, Kate. Cavalga com força.”

Ela estremeceu e obedeceu. Slade segurou os peitos dela e apertou-lhe os mamilos, enquanto ela rebojava sem parar, aproximando-se do orgasmo. Kate bombeava os quadris e sentia o ventre se contrair, a pele formigar e os mamilos enrijecerem até transformarem-se em pontas doloridas.

Slade agarrou os quadris dela, moveu-a para cima e para baixo. Uma vez. Duas vezes. E aí...

“Slade!” Ela gozou furiosamente, e ele continuou a guiá-la para cima e para baixo, prolongando o orgasmo em miniespasmos. Ele estremeceu debaixo de Kate e a imitou, enquanto tudo o que ela desejava era sentir a pele dele na dela, livrar-se da camisinha e sentir o gozo dele escorrendo. Kate desabou sobre ele, completamente mole, e Slade massageou as costas dela com movimentos carinhosos.

“O melhor ‘bom-dia’ que já recebi.”

Ela riu e mordeu o ombro dele. “Hum, bem melhor que o meu café.” Dois latidos curtos fizeram com que virasse a cabeça. Robert olhou para Kate com paciência infinita e olhos bem abertos, vidrados na bunda dela. “Ops, desculpa, meu amor. Vou te levar lá fora.”

“Quer que eu vá?”

Ela deu um beijo nele. “Não, tudo bem. Já volto.” Amarrou o roupão, ignorando o olhar faminto dele e mantendo distância, antes que voltasse para a cama e Robert tivesse um acidente. Ela o levou lá fora, moeu os grãos de café e ligou a cafeteira.

“Ração seca ou molhada?”

Dois latidos.

“Seca, então.” Kate encheu a vasilha, cantarolando baixinho, e, quando se virou, deu de cara com uma visão espetacular emoldurada pela porta da cozinha.

Slade Montgomery. Totalmente nu. As coxas afastadas, as mãos nos quadris e uma ereção impressionante que confirmava que o quinto round estava prestes a começar. Ela absorveu toda aquela beleza masculina: a barriga chapada, o peitoral definido e a pele bronzeada. O olhar preguiçoso dele espiou por dentro do roupão, como se acariciasse o corpo dela.

“Achei que eu fosse melhor que o seu café.”

Ela fez um beicinho. “Foi o que eu disse, não?”

Ele inclinou o quadril e não foi só isto o que se mexeu. “Acho que preciso provar de novo o meu valor.”

Ela lambeu os lábios e baixou o olhar. “Acho que o seu valor é bem grandão.”

“Puxa-saco.”

Ela afrouxou o robe e começou a abri-lo.

“Doutor, eu acho...”

“Querida, cheguei! De quem é aquele carro parado na entrada? Ah!”

A mãe dela estava em pé diante deles, boquiaberta, olhando para Slade, primeiro com surpresa e depois com pura admiração. Ela fechou a boca e abriu um sorriso largo. “Ah, meu amor! Você está finalmente dando umas... Fico tão feliz.”

Kate fechou o robe, apressada, e pulou na frente de Slade. “Mãe, o que você está fazendo aqui?” Ela puxou a manta de cima do sofá e a jogou nas mãos de Slade. Ele a enrolou em volta da cintura, mas os largos buracos na trama não escondiam muita coisa.

“Eu ainda não tinha te visto desde que voltei do congresso sobre sexualidade e achei que a gente pudesse tomar café juntas. Mas estou vendo que você já tem planos para o café da manhã. E, tenho que reconhecer, é muito melhor que comer Sucrilhos!”

O rosto dela se coloriu de vermelho. Slade estudou a mãe com uma fascinação a que ela já tinha se acostumado, como se fosse uma criatura exótica, de outro mundo, recém-chegada ao nosso universo. Madeline vestia uma blusa amarelo-canário, uma saia de renda cor de creme que batia acima dos joelhos e sandálias de amarrar. Uma faixa de tecido florido segurava o cabelo loiro quase branco, e pulseiras tilintavam em seus pulsos.

Robert correu para cumprimentá-la, e Kate aproveitou a deixa para empurrar Slade para trás da bancada da cozinha, de modo que pelo menos a metade de baixo de seu corpo não ficasse à mostra. Madeline assistiu ao movimento dele com um quê de decepção.

“Congresso sobre sexualidade?”, Slade perguntou com a voz arrastada, alternando o olhar entre uma e outra. “Que interessante. Perdoe a Kate por não nos apresentar. Eu sou Slade Montgomery.”

Madeline aproximou-se e esticou a mão. “Prazer em conhecê-lo, Slade. Eu sou Madeline. Eu é que peço desculpas por interromper, mas é que a minha filha raramente se permite aproveitar este tipo de oportunidade.”

Kate resmungou. “Obrigada, mãe. Hum, será que não é melhor você me ligar mais tarde?”

Slade juntou os dedos como se estivesse no meio de uma reunião de negócios. “Bobagem, fica para tomar café com a gente. Não estamos com pressa.”

“Eu adoraria. É o café orgânico que eu comprei para você, filha?”

Aquilo não podia estar mesmo acontecendo. Kate olhou para Slade, mas seu sorriso de satisfação revelou que ele estava se divertindo demais.

“É, eu pego pra você.” Ela foi até lá, serviu uma xícara para a mãe e depois deslizou-a sobre a bancada de granito.

“Posso saber como foi o congresso?”, Slade perguntou.

“Foi realmente maravilhoso. Eu sou terapeuta sexual, então é importante ficar sempre atualizada com as novas técnicas. Aprendi várias maneiras de desbloquear o orgasmo do homem. Você já teve problemas de impotência, Slade?”

Kate teve que lhe dar crédito. Ele nem sequer engasgou com o café.

“Fico feliz em poder dizer que não.”

“Hum, não me surpreende, pelo que eu vi. Mesmo assim, muitos homens sofrem com esse problema, e normalmente o motivo é algum tipo de bloqueio mental. Eles nos ensinaram alguns movimentos para derrubar as barreiras.”

“Que trabalho fascinante. A Kate não tinha me contado.”

“Não me surpreende. A Kate está bloqueada há anos.”

“Mãe!”

“Então, me contem como vocês se conheceram.”

“Eu sou cliente da Kinnections”, ele respondeu.

Madeline prendeu a respiração. “Você não é o advogado de família, é?”, perguntou baixinho.

Slade levantou uma sobrancelha. “Você sabe de mim? Kate, que ótimo, eu não fazia ideia que a sua mãe sabia da gente.”

Kate se encolheu, obviamente constrangida, e lançou um olhar para ele. “Mãe, não vamos falar disso agora, o.k.? Eu quero manter a discrição aqui.”

“Mas, filha, foi com ele que você sentiu a energia do dom! As coisas finalmente funcionaram para você, e eu fico muito feliz. Vamos ter que limpar um pouco da energia negativa, mas, se vocês estão dormindo juntos, acho que vai dar certo.”

“Dom?” Slade franziu o rosto. “Que dom?”

“Nada.”

“A Kate não te contou?” Madeline se espantou. “Ela tem um dom que está na nossa família há gerações. Um sexto sentido para combinar as pessoas. Ela sente um choque de reconhecimento quando encontra duas pessoas feitas uma para a outra.”

Slade ficou paralisado. Kate mal respirava, desejando transformar-se no cara do *A mulher do viajante do tempo* e desaparecer no espaço. “Ela nunca sentiu essa energia com ela mesma? Ou é só com os outros?”, ele quis saber.

O desastre pairava sobre a cabeça deles, como um vulcão prestes a entrar em erupção, e ela era incapaz de parar a mãe, tão poderosa quanto as forças da natureza. Madeline riu, enquanto brincava com as pulseiras. “Que bobinho. É você, meu querido. Ela sentiu a energia em você... Você é a alma gêmea dela. Eu não fiquei muito animada por causa da sua profissão, mas o universo é mais poderoso que os humanos, e nós temos que aceitar a vontade dele. Pelo menos você superou aquela negação. Ignorar o dom é perigoso. Quem sabe o que poderia acontecer? A minha prima Rose morreu sozinha e infeliz.”

Kate virou a cabeça bruscamente. “Você disse que não se lembrava do que tinha acontecido com a sua prima! Disse que era um segredo de família que ninguém contava!”

Madeline suspirou. “Eu menti. Não queria te contar que ela morreu uma solteirona ranzinza, fadada à infelicidade desde que se recusou a acreditar no dom. Acho que tinha mais de cinquenta gatos, e ninguém apareceu no enterro dela, a não ser uma representante do abrigo de animais.”

Kate enfiou o rosto nas mãos e desistiu. A manhã tinha começado tão promissora. Sexo. Sem crise sobre virgindade. Nada de planejar um futuro para o relacionamento. Agora, a dura realidade tinha

chegado para ficar. E Slade tinha cara de quem engolira um objeto cortante e estava prestes a chamar uma ambulância. Kate se perguntou sobre o que causaria mais horror nele, a virgindade ou o dom. Era definitivamente um empate.

Slade limpou a garganta. “Engraçado, eu nunca tinha ouvido falar nisso.”

“Kate não te contou? Talvez ela quisesse te preparar. Alguns homens têm dificuldade em acreditar no conceito de almas gêmeas e de amor eterno até a morte.”

Dessa vez ele se engasgou. Kate bateu em suas costas, até que ele estivesse de volta do mundo da lua. “Mãe, eu acho que Slade e eu temos que conversar.”

“Claro, sinto muito por ter interrompido vocês.” Jogou um beijo de longe e foi se dirigindo para a porta. As pulseiras tilintaram, e Robert deu-lhe uma lambidinha de adeus. “Por que vocês dois não vão jantar comigo uma noite dessas? Eu prometo não fumar maconha se te deixar desconfortável, e você pode conhecer meu novo amante, o Richard. Você vai gostar muito dele.”

“Boa ideia. Tchau, mãe.”

“Tchau, querida.”

A porta bateu. Ela aguardou em silêncio, imaginando se ele simplesmente iria embora agora ou ficaria para mais algumas perguntas. “Ela que te deu o baseado, é?”

“Falei que não era meu.”

Ele assentiu. Deu um gole grande de café e se endireitou. Kate recordou outra exigência dele para a companheira ideal. Nada de parentes vergonhosos. É, ela tinha conseguido levar bomba em todos os itens da lista. “É por esta razão que eu levo um choque quando a gente se encosta? Por causa desse dom?”

Ela deu a ele o espaço que ele parecia precisar, embora sentisse o peito doer. Só mesmo sendo louca ela poderia achar que uma noite extra de sexo maravilhoso resolveria as questões entre eles. Ela vinha tentando dar um jeito de tapar o buraco no peito, mas agora precisava de tijolos, porque o lobo mau já tinha derrubado duas vezes a cabana construída por ela. “Aparentemente.”

“E você não falou nada sobre isso antes?”

Uma chama de raiva afastou a mágoa. “Na verdade, falei, no seu primeiro evento.”

“Um pouco mais de detalhes teria sido bom.”

“Ah, claro, vamos ver como seria o diálogo. ‘Aliás, Slade, eu tenho um gene de bruxa que sente quando um casal deve ou não ficar junto. E adivinha? Você é o par ideal para mim! Desculpa o susto, mas não é ótimo? Podemos marcar o casamento?’”

Ele franziu a testa. “Se você mudasse um pouco o discurso, talvez funcionasse.”

Uma risada sem qualquer humor escapou dos lábios dela. “Eu queria fingir que nada tinha acontecido. Eu implorei para você ficar longe de mim, lembra? Foi você quem bateu à minha porta ontem à noite! Eu estava pronta pra tentar ir em frente, esquecer esse... esse negócio entre a gente. Desde o começo nós não combinamos.”

“Você acredita nisso, Kate? Acredita que pode formar corretamente um casal só de tocar neles? Foi se baseando nisso que você construiu a sua empresa?”

Kate sentiu a espinha gelar. O tom dele era incrédulo, e ela já percebia a distância entre eles. Como

ele poderia acreditar em algo que era quase tão mágico quanto o amor? Invisível, mas cheio de esperança. A dúvida corroeu a última defesa dela, e, de repente, Kate se deu conta de que não havia mais nada contra o que lutar. Ela poderia contar a ele que o dom havia desaparecido e que ela não fazia ideia se voltaria. Poderia negar a coisa toda, rir daquilo como se fosse uma piada maluca inventada pela mãe dela, e salvar seu orgulho. Mas Kate falou a verdade.

“Sim. Já usei meu dom para unir muita gente. Eu percebo se é uma parceria de amor verdadeiro. Mas nunca tinha sentido nada para mim. Até conhecer você.”

Ele deu um pulo para trás e o café transbordou da caneca. Ele se balançou um pouco, enquanto limpava aquilo com uma toalha de papel. “Não posso negar o que existe entre a gente”, ele ponderou, finalmente. “Mas eu acredito neste tipo de feitiço de amor? Não. Como eu poderia? Por que raios eu iria acreditar que estamos destinados ao final feliz só porque sentimos um choque quando nos tocamos? Você sabe como soa isto?”

Ela se agarrou em seu robe, precisando desesperadamente de calor. Sua pele estava gelada, e os pelos dos braços, arrepiados. É. Soava infantil e tolo. Mas era a verdade, uma verdade na qual ele jamais acreditara ou acreditaria. Ela abriu a boca para se defender e encerrar a conversa. Isolar-se em segurança e lamber as feridas uma última vez. Depois, ela finalmente se veria livre de Slade Montgomery. Para sempre.

O celular interrompeu-os, tocando a versão anos 1970 de “We Are Family”. Ele disse um palavrão.

“Minha irmã. Melhor eu atender.”

Ela assentiu e virou-se. O murmúrio da conversa chegava até os ouvidos dela. Kate limpou a bancada e completou com água a vasilha de Robert, sem prestar atenção à conversa que rapidamente subia de tom. Ela não teve tempo de se ajustar, quando Slade apareceu em pé na frente dela, com a fúria masculina irradiando em ondas de seu corpo.

O coração dela parou. “O que houve?”

“Tenho que ir. A Jane estava muito nervosa no telefone. Parece que o cara que você apresentou para ela, o tal que estava indo muito depressa, terminou com ela hoje de manhã.”

Ela levou a mão à garganta. “Ah, não. O que aconteceu? Ela está bem?”

O rosto dele endureceu-se. Os olhos verdes tinham um brilho acusador que pareciam queimá-la. “Ele explicou que não está tão a fim dela, que não quer um relacionamento sério, e se mandou depois de passar a noite. É este o tipo de coisa que você gerencia? Você usou os seus poderes mágicos pra juntar a Jane com esse babaca e disse a si mesma que ia dar tudo certo?”

A dor cortou-a por dentro. Ela se inclinou levemente para a frente para puxar mais ar. “Não! A gente marcou dois encontros e ela preferiu o Brian, mas não há garantias de que todos os encontros ou relacionamentos vão dar certo. Me deixa ir com você, eu converso com ela. De repente a gente marca uma sessão com a Arilyn se ela estiver muito triste.”

“Não, você já fez demais.” A voz dele tinha a rispidez de um chicote. “Você ainda não entendeu, não é, Kate? Ela não serve pra isso. Eu quase a perdi uma vez porque não tomei conta dela direito. Eu queria confiar em você, mesmo que os meus instintos me dissessem que ela poderia se machucar novamente.”

“Slade...”

“Ela é tudo o que me resta!”

As palavras dele se espatifaram em volta dela. Sua garganta fechou-se e ela foi capaz de identificar um lampejo de vulnerabilidade e medo naqueles olhos verdes. Ele tinha perdido a maioria das mulheres em sua vida. Kate percebeu que a responsabilidade que ele tinha sobre a irmã era muito mais profunda do que ela imaginara. Quando ele amava, ele entregava tudo. Infelizmente, ele não acreditava que era o suficiente. Por mais que ela quisesse que ele ficasse, estando a ponto de implorar para ele conversar com ela e se abrir, ela sabia que teria que ser do jeito dele. Talvez ele nunca estivesse pronto para ir mais longe.

Ele desapareceu quarto adentro e voltou vestido, com o cabelo embaraçado e o queixo marcado pela barba crescida. Ele permaneceu frio e distante, como se ela fosse alguém que ele não mais reconhecesse. “Eu preciso que você a deixe em paz, Kate. Por favor.”

Foi embora sem olhar para trás. Robert deu um ganido e arrastou-se para perto dela, encostando seu corpo com firmeza na perna dela, como se estivesse dando seu apoio. Ela desmoronou no chão e o abraçou, encostou o rosto na cabeça dele e se entregou ao amor que ele tinha para dar.

Slade olhou para a irmã e tentou não entrar em pânico. Os olhos dela estavam vermelhos e inchados, e a caixa de lenços de papel ao lado dela estava sendo bastante exigida. Bolinhas amassadas cobriam o chão. Os pés descalços dela espiavam para fora de um roupão atoalhado comprido, um velho conhecido que ela costumava usar em casa quando precisava de conforto. Ele flexionou os dedos e tentou manter-se calmo. Ele ficaria com ela o dia todo e a noite toda, se possível. Droga, ela poderia mudar-se de volta para o apartamento dele, retomar o antigo emprego e deixar Verily para trás. Ele faria qualquer coisa que estivesse ao seu alcance para que ela se sentisse melhor.

Quando ela finalmente olhou para ele, seu lábio inferior tremia. “Me sinto tão idiota”, ela fungou. “Ele vivia insistindo pra gente passar mais tempo juntos. Me convidou para dormir na casa dele. Me chamou para falar no curso dele. Eu sabia que a Kate estava certa quando falou que a gente estava indo rápido demais, mas eu estava tão feliz que só queria acreditar que tudo ia dar certo.”

A impotência atingiu-o em cheio. “Não é culpa sua; o cara te enganou e te largou sem a menor explicação. A Kate devia ter previsto isso. Por que ele é cliente delas, aliás? E por que diabos ela quis te apresentar ele?”

“A Kate não tem culpa. Eu podia ter escolhido o Tim, que também parecia superlegal, mas o Brian tinha a personalidade mais forte, o que eu achei interessante. Nas sessões, a Arilyn tinha me avisado pra não mergulhar de cabeça cedo demais. Ela disse que eu fiz isso no passado, como uma maneira de ignorar meus bloqueios e dificuldades.”

Ele resmungou baixinho. “Você é ótima do jeito que você é. Aquele imbecil é que tem problemas.”

Um sorriso molhado apareceu nos lábios dela. “Obrigada, meu irmão. Desculpa eu ter te tirado da cama tão cedo. Eu me acostumei a correr pra você quando me vejo em apuros. Hábito difícil de quebrar,

eu acho.”

“É pra isso que eu estou aqui, Jane. Pra cuidar de você. Escuta, eu já planejei tudo. Você pode voltar a morar comigo e se reestruturar. Eu vou pedir seu dinheiro de volta na Kinnections e você vai poder recomeçar. Cara, eu aposto que o seu antigo patrão vai implorar pra você voltar.”

Jane fechou o rosto. “Do que você está falando? Eu não vou voltar a morar com você.”

Ele se inclinou para a frente e pôs as mãos nos joelhos. “Só por um tempo, não é permanente. Não, tenho uma ideia melhor. Por que a gente não tira umas férias? Esvaziar a cabeça um pouco. Eu contrato uma empresa de mudanças para cuidar do apartamento, e podemos fingir que nada disso aconteceu.”

Os olhos dela se arregalaram como se ela estivesse diante de um extraterrestre, não do seu irmão. “Você está maluco? Eu adoro o meu trabalho e adoro Verily. Não preciso de férias.”

Ele tentou falar calmamente. “Você não deveria ficar sozinha agora. Não depois do que ele fez com você.”

Ela balançou a cabeça com força. “Não, Slade, acho que você entendeu errado. Sim, eu estou zangada e triste porque o Brian se revelou um idiota. Mas eu vou ficar bem. É isso que as mulheres fazem. Reclamam, choram, tomam sorvete, enchem a cara. As meninas na Kinnections me mostraram que eu posso ser normal, deixar minhas emoções fluírem, e mesmo assim ficar bem. Não vou ter um esgotamento nervoso, e tenho certeza de que logo, logo vou estar disposta a sair de novo e conhecer novos pretendentes.”

Ele rangeu os dentes e tentou não perder a cabeça. O que andavam vendendo lá na Kinnections? Não percebiam que ela era frágil? Quando os relacionamentos dela terminavam, ela mergulhava em um buraco negro de culpa, achando que nunca seria boa o bastante. Ele tinha aprendido a evitar o campo minado e protegê-la, mas depois da tentativa de suicídio ele nunca mais tinha deixado que ela se aventurasse muito longe. Sim, ela havia feito anos de terapia e declarado independência, mas o que aconteceria se ela estivesse à beira do abismo e ele faltasse no apoio a ela? “Fico feliz que você esteja sendo racional, fico mesmo. Mas acho que seria melhor se você ficasse comigo por um tempo.”

As lágrimas secaram e ela levantou o queixo. Oh-oh. Aquele tom voltou à voz dela e, de repente, ela não parecia nada frágil. “Eu não vou a lugar nenhum. Meu Deus, a culpa é minha. Eu nunca deveria ter ligado pra você.”

Slade se encolheu. “Não, eu fico feliz que você tenha ligado. Eu quero poder te ajudar sempre.”

“Escuta, o amor é uma droga às vezes. Não quer dizer que eu não acredite que vá dá certo no final. Eu sempre vou me arrepender por ter te arrastado comigo naquela montanha-russa emocional, e eu sei que você quer me proteger. Mas eu não preciso mais da sua ajuda. Eu consigo me virar sozinha agora.”

Ele estudou-a por um longo momento. Ele havia aprendido que ela era como porcelana delicada e agora... ela não parecia mais tão frágil. Não como antes. Seria possível que a força dela fosse maior do que ele imaginara? Que, de alguma maneira, ao longo do caminho, ela tivesse desabrochado em uma mulher adulta, capaz de lidar com os percalços da vida? “Não quero te decepcionar de novo”, ele falou baixinho.

Os olhos de Jane voltaram a se encher de lágrimas. “Meu Deus, Slade, você está me gozando? Você é

o único que *nunca* me decepcionou. Você é a razão pela qual eu hoje sou capaz de acreditar no amor, de acreditar em mim. Você me ensinou isso. Eu te acompanhei durante o seu divórcio, na morte da mamãe e do papai, por anos a fio aconselhando casais de coração partido no seu escritório. Você nunca esmoreceu. Você é um cara que cuida, e por isso agora eu estou pronta para assumir o comando da minha vida. Você compreende? Foi você quem me salvou.”

As palavras dela bateram fundo e libertaram uma vastidão de emoções que ele vinha represando havia anos. A verdade o deixou paralisado, a ideia de que ela poderia realmente acreditar nele, que de alguma forma ele tinha feito algo bom e certo. Sentiu a garganta se apertar e demorou um tempo até conseguir falar de novo. “Obrigado.”

Ela sorriu para ele, com o rosto aberto, iluminado e belo. “De nada. Agora, como é responsabilidade do clichê de melhor amigo no qual você se transformou, você iria buscar bacon, ovos e um queijo-queijo? Tem um café maravilhoso descendo a rua, no próximo quarteirão. Ah, waffers também!”

Slade riu. “Tudo bem. Vou aproveitar e comprar um daqueles donuts maravilhosos que eles têm lá, também.”

“Ótimo, você provavelmente não teve tempo de comer. Ei, como é que você chegou tão rápido aqui? Demorou menos de dez minutos. Onde você estava?”

A imagem de Kate nua, montada nele, recebendo-o dentro dela, lampejou diante de seus olhos. “Hum, eu parei na Kate pra falar de um negócio.”

Ela franziu de leve uma das sobrancelhas. “Tão cedo?”

“É. Deixa eu descer.”

“Pode ir parando por aí, amigão.” Jane cruzou os braços e estudou-o com o olhar assustador de professora que o fazia tremer. “Caramba, você está dormindo com ela!”

Ele travou o queixo. “Estava. Não mais.”

“Meu Deus, por esta eu não esperava. Mas de um jeito esquisito, vocês são perfeitos um para o outro.”

Slade deu uma risada amarga. “Duvido. Não acho que jamais houve duas pessoas tão diferentes. Posso te fazer uma pergunta?”

“Claro.”

“Alguma vez a Kate falou alguma coisa a respeito de um dom especial que ela teria? Quando ela apresentou você ao Brian, por acaso ela, ahn, tocou em vocês, ou disse que sentia uma fagulha entre vocês dois?”

Jane balançou a cabeça. “Não. Nunca ouvi nada parecido. Elas usam um método bem científico. No papel, e também depois de algumas conversas, o Brian parecia perfeito. Mas logo de saída elas me avisaram que isto é uma jornada, e que poderia levar tempo. Mas eu estou bem com isso.”

“Beleza. Volto já com os sanduíches. ”

Ele saiu porta afora e se perguntou se não tinha cometido um grande erro. Culpar Kate pelo que acontecera com a sua irmã não era correto. As duas tinham razão: não havia garantia. A Kinnections não tinha feito nada de errado, a não ser acreditar em algo em que a irmã dele também acreditava, e ele não tinha o direito de culpar Kate, nem de responsabilizá-la pelo que acontecera.

A cabeça dele latejou quando se lembrou da maneira como fora embora. Nota dez no quesito idiotice. Mas é que tinha sido coisa demais para ele lidar. Primeiro, a mãe dela, depois o poder mágico, depois Jane. E onde é que isso os deixava?

Slade não sabia. E, pela primeira vez na vida, ele não sabia mesmo o que fazer.

“Deixa ver se eu entendi. Você dormiu com ele. Terminou de manhã. Decidiu que cada um iria para um lado e marcou outro encontro pra ele. Daí ele apareceu aqui logo depois do tal encontro e vocês dormiram juntos pela segunda vez. Depois terminaram de manhã. De novo. Eu entendi direito?”

Kate encostou a testa na bancada fria de granito e grunhiu. Era manhã de domingo, vinte e quatro horas depois do episódio. Ela não tinha dormido, nem tirado o pijama esfarrapado. E um banho estava definitivamente na programação. “É, é bem por aí.”

Gen enfiou na boca o último pedacinho do bolo e mastigou. “É oficial. Você perdeu o juízo junto com a virgindade.”

“Eu sei. Ele surtou quando ficou sabendo do dom/maldição. Não acreditou em mim, eu nem posso culpá-lo por isso, mas mesmo assim. Agora ele acha que eu estraguei a vida da Jane e sou uma criminosa. Eu fiquei com medo de ligar pra ela, porque ele estava furioso.”

Gen bateu os dedos na caneca de café. “Deixa ele se acalmar. Ele parece ser do tipo superprotetor. Dá uns dias pra baixar a poeira, depois liga pra Jane se ela não tiver te procurado até lá.”

“Eu não entendo, ela ia tão bem. Ele agiu como se ela estivesse no fundo do poço. Eu achei que eles deviam ir mais devagar. Por que eu não insisti até me ouvirem?”

“Você só consegue levar os casais até a água, amiga. Não dá para obrigá-los a beber.”

“Acho que sim. Desculpa, eu não paro de tagarelar sobre os meus problemas e você acabou de ficar noiva. Eu simplesmente amei o anel! Você está animada?”

O brilhante de três quilates, com lapidação no estilo princesa, brilhava à luz da manhã, mas o sorriso de Gen não alcançou os olhos. Talvez estivessem cansados demais. “Claro. É que eu tenho trabalhado sem parar e resolvido coisas do casamento. Estou um pouco assoberbada.”

“Posso imaginar.” Gen evitou o olhar da amiga, concentrando-se no bolo, e mais uma vez Kate sentiu aquele arrepio de desconfiança percorrer sua espinha. “Ele é bom pra você, não é? Quero dizer, você quer se casar com ele, certo? Porque se ele estiver te pressionando ou for cedo demais, você precisa se impor...”

“Não, esta é a coisa certa a fazer. Ele é perfeito pra mim, e tão fofo. Adora me mimar e me estimula a ser melhor. Nunca vou encontrar outro cara como ele.”

Todas as palavras certas, mas... Kate sentia que estava faltando alguma coisa. Havia uma sombra no olhar da melhor amiga, uma sombra que ela jamais vira antes. Gen pegou um guardanapo, bebeu um último gole de café e escorregou da cadeira. “Desculpa, tenho que correr pro hospital. Escuta, Kate, eu sei que isto tudo é muito confuso, mas eu vou te dizer uma coisa: nunca te vi tão feliz antes.”

“Isto é feliz pra você?”

A amiga riu. “Você brilha quando fala o nome dele. Você abriu mão de sua virgindade e realmente

sentiu a conexão pela primeira vez. Ele é especial. Eu sei que há obstáculos, e ele diz que não acredita no amor, mas você chegou a dar a ele uma oportunidade real? Uma chance, nem que seja mínima?”

Kate franziu a testa. “Eu não sei se estou entendendo o que você quer dizer.”

O bip de Gen disparou como um alarme de incêndio, e ela ficou tensa. “É o David. Estão me chamando. A gente se fala mais tarde, aguenta firme. Obrigada pelo café.”

Ela saiu porta afora. Robert mal mexeu a cabeça, acostumado com as idas e vindas rápidas da amiga. Kate pensou sobre o que ela havia dito e limpou a cozinha. Estranho. Slade já sabia que ela nutria sentimentos profundos por ele, mas ela insistia em lutar contra eles e enterrá-los. Não fazia sentido dividi-los quando não haveria reciprocidade ou interesse em seguir adiante. Talvez ela se encolhesse na poltrona e passasse o dia sem fazer nada, a não ser assistir a filmes e ler livros. O trabalho podia esperar. A academia podia ser adiada. Nada parecia tão importante.

A porta de repente se escancarou. Kate levantou os olhos, assustada, e franziu o rosto ao ver a mãe entrar. “Você está bem?”, perguntou, indo até ela. “Você nunca veio me visitar duas vezes no mesmo fim de semana.”

Madeline atravessou a sala e segurou os braços de Kate. Os olhos azuis estavam abertos e cheios de medo. “Eu tive um sonho.”

Kate segurou um sorriso. “Você viu de novo o planeta ser engolido por sacolas plásticas e fraldas descartáveis? As pessoas têm reciclado mais, mãe, não se preocupe.”

“Não, boba, sonhei com você. Que você tinha ignorado o toque com Slade e que toda a sua vida tinha se arruinado. Uma escolha ruim e você nunca mais tinha se recuperado. O que aconteceu depois que eu fui embora?”

Ela ficou desconfortável. Ótimo, ela seria a velha dos gatos, e logo ela, que sempre gostara mais de cachorros. “Não quero que você fique preocupada. Slade não combina comigo. Resumindo, ele não acredita no amor, nem no casamento, nem em finais felizes. Ele acredita em oxitocina.”

A mãe dela sacudiu-a de leve, impaciente. “Não me importa o que ele diz que acredita. Eu quero saber de você e das suas atitudes. Você disse a ele que o ama? Que você acredita o suficiente pelos dois?”

Ela entrou em pânico. Soltou-se das mãos da mãe e deu um passo para trás, querendo alguma distância. “Não seja ridícula, claro que não. As mulheres não fazem isto hoje em dia. Além do mais, tenho certeza de que é melhor assim.”

Sentiu o coração despedaçar-se e chamá-la de mentirosa. Seu corpo doía e ameaçava puni-la. Sua mãe soltou um grito de frustração que Kate nunca ouvira antes. Madeline era um rio, ela fluía e se derretia, incorporando-se aos desafios da vida, raramente lutando contra a corrente. A mulher diante dela tremia, a aura vibrando tão intensamente que Kate teria metido um baseado entre seus dedos se tivesse um. “Mãe, o que é que há?”

“O que aconteceu com você?” Madeline sussurrou. “Quando você deixou de acreditar em si mesma? No seu dom? No que você merece?”

A emoção engasgou-a. Ela não sabia lidar com aquilo; estava perto demais do ponto sensível. “Eu tentei. Ele sabe que eu gosto dele, e ele foi honesto comigo sobre o que pode ou não suportar. Ele acha

que eu ferrei com a irmã dele e que eu sou uma mentirosa. E o meu dom? Eu não queria te contar, mas sumiu. E eu não acho que vá voltar. Eu preciso que você deixe isto pra lá.”

“Não. Você vai me escutar, minha filha, e não me interrompa. Senta aí.” Sua mãe apontou para a cadeira. Kate arrastou-se até lá, sentou-se e esperou. Fazia tempo já tinha aprendido a não discutir quando a mãe queria ter uma destas conversas. “Está na hora de parar de fugir, Kate. Você disse que perdeu o dom. Quando foi que isto aconteceu?”

“Depois que descobri a conexão com Slade. Foi a última vez que senti qualquer coisa. Não sinto nada, mesmo com casais que já estão juntos e têm uma conexão.”

“Mas você ainda sente a conexão com Slade?”

Ela assentiu. “Achei que estivesse bloqueada por negar nossa atração. Daí eu dormi com ele. Achei que fosse voltar, mas não resolveu. Meu dom se foi.”

Madeline contraiu os lábios. “Seu dom está lhe sendo negado, minha querida. Você é a primeira, em gerações, a sentir isto com outras pessoas. A maioria só sente a conexão com a sua própria alma gêmea. Você foi abençoada para espalhar este conhecimento pelo mundo. Mas quando se confrontou com a sua própria verdade, escolheu fugir e se esconder. Envolver tudo em sexo e ter conversas racionais sobre como as coisas não vão dar certo entre vocês. Você não está percebendo?”

Kate esfregou as têmporas. Meu Deus, quando a mãe dela começava com as metáforas, era dureza. Ela se sentia numa bad trip. “Eu não fugi, nem me escondi. Disse a Slade que eu acreditava no amor e queria viver o para sempre. Ele respondeu que não podia me dar isso. Nós seguimos cada um para um lado. Acabou.”

“Você falou pra ele que o ama?”

Kate congelou. “N-n-não. Não vejo razão pra fazer isso.”

A mãe dela apertou os olhos com intensidade. “Não vê razão em confessar a verdade para o homem que você ama? Então eu criei uma covarde?”

Kate encolheu-se. “Pra quê? Pra ele dizer, muito obrigado, mas não vai dar certo? Pra ele arrancar o que me resta de orgulho e me deixar arrasada, sofrendo? Não, obrigada.”

“Não tem meio-termo quando se trata de amor. Você tem mais sorte do que os outros, por ter sido guiada até o homem feito pra você. Ao negar a verdade, ou ignorar a conexão, você renega o seu dom, a si mesma, e deixa de ser digna de tê-lo.”

As palavras atingiram Kate com violência, como diretos no queixo no meio do ringue, e ela sentiu que algo lá dentro estava se partindo. Será que ela não havia sido clara o suficiente sobre o que sentia? Será que não tinha lutado o bastante? Será que sua mãe estava certa? Ela havia racionalizado demais e o afastara, permitindo que ele entrasse só na sua cama, e não no coração. Ela não tinha tido coragem de fincar o pé e confrontar as crenças ridículas dele.

“Não sei o que fazer, mãe”, disse ela, com a voz embargada. “Ele pode partir o meu coração, e eu tenho medo.”

“Como ele faz você se sentir?”

Ela respirou fundo. “O melhor de mim. Ele acende o meu corpo e satisfaz minha alma. Ele me faz rir.

Ele ama o Robert e gosta de cuidar dele. Ele é tudo o que eu sempre quis e eu nunca estive tão apavorada.”

Madeline aproximou-se, segurou na mão dela e apertou-a. “Você tem que ser valente e reconhecer este amor, minha filha querida. É a única maneira de vencer. E se você perder, bem, ao menos vai perder de cabeça erguida, sem arrependimentos. Como é que você pode sentir vergonha de seguir o seu coração? É simplesmente a coisa mais corajosa que alguém pode fazer no mundo. Foi nisso que você baseou o seu negócio, a sua sobrevivência.”

A semente da verdade caiu lá no fundo, criou raízes e cresceu. Naquele momento, ela se deu conta de que todos os passos daquela jornada haviam sido vacilantes. Mas a covardia tinha acabado. Ela merecia mais.

Kate ficou de pé e abraçou a mãe bem apertado. “Eu te amo, mãe. Obrigada.”

“De nada. Agora vai lá buscar o seu homem.”

“Nós temos um problema.”

Slade estudou o chefe, sentado atrás da enorme mesa de teca, com uma expressão preocupada no rosto. Merda. Primeiro, a vida pessoal. Agora, a carreira. Será que ele estava zangado porque ele tinha saído mais cedo nestes últimos dias? Não, Bob geralmente deixava que os funcionários organizassem as próprias agendas, desde que fizessem o trabalho que ele esperava. Será que tinha descoberto que o relacionamento dele com Kate era uma tremenda mentira? Será que Melody tinha se dado mal com a tal multa por excesso de velocidade? Slade ajeitou os punhos. “O que houve, Bob?”, perguntou, calmo.

O chefe apontou para o computador. “As horas cobradas chegaram para aprovação. As suas não estão fechando. Pode me explicar o que está acontecendo?”

Sentiu um alívio no peito. Com aquilo ele tinha como lidar. “Tem um cliente que quer pagar no final, quando eu ganhar o caso. Esqueci de te dizer. Te mando os detalhes assim que voltar ao meu escritório.”

Bob balançou a cabeça. “Não vai dar. Disse aos sócios que vocês têm que cobrar antecipado agora. Há *pro bono* demais e muitos casos perdidos também.”

Slade sentiu uma onda de irritação. “Eu já te fiz perder dinheiro em algum caso? Preciso de alguma liberdade com este. A mulher do cara congelou as contas e ele está na pior. Precisa da guarda dos filhos. Eu vou ganhar.”

“Não duvido. Mas nada mais de coração mole aqui. A história dele não é diferente de outros milhões que batem à nossa porta. Olha, eu entendo que você queira ajudá-lo, mas ele tem que pagar a conta. Se eu não quisesse ganhar dinheiro, estaria trabalhando na defensoria pública ou seria advogado de ONG.”

Slade engoliu a frustração e tentou analisar o cenário todo. Mas meu Deus, ele estava tão cansado daquilo. Ele queria fazer uma coisa para uma pessoa que estava precisando, e sentia suas mãos sempre amarradas. “Tudo bem. Eu pago esta do meu salário. Pode descontar do meu pagamento.”

Bob levantou uma sobrancelha. “Uma atitude um tanto extrema por alguém que você não conhece. O que é que deu em você ultimamente? Estou tomando minha decisão sobre o sócio e preciso saber. Este é

um negócio cruel, que te mastiga e te cospe depois. Se não consegue lidar com isso, acho que o Samuel pode ter mais o perfil.”

O olhar do chefe era afiado como uma lâmina e Slade teve certeza de que estava sendo testado. Ele tinha a fibra para a coisa? O objetivo da sociedade havia sido seu único foco nos últimos cinco anos, mas de repente viu seu futuro passar diante dos olhos e era só mais do mesmo. Mais trabalho, mais estresse e menos satisfação. O desafio estava na mesa para ele pegar. Livre-se do cliente e ganhe o respeito do Bob. Ele sentiu que tinha certa vantagem na comparação com o Samuel. Um pequeno acordo e estaria tudo acabado.

“Eu menti, Bob.”

O chefe olhou para ele, atento. “Sobre?”

“Kate. Nunca estivemos juntos. Eu a contratei numa agência de relacionamentos para posar de namorada, porque sabia que você prefere executivos afetivamente comprometidos. Ela não é contadora, o pai dela não é juiz, e ela é dona de uma empresa chamada Kinnections.”

Bob franziu a testa e balançou a cabeça. “Não era este o nome da firma de contabilidade?”

“Não, ela é dona de uma agência de relacionamentos. Eu armei tudo porque queria derrotar o Samuel. Venho querendo esta droga de sociedade há anos, e não estava nem um pouco disposto a deixar de conseguir, só por não estar em um relacionamento.”

O silêncio tomou conta. Sentiu uma leveza no peito, mas esperou as consequências. Será que Bob o demitiria? Talvez. Desconsideraria sua candidatura ao cargo? Provavelmente. Pelo menos, ele não tinha mais que fingir ser alguém que não era.

Bob jogou a cabeça para trás e riu. “Eu já vi muitas jogadas criativas para tentar uma promoção, mas esta é nova pra mim. Não tinha ideia. Na verdade, minha mulher ficou tão encantada com a Kate que queria convidá-la para jantar nessa semana. Você pegou a gente. E, embora eu esteja puto com a mentira, tenho que te dar crédito pela ambição. É este o tipo de homem que eu procuro, Slade. Você identificou o problema, pensou em uma solução e foi atrás. É pena, porque a Melody vai se ferrar com aquela multa.”

Slade conseguiu segurar a cara de surpresa e transformá-la num sorriso esperto. “Fico feliz que você não esteja chateado. E peço desculpas se te deixei em alguma situação constrangedora.”

Bob fez um gesto com a mão no ar. “Nada que eu não possa resolver. Gostei de você ter assumido a verdade antes de eu tomar minha decisão.”

“Não vou deixar este caso, Bob. Não vai atrapalhar meus outros casos ou as horas pagas. Eu faço questão.”

O chefe suspirou. “Tudo bem, fica com ele. Você sempre foi um filho da mãe teimoso. Mas é bom que você ganhe.”

“Eu vou ganhar. Obrigado.” Ele se levantou e foi se dirigindo à porta, quando ouviu seu nome. “Sim?”

Os olhos do Bob brilhavam. “Digamos que eu acho que, no fim da semana, você vai ficar satisfeito com a minha decisão a respeito da sociedade.”

O significado era claro. Quando Slade saiu da sala, sua cabeça rodava. Caramba. Ele tinha conseguido virar sócio. Mas, conforme foi andando pelo corredor, um vazio enorme pulsava dentro dele, uma

urgência de ter a mulher que ele afastara, e uma dúvida: algum dia ele se sentiria satisfeito novamente?

Kate estava aguardando em frente ao prédio dele. Olhou para o relógio mais uma vez, torcendo para que ele não fosse ficar até tarde no trabalho. Ela já estava esperando fazia uma hora e, a cada minuto que passava, ela se sentia tentada a desistir do plano e correr de volta para casa. Nada como uma grande declaração de amor para deixar uma mulher apavorada.

“Kate?”

Ela virou a cabeça para a direita e seu coração deu um salto. Ele era tão lindo. A sua altura e os seus músculos preenchiam o terno marinho da Prada e a camisa branco-neve e a gravata vermelha lhe davam um visual arrojado. Ele provavelmente tinha estado nos tribunais. Rugas marcavam sua boca e seus olhos, denunciando o cansaço. Os óculos de aro dourado davam a ele um jeito professoral que só o deixava mais sexy. Ela ficou de pé e tomou-o com os olhos, seu corpo já aceso com a necessidade de tocá-lo, segurar seus cabelos e acariciar seu rosto firme. Ela engoliu em seco. “Preciso falar com você.”

Ele assentiu. “Vamos entrar.”

Eles subiram os degraus e entraram no apartamento. O silêncio dos cômodos vazios pulsava com o desejo de sons e risos e caos. Por que ela não vira isto antes? O modo como ele controlava a vida e mantinha as pessoas a uma distância segura, para nunca correr o risco de falhar? Exatamente igual a ela.

“Posso te oferecer alguma coisa pra beber? Comer?”

“Não.”

“Você quer se sentar? Desculpa chegar tão tarde, eu tive uma audiência.”

“Eu te amo.”

Ele ficou tenso. Ah, droga, ela não podia dizer as coisas com um pouco mais de delicadeza? Ela era péssima para fazer declarações de amor, então era melhor apagar aquilo... Era horror, susto ou prazer no rosto dele? Ele parecia ter sido atingido na cabeça com um tijolo.

A voz dele saiu falhada. “Kate, eu...”

“Não, por favor, me escuta primeiro.” Ela secou a palma das mãos na calça jeans e chegou mais perto dele. O perfume delicioso que ele tinha tomou conta dos sentidos dela, especiarias e um toque de limão. Ela fechou as mãos com força para não tocar nele. “Eu te chamei de covarde, mas sou eu quem está com o pé atrás. Desde o instante em que nos tocamos, eu senti que você era o homem para mim. Mas é uma coisa que vai muito além da atração física. Eu me escondi atrás das suas concepções de relacionamento e da sua recusa em acreditar que a gente poderia dar certo a longo prazo. Mas eu acredito o bastante por nós dois, Slade.”

Ela se entregou ao impulso e tocou nele. Os dedos dela seguraram nos ombros dele. O calor pulsava e dançava entre eles, confirmando a escolha que o coração dela tinha feito. “Eu quero que você dê uma chance para a gente. Eu vi o homem que você é. Como você protege e cuida da sua irmã. A sua delicadeza com o Robert. Como você luta pelos seus clientes e tenta diminuir um pouco o sofrimento deles. E o jeito que você me olha quando nós fazemos amor.” Ela ficou na ponta dos pés e pôs as mãos

nas bochechas dele, olhando para aquele rosto que amava. Seus olhos verdes ferviam de desejo, confusão, medo. “Eu amo cada mínima parte de você, seu corpo, seu coração, sua alma. Amo a sua mente e a sua teimosia e o seu humor. Dá uma chance para a gente ser mais. Me dá uma chance de te amar do jeito que você merece.”

Ela não hesitou, simplesmente puxou a cabeça dele ao encontro da dela e beijou-o com toda sua vontade e emoção. Ele gemeu e abriu os lábios, a língua deslizando para dentro, tomando-a profundamente. Ele beijou-a por um longo tempo, conquistando cada pedacinho daquela boca, até que não houvesse mais nada que ela ainda não tivesse lhe dado. Quando ele afastou sua boca da dela, uma luz louca brilhava nos olhos dele.

Uma risada feliz brotou do peito dela. Ela tinha ganhado a parada. Ele era dela.

Kate se esticou para beijá-lo novamente, mas ele deu um passo para trás. Linhas de pesada preocupação marcavam o rosto dele, apesar da firme ereção que ela havia notado e do desejo ardente em seus olhos. “Não posso, Kate. Meu Deus, eu não posso fazer isto com você e depois partir o seu coração. Eu também te amo, amo sim, mas não posso seguir este caminho. Mais tarde nós vamos nos ferir, e eu prefiro morrer.”

A fúria embaçou a visão dela. Ela tremia com uma violenta onda de emoções. “Você vai nos negar a felicidade, por causa de um futuro que nós desconhecemos? E os relacionamentos que dão certo? Você não acha que a gente merece esta chance? A chance de ser uma família e acordar um nos braços do outro todas as manhãs? Ou você tem medo de ficar comigo, porque pode aparecer uma opção melhor mais tarde?”

Ele travou os maxilares. “Não fala isso. Não tem nada a ver. Eu sou louco por você. Desde o instante em que a gente se conheceu eu venho tentando me lembrar, mas a verdade é que eu nunca me senti assim antes.”

“Então por que você está fazendo isso?”

“Porque você quer ter tudo!”

Ela prendeu a respiração. Ele se afastou, dando um soco no ar. O silêncio vibrava com a tensão, e Kate finalmente se deu conta de que fora até lá para ganhar, mas ele já tinha feito sua escolha. A dor violenta que surgiu dentro dela a deixou sem ar, mas ela conseguiu dizer as últimas palavras.

“Você está certo. Eu quero mesmo ter tudo. Eu sinto muito que isto seja pedir demais, mas eu acredito que nós dois merecemos. Eu sinto muito que você não pense o mesmo.”

“Kate.”

O nome dela era um adeus, um pedido, uma oração. Os olhos dela estavam secos e frios quando ela o encarou. “Adeus, Slade.”

Desta vez ele não a impediu de ir. Ela foi embora do apartamento dele pela última vez, sabendo que ele havia escolhido assim.

“Você está bem?”

Kate forçou um sorriso e levantou os olhos quando Kennedy entrou no escritório.

“Claro. A Jane vem hoje?”

“Deve chegar a qualquer minuto. Ela está pronta para recomeçar, então eu achei melhor sentar com ela e conversar um pouco. É uma pena que o Brian tenha acabado por se revelar um belo de um idiota.”

“É, são os males do ofício, eu acho. De qualquer modo, eu estou orgulhosa dela. Ela parece estar bem mais forte e não deixou que isso a afetasse demais.”

“Eu tive boas professoras.”

Kate riu quando Jane apareceu por trás de Ken e deu-lhe um abraço. Jane havia realmente desabrochado. Ela aceitara o rompimento e as emoções, e se curara. Agora, estava animada com a possibilidade de uma nova jornada e, desta vez, Ken provavelmente faria uma seleção ainda mais cuidadosa.

“Como você vai, Kate?”, Jane perguntou.

“Vou indo muito bem.”

As duas mulheres trocaram um olhar. Kate segurou um suspiro. Ela vinha respondendo àquela pergunta todos os dias, por duas semanas, e a resposta nunca variava. Ainda assim, as amigas sabiam que era uma mentira descarada. Desde aquele dia em que perdeu Slade, ela andava por aí vazia, presa entre uma dor avassaladora e uma estranha apatia. Ela havia se enchido de trabalho, ficava em casa com Robert e tentava acreditar que tudo ia melhorar. Algum dia.

Jane se tornara uma amiga próxima ao grupo e agora juntava-se a elas nas sextas no Mugs. A Kate agradava o fato de que ela nunca mencionava o irmão, nem fazia perguntas. “Alguém quer tomar um drinque depois do trabalho hoje?”, Jane perguntou. “Eu terminei meu artigo e adoraria comemorar.”

Ken bateu palmas. “Parabéns, garota. Claro que a gente vai. Mas antes vamos até a minha sala para repassarmos algumas coisas. Acho que tenho um cara ótimo pra te apresentar.”

Os saltos das duas foram clicando no corredor, e Kate olhou para a pilha de pastas em cima da mesa. Engraçado, nos últimos meses a sua lista de clientes tinha praticamente dobrado. A feira provavelmente tinha ajudado, e todo mundo havia se prontificado a dobrar os esforços agora que ela não tinha mais o dom. Não que ela ainda o testasse; a maior parte do tempo ela passava com Robert e a televisão.

Ela imaginou se Slade sentia falta dela. Se ele tinha conseguido virar sócio. Se às vezes pensava em ligar para ela ou se já tinha esquecido de tudo.

O sino tocou e houve uma batida à porta. Ela sorriu ao ver Tim. “Ei, Kate, você tem um minuto para mim?”

“Claro.” Ela fez um sinal para ele entrar. “Como foi o encontro de sexta?”

Tim sentou-se na cadeira e deu de ombros. Ele era um de seus clientes favoritos, e realmente gostaria de conseguir apresentá-lo para a pessoa certa. Um pouquinho acima do peso, ele tinha lindos olhos dourados e cabelos castanhos grossos, e seu senso de humor ácido sempre a fazia rir. Ele não era vistoso, nem introspectivo, nem bad boy. Era simplesmente bacana, com uma ótima personalidade. Era hora de trabalhar com mais afinco.

“Ela é legal, mas não acho que combinamos. Ela é rata de academia e, por mais que a conversa tenha fluído bem, eu meio que percebi que ela estava olhando para o garçom gostosão.”

Kate balançou a cabeça, lembrando-se do seu próprio encontro dos infernos, quando ela acabou apresentando o garçom para o seu companheiro... “Às vezes este negócio é uma droga, né? Mas não desiste de mim, Tim. Eu acho que tenho uma ideia melhor para você.”

“Não sou de desistir. Ei, pelo menos eu saio com várias mulheres maneiras e janto fora. O controle remoto da minha televisão estava trabalhando demais antes de eu vir aqui na Kinnections.”

Boa observação.

A porta se abriu de repente. “Kate, estou indo. Te vejo mais tarde no Mugs... Ah, desculpa interromper vocês.” Jane sorriu para Tim. “Oi, Tim. Bom te ver de novo.”

Tim sorriu. “É mesmo, oi. Mais encontros pela frente?”

Jane riu. “Acho que estamos os dois no mesmo barco, né?”

Kate se levantou da cadeira e a amiga entrou na sala. “A Ken te tratou bem?”

“Claro. A gente está pensando em fazer um evento. Acho que estou pronta.”

“Isso está parecendo promissor.”

Tim ficou de pé e parou diante dela. “Sinto muito que não tenha dado certo com o último cara”, ele disse. Olhou intensamente para ela, com um sorriso nos lábios. “Ele só pode ser muito burro.”

“Ah, obrigada. Digo o mesmo pra você, não consigo entender por que você ainda está por aqui.”

Kate virou-se, dando aos dois mais espaço para continuar a conversa, e suas mãos esbarraram neles.

Bum.

Pow.

Sentiu a pele queimar e um choque atravessou o seu corpo, obrigando-a a dar um passo para trás. Prendendo a respiração, Kate olhou para eles, o coração batendo tão forte que ela podia jurar que eles estavam escutando. Mas não. Os dois olhavam um para o outro, e a energia estalava como fios desencapados em volta deles.

Ai. Meu. Deus.

O dom tinha voltado.

Kate tentou manter-se calma, embora tivesse vontade de enfiar as mãos dentro de um balde de gelo. Ela já tinha esquecido o tranco que sentia quando percebia uma conexão, mas a vontade que tinha era de jogar a cabeça para trás e rir de felicidade.

“Ei, Tim. Jane e eu vamos ao Mugs depois do trabalho, por volta das cinco. A gente ia adorar se você fosse junto.”

“Ah, não quero me meter no programa de vocês.”

Jane balançou a cabeça e tocou no braço dele. “Não, vem, sim. Vai ser divertido.”

“Ótimo. Eu adoraria.”

Kate segurou uma risada, quando viu os dois trocarem olhares sonhadores. “Melhor eu voltar ao trabalho. Eu acompanho vocês.”

“A gente se vê mais tarde.”

Ela observou os dois conversando animadamente, até a porta fechar-se atrás deles.

Lágrimas molharam suas pálpebras quando se afundou na cadeira. De algum modo, ela tivera sorte suficiente para receber o dom de volta, e nunca mais o daria como certo. A imagem de Slade passou em sua mente. Deus, ela sentia falta dele. Perguntou-se o que ele estaria fazendo agora.

Kate esfregou os olhos, tentou se concentrar e voltou ao trabalho.

Ele estava no inferno.

Slade olhou pela janela, aprisionado em mais um dia de trabalho. Duas semanas. Os dias eram infinitos, mas as noites eram piores. Ele ficava à espera da satisfação que deveria sentir por ter feito a coisa certa e a deixado ir embora. Tentou convencer-se de que era forte por ter sido honesto sobre seus limites e sobre não querer magoá-la. Mas Ted estava de volta, provocando-o com seu ar de deboche risonho.

Ela declarou seu amor, mas você jogou-o de volta na cara dela. Você é um idiota, um covarde. E está sozinho.

Cala a boca. Melhor ela sofrer agora do que mais tarde.

O que você realmente acha que pode vir a acontecer?

Nada. Infidelidade, provavelmente não. Nada de traição. Kate não mentia. Mas eles poderiam se afastar com o tempo. Talvez as carreiras cobrassem um preço. Brigas. Claro, brigar com Kate era divertido, e fazer as pazes era ainda melhor. Não, estas coisas aconteciam o tempo todo nos relacionamentos, especialmente quando se abraçava a ideia do amor para sempre.

Como eu falei, você é um idiota e um covarde.

Ele fechou a porta na cara do louco camarada mental e tentou não pensar em Kate. Imaginou como ela estava. Tentava não pressionar Jane atrás de informações, sabendo que se ouvisse que ela estava saindo com alguém, poderia perder a sanidade. Sua irmã parecia feliz e não precisava mais dele. Ela havia voltado para a Kinnections e ainda tinha esperança de conhecer alguém. Como era que sua irmã acreditava nos finais felizes e ele não? Ela já tinha se machucado várias vezes, mergulhado em extremos emocionais, e mesmo assim continuava tentando. Ele não compreendia. Mas as últimas palavras que ela dissera a ele ainda o assombravam, exasperando-o até o limite.

Foi você quem me ajudou a acreditar no amor.

O interfone tocou. “Dr. Montgomery, sua cliente das três horas chegou.”

“Pode mandá-la entrar. Obrigado.”

Ele ajustou o paletó e voltou a assumir a postura de advogado. A mulher que entrou no seu escritório

seguramente teria por volta de setenta anos, com cabelos grisalhos curtos, óculos, um terno de poliéster e sapatos de senhora. Seu sorriso era gentil e generoso, e ela cumprimentou-o com a voz calma e um aperto de mão firme. Slade se preparou, sentindo que aquele seria um daqueles casos. Talvez o marido tivesse trocado a esposa por uma mulher mais nova? E estava torrando todas as economias do casal? Dormindo com a empregada?

“Sra. White, é um prazer conhecê-la. Sei que a senhora já disse que queria pedir a separação, e eu sinto muito pelo sofrimento que está passando. A senhora poderia me dar mais detalhes da situação?”

Ela se acomodou na cadeira com um ar sereno que o intrigou. “Claro, e obrigada por me atender tão em cima da hora, dr. Montgomery. O senhor já ajudou alguns amigos e eles me falaram muito bem da sua reputação. Eu sou casada com o meu marido há quarenta anos. Nós temos quatro filhos. Eu quero pedir a separação para que ele possa ficar livre para respirar um pouco.”

Ele se controlou para não franzir a testa. Folheou o caderno onde havia tomado notas antes. “Vejo que a senhora já tomou uma decisão. O que causou esta separação? Se ele está ameaçando a senhora ou sendo infiel, eu posso garantir que a senhora fique protegida.”

A risada dela tilintou no ar com alegria. “Ah, não, meu Deus, ele nunca me traiu. Nós tivemos uma vida maravilhosa juntos, mas ele é louco para viajar e conhecer o mundo. Olha, nós nos casamos cedo e com os filhos e a dificuldade para juntar dinheiro, não tivemos muito tempo para fazer nada. O Charles sempre sonhou em viajar e viver aventuras. Eu preferia a vida caseira, então ele abriu mão dos desejos dele durante todo o nosso casamento. Criamos nossos filhos, pagamos nossa casa, fizemos uma poupança para a faculdade deles, depois para a nossa aposentadoria. Só que agora ele não quer me deixar. Nós brigamos por causa disso, mas ele se recusa a me ouvir. Eu quero que ele vá e viva as aventuras que quiser, mesmo que seja sem mim. É a vez dele, entende, então a única maneira é conseguir uma separação legal.”

Slade já tinha ouvido muitas histórias malucas, mas esta lhe deixou desnorreado. Ele tentou encontrar sentido nas palavras dela. “Eu peço desculpas, sra. White, estou tentando entender. Seu marido não fez nada de errado e mesmo assim a senhora quer se separar dele. Como é que isto vai ajudar?”

“Vai cortar os laços que ele acredita ter comigo e com o nosso casamento. Ah, ele me ama, não tenho dúvidas. Mas eu quero que ele seja feliz. Ele me deu alegrias durante os últimos quarenta anos, conformando-se em ser o que eu precisava. Agora é a vez dele. É o único jeito de deixá-lo livre. Se ele quiser voltar para mim depois desta viagem, que seja.”

Ele limpou a garganta e bateu a caneta na mesa. “Este é um pedido estranho. Nunca aconselhei ninguém sobre separação, quando a pessoa está feliz e satisfeita com o parceiro.”

“Pode parecer estranho para alguns. Sabe, o amor é uma coisa engraçada. Não há garantias, só o dia a dia e o momento. Você faz os votos, torce pelo melhor, e faz o que pode para amar a pessoa com quem está. Nós batalhamos contra o câncer de um de nossos filhos, dois abortos e o divórcio da minha filha. Mas sempre ficamos juntos. O senhor compreende?”

Slade tentou juntar as peças da história dela. “Não. Vocês passaram por tudo isto e agora vão se separar? Como é que isso pode valer a pena? Pode ser que ele vá embora e não queira voltar depois.

Esta coisa toda teria sido a troco de nada.” Ele estava zangado. “Se ele deu tanto à senhora, por que não ir com ele? E o seu sacrifício? Ele não merece?”

Ela se inclinou sobre a mesa e segurou as mãos dele dentro das dela. Slade estremeceu, assustado com o toque dela e com a força em seus dedos levemente retorcidos. Os olhos castanhos dela eram repletos de paz e sabedoria. “Eu estou morrendo, dr. Montgomery. Eu faria qualquer coisa para ir com ele, estar ao lado dele quando ele finalmente for rodar o mundo. Mas eu não posso, e se eu disser isto a ele, ele nunca irá embora. Não posso viver com isto. Então, eu vou deixá-lo ir, e quando ele voltar, eu contarei a verdade. Mas não antes dele ter o que precisa.”

Slade ficou imóvel. Seu coração bateu mais rápido. Ela continuou a falar, com a voz doce. “A possibilidade do amor vale qualquer esforço, dr. Montgomery. Dor, desilusão, sofrimento. É a única coisa pela qual vale a pena lutar nesta vida. E, embora nunca haja certezas, quando se é verdadeiro e corajoso o suficiente não há arrependimentos. Se eu perder meu marido amanhã, eu vou ficar arrasada, sim, mas nunca vou lamentar ou mudar minhas decisões. E eu vivi o tipo de amor que transcende a morte. Um amor que vale os sacrifícios e a felicidade dos outros. Meu Deus, quais são as alternativas? Ficar segura, mas sozinha? Isto não é viver, é meramente existir.”

A mão dele tremia. A percepção desabou sobre ele, arrastando-o pela areia áspera e molhada e jogando-o nas ondas geladas.

Tão burro. Ele estava apaixonado pela primeira vez na vida, e jogara tudo fora porque não vinha com um contrato assinado garantindo sucesso. Ele havia se conformado em viver só, quando poderia ter Kate em sua cama, seu riso nos ouvidos, seu corpo sob o dele. Ele havia se posicionado acima de todos, como um Deus, e tinha pena do mundo por não estar a sua altura.

Na verdade, era ele que merecia pena. E agora podia ser tarde demais.

“Sra. White, eu preciso ir. Agora.”

Ela piscou, puxou a mão e assentiu. “Eu compreendo. Boa sorte, dr. Montgomery. O senhor dará entrada nos papéis?”

“Sim. Eu peço desculpas. Vou entrar em contato.”

Ele saiu correndo do escritório, certo do que precisava fazer.

Kate voltou para casa dirigindo depois do Mugs, a lua cheia no céu irradiava uma luz laranja que brilhava como mágica. Jane e Tim tinham ficado juntos a noite toda no Mugs e mal trocaram uma palavra com os outros no lugar. As cabeças juntas, os sorrisos tolos nos rostos, Kate sentiu que o relacionamento evoluiria rápido, mas desta vez estaria tudo bem. Eles simplesmente eram feitos um para o outro.

Seu coração doía, mas já estava se acostumando, empurrando os dias e as noites no piloto automático. Ela parou o carro em casa, pegou a bolsa e foi andando até a porta. Agora era deixar Robert sair, comer qualquer coisa e assistir ao novo filme da dupla Wilson-Vaughn. Dificilmente seria tão bom quanto *Penetras bons de bico*, mas se a fizesse rir, já seria um sucesso.

Ela entrou na sala e parou de repente.

A bolsa escorregou das mãos.

“Oi.”

Slade estava de pé em frente a ela. Robert estava sentado ao lado dele e não se mexeu para cumprimentá-la; o corpo dele tremia de entusiasmo, mas recusava-se a sair do posto. Kate lutou contra a confusão e imaginou se estaria alucinando. “O que você está fazendo aqui? Onde está o seu carro?”

“Parei mais adiante na rua. Fiquei com medo de que você não entrasse se o visse.”

“Como você e-e-e-entrou aqui?”

“A Arilyn ficou com pena de mim. Disse que tinha sua chave, para o caso de você precisar de ajuda com o Robert.”

Robert estava ofegante, como se esperasse pela grande revelação. Kate balançou a cabeça, as emoções violentas demais para evitar. “P-p-p-por favor não faz isso comigo”, ela sussurrou. “Eu n-n-n...” Frustrada, sentiu a gagueira tomar conta, travando seu cérebro e sua calma. As palavras ficaram presas na garganta, recusando-se a sair, e todo o seu corpo tremia, tentando retomar o controle. Ele esperou por ela, sem interrompê-la, sem tentar terminar as frases dela. Até que, finalmente, a calma e a música interior romperam o bloqueio dela. “Não posso mais fazer isto.”

“Eu sei. Não vou. Nunca vou fazer nada para te magoar de novo, Kate. Eu só quero que você me ouça, por mais que eu não mereça merda nenhuma. Não depois do que fiz.”

Robert se sacudiu, depois parou.

“Eu não estava preparado para você, para o que eu senti. Minha vida toda, minha carreira toda, tudo o que vejo é um ciclo infinito de relacionamentos rompidos, dia e noite. Eu achava que, ao negá-los, estava sendo esperto e honesto e verdadeiro. Mas eu fui burro e medroso, na verdade. Eu te amo. Eu te amo com tudo que eu tenho, e não vou embora. Desta vez, eu vou lutar por você, implorar pelo seu perdão, provar meu valor. Eu não vou nunca mais a lugar nenhum, até que um dia você possa olhar para mim e confiar cegamente em mim. Saber que eu não vou fugir e que eu quero passar o resto da minha vida com você.”

As palavras eram demais, e a esperança brilhou à distância como uma miragem. “O que te fez mudar de ideia? Por quê? A gente vai transar, e depois de manhã você vai decidir de novo que a gente tem que se proteger um do outro? Como eu posso confiar em você?”

Ele travou o queixo. “Porque eu vou provar. A começar por hoje. Eu te comprei um presente.”

Ela cobriu os olhos com as mãos e deixou escapar uma risada sem humor. “Eu não acho que flores e bombons possam resolver alguma coisa, Slade.”

“Eu sei. Mas talvez isto possa mostrar um pouco do que eu imagino para a gente. Robert?”

Robert latiu duas vezes e virou-se. Arrastando as patas, correu para dentro da sala, subiu em uma rampa e jogou o corpo em uma poltrona. Ela abriu a boca, espantada, olhando para o objeto. Rente ao chão, a rampa levava até as almofadas de pelúcia do assento reclinável que apoiava as patas traseiras dele. O coelhinho estava ao seu lado, semidestruído, e o rosto de Robert era pura alegria.

“É uma poltrona especial para ele”, Slade explicou. “É ortopédica, tem termostato e controle remoto. E esta aqui é sua.” Ele apontou para a poltrona de couro, nova em folha, ao lado da do Robert. Marrom-escuro, macia ao toque. Kate passou a mão no encosto da poltrona, enquanto seu coração trovejava.

“Totalmente equipada com todos os botões que você precisa.”

“Você comprou uma poltrona pra mim.” Kate ficou olhando para a cadeira, um símbolo de algo maior e mais profundo do que um anel poderia prometer. Com medo de quebrar o encanto, ela notou uma segunda poltrona perto da primeira. “Tem outra.”

“É minha.” Ela virou a cabeça. Olhos verde-floresta cheios de amor e determinação se encontraram com os dela. “Porque eu não vou a lugar nenhum, nunca mais, Kate. Quero me sentar junto de você e ver filmes com o Robert. Quero me enterrar entre as suas coxas todos os dias, te preparar o café todas as manhãs e namorar à noite debaixo daquele cobertor, com um estoque de filmes no DVD. Quero uma vida com você, uma vida de verdade, com as dificuldades do dia a dia e alguém para dividir tudo. Eu te amo, Kate Seymour. Acho que te amei desde o momento em que você me electrocutou e me mandou embora. A única pergunta que resta é, você vai me dar uma chance?”

A alegria irrompeu e inundou as dúvidas. Ela olhou para as poltronas combinando, a cara feliz de Robert, e soube que estava pronta para encarar o seu próprio destino.

“Sim. Eu te amo, Slade. Não vou te deixar fugir de novo.”

Ele abraçou-a apertado e beijou-a. Tomou-a para si com movimentos famintos e profundos. O fogo familiar esquentou o sangue deles, relaxou seus músculos e eles se derreteram um dentro do outro, reconhecendo-se como almas gêmeas.

“Nada mais de tentar me arranjar com outra mulher?”, ele murmurou, beijando-a no rosto e enterrando os dedos no cabelo dela.

“Você finalmente encontrou o seu par, doutor.”

“Isso é verdade. Agora vamos fechar o negócio.”

Kate riu, e ele a pegou no colo e levou-a para o quarto.

“Você está feliz demais. Na verdade, é um pouco piegas, mesmo pra você. E estas poltronas? Me sinto dentro de um apartamento de homem solteiro aqui.”

Kate sorriu, se espreguiçou e virou a cabeça para a esquerda. “Você está é com ciúmes, porque o David te deu um anel e não mobília. Dá uma sentadinha nela e você vai entender por que ela vale tanto a pena.”

“Tudo bem. Mas o meu anel é lindo demais... Meu Deus do céu, este negócio devia ser ilegal. Dá pra regular o calor?” Kate riu e jogou o controle para ela. Gen suspirou e se espreguiçou, luxuriosamente. “O Slade não vai se chatear se eu usar a poltrona dele, certo?”

Kate bufou. “Ele está trabalhando demais desde que virou sócio do escritório, mas acho que está começando a se acostumar. Está envolvido no caso de um pai solteiro, e faz horas extras para compensar para a firma.”

“Por quê?”

Kate ficou radiante. “Porque ele não está cobrando nada. E eu aprendi a não irritar o meu homem no tribunal, viu? Ele é tubarão e urso, tudo junto em um corpo só.”

“Não acredito que ele entregou o apartamento de Tribeca. Achei que ele odiasse Verily.”

Kate riu. “Você está brincando? Eu quis ficar com as duas casas por um tempo e ver como iam as coisas, mas ele não queria ir embora nunca. Ele conhece todo mundo na cidade. Compra as bagels frescas com a Martha na padaria, leva o notebook para o café e bate papo com o Jim, e abriu uma conta com o Hector na livraria. Verily fez sua mágica, então decidimos ficar com esta casa até encontrar alguma coisa um pouco maior.”

“Eu estou tão feliz por você, Kate.” Gen piscava furiosamente. “Você merece.”

“Por favor, sem lágrimas. Nós nunca vamos sobreviver a dois casamentos. Damas de honra uma da outra, certo? Você primeiro, claro. Eu nunca roubaria a sua data em agosto.”

“David está fixado em agosto, mas eu não dou a mínima.” Uma sombra passou pelo rosto dela, enquanto se levantava da poltrona. “Tenho que voltar pro hospital. Posso pegar emprestado aquele livro sobre gagueira? Uma das minhas pacientes está com dificuldades e seria bom dar a ela informações sólidas e dicas. É difícil construir uma relação quando ela fica nervosa sempre que tem que abrir a boca.”

“Claro. Está ali na prateleira.”

Gen foi até lá, passou os olhos nos títulos e tirou-o da estante. “Peguei. Ei, o que é isso?” Puxou um livro pequeno, roxo, e estudou-o com curiosidade. “Um livro de feitiços de amor? Está me escondendo o jogo, Kate?”

Kate escorregou da poltrona e atravessou a sala. “Tinha me esquecido disso. Comprei no sebo, achando que poderia ser divertido para alguma cliente.”

Gen passou a mão sobre o tecido violeta. “Você não fez o feitiço, fez?”

Kate se encolheu. “Não. Sim. Bom, depois que Slade e eu terminamos pela primeira vez, ou foi a segunda, não lembro, eu estava solitária e pensei, por que não?”

Gen balançou a cabeça. “Você é demais. Tem um dom mágico e tem a coragem de fazer um feitiço. Acho que deu certo, né?”

Kate fez uma pausa. Que estranho. Claro, era uma total coincidência que o feitiço tivesse resultado em amor e noivado. Certo?

A lista.

“Espera um minuto, deixa eu ver uma coisa.” Ela correu para o quarto, enfiou a mão debaixo do colchão e pegou o papel amassado. Desdobrou-o e leu as qualidades que ela desejara encontrar em um companheiro.

1. Senso de humor
2. Inteligência
3. Lealdade
4. Confiança
5. Protetor da família
6. Caráter
7. Luta pelo que acredita

8. Ama cães (Robert)

9. Ama ver TV e filmes (comédias)

10. Um homem com quem eu sinta o toque

11. Ótimo na cama

12. Um homem disposto a acreditar no amor

Kate engasgou-se. A lista abrangia TODAS as qualidades que seu futuro marido exibia. Ela enfiou o papel debaixo do colchão e voltou até Gen.

“Qual é o problema? Você parece ter visto um fantasma.”

“Acho que vi. Digamos que eu acho que o feitiço funcionou, o que é impossível porque eu não acredito na Mãe Terra, nem em queimar listas no fogo, nem em coincidências.”

Gen olhou para ela e depois para o livro. “Posso levar?”

Kate riu. “Você já encontrou o seu par perfeito.”

“Eu sei. Mas talvez a Izzy possa usar. Ela tem sido tão difícil de conversar ultimamente, assim quem sabe a gente pode dar umas risadas. Talvez falar dos velhos tempos. Garotos normalmente ajudam as mulheres a se unir.”

Kate teve pena da amiga, que sentia muita falta da irmã gêmea. “Claro, leva.”

“Obrigada.”

Uma premonição estranha embaçou a visão dela, enquanto os dedos de Gen fecharam a capa do livro. Quase como se pressentisse que algo importante fosse acontecer, e que o caminho não seria fácil. Um arrepio desceu pela espinha dela. Gen ignorava a preocupação da amiga. Fez um carinho na cabeça de Robert e saiu, dando um adeus carinhoso.

Kate rezou para que David desse a Gen tudo de mais bonito. Sua amiga merecia uma vida inteira de felicidade.

Ela olhou para o próprio anel e para o lindo brilhante redondo e simples que cintilava em seu dedo como um milhão de raios de felicidade. Finalmente. A jornada até aqui tinha valido muito a pena. Com o coração leve, Kate se aconchegou de volta na poltrona, com seu cachorro e seu controle remoto, e esperou que o homem que amava entrasse pela porta.

Epílogo

Os raios de sol entravam pelas janelas abertas e batiam no meu pelo, aquecendo meu corpo como um cobertor. Me aconcheguei ainda mais na minha caminha e dei um suspiro. O Coelho Barulhento estava esticado junto da minha pata, e o cheiro delicioso de carne pairava no ar. Hum, jantar. Mamãe e Papai estavam conversando atrás de mim. Rindo. O som das lambidas. Beijos, como eles chamam. Fechei os olhos e cochilei um pouquinho.

Eu lembro de quando podia correr, muito, muito rápido. Eu tinha todas as minhas patas, mas não era feliz. As pessoas malvadas me machucavam e eu tentava ser melhor, mas não era nunca o bastante. Da primeira vez que vi Kate, eu achei que ela era um anjo. Ela me pegou na rua e me salvou. Os olhos dela eram grandes e muito gentis.

Eu não achei que ela fosse me querer. Minhas patas estavam quebradas, e eu sabia que não poderia mais correr, nem brincar. Mas ela não se importou. Ela me deu um carrinho muito legal e me ensinou a correr tão rápido como o vento, e passou horas conversando comigo sobre coisas importantes. Eu sempre escutei. Adorava assistir a filmes bobos com ela, receber carinhos na cama e ficar ao lado dela quando ela chorava. Eu detestava quando ela chorava, mas ela me abraçava e ria, e as coisas ficavam o.k. de novo.

Sempre quis ter um papai, por causa dela e minha, e agora eu tenho um. Ele me deu o Coelho Barulhento, me leva para passear no parque e ama a mamãe. Ele comprou para mim a melhor cadeira e agora meu bumbum não dói mais quando eu me deito. Finalmente eu tenho uma família de verdade, tipo os outros cachorros do parque.

Eu prefiro não ter patas e estar com a mamãe e o papai. Nunca achei que o amor existisse ou fosse acontecer comigo, mas eu estava errado.

Acho que se você nunca desistir e continuar a lutar, um dia você encontra a pessoa certa. Ou as pessoas.

“Robert?”

Levantei a cabeça. Os braços do papai estavam em volta da cintura da mamãe. Ele segurava dois sacos de petiscos. “Manteiga de amendoim ou bacon?”

Eu lati uma vez.

“Bacon, então.”

Papai veio até mim, deu batidinhas na minha cabeça e me deu o petisco. Eu mastiguei a tirinha crocante, puxei o Coelho Barulhento para perto e me senti feliz. Acho que às vezes você não pode perder a esperança, mesmo que esteja quebrado.

Espero que outros cães e outros humanos percebam isto e tentem também.

Com um grande suspiro, deitei minha cabeça de novo no colchão e dormi.

Agradecimentos

Obrigada a minha editora, Lauren McKenna, por me fazer cruzar a linha de chegada e por fazer esta história brilhar. Também à equipe da Gallery, por todo o apoio e experiência.

Obrigada a minha agente, Kevan Lyon, por todo o seu amparo.

Finalmente, todo mundo que me conhece sabe que eu sonho com finais felizes para todas as minhas personagens — humanas e caninas. Felizmente, a história de Robert é baseada em fatos reais.

O abrigo perto de casa, Pets Alive, publicou uma fotografia de Robert, que estava fadado à eutanásia. Suas pernas haviam sido esmagadas quando ele foi jogado de um carro. Tinha ficado paraplégico e precisava de cirurgia. Estava no corredor da morte.

Mas alguma coisa em seu rosto falou ao coração da voluntária do abrigo. Um olhar que assombrava a todos nós, capturado em uma fotografia e publicado na internet. Aquele cão tinha esperança. Ele acreditava. E por mais que tivesse sofrido, apanhado e sido negligenciado, alguma coisa dentro dele ainda esperava por dias melhores.

Foi aquele olhar que o salvou. Pets Alive o resgatou, pagou pela cirurgia, conseguiu uma prótese para ele andar de novo, e hoje Robert vive feliz com sua família adotiva. Ele tem até uma página no Facebook, Rockin' Robert. Gosto de ter notícias dele, ver as poses ao ar livre com a prótese, com ele mostrando os dentes de um jeito feliz e relaxado, e saber que uma alma angelical foi salva.

Robert me ensinou a lição mais importante da vida: ser deficiente não é ser descartável. Todo mundo deve ter uma segunda ou terceira chance. E ninguém deve desistir.

Obrigada, Robert e Pets Alive, por me lembrarem do que é importante. Aqui está o link, se vocês quiserem visitar o Robert e ver o que ele anda fazendo: <www.facebook.com/RobertPetsAlive>.



© MATT SIMPKINS PHOTOGRAPHY

Autora best-seller do *New York Times* e *USA Today*, JENNIFER PROBST vive no Estado de Nova York. Escreveu seu primeiro livro aos doze anos e nunca mais parou. Mestre em literatura inglesa, é casada, tem dois filhos e dois cachorros resgatados.

www.jenniferprobst.com

Copyright © 2013 by Jennifer Probst Copyright da tradução para o português © 2016 by Editora Schwarcz S.A.

Todos os direitos reservados.

Publicado mediante acordo com Gallery Books, uma divisão da
Simon and Schuster, Inc.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Searching for Someday CAPA Joana Figueiredo FOTO DE CAPA Anna Ismagilova/ Shutterstock PREPARAÇÃO Ana Cecília
Água de Melo REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues ISBN 978-85-438-0674-7

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

Sumário

Capa

Rosto

Créditos

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora



Estrada dos livros

Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho

Autora do
best-seller
TODA SUA

SYLVIA DAY

Um beijo
selvagem

EXCLUSIVO PARA E-BOOK;
SÉRIE RENEGADE ANGELS

BR
21
81
81

Um beijo selvagem

Day, Sylvia 9788580869774

61 páginas [Compre agora e leia](#)

Novela gratuita da série Renegade Angels, de Sylvia Day, autora best-seller do New York Times e da Veja e que já vendeu mais de 12 milhões de exemplares.

O vampiro Raze perdeu suas asas por ser um grande sedutor. E é o único dos Caídos que nunca encontrou uma parceira. Mas ter conhecido Kimberly McAdams parece ter mexido com ele. Ela é inteligente, linda, rica e, por algum motivo inexplicável, se interessa por Raze.

Depois de passarem uma noite inesquecível juntos, ele percebe que encontrou em Kim algo de especial. Será que este amor será maior do que as diferenças que existem entre eles?

[Compre agora e leia](#)



VICTORIA CERIDONO
**DIA de
BEAUTÉ**
UM GUIA DE MAQUIAGEM
PARA A VIDA REAL

Dia de beauté

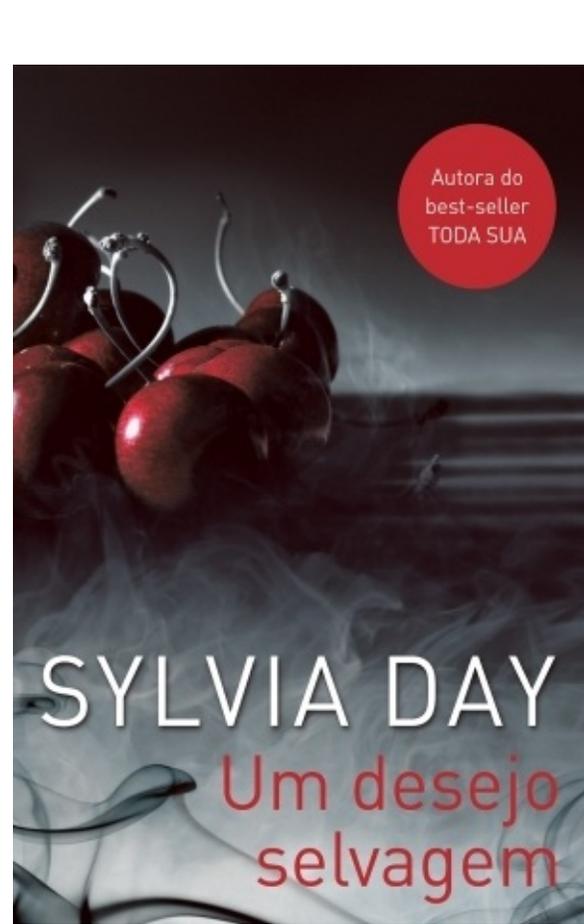
Ceridono, Victoria 9788543804187

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quase nada é tão divertido quanto maquiagem. O lema de Victoria Ceridono, blogueira e editora de beleza da Vogue, é especialmente verdadeiro em seu livro Dia de beauté – um guia de maquiagem para a vida real. Com mais de 130 fotos e ilustrações, promete ensinar tudo que existe entre um make básico, quase nada, e uma maquiagem para festa. Sem nunca perder o tom divertido, as dicas de Victoria são acessíveis, vindas de quem experimentou de tudo para descobrir o que vale mesmo a pena. Um livro para todo tipo de leitor(a) – desde iniciantes até obcecadas, passando por quem apenas busca dicas para sair da rotina, ou alguém não interessado que sem querer foi parar com o livro em mãos. Um livro para inspirar e despertar a vontade de mergulhar nesse fantástico universo da maquiagem.

[Compre agora e leia](#)



Autora do
best-seller
TODA SUA

SYLVIA DAY

Um desejo
selvagem

Um desejo selvagem

Day, Sylvia 9788580869330

264 páginas [Compre agora e leia](#)

Neste segundo livro da série, Vash, a segunda vampira mais importante do mundo, e Elijah, líder dos licanos, assumem o papel central. Além de serem representantes de duas espécies que sempre se perseguiram, Elijah e Vash se odeiam, mas são obrigados a se aproximar em busca de parceria numa guerra contra os anjos. O único problema é que o ódio entre eles vai se transformando em uma paixão incontrolável. Vash, uma mulher dura e determinada, perde a concentração nas lutas, passa a ter ciúmes e a não controlar mais seus sentimentos, enquanto Elijah parece decidido a conquistá-la, usando os mais tentadores artifícios.

[Compre agora e leia](#)

A ESTRELA DE STRINDBERG



JAN WALLENTIN

"Imagine a combinação dos segredos e símbolos
de Dan Brown com as aventuras de Júlio Verne....
É diferente de tudo que você vai ler esse ano."

Associated Press

A estrela de Strindberg

Wallentin, Jan 9788580869408

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em seu romance best-seller internacional, Jan Wallentin constrói uma trama de eventos históricos, aparentemente desconexos, que revelam um segredo mantido por séculos.

Uma ansata desaparecida por mais de meio século é encontrada junto com um cadáver. Don Titelman, psicólogo e especialista em símbolos religiosos, parte em busca dessa ansata e os mistérios que ela esconde. Rapidamente, começa a ser perseguido, sem realmente saber o motivo. Aos poucos, descobre que duas sociedades secretas estão em busca da ansata e de uma estrela, objetos poderosos que revelam um segredo mantido por séculos. Com a ajuda de sua irmã hacker, Don desvenda símbolos nazistas e da mitologia nórdica para chegar a um local no Círculo Ártico que é a chave desse mistério. Mas precisa fazê-lo antes de que a ansata e a estrela caiam nas mãos erradas.

[Compre agora e leia](#)



BETH
KERY

**Quando
estou
com você**

PARTE 8

Quando estou com você - Parte 8

Kery, Beth 9788580868012

31 páginas [Compre agora e leia](#)

Quando estou com você — segundo e-book seriado de Beth Kery, escritora best-seller da lista do New York Times — chega ao seu clímax quando Elise, Lucien, Francesca e Ian descobrem as verdades que os cercam, revelam os segredos que os assombram e o incontrolável desejo que pode destruí-los ou salvá-los...

Na luxuosa cobertura de Ian, ele, Francesca, Lucien e Elise passam uma noite que começa agradável e termina devastadora, pois finalmente os segredos do passado de Lucien são revelados. Graças à impulsividade de Elise, a dolorosa verdade que ele esconde há tanto tempo vem à tona. Mas revelar a verdade era muito mais grave do que Elise imaginava, fazendo-a se sentir culpada por ter afastado o homem que ama.

Quando Lucien e Ian vão para Londres, Elise é deixada para trás e sofre com a indiferença de Lucien, que certamente está furioso por ela ter revelado seu segredo — esse era o medo dele desde que se

reencontraram. Com o coração partido, Elise toma uma decisão difícil para ambos. Mas Lucien ainda tem uma revelação a fazer, que pode uni-los ou afastá-los. Uma revelação que pode mudar o futuro do casal para sempre.

[Compre agora e leia](#)